

LUIZ DO NASCIMENTO

HISTÓRIA

DA
IMPrensa
DE
PERNAMBUCO

VOLUME XII

A História da Imprensa de Pernambuco, de Luiz do Nascimento, é uma obra de vulto marcante e documento preciosíssimo que retrata a história do nosso Estado.

Sua importância foi revelada nos oito volumes iniciais (o primeiro editado sob o patrocínio do Diário de Pernambuco) com direitos autorais adquiridos pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

Com a sua morte em 1974, a viúva do autor, D. Bibi do Nascimento, resolveu preservar os originais, entregando-os à guarda da Academia Pernambucana de Letras. O tempo foi tomando o material quase ilegível, até que Waldemir Miranda, então presidente da Academia Pernambucana de Letras, conseguiu que o seu cunhado, Geraldo Cavalcanti, diretor da Secretaria de Administração do Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco, restaurasse os volumes ineditos.

Agora, o Centro de Estudos de História Municipal CEHM, da FIAM, Fundação de Desenvolvimento Muni-

LUIZ DO NASCIMENTO

**HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO
(1821/1954)**

Vol. XII

Municípios das Letras E a J.

1994

Este VOLUME, seriamente danificado durante a enchente de 75, foi, afinal, recuperado graças à colaboração do historiador GERALDO CAVALCANTI, a quem os Editores expressam seus agradecimentos.

Programação Visual da Capa: Fabiana Carvalho de Sá Leitão
Supervisão Geral: Manoel Cunha
Impressão: Editora Universitária

ISBN 85-7315-014-9

Nascimento, Luiz do
História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)
/ Luiz do Nascimento; reconstituição dos originais por
Geraldo Cavalcanti. - Recife: Ed. Universitária da UFPE,
1986-1994.
14 v.

Co-edição do Centro de Estudos de História Municipal
da FIAM, UFPE e Academia Pernambucana de Letras,
a partir do volume 9.

Conteúdo: V.1 Diário de Pernambuco - v.2 Diário
do Recife, 1829/1900 - v. 3 Diários do Recife, 1901/1954
- v. 4. Periódicos do Recife, 1821/1850 - v.5. Periódicos
do Recife, 1851/1875 - v.6. Periódicos do Recife, 1876/1900 -
v.7 Periódicos do Recife, 1901/1915 - v.8. Periódicos do Recife,
1916/1930 - v.9. Periódicos do Recife, 1931/1940 - v. 10. Pe-
riódicos do Recife, 1941/1954 - v.11. Municípios das letras A/D
- v.12. Municípios das letras E/J - v.13 Municípios das letras L/P
- v.14. Municípios das letras Q/V.

1. Imprensa - Pernambuco - História. I. Título.

655.11(813.4)
686.20908134

CDU(2.ed.)
CDD(19.ed)

UFPE
BC-94-65

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO

(1821/1954)

- | | | |
|-------------|-------------|--|
| Vol. | I | - Diário de Pernambuco |
| Vol. | II | - Diário do Recife - 1829/1900 |
| Vol. | III | - Diários do Recife - 1901/1954 |
| Vol. | IV | - Periódicos do Recife, 1821/1850 |
| Vol. | V | - Periódicos do Recife, 1851/1875 |
| Vol. | VI | - Periódicos do Recife, 1876/1900 |
| Vol. | VII | - Periódicos do Recife, 1901/1915 |
| Vol. | VIII | - Periódicos do Recife, 1916/1930 |
| Vol. | IX | - Periódicos do Recife, 1931/1940 |
| Vol. | X | - Periódicos do Recife, 1941/1954 |
| Vol. | XI | - Municípios das letras A/C |
| Vol. | XII | - Municípios das letras E/J |
| Vol. | XIII | - Municípios das letras L/P |
| Vol. | XIV | - Municípios das letras Q/V |

GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Joaquim Francisco de Freitas Cavalcanti

SECRETÁRIO DO GOVERNO

Heraldo Borborema

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL
NO INTERIOR DE PERNAMBUCO - FIAM**

José de Anchieta dos Santos

GERENTE DO CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL

Eleny Pinto da Silveira

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

Éfrem de Aguiar Maranhão

DIRETOR DA EDITORA UNIVERSITÁRIA

Washington Luiz Martins da Silva

PRESIDENTE DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

Luiz Magalhães Melo

PRESIDENTE DO BANCO DO ESTADO DE PERNAMBUCO - BANDEPE

Marcos Magela Lopes Góis

PREFÁCIO

A História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954) é uma das maiores contribuições já dadas ao conhecimento da formação social pernambucana. Sua importância vai muito além da exposição do desenvolvimento da imprensa e do jornalismo, em que pese o rebatimento destes na sociedade. Em seus 14 volumes, 10 dedicados a periódicos do Recife e 4 aos de municípios interioranos, é procedido a minucioso inventário dos jornais, período de circulação, editores e jornalistas, características desses periódicos e anotação de alguns dos principais assuntos tratados. É assim obra de preferência para qualquer estudo histórico. Neste XII volume, dedicado a periódicos de municípios de letras E e J é possível descobrir que fontes locais escritas existem, em muito auxiliando o trabalho dos historiadores municipais. Em alguns municípios essas fontes chegam a dezenas de periódicos e revistas, em um caso excedendo mesmo a cem. A História da Imprensa e esse XII volume são também básicos para estudos da evolução do pensamento e da cultura regional e local.

Este é o produto de um trabalho de paciência, desenvolvido ao longo de cerca de 22 anos, de 1952 a praticamente o ano de falecimento de Luiz do Nascimento, uma vez que a sua minuciosidade o levava a rever constantemente, aditando correções e sobretudo acréscimos aos volumes originalmente preparados. Como diz o autor, em prefácio ao volume I, "Não deixei... de manusear, uma a uma, coleção por coleção, todas as publicações do período...(desde 1821), continuando até atingir 1954, do Recife e dos cento e tantos municípios pernambucanos, que constarão dos diversos volumes desta História", destacando ainda, "aproveitando as horas excedentes do ganha-pão cotidiano, os domingos e feriados", como ocorre com todos os abnegados pesquisadores e historiadores diletantistas.

O autor, Luiz do Nascimento, dos filhos mais ilustres de Gravatá, ainda jovem, na década de vinte, comandou a Gazeta de Gravatá, nunca mais deixando as redações, em 50 anos de labuta. Cedo deixou Gravatá radicando-se no Recife onde, jornalista e funcionário do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, tornou-

se membro da Academia Pernambucana de Letras, em 1970. Faleceu no Recife, a 14 de novembro de 1974, aos 70 anos.

Em vida a Universidade Federal de Pernambuco adquiriu os direitos autorais da sua História da Imprensa, editando os 8 primeiros volumes. O primeiro, em segunda edição, em 1968 (uma vez que uma primeira edição havia saído pelo Arquivo Público/Imprensa Oficial, em 1962), o segundo e seguintes, até o oitavo, de 1966 a 1982. Além da falta de recursos que atingiu o setor público na longa década de recessão dos anos oitenta continuando pelo início dos anos noventa sobreveio uma tragédia: na enchente de 1975 vários volumes foram atingidos, despregando-se os aditamentos posteriores de Luíz Nascimento. Os volumes foram recolhidos à Academia Pernambucana de Letras onde o trabalho paciente de Geraldo Cavalcanti permitiu a recuperação dos volumes e sua reprodução. Restava a dificuldade maior: a falta de recursos.

Nas reuniões semanais, às quintas feiras, do Centro de Estudos de História Municipal, ligado à FIAM, lamentava-se sempre a falta dos últimos volumes da obra de referência para os historiadores municipais. Sonhava-se, mas a realidade mesquinha da escassez se sobrepunha. Coube a Eleny Silveira, diretora do centro nestes anos de 91 a 94, conseguir o apoio do BANDEPE para a edição dos 6 volumes restantes, em co-edição com a Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, que na pessoa do Prof. Washington Martins, assumiu a metade dos custos. Tem-se então a co-edição e associação do trabalho de recuperação da Academia Pernambucana de Letras, do esforço e dedicação da CEHM-FIAM e aporte de recursos do BANDEPE, com o trabalho e apoio da Editora Universitária. Luíz Nascimento ficaria contente ao ver o mutirão feito para possibilitar a vinda à luz desses últimos 6 volumes da sua obra.

Granja Itapoã, Aldeia
Yony Sampaio

ÍNDICE

Pág.

MUNICÍPIOS

Escada	25
Exu	49
Floresta	50
Frei Caneca	54
Gameleira	55
Garanhuns	74
Glória do Goitá	194
Gravatá	195
Igarassu	236
Ipojuca	237
Ipubi	240
Itamaracá	240
Jaboatão	240
Jatinã	275
João Alfredo	275
Joaquim Nabuco	276
Jurema	278

LISTAGEM EM ORDEM ALFABÉTICA DOS PERIÓDICOS

ESCADA

Aqui para nós

Boletim da Est. Experim. de Cana de Açúcar de Escada

Carnaval (O)

Comarca da Escada (A)

Contra a Hipocrisia

Correio da Escada

Desabuso (O)

Devaneio Literário

Escada (A) - 1883

Escada (A) - 1904

Escada-Jornal

Escadense (O) - 1863

Escadense (O) - 1878

Estudos Alemães

Gazeta de Escada - 1919

Gazeta de Escada - 1929

Igualdade (A)

Jornal Elegante

Mariquitos

Martello (O)

Município (O)

Philocrítico (O)

Povo da Escada (O)

Raxão (A)

Retrospecto Parochial

Roseiral

Um Signal dos Tempos - 1874

Um Signal dos Tempos - 1882

EXU

Araripe (O)

Exuense (O)

Mensageiro Escolar

FLORESTA

Alto Sertão

Coroa de Frade (O)

Floresta (A)

Fogueira (A)

Santelmo

FREI CANECA

Amiguinho (O)

Nota (A)

GAMELEIRA

Amigo (O)

Cidade (A)

Cigano (O)

Correio de Gameleira

Estímulo (O)

Gameleira-Jornal

Gazetinha (A)

Lucta (A)

Radiante (O)

Trabalho (O)

Tupy (O)

Voz de Gameleira (A)

GARANHUNS

A B C (O)

A.C.A.

Álbum do Município de Garanhuns

Alfinete (O)

Almanach de Garanhuns

Almanaque de Garanhuns - 1936

Alvorada

Anzol (O)

Apóstolo (O)

Avante (O)

Bibliófilo (O)

Binóculo (O)

Boa Tarde - 1922

Boa Tarde - 1928

Boletim Informativo

Boletim Médico

Brazil Reporter (The)

Cidade

Clarim (O)
Com a Igreja
Combate (O)
Commercio (O)
Condor (O)
Cooperação (A)
Correio da Cidade
Crítica
Diário da Cidade
Diário de Garanhuns
Época (A)
Esforço (O)
Espião (O)
Esporte (O)
Estudos Bíblicos
Excelcior
Expositor
Firing Line (The)
Flama

Folhinha (A)

Fuzarca

Garanhuns

Garanhuns (O)

Garanhuns-Diário

Garanhuns-Jornal - 1922

Garanhuns-Jornal - 1934

Garanhuns Operário

Garanhuns Rotário

Garanhuns Sportivo

Garoto (O)

Gazeta de Garanhuns - 1928

Gazeta de Garanhuns - 1954

Gazetinha

Ginasial (O)

Ginásio (O)

Gládio (O)

Glória

Grêmio (O)

Imparcial (O)

Infantil (O)

Jornal (O) - 1911

Jornal (O) - 1930

Jornal de Garanhuns - 1927

Jornal de Garanhuns - 1952

Jornal do Povo

Just Think

Laurel (O)

Lavrador (O)

Lumen

Luz do 15 (A)

Luzeiros da Época

Mensageiro (O)

Microscópio (O)

Momento (O)

Monitor (O)

Município (O)

Nordeste (O)

Norte Evangélico
Notas Diárias Sobre Porções Bíblicas
Núcleo Progressivo
Oriente (O)
Páginas Soltas
Paladio
Pátria (A)
Pequeno-Diário
Pérolas da Infância
Polymathico (O)
Porta Voz (O)
Potó (O)
Progresso (O)
Proletário (O)
Quarenta e Cinco
Radical (O)
Razão (A)
Registro Diocesano
Resistência (A)

Revista da Livraria Escolar

Revista de Garanhuns

Ribalta (A)

Século (O)

Semana (A)

Sertão (O)

Sescolonia

Tempo (O)

Tempos Novos

Tic-Tac

Tic-Tac (O)

Trabalho (O)

Trincheira (A)

União Comercial

Vanguarda (A)

Vida Juvenil

Vigia (O)

Volante

Vox Nostra

Voz da Cidade (A)

Voz de Garanhuns (A)

Voz do Instituto (A)

GLÓRIA DO GOITÁ

Folhagem (A)

Goitaense (O)

GOIANA

A história da imprensa de Goiana foi publicada em separata em 1970

GRAVATÁ

Almofadinha (O)

Apiário (O)

Apito (O)

Arco Íris (O)

Arrocho (O)

Avenida-Jornal

Batalha (A)

Centro (O)

Clarão (O)

Correio de Gravatá
Domingo (O)
Estudantino (O)
Gazetinha (A) - 1918
Gazetinha (A) - 1933
Gazeta de Gravatá
Gravataense
Gravatá-Jornal
Gravatá na Administração Dr. Devaldo Borges
Jornal (O) - 1919
Jornal (O) - 1922
Jornalzinho (O)
Lettras Novas
Luz (A)
Martello (O)
Mensageiro da Mocidade
Morcego (O)
Município (O)
Olho (O)

Palavra (A)

Papão (O)

Pharol (O)

Pipoca (A)

Prélio (O)

Progresso (O)

15 de Novembro (O)

Saguim (O)

7 de Setembro

Tempo (O)

Tribuna (A)

Tribuna Democrática

Vagalume (O)

Vigilante (O)

IGARASSU

Voz de Igarassu

IPOJUCA

Filigranas

Vontade (A)

Voz de Ipojuca (A)

IPUBI

Saco do Arara (O)

ITAMARACÁ

Boletim Parochial

JABOATÃO

Acecy

Aurora (A)

Bacurau (O)

Beija-Flor (O)

Cérebro (O)

Cinema

Clube (O)

Combate (O)

Correio da Tarde (O)

Faixa (A)

Ferrovário (O)

Frevo (O)

Gazeta de Jaboatão

Imparcial (O)
Independente (O)
Jaboatão-Jornal
Jaboatonense (O)
Jangadinha
Luta (A)
Mamoeiro (O)
Município (O)
Nosso Jornal
Notícia de Jaboatão
Notícias de Jaboatão
Parnaso
Peia (A)
Phanal (O)
Pharol (O)
Polianteia
Ruralista (O)
Saudade (A)
Sementeira (A)

Tribuna do Povo

Verdade (A)

JATINÃ

Belemita (O)

JOÃO ALFREDO

Bosque (O)

JOAQUIM NABUCO

Lyrrio (O)

Tempo (O)

JUREMA

Tribuna (A)

ESCADA

O ESCADENSE - Periódico Político - Impresso na Tip. de Freitas Irmãos, no Recife, saiu a lume o nº 1 no dia 17 de julho de 1863, em formato de 22 x 15, com quatro páginas de duas colunas.

O “Prospecto” de apresentação historiou a situação de Pernambuco, que fazia, desde 1849, “debaixo da mais atroz tirania”, vivendo “catorze anos do mais terrível despotismo”. Mas, focalizou, particularmente, a política do município da Escada, considerado “um feudo” do Barão de Utinga, obediente a chefia conservadora do Barão de Camaragibe. Contra essa predominância “de uma família de analfabetos” é que se publicava O Escadense, na esperança de que a recente dissolução da Câmara Federal viesse a modificar a situação. Mostraria que “a Constituição política do Império deve ser uma realidade para a briosa freguesia da Escada”.

Constou a edição de mais um longo artigo e um suelto, nos quais prosseguiu a catilinária contra o Barão de Utinga (Florismundo Marques Lins), acusado de monopolizar “para si, para seu cunhado Barros, para seus filhos e genros e sobrinhos os cargos de eleição popular”.

O pioneiro da Imprensa da Escada ficou no primeiro número (Bil. Púb. do Est.).

UM SIGNAL DOS TEMPOS - “É este o título de um semanário comercial e literário que principiou a ser publicado na cidade da Escada e do qual é proprietário e principal redator o sr. dr. Tobias Barreto de Meneses, já vantajosamente conhecido na imprensa jornalística”- noticiou o Jornal do Recife, edição de 13 de julho de 1874.

O informe do Diário de Pernambuco, na mesma data⁽¹⁾, foi mais preciso; evitou dar ao órgão escadense a qualidade de “comercial”, declarando-o “dedicado a notícias, à critica a à literatura”.

Não restam comprovantes nas bibliotecas visitadas. Publicaram-se dez números, conforme consta da carta bibliográfica do redator-responsável, datada de 6 de agosto de 1880 e dirigida a Carvalho Lima Júnior (“Obras Completas”, Vol. X, de Tobias Barreto). A impressão esteve a cargo da Tipografia Comercial, instalada na rua da Cadeia, 22 e da qual Tobias era proprietário.

O editorial do nº 09 de um Signal do Tempos, que circulou a 14 de novembro de 1874, transcreveu-o o renomado filósofo sergipano a 10 de outubro de 1888, no Jornal do Recife, quando da polêmica com José Higino, para provar que já conhecia, desde muitos anos, o grande publicista alemão Gneist.

A COMARCA DA ESCADA - Impresso na Tipografia Comercial, à rua da Cadeia, 22, em pequeno formato, o primeiro número circulou em princípios de 1875, redigido por Tobias Barreto⁽²⁾. Não existem comprovantes. A Província, do Recife,

(1) É evidente o erro de Alfredo de Carvalho, na sua obra “Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908”, que atribuiu ao dia 18 de julho o aparecimento do primeiro número. Nem a publicação se prolongou até princípios de 1875.

(2) “Para poder publicar muitas de suas produções”, Tobias Barreto “teve de fundar jornais, aos quais redigia, compunha, revisava, paginava e imprimia...”, conforme afirmou Junot Silveira, n’A Tarde, da capital baiana, edição de 31/12/1954.

Sívio Romero já havia escrito, na “História da Literatura Brasileira” (pág. 152), que Tobias “montou ali (Escada) uma pequena tipografia”, nela imprimindo “os periódicos da época escadense”, além de brochuras. Baseou-se o escritor em carta-autobiográfica de Tobias, que aludiu à

em sua edição de 18 de maio, acusou o recebimento do nº 2, sem pormenores. Circularam, ao todo, cinco edições, consoante declarações posteriores do redator.

Um dos editoriais da folha em tela acha-se reproduzido no livro “Vários Escritos”, Vol. X das “Obras Completas” de Tobias Barreto. Intitulou-se “Política da Escada”, Focalizando as deficiências do Partido Liberal do município. Acentuou, em meio a longa série de considerações: “A Comarca da Escada não pretende, como a alguns talvez se afigure, criar cisões e suscitar discórdias. Pelo contrário o seu desígnio é mais que muito nobre e altamente confessável: avivar no espírito desta gente o sentimento do seu direito, bem como a necessidade de pugnar por ele”.

Liberal sem peias, o articulista criticou aqueles que se recolhiam ao silêncio, mostrando-se “medrosos, pusilânimes no espírito, pusilânimes na bolsa”, dando assim lugar a que os conservadores fossem ganhando terreno. Aconselhou-os, por fim, a ter “um pouco mais de dedicação à causa pública, um pouco mais de respeito aos brios do partido”.

DEVANEIO LITERÁRIO - “Jornalzinho dedicado à mocidade escadense”, foi fundado com o objetivo de arrancá-la

tipografia própria na qual imprimia seus jornais, “ainda que não bem montada”.

Errou, portanto, Samuel Campelo, ao assegurar, no livro “Escada e Jaboatão - Pequenos dados histórico-geográficos” (Tip. Pernambucana, Recife, 1919), que o grande brasileiro de Sergipe jamais possuiu tipografia, apenas influenciando para que o comerciante Antônio Pedro Magnata, parente dele, Samuel, a adquirisse. E acrescentou que “nunca existiram” os periódicos O Povo da Escada e Aqui Para Nós, citados por Sílvio Romero, tanto que não foram registrados por Alfredo de Carvalho, nos “Anais”.

Acontece que, acreditando nas apressadas pesquisas do famoso historiador, errou também Samuel quanto aos dois referidos jornais. Existiram, sim. Veja o leitor nas páginas seguintes.

“ao marasmo e gelada indiferença em que permanecia acerca dessa instrução que se pode adquirir pelo generoso esforço de uma vontade robusta”. Publicou-se bissemanalmente, de 15 de junho a 27 de julho de 1875, num total de 12 edições, formando a série I, cuja assinatura custava 10\$000. Impresso na Tipografia Comercial, não era estranho à sua redação o nome de Tobias Barreto, conforme o registro dos “Anais”, de Alfredo de Carvalho⁽¹⁾.

Interrompida a publicação, reapareceu o Devaneio Literário, com o nº 13, a 1º de dezembro do mesmo ano, em formato de 22 x 16, com quatro páginas, exemplar único existente entre os avulsos da Biblioteca Pública do Estado. Foi uma “quase inesperada reaparição”, declarou o editorial de abertura, “depois de ter cerrado as suas cortinas por espaço de quatro meses”, acentuando: “não foi a interrupção de sua circulação um ato voluntário, não; razões transcendentes tolheram-lhe a marcha, e força foi recuar ante os obstáculos que se lhe antolharam”. Voltava, pois, uma vez “removidos os tropeços”, pedindo a cooperação da mocidade. Consoante uma nota de expediente, os negócios do Devaneio, no Recife, estavam a cargo de Basílio Magno dos Santos.

A edição incluiu poesias de B. M. S., outras assinadas com asteriscos, terminando com a parte final da novela “As armas e as letras”, começada em edições anteriores.

Ao que tudo indica, não prosseguiu a publicação.

O DESABUSO - Periódico Político e de Crítica - Órgão dos espíritos independentes”, redigido por Tobias Barreto e

(1) Tobias Barreto não incluiu o Devaneio Literário entre os jornais da Escada sob sua responsabilidade. É possível que tenha sido colaborador anônimo.

impresso na Tipografia Comercial, saiu o primeiro número, segundo o registro dos “Anais”, a 6 de setembro de 1875.

No dia dois de outubro publicava-se o nº 4 (único comprovante existente), com quatro páginas, em formato de 22 x 16. Constava do expediente: “Sairá por mês o mais de vezes que for possível - Além dos números destinados aos assinantes, far-se-á mensalmente uma distribuição de 100 exemplares com o povo, em dia de feira”.

Sua matéria constituiu-se de três artigos sem assinatura. O primeiro, intitulado “Previno em tempo”, declarava o afastamento do redator das fileiras do Partido Liberal.

O segundo - “Fidalguias pernambucanas”- referia-se ao epíteto de cabra, que lhe fora imputado por inimigos gratuitos. Não apelava, no entanto, da sentença que o condenava a ser cabra, acentuando: “...importa observar que a nós os cabras é que pertence o futuro, pois somos nós quem tem a predominância do número. Destarte, suponhamos que os cabras aqui da cidade, por exemplo, se reunissem para dar uma surra de cansação e uma ajuda de malaguetas em todos os brancos reais e pressumidos?”

“Os bispos anistiados” foi o título do terceiro comentário. Regosijou-se de “nunca ter tomado o mínimo interesse pelo soidisant questão religiosa”, pois tudo terminara em anistia para os bispos presos e consequente vitória do Clero (Bib. Púb. do Est.).

Publicou-se O Desabuso, segundo a carta bibliográfica de agosto de 1880, até o nº 5.⁽¹⁾

⁽¹⁾ O registro de Alfredo de Carvalho ficou no nº 4.

O POVO DA ESCADA⁽¹⁾ - Entrou em circulação a 6 de maio de 1876, impresso na Tipografia Comercial e redigido por Tobias Barreto. Folha liberal, seu primeiro artigo de fundo, intitulado “Apelo”- segundo A Província, do Recife, edição do dia 17 - comentou o cinismo, os “manejos” daqueles que especulavam com a ignorância do povo e com a sua paciência”. Acusou o Partido Conservador de estar “despindo dos últimos trapos esse povo já tão nu de consideração e importância”. Criticou a junta paroquial da Escada, “a quem a lei incumbiu organizar a lista geral dos cidadãos votantes da paróquia”, adiantando que a mencionada organização partidária, “para conseguir maioria a todo custo”, conseguiu meio fácil: “arrancar o exercício de direitos políticos a nove décimos da população, e com o resto, que é seu, se dirigir para as urnas”. Depois de aludir, energicamente, à política de fraude dos conservadores, concluiu o extenso artigo: “Também nós cremos na soberania do povo. Ele há de despertar”.

Não restam comprovantes, sabendo-se contudo, que o nº 2 saiu ainda em maio, ficando suspensa a publicação.

Reapareceu a 18 de dezembro, achando-se o respectivo artigo de abertura reproduzido no já citado livro “Vários escritos”. Começou assim Tobias Barreto:

“Ei-lo de novo na liça - O Povo da Escada. Já lá vão mais de sete meses que, recolhido ao silêncio, havia razão de crer que tivesse morrido e a herva crescido sobre a sua modesta sepultura. Sete meses de meditação e taciturnidade!... Não é graça. O redator deve ter cedido a bem fundas considerações, para calar-se por tanto tempo, e agora, quando menos o esperam, aparecer de novo à janela e dizer: - Eu aqui estou...”

⁽¹⁾ Não consta da relação dos “Anais”.

Focalizou a política do país, que jamais tomaria a sério, não lhe merecendo o menor sacrifício, frisando: "O Partido Liberal, em prol de cuja causa sempre estive disposto a concorrer com o meu voto, nunca porém com a quebra dos meus brios, da minha dignidade pessoal, encarregou-se ele mesmo de por-me um pouco fora de combate". Suas tendências políticas, entretanto, não o fizeram pender "para o lado do vizinho". Comentou, longamente, a atuação errônea dos liberais escadenses e devolveu a acusação de ter aderido ao Partido Conservador, acentuando: "O Povo da Escada aparece de novo com todos os seus propósitos de defender a causa popular neste município; bem entendido, si et in quantum, isto é, enquanto for possível fazê-lo sair sem sacrifícios pecuniários de minha parte, visto como a esfera econômica em que giro não é das mais luminosas. Vasta matéria para censuras não falta".

Não prosseguiu.

AQUI PARA NÓS - Pequeno jornal redigido por Tobias Barreto e impresso na Tipografia Comercial, dele publicaram-se duas únicas edições, a primeira das quais datada de 22 de agosto de 1877⁽¹⁾.

A IGUALDADE - Desse outro pequeno jornal, redigido por Tobias Barreto e impresso na Tipografia Comercial, só há a certeza de que foi publicada uma única edição no ano de 1877, como consta da já citada carta bibliográfica do redator.

Alfredo de Carvalho registrou-o, vagamente, como tendo circulado em meados de 1878.

⁽¹⁾ Mencionado pelo próprio Tobias Barreto, em artigo publicado no Jornal do Recife de 9 de agosto de 1881, não o registrou, nos "Anais", Alfredo de Carvalho.

O ESCADENSE: ⁽¹⁾ - Periódico Noticioso, Crítico e Literário - Apareceu no dia 4 de novembro de 1877. Segundo o seu programa - Informou o Jornal do Recife do dia 8 - “não está filiado a nenhum dos partidos políticos e conservar-se-á nos estritos limites da vulgarização dos fatos que o merecerem, da crítica razoável e bem entendida e da literatura que deleita e instrui”.

Constou da edição: “...um artigo editorial de apresentação; dois outros de colaboração, sendo um sobre o estado atual do país, no qual se encontram judiciosas reflexões, e outro sobre a vinda do sr. General Osório à província, que é nele lisongeiramente saudado. Segue-se um noticiário todo local e uma parte literária em verso e prosa”.

Continuou a publicação, em datas indeterminadas, só existindo comprovante do nº 15, de 26 de março de 1878, apresentado em formato de 31 x 23, com quatro páginas, impresso na Tipografia Comercial. Constava do Expediente: “Aceitam-se com agrado quaisquer escritos de assunto literário; os que não estiverem dentro do programa, bem como as críticas pessoais e outros, serão publicados mediante ajuste. Os anúncios são grátis para os assinantes a primeira vez e pagas as repetições”. Assinava-se a 1\$000 por série de 12 números, custando cada exemplar 200 réis.

A edição inseriu editorial sobre os edifícios públicos locais, começado na edição anterior, para ainda continuar na subsequente; colaboração de Június e de O Homem do Campo, este versando sobre agricultura, também no regime do “continua”; Noticiário; Avisos e Publicações a pedido (Bib. Púb. Est.).

⁽¹⁾ O Escadense, não foi, absolutamente, redigido por Tobias Barreto, como pretendeu o historiador citado.

CONTRA A HYPOCRISIA - Periódico Crítico e Literário
- “O nº de prova saiu a 18 de agosto e o nº 7 (último), a 12 de outubro”. Esta é a informação do referido autor dos “Anais”, só correspondente a 1879.

No entanto, a publicação prosseguiu (não existem comprovantes dos nºs 1 a 14), tendo circulado o nº 15, ano I, no dia 1 de fevereiro de 1880, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de duas colunas. Constava do expediente: “Publica-se uma vez por semana. Assinaturas - 2\$000 por trimestre, pagos adiantados, e 200 réis por número avulso”. A Tipografia Comercial, onde se imprimia, mudara-se para a rua da Boa Vista, 8.

Sua matéria constou, exclusivamente, de artigos do redator-responsável, Tobias Barreto, embora não os assinasse. O primeiro deles focalizou a chamada revolução do vintém, que ficara reduzida, “graças ao bom senso do povo e do governo carioca, a um vintém de revolução. Frisou, mais adiante: “Eu detesto o Imperador, e não faço disto mistério algum”, acrescentando: “...eu nunca terei uma frase de louvor, nem mesmo uma palavra de desculpa ou justificação para o sr. D. Pedro II”.

Continuou, no texto, a inserção de um discurso de Tobias, pronunciado na Assembléia Legislativa. Seguiu-se o artigo “Mais uma pitada nas ventas da parelha judiciária”, transcrevendo carta do escritor alemão Paulo Apfelstedt, que solicitava um autógrafo do “célebre lutador pela vida espiritual alemã”.

Concluiu com o artigo “Desmentido à queima-roupa”, de crítica política, atacando o promotor byronico da Escada, de nome José Maria, “tão inepto quão impudente”, que atribuiu a Tobias fatos inexistentes. E arrematou: “Termino dando-lhe um

conselho: não queira de modo algum embargar-me a passagem, pondo-se diante do meu cavalo. Meu cavalo é muito bravo: S. S. sai pisado. Veja bem!”(Bib. Púb. Sergipe).

Ainda circulou, quatro meses decorridos, o nº 16 do Contra a Hypocrisia, datado de 1 de junho, acrescentando-se ao cabeçalho: “Impressor: a firma social Obólo, Giló, Quartau & Cia.”⁽¹⁾

Declarou o redator, inicialmente, que muitos já tinham por extinto o “pobre jornalzinho”. É que “o promotor e o juiz municipal, açulados pelo de direito, assentaram, entre si, criar embaraços ao jornal, instaurando processos e mais processos, para ver se, com a perseguição, conseguiam impor silêncio a única boca, existente na Escada, por onde fala a Justiça e a Verdade”. Enganaram-se, porém, “os idiotas”. Não recuaria nem com uma dúzia de processos.

O promotor - prosseguiu o artigo - julgando-se ofendido pelo artigo publicado no nº 15, “intentou proceder criminalmente contra quem quer que fosse o seu autor; mas houve-se com infelicidade, pois, na audiência de 18 de fevereiro, na qualidade de advogado do tipógrafo, citado pelos meirinhos, à falta do responsável”, Tobias Barreto qualificou o promotor “como criminoso, por não ter cumprido o seu dever”. Deu-lhe outra lição na audiência de 10 de março, metendo-lhe “um tufo na boca”. O processo, sempre adiado, não continuou, porque sem base.

Eram - frisou - “três bachareletes burros, que se formaram por empenhos e, como tais, não estão no caso de compreender o que significa a imprensa... Mas, eles, além de estúpidos, são

⁽¹⁾ Apellidos atribuídos aos juizes de direito e municipal e ao promotor público da Escada.

miseros e vis”. E concluiu: “Estou disposto ao pagamento de tantas multas quantas me queiram impor de propósito, utilizando-se para isso da lição que eu mesmo lhes passei”.

Continuou a divulgação do discurso do nº 15, completando a edição uma cena cômica em versos, tendo como protagonista Giló, Quartau e Obólo (Bib. Púb. do Est.).

ESTUDOS ALEMÃES - Revista mensal de Filosofia, Direito, Literatura e Crítica - Datados de outubro/novembro de 1880, num mesmo volume o 1º e o 2º fascículos, com 42 páginas e capa em papel de cor. Formato 22 x 16. Impressão na Tipografia Comercial, à rua da Barra, 37, sendo redator único Tobias Barreto de Meneses.

O editorial de abertura, intitulado “Como introdução”, assim considerou: “O epíteto de alemães, que dou aos escritos aqui prometidos, não serve para indicar o momento objetivo do meu programa, visto como não tenho em mira fazer da Alemanha, em todas ou qualquer das relações em que ela possa ser considerada, o assunto obrigatório das minhas indagações, mas este epíteto indica, sem excessão alguma, o subjetivo da coisa, quero dizer, põe logo a descoberto o meu ponto de partida, a minha intuição, as pressuposições necessárias do meu escrever e criticar”.

“...isto é um mal” - disse, a seguir - que poderia resultar em prevenção desfavorável à sua obra, pois as idéias alemães eram ainda “umas hóspedes importunas”, contando com poucos adeptos, tidas como extravagantes. Ainda que tal escola tivesse de “lutar com dificuldades e embaraços”, ele, escritor, permanecia firme no seu terreno. Terminou, depois de outras considerações:

“Outrossim: conhecido destarte o caminho e alvo do meu empreendimento, que sem dúvida não deixará de encontrar apoio nos que tomam interesse por trabalhos de tal ordem, julgo entretanto que não importa derrogar a seriedade científica do programa, fazer, na minha Revista, a parte devida à leitura de puro entretenimento literário. Para isso darei aí também à poesia, à bela literatura em geral, ainda que em menores proporções, o lugar que lhes compete.

Vou concluir; e concludo por uma advertência: os meus escritos, tenho por certo, hão de desagradar a mais de um desses espíritos felizes que trazem a verdade na cabeça como dinheiro no saco, segundo a expressão de Nathan, der Weise, e provocar naturalmente algumas contradições; mas devo ser franco: não aceito a mínima polêmica e darei todos os meus contraditores como não existentes, bem seguro e confiado no conselho de Dante: Segui il tuo corso, e lascia dir le genti”.

Foram divulgadas, na edição, os seguintes estudos: “Idéias sobre os princípios da estilística moderna”, “Direito comercial”, “O haeckelismo na zoologia” e “As faculdades jurídicas como fatores do Direito nacional”. Na última página: um soneto e três quadras.

Publicando-se com regularidade, o fascículo 6º circulou em março de 1881, com 24 páginas, perfazendo um total de 128, em numeração seguida. Sempre trabalhos sobre Direito, Filosofia e Literatura. No reverso da capa figurou um artigo, em língua francesa, sobre a personalidade do professor José Soriano de Sousa (Bib. Púb. do Est.).

O MARTELLO - Periódoco Literário e Crítico - o nº 1 circulou a 20 de março de 1881, em formato de 26 x 14, com quatro páginas de duas colunas, sendo impresso na Tipografia Comercial, à rua da Barra, 37. constava do expediente: “Sairá

sem tempo marcado - 1\$000 por série de nove números; pagamento adiantado”.

O editorial de apresentação aludiu ao testemunho da História, que registra a existência de “mais de um martelo que em vez de exercer o seu officio na cabeça dos pregos, exercia-o de preferênciã na cabeça dos homens”, acentuando: “O presente jornalzinho pretende filiar-se a esta última classe”.

A edição inseriu notas locais, variedades, versos de M. F. de Barros e “Publicações a pedido”.

Saindo semanalmente, o nº 5⁽¹⁾, série I, teve a data de 17 de abril, anunciando vender-se o número avulso a 160 réis. Divulgou longas notas de crítica à política federal, além de matéria de interesse do Município. Foi confeccionado na tipografia de Barros & Barreto (Bib. Púb. do Est.).

UM SIGNAL DOS TEMPOS - Número único, publicou-se a 24 de setembro de 1882, em formato 24 x 17, com apenas duas páginas, a primeira das quais circulada de vinhetas, onde se lia, em tipos fortes: “Preito de admiração ao distinto poeta e profundo pensador Dr. Tobias Barreto de Meneses - Alguns admiradores”.

A par de artigos assinados, noticiou-se na segunda página, a realização de um almoço que o comerciante Deodato Luiz Francisco Monteiro ofereceu naquele dia, quando o notável jurista e filósofo visitava Escada, “pelos seus elevados dotes intelectuais e pela ilustração que o distingue, junto ao fato de ter permanecido por muitos anos nesta cidade” (Bib. Púb. do Est.).

⁽¹⁾ No seu registro dos “Anais”, Alfredo de Carvalho só mencionou o aparecimento do nº 1 d’O Martello.

A ESCADA - Órgão Comercial, Agrícola e Noticioso - Trabalho material da Tipografia Comercial, tendo como impressor M. F. de Barros, circulou semanalmente, in-fol. peq., de 19 de janeiro a 28 de fevereiro de 1883, quando saiu o nº 7, que teria sido o último. Assinatura trimestral - 2\$000 (“Anais”).

O PHILOCRITICO - Revista Carnavalesca - Órgão do clube “Os Filocríticos”, feito número único, a 9 de fevereiro de 1902, em formato de 22 x 15, com quatro páginas de duas colunas.

Afora a nota de apresentação, de 17 linhas, toda a matéria se constituiu de verso humorísticos e satíricos, com diferentes títulos e sem assinatura, alusivos aos três dias de Momo. Na última página, só anúncios, inclusive da tipografia de Tondella, Cockles & Cia., do Recife, que imprimiu a chamada “revista”.

O segundo “número único” apareceu no carnaval de 1903, a 22 de fevereiro, obedecendo ao mesmo ritmo (Bib. Púb. do Est. e Arq. Púb. Est.).

Embora não restem mais comprovantes, ainda circulou O Philocritico no Carnaval de 1906, datado de 25 de fevereiro, conforme noticiou o Diário de Pernambuco.

A ESCADA - Destinado a aparecer “às segundas-feiras, no começo de cada quinzena do mês, até regularizar a situação”, saiu o primeiro número a 7 de março de 1904, em formato de 38 x 27, a três colunas de 16 cíceros, com oito páginas, impressas em bom papel. Instalada a redação à rua Barão de Suassuna, 36-A, servia para o mesmo fim o escritório do redator-chefe Eurico Chaves, no Recife, à rua do Imperador, 39, 1º andar. Entretanto, para “queixas e reclamações”, os interessados se entenderiam, na ausência dele, com Manuel Sóstenes Cavalcanti ou Valfrido

Wanderley, em Jaboaão. Propriedade de Santos Dias Filho, assinava-se a 10\$000 anuais.

Entre outro objetivos - lia-se no artigo de apresentação - vinha “estretar a solidariedade das classes, fornecer um repositório de noções aproveitáveis, estimular a iniciativa dos indivíduos, fazer a crítica justa e desapaixonada dos fatos, estudando-os à luz dos princípios, no aspecto das suas consequências benéficas ou perniciosas”. e acentuou:

“Pairando sobre as estreitezas do partidarismo, possuída de acatamento por todas as opiniões, A Escada não repudiará os assuntos políticos, na elevada acepção do vocábulo, os quais se relacionam com o evoluir das sociedades e interesse dos problemas vitais da prosperidade e do engrandecimento dos povos. Consagrado à defesa das classes laboriosas, ao serviço dessas poderosíssimas artérias do organismo social, procurará consultar a variedade do paladar dos seus leitores, fiel ao tipo e à orientação de jornal moderno”.

Uma nota, a seguir, dizia acharem-se abertas as suas colunas a todos os que desejassem prestar-lhe o seu concurso. Pretendia merecer o apoio da opinião pública.

A edição de estréia inseriu: “Crônica”, por Mário Rodrigues; poesias de Júlio Salusse e Mendes Martins; “Lavoura”, por Enéas de Carvalho; “Notas Ligeiras”; “Noticiário”; “Entretenimentos”, de charadas; “Caras e Caretas”; “Solicitadas” e anúncios.

Seguiu-se a publicação, ora com quatro ora com oito páginas, abrindo cada número judicioso editorial sobre assunto palpitante. Manteve regular noticiário; mais a colaboração de Pereira da Costa Filho, Macedo França, Lealca, M. Magalhães,

Diabolino e outros. Transcreveu folhetins de Eça de Queiroz e admitiu seções de versos satírico-humorísticos.

Circularam onze edições, a última das quais datada de 15 de setembro (Bib. Púb. do Est.).⁽¹⁾

RETROSPECTO PAROCHIAL - Número único, circulou a 1º de janeiro de 1910, em formato de 31 x 22, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso em papel couchê. Redator e proprietário - padre Francisco Raimundo da Cunha Pedrosa⁽²⁾, cujo clichê precedeu a abertura do texto. Distribuição gratuita.

De sua matéria constaram a história da atuação do Vigário Pedrosa e Escada até a data referida, quando transcorriam 22 anos; “ligeiro histórico” da Matriz e a nota “Porque se chama Escada” (Bib. Púb. do Est.).

BOLETIM DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE CANA-DE-AÇÚCAR DE ESCADA - Órgão de publicação trimestral, surgiu com a edição de abril/junho de 1913, em formato 25 x 19, com 70 páginas de texto, em papel buffon, mais a capa, em cartolina. Trabalho gráfico das oficinas da Livraria Contemporânea, de Ramiro M. Costa & Filhos, no Recife. Eram encarregados da redação funcionários da Estação Experimental, tendo à frente o diretor, Nicolas van Gorkum.

(1) Coleção desfalcada.

(2) Nove anos antes, foi mandada imprimir, na Tipografia Leonardo Andreolo, em Bolonha, Itália, a plaqueta - 16 páginas, formato de 21 x 13 - sob o título “Pequena Prática ou Instrução Pastoral” e o sub-título “Compilada e recitada pelo padre Francisco Raimundo da Cunha Pedrosa, pároco colado da freguesia da Escada, em Pernambuco, em homenagem ao Cristo Redentor, aos 30 de dezembro de 1900, por ocasião de recolher-se a imponente procissão do adro da Matriz”. Versou a prática sobre o “estabelecimento do Cristianismo, seus frutos e estabilidade”.

A edição de estréia inseriu uma “introdução”, a respeito dos objetivos da Repartição criada pelo Ministério da Agricultura, de acordo com o decreto nº 8319, de outubro de 1910, seguindo-se-lhe “Relatório” dos trabalhos realizados até maio de 1913; divulgações técnicas; fotografias ilustrativas, em páginas especiais (papel couchê) e gráficos.

O nº 2, de julho/setembro, saiu com 168 páginas; o 3º, de outubro/dezembro, com 278; e o 4º (e último), de janeiro /junho de 1914, com 150. Tendo começado com uma tiragem de 600 exemplares, logo aumentou-a para 1200, terminando com 1500.

A matéria do Boletim constituiu-se, unicamente, de artigos e estudos de caráter técnico, assinados pelos agrônomos Nicolas van Gorkum, Luiz de Waal e Pedro da Silva Correia de Oliveira Andrade. Na terceira edição, Luiz de Góis escreveu sobre “Microscopia”. Todos os trabalhos eram fartamente ilustrados com fotogravuras ou gráficos e mapas, estes últimos às vezes em página dobrada, não numerada.

No derradeiro número publicado, uma fita de papel, colada à página de frente, informou: “Aviso - A publicação do boletim oficial fica temporariamente suspensa por causa da crise”. (Bib. Púb. do Est.).

O CARNAVAL - Órgão do Clube Carnavalesco Filocríticos Escadense - Circulou em fevereiro, dia 14, de 1915, em formato de 38 x 23, folha simples, só impressa a página de frente. Trabalho gráfico da Tipografia Moderna, no Recife.

Bem redigido, quase todo em versos, fez a apresentação do Clube, divulgando a letra de sua marcha principal. O redator-poeta aproveitou a ocasião para bisnagar as necessidades municipais (Bib. Púb. do Est.).

O MUNICÍPIO - O nº 1 publicou-se a 30 de maio de 1915, em pequeno formato, sob a direção de Antônio V. de Melo. Destinava-se a defender os interesse da Escada (Cf. Diário de Pernambuco, 1/6).

GAZETA DE ESCADA - Semanário Noticioso - Entrou em circulação a 15 de abril de 1919, no formato de 29 x 21, com seis páginas de três colunas. Propriedade “de uma Sociedade Anônima”. Assinatura anual - 8\$000; semestral - 5\$000. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

Fundado para fazer a propaganda da candidatura de José Rufino Bezerra Cavalcanti ao Governo do Estado, contra a do Barão de Suassuna, tinha como objetivo principal trabalhar pelo município, desde muitos anos sob o domínio político do segundo dos dois mencionados usineiros. Escreveu a redação, no editorial; do nº 3:

“Nosso movimento é, portanto, de revolta e de indignação contra o estado em que se acha a legendária cidade de Escada”.

Com uma página de anúncios - a sexta, o periódico ocupou-se quase que exclusivamente de política, incluindo as “Cartas Cariocas”, de M. de Medeiros, e os versos satíricos “Traques de massa”, assinados por Til. Pequeno espaço foi dedicado à “Vida Social” e às “Várias”.

O nº 5 de 14 de maio, apresentou-se em formato bem maior - 44 x 28, com apenas quatro páginas, toda a última de reclames comerciais. Aos lados do título, que não se alterou, lia-se: “A imprensa é o quarto poder das sociedades modernas” - Parcere subjectis et debellare superbus”.

Logo estabeleceu um inquérito, com a pergunta: “Que ~~pensa~~ que o Barão de Suassuna faria em prol de Pernambuco, se

fosse eleito governador?” Choveram respostas, naturalmente “do contra”. No nº 7 começava o poema canoniano “Os Sussuniadas”, tão longo que, continuado em várias edições, não chegou ao fim do Canto Primeiro, porque antes findou a vida do jornal.

Realizadas as eleições a 18 de agosto, terminou a missão da Gazeta, cujo último número foi o 14º, de 6 de setembro (Bib. Púb. do Est.).⁽¹⁾

JORNAL ELEGANTE - Surgiu no dia 7 de setembro de 1922, editado pela empresa do Cinema Elegante, propriedade de Paulino Gomes de Sousa, em homenagem à data (Cf. Jornal do Commercio, Recife, dia 13).

GAZETA DE ESCADA - Semanário Independente, Literário e Noticioso - Entrou em circulação a 20 de janeiro de 1929, no formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Propriedade de M. Rezende & Cia., tinha a redação e oficinas situadas à rua da Matriz, 7 e 9, o mesmo endereço do Ginásio Escadense. Diretor-gerente e único responsável - professor Gaston Resende; diretor-secretário - professor Humberto Simas; auxiliares de redação - Raul Escorel de Araújo e Otávio Cavalcanti de Albuquerque. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000; preço do exemplar - 300 réis.

Jornal de feição modesta, bem redigido e variado, seguiu curso regular, logo iniciando concurso para a escolha da “senhorinha mais bela de Escada”.

Desenvolvendo a inicialmente modesta inserção de anúncios, não tardou o aparecimento de Suplementos de duas ou quatro páginas ou as edições saíam ora com seis ora com oito.

⁽¹⁾ Coleção desfalcada.

Tornaram-se habituais aos leitores o comentário “Impressões”, de Humbertino, e a crônica “Aos domingos”, de Ednezer (anagrama). Os outros redatores apareciam assinando prosa ou verso.

A Gazeta duplicou de formato - 44 por 28, com quatro páginas de quatro colunas - ao atingir o nº 22, publicado a 16 de junho, melhorando a tipagem e utilizando impressora nova. Mas as páginas centrais ficaram entupidas de anúncios, chegando a extravazá-las. Sobrevieram algumas edições de seis páginas.

Prosseguiu a existência da folha, que não deixou de defender os interesses do município, através de substanciosos editoriais, além de proporcionar boa dose de notícias dos fatos sociais. Teve, entretantes, a colaboração de Morais e Silva, Benedito Formiga, monsenhor Cunha Pedrosa, Francisco Fernandes Pires, o mesmo Serip dos versos matutos; Francisco Noronha, J. Constante (“Do Recife”), De Marcos, Manoel da Rocha Lins, que escrevia “Pela Lavoura”, e outros. Juntou-se ao corpo redacional, na segunda fase, Luiz Pereira da Costa.

O nº 41, de 25 de outubro, dedicou grande espaço, incluindo fotogravuras, ao acontecimento que constituiu o regresso da Europa do casal Barão de Suassuna, saudado em prosa e verso.

Não conseguiu, porém, a Gazeta de Escada ir muito longe, encerrando suas atividades com o nº 47, de 8 de dezembro (Bib. Púb. do Est.).⁽¹⁾

MARIQUITOS^(*) - Semanário defensor dos interesses gerais da Escada - Trazendo sobre o título o slogan

(1) A coleção está desfalcada de alguns números, sobretudo o primeiro.

(*) MARIQUITOS - nome de uma das tribo indígenas que habitaram terras da Escada.

“Trabalhemos pelo reerguimento da Escada”, entrou em circulação a 19 de novembro de 1933, no formato de 40 x 27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretor-proprietário - Joaquim Silveira; redação à rua João M. Pontual, 376; trabalho gráfico da Tipografia Brasil, em Ribeirão. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200.

Em artigo assinado, o diretor, numa invocação derramada, exorou: “...a vós, ó Santíssima Virgem, entrego a sorte deste jornal, cujo título relembra os primeiros devotos que se ajoelharam diante de vosso oratório...” E aduziu: “Vamos fazer Escada falar, sentir, vibrar, nas características de seu povo simples e bom. Não vamos guerrear, mas pacificar... Não vamos chacotear, nem fazer humorismo de prego, mas ilustrar com a literatura criteriosa, sensata e nobre, que educa, civiliza e refaz o caráter dos que amam as regras e os conselhos do bom tom”.

Em nota à parte, a direção fez um apelo “a todos os elementos municipais , para que não a deixassem só na luta pelo bem geral de todos os escadenses”.

Publicado ao ensejo da tradicional festa da padroeira, Mariquitos dedicou-lhe expressivo noticiário, soneto do diretor, crônica de Raul Escorel, “Perfis dos festeiros”; outros versos de Marco Antônio; epigramas de Zé da Veneza, e iniciou um concurso de beleza feminina. A terceira e a quarta páginas contiveram tão somente anúncios.

Nas mesmas condições circulou o nº 2, datado de 23. Mas o 3º (e último), do dia 26, apresentou-se com seis páginas, mais da metade de anúncios, iniciada com artigo sobre a Festa, do Monsenhor Cunha Pedrosa. Matéria bem distribuída e variada, incluindo seção de charadas. As duas últimas edições foram impressas em papel de cor, acetinado. (Bib. Púb. do Est.).

ESCADA-JORNAL - Órgão sem ligação partidária - Apareceu com o nº 4, ano I, a 10 de dezembro de 1933, substituindo o Mariquitos e obedecendo a idêntico formato. Sobre o título, a frase: “A Imprensa é o quarto poder que dirige o mundo”. Impressão da Tipografia Brasil, em Ribeirão. Assinatura anual - 12\$000; semestral - 7\$000; preço do exemplar - 0\$300. Publicação semanal.

Joaquim Silveira, assinando o artigo de abertura, justificou a mudança do título, por ser o segundo “mais moderno e apropriado para o meio”, acentuando: “O programa é o mesmo, a direção é a mesma, os leitores os mesmos”. Concluiu solicitando a ajuda dos homens ilustres e do “povo bom da Escada”.

Circularam, apenas três números, servidos de vasto noticiário, com a colaboração de Beatriz Cunha e monsenhor Cunha Pedrosa. No último deles, datado de 24 de dezembro, assim concluiu uma nota a respeito da receptividade do periódico: “Se o povo nos ajudar, até fevereiro, o mais tardar, teremos uma tipografia, pois atualmente a impressão de 350 exemplares desta folha nos custa 90\$000.

Não foi possível continuar? (Bib. Púb. do Est.).

ROSEIRAL - Órgão Oficial das Escolas Reunidas Antônio Marques - Estreou no dia 7 de abril de 1944, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Maria Iná Alves; gerente - Terezinha de Sena Melo, logo na edição seguinte substituída por Maria Lindalva da Conceição.

A publicação seguiu-se, regularmente, cada mês, inserindo literatura infantil, noticiário escolar e desenhos ilustrativos

perpetrados pelos estudantes mirins. Último avistado foi o nº 7, do mês de outubro. (Deptº Cultural da SEEC)

CORREIO DA ESCADA - Órgão Informativo e Noticioso - Entrou em circulação a 4 de maio de 1948, obedecendo ao formato de 40 x 30, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor - João Gabriel de Souza. Dispondo-se a sair mensalmente, instalou redação na rua Floriano Peixoto, 54. Assinatura: ano - Cr\$ 12,00; semestre - Cr\$ 6,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Mais uma tentativa para manter “a sua imprensa honesta, criteriosa”- dizia o editorial de abertura - “O Correio da Escada será o intérprete do povo desta legendária cidade, pugnando sempre pela realização de suas justas aspirações”. Esperava, com a ajuda dos escadenses, ter “vida longa e proveitosa”.

Além de ponderável noticiário e cerca de uma página de reclames e comerciais, a edição inseriu artigos assinados por Carlos Augusto Pereira da Costa, J. Carlos, S. Ribeiro e Guliver, autor de “Perfil” (Bib. Púb. do Est.).

Não encontrados outros comprovantes, publicaram-se, todavia quatro ou cinco números.

A RAZÃO - Apareceu no dia 23 de novembro de 1952, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Imprimiu-se em papel acetinado de cor, nas oficinas da Editora Gráfica do Recife. Diretor-Responsável - Amaro de Arruda Cabral.

Muito concisa foi a nota de abertura, firmada pelo diretor e assim concebida: “Há muitos anos, a nossa velha Escada vinha sentindo a falta de um jornalzinho. Agora, um leigo, sem os

necessários recursos, num arrojo de boa vontade, vem apresentar o simpático mensário, para geral satisfação.

“A Razão foi feita para, como órgão independente e noticioso, primar pela grandeza da terra e incentivar a nova geração. Não tem cunho político e nem a serventia de macular ninguém”.

Logo na segunda edição, passou ao formato de 48 x 33, páginas a seis colunas de composição e atraente aspecto, mas impresso em papel branco, normal. Essencialmente, noticioso, adotou as seções “Religião”, “Sociais”, “Cinema”, “Polícia”, “Desportos” e “Carnaval; mais a de variedades “Você sabia?” e notas soltas.

Jornal bem feito, circulou com absoluta regularidade, meses adiante, focalizando os temas mais palpitantes da cidade, em editoriais e reportagens servidas de fotogravuras. A par da colaboração constante da cronista Rute Jatobá, enquanto Arruda Cabral assinava poesia, prosa, desenhos ilustrativos e charges, inseria produções de Ari Santa Cruz, Juraci da Costa Rocha, Severino Ribeiro de Melo, dr. Sotero de Sousa, Adige Maranhão de Barros, J. Almeida, Carlos Augusto Pereira da Costa, autor das “Notas para a história da Escada”; Getúlio Andrade, Stênio Leite, Valdeci Tenório, José de Souza Leão Wanderley, Zé Carlos, Luiz Valério Dutra, Raul Wanderley, Carmencita Ramos Cavalcanti e outros. Paulo Germano fornecia ao leitor alguns versos matutos. Não faltava, em meio à matéria, a necessária quantidade de anúncios.

Edições especiais foram as de novembro de 1953 e de 1954, contendo seis e oito páginas, respectivamente, comemorativas do primeiro e do segundo aniversário d’A Razão, repletas de saudações e artigos encorajadores.

Sem alterações na direção e na forma, mantida a linha inicial, o periódico atingiu dezembro do segundo ano mencionado, completando, até aí, 26 números publicados⁽¹⁾ (Bib. Púb. do Est.).

EXU

O ARARIPE - “Com este título se começou a publicar no Exu um pequeno jornal, redigido pelo sr. Antero Augusto P. de Alencar e que é órgão do Partido Conservador da localidade”.

Segue-se à informação acima, extraída do diário recifense O Tempo, edição de 10 de julho de 1884, a transcrição do tópico abaixo, do editorial de apresentação da folha sertaneja:

“O nosso programa, do qual jamais nos apartaremos, é defender, leal e denodadamente, as grandes idéias do nobre, patriótico e histórico Partido Conservador, franqueando as nossas colunas a todos aqueles que não se afastarem do fim que temos em vista, já acima manifestado”.

Não encontrada qualquer outra notícia d’O Araripe, nem o registrou Alfredo de Carvalho, nos “Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908”.

O EXUENSE - Jornal Literário, Humorístico, Noticioso e de Interesse Comercial - circulou o primeiro número no dia 30 de janeiro de 1910, em formato de 23 x 15, com quatro páginas a duas colunas de composição. Diretor - J. Bruno; redatores - “diversos”. Impresso em tipografia própria, para sair todos os domingos, assinava-se a 0\$600 por mês.

Sucinta nota de apresentação dizia entrar na liça despido “de qualquer interesse político ou religioso”. Todavia, era

⁽¹⁾ Prosseguiu em 1955.

republicano e patriota fervoroso. Esperava, em breve, aumentar o formato.

Divulgou crônica literária de Bastos Morais, completando-se com noticiário e variedades (Bib. Púb. do Est.).

Embora a inexistência de outros comprovantes, a publicação prosseguiu. A Província, do Recife, noticiou, em sua edição de 9 de abril do mencionado ano, haver recebido, pela primeira vez, O Exuense, que tinha como redator-chefe J. Bruno e gerente Júlio de Sousa Alencar.

MENSAGEIRO ESCOLAR - Órgão dos alunos do Grupo Escolar Barão de Exu - Raros exemplares existem arquivados. O nº 1, ano IV, circulou em setembro de 1951, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em máquina hectográfica. Sua matéria constituía-se de literatura infantil, desenhos escolares e noticiário.

Do ano de 1953 restam as edições de abril, de maio e de junho, obedecendo a idêntico ritmo, constando do cabeçalho: diretor - Lourival Rodrigues de Oliveira; redatora - Maria do Socorro Xavier Sampaio (Dept. Cultural da SEEC).

FLORESTA

ALTO SERTÃO⁽¹⁾ - Órgão Católico da Diocese de Floresta - Entrou em circulação no dia 1 de julho de 1914, em formato 48 x 30, com quatro páginas de quatro boas colunas. Diretor - padre ângelo Vieira Sampaio; gerente - professor Cosme da Silva Miranda, funcionando a redação e oficinas no Palácio Episcopal. Assinaturas: anual - 5\$000; semestral - 3\$000, mediante pagamento adiantado, medida também vingente

⁽¹⁾ Não mencionado no livro "Letras Católicas em Pernambuco", do cônego Xavier Pedrosa.

para as publicações solicitadas e anúncios. Preço do exemplar - 0\$100.

Segundo um artigo de apresentação, o aparecimento da gazeta objetivava um ideal, consubstanciado numa “viva manifestação de progresso, de utilidade palpitante”. A edição dada a público era “um tentame, a título de experiência da engenhosa máquina Pedalete, adquirida na Europa.

Passando a desenvolver o programa, escreveu o editorialista: “O Alto Sertão compromete-se a nunca externar opinião própria sobre política, sobretudo local, e portar-se-á nesta matéria como simples narrador, o que não obsta a manifestação do pensamento alheio na parte ineditorial”.

Esforçar-se-ia por ser útil e informante, obedecendo a orientação “genuinamente católica”. E acrescentou: “A nossa folha visa, entre seus fins, o desenvolvimento da mocidade”. Para isto abria uma seção para os iniciandos nas letras.

A par do noticiário correspondente ao dia festivo do Sagrado Coração de Jesus, logo na edição de estreia apresentou colaboração, que continuaria a ocorrer, de Ramos da Silva e Silvino Sílvio (pseudônimo do bispo Augusto Álvaro da Silva), ambos autores de soneto; Alda Linhares (crônicas enviadas do Recife); Olívia Meneses (traduções); C. C., abrindo longa série de “regras de etiquetas”, e o Tipógrafo, cuja primeira crônica pedia desculpas das deficiências gráficas do jornal.

Assim prosseguiu Alto Sertão, abrindo sempre as edições com magistras artigos de redação. O noticiário geral trazia o título “De perto e de longe”. Criou-se a coluna dupla “Ensaio literário”, que inseria prosa e verso, sobretudo dos alunos do Instituto Pio X.

Foram outros colaboradores, pelo tempo afora: Paulo Sem, Afonso Ferraz, Hidebrando Meneses, A. T. O.; Silvio (o mesmo D. Augusto), com a crônica ligeira “De Palanque”; padre Anchieta Callou, Oscar Sampaio, Correia da Cruz, N. P., Júlio Tapajós, P. J. L., Lúcio, Chrispo, V. B. P., Marcus Vinitius (travesti do médico Olímpio de Meneses), Álvaro Ferraz, Rogério, Al, Flávio (outro pseudônimo do bispo diocesano), Tecusa, Manuel Cirilo, etc.

O bem feito semanário católico inseria serviço telegráfico do país e, particularmente, do Recife; “Expediente do Bispado”; “Seção Charadística”, a cargo de Proteu (André Sampaio); “Indicador”; atos oficiais da Prefeitura e cerca de uma página de anúncios. Já no último ano, iniciou um folhetim (edição de 6 de maio de 1916), com “O patinho azul”, de Renato Bazim, numa “tradução especial”.

A publicação seguiu-se em 1915, existindo comprovantes até o nº 55, de 24 de julho. Daí passa para o nº 61, de 8 de janeiro de 1916, lendo-se, no editorial de abertura, que iniciava nova fase, “sob a égide protetora” do bispo d. José de Oliveira Lopes, substituto de d. Álvaro Augusto da Silva, fundador do Alto Sertão.

Sem mais constarem do cabeçalho os nomes dos dirigentes, só no nº 67 apareceu o do novo diretor - padre José Landim, ao qual veio juntar-se, no nº 97, o do padre José de Anchieta Callou, na qualidade de secretário.

Prolongou-se a existência ininterrupta do jornal até, pelo menos, 28 de novembro de 1916, quando circulou o nº 104, ano III (Bib. Púb. do Est. e Bispado de Pesqueira).⁽¹⁾

⁽¹⁾ A coleção da Biblioteca Pública do Estado, com algumas falhas, atinge apenas o nº 97, de 7 de outubro de 1916.

A FOGUEIRA - O que é bom dura pouco - Ano único, nº único, circulou a 23 de junho de 1916, no formato de 29 x 21, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Redatores - Olímpio de Meneses, Afonso Boiadeiro, Afonso Ferraz e S. Aquino; gerente - L. B. Filho. Trabalho gráfico das oficinas do Alto Sertão.

Lia-se no editorial de apresentação: “A Fogueira vem hoje reunir-se às outras fogueiras: sua luz, porém, é porventura mais brilhante e o seu calor mais suave; nas fagulhas de suas letras e nas labaredas de suas colunas certamente encontrar-se-á mais irradiação que no vermelho braseiro da lenha consumida”.

Garantia poder entrar em todos os lares, sendo sua matéria constituída de “muito chiste, historietas, contos e versos humorísticos”.

Honrou a primeira página o soneto “Noite de São João”, de Olavo Bilac, e as demais matérias obedeceram ao enunciado, lendo-se crônicas de Estrelinha (Olímpio de Meneses); Repórter, Gil e Xisto Misto; versos ligeiros de Alda Linhares, João Januário, Myriem Blanc-Chateau, Profeta (ainda Olímpio de Meneses); K. Tita e Levino; “Telegramas”; prosa humorística de Hierofante e Fiau, etc., tudo referente ao tema sanjuanescos (Bib. Púb. do Est.).

A FLORESTA - Órgão dos alunos do Grupo Escolar Júlio de Melo - Fundado em 1943, circulou o nº 3, ano II, no mês de setembro de 1944, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em máquina hectográfica. Diretora - Maria Anita Meneses; gerente - Serafim F. Ferraz Filho. Foram publicadas excepcionalmente, em outubro, duas edições: nos dias 12 e 30, divulgando-se o nº 6 no mês de novembro. Matéria constituída de literatura infantil e noticiário escolar, com ilustrações a lápis de cor.

Suspensão, o jornalzinho só voltou à liça em 1953, ano III, do qual restam comprovantes dos n.ºs. 7, 9 e 10, correspondentes aos meses de junho, setembro e outubro, obedecendo ao feitio e programas anteriores. Nova turma responsável: diretor - Djair Novais; redator-secretário - Nivaldo Ferraz; tesoureiro - João Ferraz Filho.

Ainda se publicou A Floresta durante o ano de 1954, ano IV, edições seguidas de fevereiro a outubro, omitido, porém, o corpo redacional (Dept. Cultural da SEEC).

A COROA DE FRADE - Órgão da Escola Típica Rural Varjota - Estreou sua publicação - n.º 1, ano I - em agosto de 1953, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretora - Antônia Neuza de Sá; redatores - os alunos. Divulgou matéria ligeira, constante de literatura infantil e noticiário escolar-rurícola.

Não encontrados exemplares em continuação (Dept. Cultural da SEEC).

SANTELMO - Órgão da Escola Típica Rural Carqueja - Idêntico ao precedente, dele só foi possível manusear um único comprovante: o n.º 13, ano III, de 28 de outubro de 1954. Direção de Nercisa Lopes; redatores - Mozart Xavier, Aliete Sousa e Aldemira Sá (Dept. Cultural da SEEC).

FREI CANECA

A NOTA - Quinzenário Ilustrado - Inexistentes comprovantes das duas primeiras edições, publicou-se o n.º 3, ano I, a 4 de outubro de 1915, formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Redator-chefe - P. Amaral; redator-secretário - C. Carvalho; gerente - D. Borba. Impresso na

Oficina do Correio do Norte, no Recife, assinava-se a 1\$500 por trimestre, mediante pagamento adiantado.

Da edição em apreço, a primeira página foi ocupada por um clichê do governador do Estado, general Dantas Barreto, seguindo-se, na segunda, editorial encomiástico.

Três únicos números foram avistados e manuseados. Neles escreveram: Jolima ou J. C. Lima, o sonetista; Rui Frank, Andrio Nidoto, Larama, Fotógrafo, com os perfis “A luz da Lua”; Dudu, autor do “Perfil do Urucubaca”; Falante, o da “Crônica quinzenal”; Del e Tenente, este responsável pela seção “Passa-Tempo”, de charadas; C. Carvalho e Soriano Neto.

Jornal, portanto, de caráter literário e humorístico, abriu, também, o nº 4, um concurso de beleza feminina e manteve “A Nota no lar”.

O nº 5 circulou no dia 31 de outubro (Bib. Púb. do Est.).

O AMIGUINHO - Mensário “humorístico, crítico, apologético e literário”, era dedicado às crianças do Colégio Orfanológico São Joaquim, cuja vida procurava retratar e distrair”. Foi “fundado em 1919, pelos padres José Selva e Nestor Alencar e pelo sr. Rossi Primo, tendo suspenso a sua publicação em fins do ano de 1924”. Inseria “páginas escolhidas” do padre Nestor Bartolomeu de Alencar, que também se ocultava sob pseudônimos vários, inclusive Bertoldo e Gonçalo Mau (Cf. “Letras Católicas em Pernambuco” do Cônego Xavier Pedrosa).

GAMELEIRA

O TUPY - Hebdomadário Literário e Noticioso - Apareceu no dia 7 de maio de 1908, em formato de 35 x 22, de

três colunas, com quatro páginas. Estabelecido com redação, escritório e oficinas próprias à rua Dr. Aquilino, 5, e de “propriedade de uma Associação”, tinha como gerente Antônio Vieira de Melo. Assinava-se a 5\$000 por ano e 0\$500 por mês, custando 0\$100 a linha de anúncio, que era grátis, até dez linhas, para os assinantes.

Não sendo “amparado pelo saber de ilustre corpo redacional” - dizia longo artigo de apresentação - “O Tupy é uma pequena planta que cresce ao lado das grandes árvores, é uma florinha humilde que desabrocha no vasto jardim da imprensa indígena, é um novo combatente que surge na arena do jornalismo para combater os bons combates do pensamento. Puramente literário e noticioso, O Tupy faz hoje a sua estréia, trazendo as suas sinceras e justas saudações às autoridades administrativas e judiciárias deste município; ao revmo. pároco a quem estão confiados os destinos espirituais desta freguesia; a todos os seus leitores, e se acolhe sob o riso protetor de suas belas leitoras, esses anjos tutelares que são o encanto de nosso lar, a algria de nossa vida, o amparo de nossa velhice. Sem ser filiado a nenhum partido, O Tupy se esquivará de tratar de assuntos políticos...”

Surgindo com desagradável feição gráfica, e mal impresso, as letras do título gravadas em madeira, o pioneiro da imprensa gameleirense cumpriu o programa anunciado, incluindo notas humorísticas e uma página de anúncios, tendo como colaboradores: Armando Martins, Marcos, Leo Leal, com a “Crônica”; Silva Selva, A. de Moraes, Poti, Tupan, Petrônio, Caio, R. Arelanos, Otaviano Chaves, Panfúncio Koq, Piereck 2a., com os “Instantâneos”; Augusto M. de Holanda; Zé Romão, com as “Solfas e solfejos”; Honet, etc., assinaturas que se revezavam e se substituíam. Houve, também, uma seção de Charadas; criaram-se concursos “de Bondade” e “de Beleza”.

Terminado o ano com o nº 34, de 20 de dezembro, continuou a numeração a 14 de janeiro de 1909, e as páginas do jornal passaram a ter quatro colunas, naturalmente mais estreitas e inestéticas, uma vez que se manteve o mesmo tamanho. Entrou para a tabela de assinaturas nova parcela: semestre - 1\$500. A “Crônica” teve novo autor - Marcos Áureo, depois substituído por Jacques Maltez e este por Serrano. Manuel Ferreira Diu escreveu a seção “Semibreves” e, às vezes, sonetos; seguiram-se meses afora, outros colaboradores, a saber: Auto Alro, Senior de “Palanque”), Bento Berilo Uchoa, Olímpio Bonald, Ademar Tavares, Gil, com “A situação agrícola”, Gris Filho e tantos outros.

O nº 46, de 8 de abril, apresentou-se com tipagem nova e, portanto, melhor aspecto material, ao mesmo tempo que entraram a figurar, no cabeçalho, os nomes dos redatores: Caetano Correia de Queiroz Monteiro (prefeito do município) e Agripino Tirso Nogueira Lima (juiz municipal). Depois, a 7 de maio, uma edição extraordinária de seis páginas comemorava o primeiro aniversário da folha. Nessa edição iniciava Theo-Tonio uma série de “Cartas” ao “Caríssimo sr. Gueiros”, combatendo o Protestantismo.

A partir do nº 57, de 24 de junho, O Tupy aumentou um pouco o formato, continuando, embora, graficamente, mal confeccionado; e, na edição de 12 de agosto, juntava-se ao corpo redacional o nome de Pedro Eloi Pereira Calado, que vinha sendo um dos mais assíduos colaboradores, inclusive com a crônica semanal “De Leve”.

Prosseguiu a publicação regularmente, dando à estampa o nº 75, que foi o último, no dia 28 de outubro de 1909 (Arquivo Público Estadual).

A LUCTA - Hebdomadário Literário e Noticioso - O nº 1, ano I, circulou a 27 de março de 1910, em formato de 36 x 24, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na tipografia d'O Tupy. Diretor-proprietário - Samuel Ramos, funcionando a redação na rua da Concórdia, 6. Assinaturas: anual - 5\$000; mensal - 0\$500.

“O seu programa - lia-se no artigo de abertura - será firmado na Literatura, nos interesses locais, e não afastar-se-á da orientação política que tão dignamente dirige esta cidade”.

Edição modesta, inseriu colaboração de Antônio Pinto e Antônio Soares; soneto do diretor; notícias sociais e quase duas páginas de anúncios.

Faltam informações sobre a continuação (Bib. Púb. do Est.).

O AMIGO - Semanário Noticioso e Literário - Entrou em circulação a 23 de fevereiro de 1911, em formato de 26 x 18, com quatro páginas, uma das quais (de anúncios), com duas colunas normais, e as outras com três, de apenas oito cíceros. Propriedade de uma “Associação”, apresentou como redator-secretário Porfírio Chaves, o qual, todavia, só figurou na edição de estréia (há duas poesias por ele assinadas), e o único nome que veio a constar do Expediente, a partir do nº 4, foi o de Antônio Vieira de Melo, como gerente, cargo em que permaneceu até o fim. Impresso na tipografia d'O Tupy, à rua 11 de agosto, 14, assinava-se a 1\$500 por trimestre e 0\$500 por mês.

Lia-se no artigo-programa: “Amigo da situação, sem atacar os adversários; fiel servidor da Religião Católica, nada admito que possa ofender nem ao menos de leve ou indiretamente a sua doutrina, os seus ritos, os seus ministros.

Amigo da família, nos meus cavacos não têm acolhimento os ditos com pretensões de espirituosos que vão ofender à moralidade pública ou privada”.

Jornal leve, de feição modesta, circulou regularmente, focalizando, em comentários ou noticiário, os acontecimentos do município e da cidade, divulgando literatura, em prosa e verso, através de constantes transcrições de nomes célebres, só raramente aparecendo um artigo de Paulo de Aguiar ou uma crônica de Cabeção ou Phebo, variando com as charadas, a cargo de K. C. T., ou algumas anedotas, sem faltarem as “Solicitadas”, excluída a página de anúncios que só apareceu nas três primeiras edições. A partir do nº 28, as páginas foram alteradas para o regime de duas colunas normais.

O Amigo, que viera a ter como redator o juiz Agripino Tirso Nogueira Lima, publicou-se até 29 de outubro, quando saiu o 36º e último número (Bib. Púb. Est.).

A CIDADE - Semanário Literário e Noticioso - Encontrados dois únicos comprovantes: o nº 11, de 8 de novembro de 1914, e o nº 20, de 10 de janeiro de 1915, correspondentes ao ano I, em formato de 26 x 16, com quatro páginas de três colunas estreitas. Gerente-proprietário - Antônio Vieira de Melo. Tabela de assinaturas: trimestral - 1\$000; mensal - 0\$400. Impressão da tipografia d’O Tupy.

Divulgava noticiário, “Seção Charadística”, a cargo de Traquinas; colaboração de K. Duceu, K. do Monte, V. P. e Nolasco, autor do comentário “Na rua”, etc. (Bib. Púb. Est.).

A Cidade publicou-se até o nº 33, de 11 de abril de 1915, consoante artigo de Augusto M. de Holanda, n’O Trabalho de 02 de julho de 1919.

O TRABALHO - Órgão Noticioso e Independente - Iniciou-se a 2 de julho de 1916, em formato de 30 x 19, com três colunas estreitas e quatro páginas, impresso em oficina própria⁽¹⁾, situada, com a redação, à rua Barão de Lucena, 7. Diretor-proprietário - João Avelino Barbosa; redator-chefe - Amadeu Aroucha. Assinaturas: trimestral - 1\$500; mensal -- 0\$500. Anúncios, sob ajuste; "Solicitadas" a 0\$160 por linha, mas 0\$100 para os assinantes.

Lia-se no artigo de apresentação: "No caminho que teremos de palmilhar, muitos serão os espinhos que nos farão sangrar os pés, assim como muitas serão as rosas que virão macadamizar este mesmo caminho".

O jornal seguiu o seu rumo de semanário noticioso, aqui e acolá largando uma "Pitada..." (quadra humorística); divulgando a crônica "De palanque", por Senior; comentários ligeiros sobre temas locais e, a partir de 7 de setembro, a colaboração, em artigos ou poesias, de Augusto Mendes de Holanda, que se manteria perene. Apareceram outros colaboradores, como José Francisco dos Santos, João Virgílio Galvão, Nicéas Filho, Nestor Varejão, dos mais assíduos, assim como o poeta e cronista Fenelon Barreto.

Ainda em dezembro do primeiro ano retirou-se o redator-chefe, lugar não preenchido. Em janeiro de 1917, mudavam-se as instalações para arua 11 de agosto, 62; em dezembro, para a rua da Concórdia, 4; em outubro de 1918, para a rua 13 de dezembro, 1; em agosto de 1919 voltaram para a Barão de Lucena, terminando, a partir de maio de 1920, na rua Floriano Peixoto, 7.

⁽¹⁾ A tipografia foi a mesma, e primitiva, em que se imprimiu O Tupy, seguido de outros jornais, até A Cidade, comprada por João Avelino.

A assinatura trimestral subiu para 1\$500 em janeiro de 1917 e, em abril de 1918, acrescentou-se-lhe a parcela de anualidade, estabelecida em 5\$000, aumentada, em janeiro de 1919, par 7\$000, passando o trimestre para 2\$000. Só no fim desse ano ocorreu a venda avulsa, a 200 réis o exemplar.

Inseria raros anúncios. A partir do segundo ano é que aumentaram pouco a pouco, até completar-se uma página. Job passou a assinar a seção “Charadas”. Outros colaboradores: Natanael Marinho e Mário M. de Holanda.

A primeira edição extraordinária ocorreu a dois de julho de 1917, data do primeiro aniversário do semanário, que saiu com seis páginas, impresso em papel melhor, com clichês, no frontispício, do proprietário e dos colaboradores efetivos: agricultor Augusto de Holanda e quase bacharel Nestor Cavalcanti de Carvalho Varejão. O evento foi saudado, em artigos, por eles e por João Virgílio Galvão (versos), Cláudio e Hibernon Borba, que sugeriu aos gameleirenses: “...ergamos as nossas vozes e entoemos um hino de glória a este paladino do bem”. Por sua vez, escreveu a redação: “Embora vencendo mil obstáculos e enfrentando temíveis inimigos, ele (O Trabalho) tem, com o sacrificio da própria vida, cumprido os seus deveres e realizado o seu belo programa”.

Em 1918 vinha a seção “Fotografias”, com a assinatura de Kodak e, depois do concurso de simpatia, criava-se outro, em abril, de elegância feminina. Ocorriam, também, notas ligeiras, como “Senhorinhas do meu carnet” e “Rapazes do meu carnet”.

Só na edição de 12 de outubro de 1919 entrou para o cabeçalho o nome do redator Augusto M. de Holanda, comentarista de boa marca, que era, realmente, a alma intelectual do periódico, ocupando-se de assuntos diferentes,

enquanto João Avelino, o proprietário, acumulava a gerência e era o próprio tipógrafo, revisor e impressor.

Raros outros colaboradores surgiram ainda, a salientar José Teófilo, que focalizava temas agrícolas; Visconde de Athaide, Moacir e Jardim de Oliveira. Mesmo porque, não havia problema, nesse sentido, para o Jornal, que tinha a sua página de notícias e outra de anúncios, completando-se com dois artigos, às vezes, de Mendes de Holanda; outras vezes, dele e do advogado Nestor Varejão, mais uma poesia de Fenelon Barreto, de Palmares, ou de Virgílio Galvão (no princípio) ou do próprio Holanda.

Transpondo outro ano (seis páginas nas seções de aniversário), O Trabalho, que se orgulhava “de ser livre, na manifestação do pensamento, como o mais livre dos órgãos de toda a América Latina”, encerrou sua existência ininterrupta com o nº 52, de 26 de dezembro de 1920. Anunciara, entretanto, que ficava, apenas suspenso, até que conseguisse numerário para aquisição de nova tipagem com que melhorar a feição material.

Encetando nova numeração cada ano, publicaram-se ao todo 230 edições (Bib. Púb. Est.).⁽¹⁾

O CIGANO - Órgão do Clube Carnavalesco Ciganos Estrangeiros - O nº 1, ano I, circulou a 3 de março de 1919, em formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas, impresso nas oficinas gráficas de João Avelino, ou seja, d'O Trabalho.

Zé Cigano assinou o artiguete de abertura, alertando os gameleirenses para as “delícias gostosas dos festejos de Momo”.

⁽¹⁾ Coleção com lacunas.

Seguiram-se notas ligeiras, itinerário do clube, “Pauladas de cego”, “Piadas inocentes”, etc.

Outra edição d’O Cigano saiu no dia 15 de fevereiro de 1920 - ano II, nº 1 - obedecendo à direção de Marcos César. Inseriu matéria variada, em composição batida, de caráter carnavalesco, com algumas doses de bom humor.

Não voltou a publicar-se (Bib. Púb. do Est.).

A GAZETINHA - Órgão semanal, surgiu a 5 de junho de 1921, no formato de 30 x 19, com quatro páginas de três colunas, impresso em oficinas próprias, situadas, junto à redação, na rua Floriano Peixoto, 9. Direção de João Avelino Barbosa. Assinava-se a 10\$000 por ano ou 3\$000 por trimestre. As publicações solicitadas custavam 100 réis por linha para os assinantes e 200 réis para as demais pessoas.

Substituto d’O Trabalho, dizia o editorial, “Nosso programa”, “tudo fazer, tudo envidar, dentro de suas funções, pelo progresso de Gameleira”, pois esse era “o programa de todos os seus bons habitantes”.

De feição modesta, igualmente ao seu antecessor, mas bem redigido, circulou com regularidade, inserindo substanciosos comentários, noticiário, atos oficiais da Prefeitura e mais de uma página de anúncios. De princípio adotou as seções “Rebeliscando”, por João das Estradas, o mesmo José Veloso Filho que assinava poesias; “Semana amorosa”, por Vê Tudo (pseudônimo de Francisco Odon do Nascimento Brasileiro); “Perfil”, por Moreno; “Seção Charadística”, a cargo de João Ninguém, e um concurso de simpatia feminina.

Assumindo caráter político, o periódico, a par de editoriais sobre temas econômicos de interesse regional, como os

problemas agro-industrial açucareiro e da Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste), focalizou a campanha da sucessão presidencial, apoiando a candidatura de Nilo Peçanha e, no ano seguinte, dando cobertura favorável à candidatura José Rufino Bezerra Cavalcanti à sucessão governamental do Estado, com apoio, em artigo assinado, de Nestor Diógenes.

Por motivos políticos, no dia 2 de junho de 1922, um malfeitor penetrou nas oficinas d'A Gazetinha, armado, ameaçando quantos ali estavam e, dizendo “cumprir uma ordem”, empastelou a composição em ponto de paginar e fugiu com os bolsos cheios de tipos. O atentado foi atribuído ao fato de a direção da folha haver-se negado a divulgar uma “solicitada” na qual se atacava o prefeito Edgar Teixeira Leite.

A única edição de seis páginas ocorreu a 15 de novembro, ao ensejo do transcurso do segundo aniversário da administração municipal, cujo titular foi homenageado nas duas páginas do centro, com clichê e longo panegírico.

A par da matéria redacional, o semanário inseria colaboração esporádica de Samuel Falcão, Humberto Simas, Fenelon Barreto, Costa Filho, Oscar Meyer, Leonam Ojuara e raros outros.

Tendo circulado 30 vezes em 1921, iniciou-se nova numeração em 1922, quando terminou a existência d'A Gazetinha, com o nº 53, de 31 de dezembro (Bib. Púb. do Est.)⁽¹⁾.

O ESTÍMULO - Órgão Literário e Noticioso - Começou a publicar-se no dia 28 de janeiro de 1923, em formato de 30 x 19,

⁽¹⁾ A coleção d'A Gazetinha e, igualmente, as d'O Trabalho e d'O Estimulo foram presenteadas pelo jornalista João Avelino ao autor desta obra, o qual, por sua vez, as doou à Biblioteca Pública do Estado.

com quatro páginas de três colunas estreitas, igualmente a A Gazetinha, a que sucedeu, imprimindo-se na mesma tipografia, instalada, com a redação, na Floriano Peixoto, 9. Diretor - João Avelino; redatores - Francisco Dias Noronha e Arcelino Lins. Assinaturas: anual - 10\$000, trimestral - 3\$000 e “Solicitadas” a 200 réis por linha.

Circulando regularmente, cada semana (não restam comprovantes dos primeiros números), o nº 35, de 23 de setembro, já não mencionava nomes de redatores, mas apenas: direção e propriedade de J. Avelino & Cia. Esse apêndice veio a desaparecer no segundo mês do ano II, sem verificar-se mais alteração de nomes, no cabeçalho, até o fim. Ao mesmo tempo, foram acrescentados dois centímetros no formato do jornal.

Mantido o programa traçado, reafirmou-se O Estímulo no seu nº 3, ano II, de 27 de janeiro de 1924, comemorativo do primeiro aniversário, quando escreveu o editorialista: “Ao lado dos princípios da Justiça e do Direito, estaremos ao lado da legalidade, prestigiando a autoridade constituída. Interesses políticos não os temos, desde que ainda não fizemos profissão de fé por nenhum dos partidos políticos existentes no Estado”.

A par de noticiário constante, editorial, concurso de beleza feminina, Atos da Prefeitura, “Solicitadas” e anúncios, o periódico manteve nos primeiros anos, as seções de comentários “Ao correr da pena”, por Moacir Jota; “Cavacos”, por J. Sério; e “Dois dedos de prosa”, por XX 2º, três pseudônimos de Francisco D. Noronha; às vezes, “Ditos inocentes”, por J. Avelino; “Várias”, e a colaboração de João Virgílio Galvão, Costa Filho, Luiz Patriota, A. Lins, Narciso Augusto Azevedo, Amaro de Barros Wanderley, inclusive com o pseudônimo Conde d’Além Mar; Amadeu (Diniz) Aroucha, que escrevia “Pontos de Vista”; Juvêncio Neiva, Waldemar Lopes e Garotinho, ambos de São Benedito (hoje Iraci), município de

Quipapá; Hibernon Borba, etc., todos, porém, de caráter bissexto.

Não era fácil o caminho percorrido pelo O Estímulo, no tocante ao setor financeiro. Cada ano, a direção solicitava os bons ofícios dos assinantes relapsos. Na edição de aniversário de 1927, dizia o artigo redacional:

“Que nos apareçam os que queiram nos ajudar a prosseguir na Jornada ingrata da Imprensa e vistam, como nós, a túnica de Nessus, para que se sintam com a coragem dos fortes combatentes, e... deixem cochichar os zoilos que se arvoram em críticos em nome de falsos conceitos”.

Em 1926 começara a colaboração de Humberto Simas, com o comentário “Retrospecto”, de Fernão Roiz, aparecido com o “Block Notes”. O primeiro deles, travou polêmica, no ano seguinte, sobre temas de ensino, com Francisco D. Noronha, ambos professores. Outro debate deu vida às páginas do órgão, ainda em 1927, entre o pastor protestante Ageu Silva (Palmares) e o líder católico Aristeu Cabral (Recife).

Para melhorar as finanças da empresa, foi aumentado, em 1928, o preço da linha de composição, nas “Solicitadas”, para 400 réis, e as assinaturas anual e trimestral subiram para 12\$000 e 3\$500, respectivamente. Iam-se alternando e, na maioria dos casos, substituindo-se os colaboradores. Apareceu, então, Fernandes da Costa, o poeta, que, ao mesmo tempo, desferia “Flexas...” com o pseudônimo de Zé Matraca. Mais o engenheiro químico Antônio Alves Hir, doutor em Ciências Herméticas e Psicologia, o qual, ora com o nome, ora com a parte dele, ora assinando-se Ashir ou Rhir, compareceu durante quase três anos, assiduamente, divulgando máximas e pensamentos, horóscopos, predições, estudos hipnóticos e assemelhados, autor, inclusive de uma “Constituição natural ou

Código individual”, com diversos capítulos e numerosos artigos, publicada em série. Uma “Profecia para o ano de 1929”, de Hir, foi divulgada em Suplemento especial. Aqui e acolá - 1929, 1930 - viam-se versos de Borges da Silva (Recife), crônica de Rigaud Júnior ou Osvaldo Guimarães (Olinda); as “Muriladas”, por Murilo; verso ou prosa de E. Ferraz, J. Lima, Carlos B. Falcão, Gypsy, Oscar Varejão, as “Pitadas”, quadra, por Amarelo, etc.

Ao iniciar-se 1930, O Estímulo inaugurou, na primeira página, uma “Coluna de Ouro”, na qual entraram a figurar os nomes dos assinantes que pagavam, estimulando assim, os esquecidos. No fim do ano seguinte, durante semanas seguidas, estampavam o anúncio a seguir, às vezes ocupando página inteira: “Vende-se, por preço barato, a tipografia deste jornal”. Não apareceu comprador, continuando o ritmo normal. De quando em quando dava seis páginas, ou saía com um suplemento de duas, variando para formato de duas colunas.

Foi em 1931 que Humbertino Simas, criticando o Catolicismo, teve de enfrentá-lo o padre Argemiro Gonçalves de Figueredo, cada um a ocupar mais de uma página, semana a semana. Frei Papão (o primitivo colaborador Francisco da Noronha) iniciou a seção “Muriçocas”, em versos humorísticos de sete sílabas. Outros humoristas vieram à baila: Zé Povo, Pau Prá Tudo, etc. Novo colaborador foi Mendes Vieira, que começou, em 1932, com a série de artigos “A ofensiva protestante”, de ataque à intolerância católica do escritor Tristão de Athaide, ou seja, Alceu de Amoroso Lima.

Ao atingir 1933, a folha filiava-se à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco. Nesse ano o dr. O. Bueno Lessa de Andrade assinava a seção “Lítero-Científica”; Getúlio Amaral servia-se das mesmas colunas para dirigir longa carta ao Ministro da Justiça, sob o título “Pela nacionalização do clero”,

e surgiram versos do sargento Pedro Lima e de Typheu (o farmacêutico Tancredo de Sousa, de Belo Jardim).

Já o Congresso de Jornalistas do Interior, de Catende, merecera boa cobertura d'O Estímulo. Mas do seguinte, realizado em Garanhuns, Humbertino Simas ocupou-se, em reportagens que duraram de dezembro de 1933 a março de 1934.

No último ano mencionado, o editorial da edição de 28 de janeiro, comemorativa do aniversário do periódico, focalizou a “energia indomável” de “João Avelino”, o herói desta batalha incruenta”, acentuando: ”Foram onze anos de luta incessante, de arrojo, de audácia e, quase se pode dizer, de teimosia”.

Entre os colaboradores esparsos, surgiu Albo com os “Comentários”, de pouca duração; depois, nas mesmas condições, J. Serpa, de Olinda assinando “Questões de Português”. De vez em quando: originais de U. B. I., Círculo Brasileiro de Educação Sexual e F. B. I.

Sob o título “Agressão e ameaças”, escreveu a edição de 29 de julho de 1937 que o vigário local, frei José Maria Storch, atraiu o cobrador de assinaturas ao interior de sua residência, disse-lhes desaforos, chamou o jornal de “imprensa má, imunda, imoral”, rasgou um exemplar e mandou que se suspendesse sua assinatura. Isto motivado por um artigo do professor Mendes Vieira contra a adoção do ensino de religião única nas escolas, pela divulgação de artigos sobre educação sexual e pela notícia do falecimento do Padre Cícero. O revide d'O Estímulo foi enérgico, partindo da apreciação de que as religiões podiam harmonizar-se da melhor maneira. Como exemplo citou o caso de seus atuais redatores: Avelino, Humbertino Simas e Mendes Vieira, respectivamente católico, espírita e protestante. O caso não teve outras consequências.

No fim do ano apareciam notas redacionais de apoio à idéia integralista, mais a colaboração de A. A. ou Rodolfo A. de Araújo.

Assim começava 1935: “Muitos os calhaus que tivemos de transpor. Pouquíssimas as compensações da luta sobrehumana a que nos entregamos”. E, como sempre, notas seguidas convidavam a reabilitar-se os assinantes relapsos. Apareceu o colaborador Amadeu Aroucha mencionado como redator e, já no último trimestre, viu-se uma inovação: repetido o cabeçalho na quarta página.

Mais um ano de vida. Sempre boa cobertura noticiosa dos congressos de jornalistas matutos, cada ano. Em 1936 foram novos colaboradores bissextos: dr. José Régis de Moura, Silpe, Tancredo de Souza e Arno Roiz (pseudônimo de Anulfo Rodrigues).

O programa de imparcialidade permaneceu íntegro, não deixando o semanário de comentar os acontecimentos da política nacional ou estadual e os problemas de interesse local ou regional. O noticiário era infalível. E os anúncios variavam de uma até duas páginas. Chegou ao fim a existência d’O Estímulo com o nº 148, de 27 de dezembro de 1936, pouco antes de completar o 13º ano.

A numeração das edições processou-se com a seguir: 1923 - 49 números; 1924 - 52; 1925 - 52; 1926 a 1928 (sem interromper) - 157; 1929 e 1930 (idem) - 104; 1931 - 52; 1932 e 1933 (sem interromper) - 105; 1934 a 1936 (idem) - 148 (Bib. Púb. do Est.)⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Coleção desfalcada.

CORREIO DE GAMELEIRA - Inexistentes quaisquer comprovantes, o Jornal do Recife, de 5 de dezembro de 1926, acusou o recebimento de “novo número” do referido órgão, o qual tinha como diretor Manuel Ribeiro.

GAMELEIRA-JORNAL - Órgão independente e Noticioso - Entrou em circulação a 3 de novembro de 1946, no formato de 43 x 30, com quatro páginas de cinco colunas, impresso na tipografia da Gazeta Esportiva, no Recife. Diretor, proprietário e responsável - João Vilaça de Lima; diretor intelectual - frei Afonso Balsiepper; secretário - J. Dário de Carvalho; gerente - Alípio Avelino Barbosa; redatores - “diversos”. Redação à rua Floriano Peixoto, 15. Assinatura anual - Cr\$ 20,00; preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Consoante o editorial de apresentação, tratava-se de “uma tentativa de suborno - com o pagamento em ouro de 25 letras - à passividade morna dos que se ensimesmam na indiferença pela sorte e pela grandeza do município. Um grito de alerta para que não se afunde na estagnação das coisas inúteis a terra que teve a honra de ser o berço de Pedro de Araújo Lima - o Marquês de Olinda. Nenhum objetivo oculto”.

A edição de estréia conteve matéria variada, noticiosa; artigos de Laurênio Lima e José Fábio Pimentel e trovas de Seve-Leite. Também anúncios.

O nº 2 saiu no dia 15 de dezembro. Ficou então suspenso, mediante a renúncia do corpo redacional, menos o diretor-responsável, que fez o jornal voltar a lume, dando o nº 3 a 30 de março de 1947. Na vice-direção, Alípio A. Barbosa. Melhorou um pouco o formato. Matéria bem distribuída.

Reduzido o formato para 31 x 23, publicou-se o nº 4, com seis páginas, a 7 de julho, ficando Vilaça sozinho, na qualidade

de diretor-gerente. E acrescentou ao cabeçalho: “Circula em todo o Brasil”.

O nº 5, de 7 de setembro, voltou ao formato grande, a seis colunas de composição, inserindo poesias de Lício Neves e Mário Ramos e enorme acervo de publicidade comercial.

Ocorreu nova suspensão. Decorridos 18 meses, recomeçou Gameleira-Jornal, dando à luz o nº 1, ano III, no dia 13 de março de 1949, feito “órgão dedicado aos interesses do município”. Reduzira-se, outra vez, o formato, saindo com seis páginas, impressas em papel verde. Estampou fotogravura do governador Barbosa Lima Sobrinho e artigo de Jarbas Maranhão. O nº 2, de 24 de abril, retornou ao papel branco, com apenas quatro páginas.

Verificou-se, então, uma trégua de mais de quatro anos. O teimoso órgão de João Vilaça saiu a lume, em segunda fase, a 8 de outubro de 1953, obedecendo ao formato de 48 x 32, quatro páginas impresso nas oficinas da Folha da Manhã. “O nosso jornal - lia-se no editorial - foi forçado a parar por circunstâncias que somente as conhecem os que têm a coragem cívica de fazer um jornal matuto, sem eiva de interesses partidários, um mensário noticioso e independente. Apesar do trabalho insano que empreendemos, não houve, da parte dos que nos podiam apoiar, qualquer parcela de estímulo ou compreensão”. Voltava com as mesmas diretrizes: “ação, desprendimento, honestidade dos fatos ocorridos e independência irrestrita e absoluta”.

Na nova fase, Gameleira-Jornal circulou, na realidade, mensalmente, mas só até dezembro, tendo como colaboradores Estênio Leite, J. A. Barreto Guimarães, Avani de Azevedo, Amauri Pedrosa, Alcides Nicéas, Seve-Leite e Sálvio Lara (ambos pseudônimos do juiz Severino Alves Leite), a par da

matéria de rotina e, como de costume, boa publicidade comercial.

“Mensário independente e noticioso”, ainda divulgou duas edições em 1954, ano VIII, a última delas no mês de maio, dedicando uma página ao 58º aniversário da emancipação política de Gameleira⁽¹⁾ (Bib. Púb. do Est.).

A VOZ DE GAMELEIRA - Órgão Lítero Noticioso - Surgiu a 28 de setembro de 1947, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - João Vilaça Lima, funcionando a redação na av. Luiz Rodolfo, 303. Assinatura anual - Cr\$ 20,00; preço do exemplar - Cr\$ 0,50. Impressão da Tipografia Lira, em Palmares.

“...temos um alvo a atingir: - dizia a “Apresentação”- trabalhar pelo progresso da nossa terra, defendendo-lhe o interesse nesta hora crítica que atravessa o nosso País, principalmente o nosso querido município, ameaçado de sucumbir.

O objetivo da folha cingiu-se em atacar as doutrinas chamadas subversivas, inclusive através de artigos assinados por frei Jerônimo Maria, e fazer a propaganda da candidatura Euvaldo Pimentel para prefeito do município. Além disso, ligeiro noticiário e alguns anúncios.

Não circularam, ao que tudo indica, mais de três números, um por semana, o último dos quais datado de 12 de outubro (Bib. Púb. do Est.).

O RADIANTE - Órgão Literário, Noticioso e Independente - Saiu a lume no dia 12 de outubro de 1947, em formato de 40 x 30, com quatro páginas de cinco colunas.

⁽¹⁾ A publicação prosseguiu em 1955.

Diretor e gerente - Alípio Avelino Barbosa; redator-secretário - Álvaro Fonseca. Publicação quinzenal, assinava-se a Cr\$ 25,00 anuais e a Cr\$ 15,00 semestrais, custando o exemplar Cr\$ 1,00. Redação à rua padre Roma, 32 e trabalho gráfico nas oficinas do Jornal do Recife.

Pequeno e despretenso órgão “da imprensa matuta”, lia-se no editorial de abertura: “Não firmando nenhum compromisso partidário, poi se conservará alheio às competições políticas que caracterizam a época que atravessamos, será o programa d’O Radiante trabalhar pela elevação do nível cultural de Gameleira e pugnar pelo engrandecimento material desta célula da terra nativa”.

Tendo circulado os dois primeiros números em outubro, a publicação prosseguiu mensalmente, em dias indeterminados. A par de comentários diferentes, do natural noticiário e da seção humorística “Ria se quizer...”, sem faltar a quota de reclames comerciais, contou com a colaboração de João Barreto de Meneses (artigo de estímulo sobre o aparecimento do jornal), J. Coaraci Nunes, José Luiz Correia, José Alves, Lírio Convale, Fernando Burlamaqui, Lício Neves, José Diniz Filho, José Cabral da Rocha, etc.

Houve, apenas, sete edições d’O Radiante, a última das quais datada de 28 de março de 1948 (Bib. Púb. do Est.).

GARANHUNS

O GARANHUNS - Número único, circulou em 1905, dirigido, composto e impresso por Argemiro Tavares de Miranda, Antônio Souto Filho, Artur Maia e Tomaz Vila Nova (Do Álbum do Município de Garanhuns, 1923).

O VIGIA - Órgão humorístico, de pequeno formato, fundado e dirigido por João Hipólito de Souza. Publicaram-se, em 1906, alguns números (Do Álbum do Município de Garanhuns, 1923).

O ESPIÃO - Saiu sem data, mas em 1906. Tinha como responsável Antônio de Oliveira Cavalcanti (Do Álbum do Município de Garanhuns, 1923).⁽¹⁾

A PÁTRIA - Órgão Literário e Noticioso - Fundado a 25 de fevereiro de 1906, não existem comprovantes das três primeiras edições.

Circulou o nº 4 no dia 15 de abril, em formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas, impresso em tipografia própria. Propriedade de João Hipólito de Sousa e Antonio de Oliveira Cavalcanti; redator-chefe - Luiz Brasil; redator-revisor - Artur Maia. Redação e oficinas à rua Dr. José Marcelino, 32. Semanário, saindo aos domingos, assinava-se a 2\$200 por semestre e a 1\$100 por trimestre. Preço do exemplar - 100 réis.

Estava a Pátria reaparecendo com o referido nº 4, uma vez que "sensível acidente", nas suas oficinas, a tinha obrigado a suspender a publicação. Apresentou editorial, curiosidades,

(1) Os três primeiros jornais do município - O Garanhuns, O Vigia e O Espião - não foram registrados por Alfredo de Carvalho, autor dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", nem deles existem comprovantes nas bibliotecas e arquivos particulares visitados.

soneto de Osmino Pires, noticiário, seção livre e a quarta página de anúncios.

Não restam, igualmente, comprovantes, a partir do ressurgimento, a não ser, decorridos dois anos, do nº 12, de 5 de abril de 1908¹, alterado o sub-título para "Órgão Independente, Literário e Noticioso". Nenhuma alteração material, mas do cabeçalho constou, apenas: Proprietário - José Elesbão de Araújo². Passou a custar 2\$400 a assinatura semestral, somente para "fora da cidade", sendo o pagamento adiantado. Cobrava as "Solicitadas" a 160 réis por linha para as pessoas que assinavam o jornal e "metade para os não assinantes". A tipografia mudara-se, com a redação, para a rua 13 de Maio, 5.

Mais algum tempo e, atingindo o nº 21, são encontrados diferentes exemplares d'A Pátria, mediante os quais tornou-se possível estudar-lhe o ritmo de vida.

Sua matéria constituía-se de editorial, noticiário, o "Escrínio poético", alguma crônica literária e publicações solicitadas. Criticava, em 1908, a administração do prefeito Manuel Clemente, chegando a clamar, na edição de 9 de julho, contra "o desprestígio, a falta de patriotismo e de zelo por parte dos que nos dirigem, que pouco ou nada se interessam pelo progresso do nosso município".

No nº 4, ano IV, de 6 de abril de 1909, depois de haver ocorrido nova suspensão, que durou três meses, iniciou José

¹ Para Alfredo de Carvalho (obra citada), A Pátria tinha deixado de existir após o nº 9, de 17 de março de 1907.

² Segundo o historiador Alfredo Leite Cavalcanti, a primeira tipografia de Garanhuns pertencera e Argemiro Tavares de Miranda, que a vendeu a Antonio de Oliveira Cavalcanti, e este, melhorando-a, passou a imprimir nela A Pátria; mas, adoecendo gravemente, transferiu o negócio a José Elesbão.

Elesbão uma séria de artigos, intitulada "Na brecha", em que abordava temas gerais. Seguiu-se a meta do jornal, vindo a aumentar o formato a partir do nº 10, de 14 de julho, para 38 x 26, páginas de quatro colunas de 10 cíceros, o que foi conseguido "após titânicos esforços", segundo declarou o proprietário, na nota "Ao público". Admitiu uma página de anúncios, duplicando o preço das assinaturas e do número avulso. Nem sempre saía semanalmente.

Atingindo 1910, apareceu o nº 1 - ano V - a 25 de fevereiro, edição de aniversário, porém normal. O editorial comemorativo focalizou as dificuldades, os óbices, os prejuízos enfrentados. Ainda uma vez estivera suspensa (apenas dois meses), adiantando o articulista: "Sai hoje mais alentada por novos ideais, maximé quando feliz coincidência vem favorecer-lhe uma fase nova, fazendo-a reaparecer no dia em que completa quatro anos de lutas incessantes". Enquanto isto, um comentário de Plácido frisava que o periódico vivia "livre das peias partidárias e religiosas", acrescentando outro colaborador, assinado P.C.: "A Pátria nunca foi política, nem religiosa; entretanto, nunca, nunca deixara de incrementar os maus governos e de apoiar os bons, nem tão pouco de se colocar ao lado daqueles a quem se queira tolher a liberdade de consciência". Adiantou P.C. que a folha cujo quarto aniversário se festejava surgira "graças à iniciativa do inditoso A.C. (Antonio de Oliveira) Cavalcanti", de quem foi Elesbão o sucessor.

Logo mais, no nº 3, de 30 de março, apresentava A Pátria melhor aspecto, uma vez que melhorara sua oficina gráfica, administrada por Sátiro Lima, com a aquisição de novas fontes de tipos. Publicou-se normalmente, saindo o nº 30 a 24 de dezembro, para abrir 1911 com a edição de 1 de janeiro, continuando, meses afora, até tornar-se irregularíssima a circulação.

Mantido inalterável programa independente e informativo, contou a gazeta garanhunense, desde o princípio, com a colaboração literária de Artur Maia e Lírio do Vale, que eram uma só pessoa; Mervel; Antonio Ferreira dos Santos, Hamleto, Carlos Rubens, Plácido, Lia Barbosa, E. Leão e outros, que iam aparecendo, esporadicamente, como Rocha Melo, Leontino, José Miranda, Rosalino de Tebas, Enéas Alves, J. Figueiredo, Sandoval Labama, Vinicius, Sadi-Noel, Jalm, Eleazar Manassés, etc.

Atingiu A Pátria o nº 13 do ano VI, que circulou no dia 1 de novembro de 1911, último avistado (Biblioteca Pública do Estado e Bib. Nac.)⁽¹⁾.

O SÉCULO - Órgão Evangélico Presbiteriano - O nº 1, ano XV, circulou no dia 1 de fevereiro de 1909, obedecendo ao formato de 48 x 31, com quatro páginas a quatro colunas de 14 cíceros. Sob o título e sub-título, a frase bíblica: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura". (S. Marc. 16:15). Diretor - Jerônimo Gueiros. Redação e oficinas à rua Dr. Rosa e Silva, 38. Assinatura anual - 4\$000; cinco assinaturas - 15\$000; dez assinaturas - 20\$000, mediante pagamento adiantado.

Abriu o texto o editorial "Fase Nova", cujo signatário, o diretor, declarou que "circunstâncias imprevistas" o obrigaram a deixar a capital do Rio Grande do Norte, onde servia como pastor da Igreja Presbiteriana e diretor d'O Século. Transferida a sua residência, transportou, igualmente, para Garanhuns, a tipografia do jornal. Entretanto, "não mudou em nada o seu programa: seguirá sempre o mesmo rumo, defenderá a mesma causa, erguendo o mesmo pendão". Passaria, logo mais, a denominar-se Norte Evangélico, "resultado da união d'O Século

(1) Coleções bastante desfalcadas.

com a Imprensa Evangélica periódico de propaganda evangélica do Presbitério da Bahia e Sergipe".

Boa edição, inseriu vasta matéria específica, incluídas produções assinadas por J. Marinho, Daniel César, Cecília Rodrigues e Belmiro Araújo.

Publicou-se o nº 2, a 6 de fevereiro, repleto de artigos e informações, terminando aí a atuação do periódico sob primitivo título (Coleção da Edipress - Recife).

O SERTÃO - Começou a circular no dia 14 de fevereiro de 1909⁽¹⁾, em formato de 48 x 31, com quatro páginas a quatro boas colunas de composição, sendo a edição de estréia impressa na tipografia do Norte Evangélico. Sob o título, servindo de divisa, a sentença de Royer Collard: "Le jornal est une nécessité sociale, plus encore qu'une institution politique". Diretor - Joaquim Maurício Wanderley; redatores - João Paes de Carvalho Barros e Antonio Souto Filho; gerente - Luiz Caldas Lins, funcionando a redação na rua Dr. José Marcelino, 12. Tabela de assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000; preço do exemplar - 0\$300.

"O programa a que ele tem de obedecer é a defesa da coisa pública"- lia-se no artigo de apresentação, que acrescentou: "Como o seu nome o diz, O Sertão não circunscreve a sua missão a esse município; os outros também serão objetivos dos seus cuidados".

Depois de uma série de considerações, concluiu: "As portas do nosso escritório estarão sempre abertas para todos e a todos pertencerão os nossos esforços. Não fitamos o lucro, não

(1) O Álbum do Município de Garanhuns (edição de 1923) situara em 1908, erroneamente, o aparecimento d'O Sertão.

formamos uma empresa que vise acumular capitais; almejamos o progresso, e quando nada fizermos, ao menos seremos os descontadores das calamidades de qualquer espécie, pinta-las-emos com sinceridade e critério, para que os poderes públicos, tanto quanto lhes seja possível, possam derramar os lenitivos que amenizem as agruras que entorpecem e matam as aspirações do sertanejo. Urge que este não seja o tipo tradicional da rudeza e dos motejos e que se demonstre ele capaz dos empreendimentos que glorificam a prática. Armados de luz, procuramos o Direito. Eis o nosso programa".

Publicado semanalmente, aos domingos, bem servido de comentários e noticiário, "Solicitadas" e uma página de anúncios, foram seus primeiros colaboradores Belarmino Dourado, Arlindo Fontes, Gil Moreno, Alonso Gil e Lírio do Vale (pseudônimo do poeta Artur Brasiliense Maia). Iniciou folhetim, com o romance "Yeddo", de Pierre Loti, mas interrompeu-o na terceira inserção.

Como meta inicial, o periódico entrou a criticar a administração do prefeito Manuel Clemente e, na "Coluna Religiosa", logo no nº 3, publicou O Vigário da Freguesia o artigo "Única contradita", repelindo uma nota do Norte Evangélico. Respondeu-lhe, numa série de artigos, o pastor Jerônimo Gueiros, no seu jornal e na seção paga do próprio O Sertão. Ainda apareceu O Vigário (Monsenhor Afonso Pequeno), dirigindo-se "Aos protestantes de Garanhuns", o que ocasionou nova e longa réplica do contendor.

Em artigo de 23 de maio, a redação comentou a "luta de princípios" travada entre o Catolicismo e o Protestantismo, considerando-a desigual, uma vez que o Vigário se achava isolado, cumprindo ao bispo auxiliá-lo em tal emergência. Acentuou: "Se aqui é a fonte da propaganda protestante, aqui deve ser o ponto de concentração das forças católicas".

Concluindo, disse que o povo de Garanhuns "deve continuar a prestar aos combatentes a sua respeitável atenção".

Enquanto isto, mantinha-se o programa informativo e de defesa dos interesses do município, incluindo as seções "De tudo", "Municípios", "Carnet de itinerantes", "Salão azul" e a "Coluna Charadística", sob a responsabilidade de Ormino Pires. A partir de 8 de agosto, divulgaram-se, por algum tempo, as "Cartas políticas", com a assinatura O Velho da Serra. Eram outros colaboradores, esporadicamente: Faustino Porto Filho, José Lima, Pedro Chaves Júnior, Jorge Gomes, Rômulo Lins e Silva, José Peixoto, José Miranda, Leopoldino de Andrade, Deodato Monteiro, Tiago Vila Nova, Tenório de Cerqueira (Antonio Apolinário), Rocha Melo e Marshall, além dos redatores Souto Filho, que assinava A.F., sobretudo na crônica "Diversos a diversos", e João Paes que, usando o pseudônimo de Cincinato, criou, precisamente a 2 de outubro, a seção "Notas de um rústico". Alguns dos colaboradores confinavam-se à seção "Literatura". Transcrições e notas locais compunham a coluna "Agricultura".

Ao iniciar-se o referido mês de outubro, ausentavam-se o diretor e o gerente, entrando para o corpo redacional o médico Luiz de Góis, que o integrou apenas por dois meses.

Terminado o ano com o nº 42, prosseguiu a numeração a 12 de janeiro de 1910, encetando nova fase, "com oficinas próprias (instaladas à rua de Santo Antonio, 37), novos colaboradores e mais experiência". Nem política "nem válvulas de desabafo às paixões individuais", visando só "o bem público, a instrução do povo, a defesa dos seus direitos, o prestígio da lei, que é a sua melhor garantia, os melhoramentos de que necessita nossa terra, a paz e a concórdia de todos os cidadãos". Foi então que o Monsenhor Afonso Pequeno substituiu o

terceito redator, assumindo a gerência Leopoldo Teixeira Pequeno.

Novas seções adotou O Sertão, a saber: "Através dos jornais"; "Lavoura e Criação"; "A crayon", crônica de Bernardes Júnior; outras crônicas de Floriano de Lemos, Jonas da Silva e Jap; "Pequenos ecos"; "Urbe et Orbe", por Gerard de Loreine; "Traquinadas", a cargo de Fulano; "Tic-Tac", epigramas de Agripisa ou Jopa; mais as "Cartas do Rio", de caráter político-noticioso, por Faustino Porto Filho, e as "Guerrilhas", iniciadas a 20 de março, ocupando quase duas colunas. Nelas escreveu o redator, reencetando a campanha contra o Norte Evangélico e seu redator Jerônimo Gueiros:

"O Sertão não é uma folha religiosa. Órgão dos interesses do povo, não pode ser indiferente à religião do povo. E sendo sacerdote um dos seus redatores, somente a vilania dum apóstata chamará "anonimato" o que aqui se escrever sobre assunto religioso".

A campanha anti-protestante não teve mais trégua, através de artigos diferentes, inclusive "Algumas Cartas", em que José, o Leigo defendia a religião católica e o Clero, e os versos de Maquinista, intitulados "Contra-vapor".

Ainda em 1910, a 11 de dezembro, afastados os primitivos redatores, assumiu o Monsenhor Afonso Pequeno a direção, lendo-se no editorial "O nosso programa": "O Sertão, que é uma glória de Garanhuns, continuará a ser a melhor publicação periódica do interior do Estado". Nenhuma relação teria com grupos políticos, mantendo-se "ao lado do povo na defesa de seus interesses morais e materiais", à sombra da religião católica.

Por sua vez, o gerente foi substituído por outro Pequeno - Pedro Teixeira Pequeno, cuja primeira medida foi reduzir o

preço da assinatura anual para 5\$000 (6\$000 para fora da cidade), ficando por 100 réis o número avulso. Encerrou o ano uma Edição de Natal (nº 88), com oito páginas, repleta de trabalhos alusivos.

A par de variado noticiário, sobretudo de caráter religioso, e artigos redacionais, O Sertão admitiu, em 1911, novos colaboradores, tais como o juiz Felisberto dos Santos Pereira, que por alguns anos mandou de Belmonte suas produções, às vezes intituladas "Migalhas", "Reflexos" e "Penadas"; Vidal de Negreiros Júnior, com a seção "Respigando" e, no ano seguinte, com as "Cartas do Recife"; Custódio Alves, o da "Arca de Noé"; José Teófilo, escrevendo sobre "Agricultura", e Granadeiro, que manteve a seção "Granadas". Este último e Alter dedicaram-se a atacar o pastor Jerônimo Gueiros e o Norte Evangélico, chamando-os, respectivamente, "mistificador" e Desnorte, com veemente crítica ao Protestantismo. Ainda surgiam versos de José do Amaral, padre José Landim e Tenório de Cerqueira; a seção "Filigranas", a cargo de José do Carmo, etc. A maior edição do ano foi a da Páscoa, com seis páginas, dada a 16 de abril. Divulgavam-se atos oficiais da Prefeitura e anúncios enchiam a quarta página.

Chegado 1912, iniciou o famoso jornalista Gonçalves Maia, exatamente a 7 de janeiro, uma série de artigos n'O Sertão, dizendo, ao princípio:

"Desejo ser um amigo do sertanejo pernambucano; quero estar em contacto com ele, quero cooperar para a realização de algumas de suas idéias, trabalhar para o seu melhoramento. Dir-se-ia que, cansado das cidades, eu me refugio no sertão; desiludido da alma praciona, eu busco um asilo na alma singela do sertanejo, uma alma que é como a sua casa, aberta ao viajante".

Essa colaboração prolongou-se até a edição de 28 de abril, quando Gonçalves Maia, que fizera uma "vilegiatura" política em Garanhuns, se despediu dos 1.700 eleitores que nele votaram para deputado, candidatura da qual o periódico se fez propagandista.

A edição de 16 de fevereiro do referido ano foi inteiramente dedicada à memória do Barão do Rio Branco, falecido quatro dias antes.

Após dois meses de colaboração no jornal, o padre Heliodoro Pires assinou, a 17 de março, o artigo "Despedida", focalizando, sobretudo, a boa impressão que levava dos tipógrafos Pedro Pequeno, Dário Rego, Lúcio Brasil e Genésio Vilela.

Transcorrido o ano, abriu O Sertão o seu nº 189, de 5 de janeiro de 1913, com uma nota pessimista, declarando: "Este 1913 aparece misterioso e apreensivo. Os sertanejos instintivamente dizem que vai ser um ano de mau inverno e na capital federal agitam-se os ânimos com a magna questão candidatura à Presidência da República. A guerra dos Balkans ameaça continuar, pondo em risco a paz européia".

"Enquanto isto - acentuava - o Brasil dorme o sono turco nos divans opulentos desta natureza suntuosa que a providência nos legou".

Novos colaboradores apareciam nas colunas do periódico, a salientar: Manuel Cirilo, padre Sena Freitas, Paulo Moreira, Vulpiano Júnior, A.A. e Fausto Folco. Voltou Gonçalves Maia, na edição de 6 de julho, a dirigir-se "ao eleitorado do 3º Distrito", solicitando-lhes o voto para deputado, uma vez que, no ano anterior, tendo sido eleito, foi depurado.

Veio 1914 e escreveu a redação, a 3 de janeiro: "Felizmente, já se foi o fatídico 1913. Que surpresa nos reserva o ano que começa? É pesado e sombrio o legado de seu desastrado antecessor. Crise financeira, crise política, crise moral. E, presidindo a este cortejo de calamidades, a figura sinistra do Sr. Pinheiro Machado, cujo prestígio político tem por apoio único a débil vontade do marechal presidente". Achava, entretanto, o inverno prometedor, frisando: "É pena que a revolta do Joazeiro venha perturbar a vida sossegada dos nossos sertões nesta estação de trabalhos".

Continuou inalterável o programa do semanário, focalizando temas políticos, econômicos e agrícolas, nos setores estadual e municipal; polemizando sobre religião; divulgando literatura, em prosa e verso, afora o noticiário, as "Solicitadas", seção charadística e reclames comerciais. Aos colaboradores, juntavam-se outros, como Gumercindo de Abreu, F.M., Liciano Rivera, N.P., Arcione, Paulo Sem, Coriolano e, ainda Lírio do Vale.

Suspenso após a edição de 18 de dezembro, ressurgiu O Sertão, já no seu nº 285, a 14 de fevereiro de 1915. Mantida a direção anterior, apareceu como redator-chefe o Padre Dr. Benigno Lira, sendo o gerente substituído por Dário Alves da Silva Rego, ao passo que a redação se transferia para a rua Santos Dumont, 12, sem mais alterações. Comemorou, então, a passagem do sexto aniversário, "levando do passado a tradição do tempo que lhe mede a vida, da vida que lhe mede a luta, da luta que lhe dá um nome sob que correu o traço de um programa eleito..."; e frisou, após outras considerações, com a assinatura de P: "Seguindo este programa, que foi traçado desde o princípio e mais ou menos seguido, O Sertão entra para o futuro levando a justiça de uma causa que, batida pelo antagonismo, não verterá a lágrima do desânimo nem o suor da covardia".

Criaram-se as seções "Telefonadas", por Buzina, e "Diversas"; surgiu a colaboração de Solon, de Leônidas Castro e alguns outros, sem mais modificações na parte redacional.

Entretanto, a existência da folha estava por um fio. E veio a suspender-se a publicação uma vez divulgado o nº 296, de 8 de maio de 1915.

Perto de dois anos transcorridos, voltou O Sertão à arena jornalística, encetando uma terceira fase, no dia 2 de janeiro de 1917, sob a direção de José Brasileiro Viana, sendo redator-chefe o juiz José Pedro de Abreu e redator-secretário Fausto de Araújo Galo. Em artigo de fundo, declarou continuar "a ter como parte essencial do seu programa a defesa do Catolicismo".

(Faltam comprovantes da continuação. Ou parou imediatamente?).

Novamente suspenso, reapareceu, numa quarta fase, a 7 de setembro de 1919, "órgão independente e noticioso", sob a direção de Genésio Souto Vilela, tendo como redator Osório Souto e gerente Dário Rego, este depois substituído por Lourenço Souto Filho, que faleceu em janeiro do ano seguinte, ocupando-lhe o lugar José Miranda Nogueira, o que também fez por pouco tempo. Voltou o preço da anualidade para 10\$000, custando 6\$000 o semestre e 200 réis o número avulso. A redação e oficinas foram transferidas para a rua Dr. José Mariano, 110. Sem alterar o formato, as páginas passaram a ter cinco colunas de composição.

Nesse período, teve o semanário a colaboração de Oliveira e Silva, Recife-Noel (pseudônimo de Raquel Lima), Osiris Caldas, José Nogueira, Amadeu Aguiar, Luiz Brasil e outros, encerrando-se a publicação com o nº 32, ano XI, de 15 de agosto de 1920.

Ainda houve nova fase d'O Sertão, a quinta, iniciada mais de oito anos depois, precisamente no dia 7 de abril de 1929, com redação na praça Carlos Lira e oficinas (Tipografia Moderna) à rua Dr. José Mariano, 71, da qual era um dos proprietários Euclides Dourado. Direção confiada ao Padre P. Magno Godói; gerente - Dário Rego; diretor-secretário - Hibernon Wanderley, os dois primeiros substituídos, depois, pelo Padre M. Diegues Neto e por H. Maciel.

Continuou a circular semanalmente, bastante noticioso, dotado de uma página de anúncios. Divulgava Expediente da Diocese, o Evangelho, notas políticas, as seções "A luz do meu abajour", por H.B.; "De cá e de lá"; "Conto Elétrico" e outras; mais a colaboração de Ildfonso Lopes, M.C. Araújo, Olival Leitão, P. Novara, Virgílio Aragão, Padres Tabosa e Rocha Barreto, etc.

Completo-se um ano da nova fase com 51 edições e o seguinte com 48, a 5 de abril de 1931. No dia 12, ao começar - novo nº 1 - o ano XXIII, terminou a publicação do já veterano órgão, para ser substituído, imediatamente, pelo O Monitor (ver páginas adiante) (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Público Estadual e Arquivo da redação d'O Monitor)⁽¹⁾.

NORTE EVANGÉLICO - Órgão Evangélico Presbiteriano - Sucessor d'O Século⁽²⁾, começou a publicar-se - novamente nº 1, ano XV - a 22 de fevereiro de 1909, em formato de 50 x 31, com quatro páginas a quatro colunas de 14 cíceros, anunciando tiragem de 2.000 exemplares. Diretor - Jerônimo Gueiros. Impresso em oficinas próprias, instaladas à rua Dr. Rosa e Silva, 38, aí funcionava, também, a redação.

(1) Coleções parciais.

(2) O Século foi fundado em Natal, Rio Grande do Norte, pelo Rev. X.C. Porter.

Assinatura anual - 4\$000, mediante pagamento adiantado. Aos lados do título apresentava excertos bíblicos.

Continuando uma "vida jornalística de 15 anos", iniciava, consoante o artigo de abertura, "uma fase nova, repleta das mais fagueiras esperanças". Aludiu o editorialista à "acidentada e espinhosa senda percorrida", às dificuldades superadas, aos obstáculos removidos, às "muralhas inimigas que foram escaladas" e às vitórias alcançadas "em prélios titânicos travados com os esquadrões belicosos da heterodoxia cristã e com as hostes temerosas do Racionalismo anti-cristão", concluindo: "Anunciar a Cristo - e este crucificado - eis, pois, nossa missão principal".

Divulgou artigos de S.F., Daniel César, Benjamim Marinho, B. César e Pedro Chaves Júnior; soneto ("Escrínio de Letras"), de J.G.; as seções "Ecos de toda parte", "Correspondência" e "No templo e no lar", além de noticiário específico e a quarta página de anúncios.

Logo no segundo número veio J.G. a enfrentar campanha contra o Protestantismo, movida pelo monsenhor Afonso Pequeno, nas páginas d'O Sertão que, por coincidência, começava a publicar-se na mesma época. Fe-lo numa série de treze longos artigos, secundados por alguns do pastor B. Marinho.

Seguiu-se a circulação, semanal e regularmente, para, nº 22, de 24 de julho, reconsiderar a indicação inicial, passando a adotar: ano I. Além dos nomes mencionados, foram outros colaboradores, pelos anos a fora, que se iam alternando ou substituindo: Rodolfo Fernandes (poesia), o mesmo Ronandes dos "Ensaio"; Antonio T. Gueiros, Raimundo A. Silva, Belmiro de Araújo, A. Almeida, Ulisses de Melo, Oscar Wilson da Costa, Israel Brasilense, Juventino Marinho, José Orton, Bezerra Lima,

Cícero Barbosa Filho, de Manaus; Mattatias G. dos Santos, Ana Soares, J. Martins, Betuel E. Peixoto, Natanael Cortez, Mota Sobrinho, A. C. Montenegro, José Zaqueu. Mais, J. W. G., Aureliano Gonçalves Guerra, Domiciano Soares, Herculano de Gouveia, Alfeu de Oliveira, etc.; mais traduções e transcrições, tudo à base da propaganda evangélica, a par de intenso serviço noticioso do movimento das igrejas, não só locais, porém de outros municípios.

Ainda no primeiro ano e no segundo, novas séries de artigos de J. G. repeliavam críticas da Tribuna Religiosa, do Recife, e d'O Sertão. Criaram-se as seções "Ao correr da pena", de artigos doutrinários, e "Escola Dominical". Em fevereiro de 1911, edição do dia 9, subia para o cabeçalho, como redator, W. M. Thompson, enquanto Pedro Chaves se encarregava do trabalho da revisão. A 7 de outubro desse ano retirava-se Jerônimo Gueiros, por haver-se transferido para Natal, de onde continuou a colaborar.

Cada ano iniciava o Norte Evangélico numeração nova. Ao atingir o nº 51 de 1913, a 26 de dezembro, ficou suspensa a publicação.

Reapareceu no dia 1 de janeiro de 1916, com a indicação - ano IX (devia ser VIII). Ao diretor W. M. Thompson, juntaram-se, na qualidade de redatores principais, Jerônimo Gueiros e Juventino Marinho, sendo tesoureiro A. Almeida, nome que só figurou durante um ano. Reduziu-se para 2\$000 o preço da assinatura anual. Outras seções: "Juvenil" e "Sociedades".

Sem mais interrupções, o jornal veio a tornar-se trimensário do princípio de 1919 ao fim de 1924, depois do que voltou a sair, novamente, uma vez por semana. Em 1923 ocorreu outra modificação no corpo redacional, para o qual entraram Cícero Siqueira e Natanael Cortez, retirando-se

J. Marinho. Mas este retornou em setembro de 1924, na qualidade de redator-responsável, ao lado de Thompson, tesoureiro, e Caetano Alves, gerente. À época, a redação e oficinas transferiam-se para a rua General Dantas Barreto, 47. Com a edição de 1 de março do último ano mencionado, a folha tornava-se órgão oficial do Sinodo do Norte.

Até então não faltou Jerônimo Gueiros, fosse ou não redator, com artigos, de quando em quando, doutrinários ou de polêmica, o que era comum, igualmente, a outros colaboradores ou através de editoriais.

No nº 52, de 29 de dezembro de 1926, escreveu J. Marinho: "Na estrada do dever, durante o ano que ora termina, encontrou o Norte Evangélico inimigos formidáveis, mas, longe de parar em sua jornada e, ainda mais longe, de retroceder, prosseguiu seu caminho, desfechando-lhe golpes mortais. Entre esses inimigos estava o gigante espiritismo a brandir sua espada de destruição contra as doutrinas básicas do Cristianismo. Outros inimigos, com seu cortejo de doutrinas heréticas, como o romanismo, teosofismo, sabatismo, pentecostismo, etc., não passaram despercebidos".

Diferentes colaboradores foram admitidos nas colunas do periódico, a saber, entre outros: Samuel Falcão, João Cunha Júnior, Celso Lopes, Ageu Silva, Alcides Nogueira, Josibias Fialho Marinho, Jonatas Braga, Aureliano Gonçalves Guerra, Silva Mendes, Joel C. da Rocha, José Duarte, Domicio Barros, Bezerra Lima, José de Barros e Israel F. Gueiros. Assim atingiu 1928, cuja edição de 11 de agosto se apresentou em formato tablóide de 32 x 23, com 48 páginas em papel acetinado e bastante ilustrada, comemorando o Jubileu do Presbiterianismo no Norte do Brasil.

Manteve o semanário o novo formato, saindo com oito páginas, colocada sob o título a divisa: "A tua palavra é uma lâmpada para os meus pés e uma luz para o meu caminho".

Só em fevereiro de 1930 ocorreu nova alteração no corpo redacional, com o afastamento de Juventino Marinho. Constatou-se, apenas: Redatores - diversos. E assumiu a gerência W. G. Neville. Voltou a publicar-se trimensalmente, adotando a seguinte tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000; preço do exemplar - 0\$300.

No ano seguinte, teve o Norte Evangélico sua fase financeira mais angustiante. Os assinantes mostravam-se relapsos, sendo constantemente chamados à ordem, através de apelos, para que não deixassem a empresa perecer. Dificilmente, chegou ao mês de setembro, daí pulando para 11 de dezembro, com apenas 24 números publicados nos doze meses.

Mas, recomeçou a 27 de janeiro de 1932, lendo-se no cabeçalho, a partir de 29 de fevereiro: "Órgão Presbiteriano do Norte".

Refazia-se o jornal pouco a pouco e, na edição de 14 de maio, lançava o editorial "Nova fase" (toda a composição destacada em tinta vermelha), em que dizia: "Deixando de ser órgão do Sínodo Setentrional, entrou esta folha em uma nova fase de existência. Livre dos compromissos oficiais, está o Norte Evangélico, mais do que outrora, habilitado a consagrar-se aos interesses da propaganda evangélica em o Norte do Brasil". Acentuou: "...respira ambiente mais livre no campo vasto dos alevantados ideais atinentes à evangelização nacional". Continuavam, todavia, abertas as suas colunas às notícias das igrejas e do movimento de suas associações.

"Editado pela Tipografia Norte Evangélico", quinzenalmente, não indicou corpo redacional; apenas o gerente, já mencionado, que dirigia as oficinas gráficas. Por alguns meses, o cabeçalho destacava-se em tinta encarnada, repetido na oitava página, tendo ao lado o slogan: "Nosso alvo para 1932 - 1.000 novos assinantes". E escreveu a redação, no nº 1, de 1º de janeiro de 1933: "De todas as lutas pelas quais há passado esta folha, a mais difícil, por ser a mais penosa, tem sido a luta pela vida, isto é, a luta financeira. Nesta luta esteve ele em perigo iminente de vida, antevendo mesmo um desfalecimento certo".

Enquanto isto, a par de antigos colaboradores, a salientar Antonio Gueiros, outros surgiram, pelo tempo afora, tais como: Artur Souto, João da Terra, Otávio V. Costa, Antonio Reddo, Uzzae Canuto, Mendes Vieira, Paulo Sarmento, Júlio Leitão de Melo, Elias Bezerra, Tiago A. Lins, J. M. S., com a seção "O nosso púlpito", que durou vários anos; Abel Siqueira, Meneses Wanderley, José Afonso Ferreira; Heli Leitão, mencionado, em 1937, como redator; Wilson Sousa, Agenor Raposo, Ageu Vieira, Oséas Gama, Almerinda Marinho Espíndola, Antonio F. Campos, Ebenezer Gueiros, Sinésio Lira, Benjamim Ferraz, Ismael Andrade, etc.

A edição de 21 de dezembro de 1934, contendo 24 páginas, foi dedicada ao Jubileu da Igreja Presbiteriana de João Pessoa, Paraíba. Permanecendo inalterável a circulação quinzenal, ao atingir 1940, precisamente a 15 de junho, duplicou o formato para 41 x 30, voltando ao primitivo regime de quatro páginas. Ainda adotaria o pequeno formato, o que se verificou quase cinco anos após, a 1º de janeiro de 1945, elevada para doze a quantidade de páginas. Por sua vez, a tabela de assinaturas sofreu as seguintes alterações: 15/02/1941: ano - Cr\$ 8,00; semestre - Cr\$ 5,00; 01/02/1943: Cr\$ 10,00 e Cr\$ 6,00; 01/01/1945: Cr\$ 15,00 e Cr\$ 8,00, respectivamente. A 1º de junho de 1942 aparecia, no cabeçalho, como redator, Ageu

Vieira; mas, ao iniciar-1945, foi reduzido ao segundo cargo, elevando-se W. G. Neville à função diretiva. E logo a 15 de fevereiro formava-se outro corpo redacional, constituído de Jerônimo Gueiros, A. Almeida, João Campos e David A. de Mendonça, sendo editor Mendes Vieira.

Assim viveu o Norte Evangélico até o nº 8 de 1946 (15 de maio), quando ficaram suspensas as publicações da empresa, a fim de proceder-se à instalação de "maquinismo moderno e numeroso".

Ressurgiu a 1º de setembro de 1947, servindo-se de nova divisa: "Toda língua confessa que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus pai" (Filip. 2:11). Passou a "Órgão Evangélico" e adotou formato diferente: 38 x 27, saindo com seis páginas. Mantido o corpo redacional, foi o editor substituído por David Mendonça. Outra campanha encetou-se em 1948: a da aquisição de 500 novas assinaturas.

A 1º de novembro de 1949, uma circular da então constituída "Casa Publicadora Norte Evangélico" declarou haver-se resolvido a fusão do Expositor (revista evangélica, suspensa havia três anos) com o Norte Evangélico. Ei-lo outra vez adotando o formato pequeno, para sair com doze páginas normais, sempre quinzenalmente, elevando-se o preço das assinaturas, anual e semestral, respectivamente, para Cr\$ 25,00 e Cr\$ 15,00.

Prosseguiu a publicação, em 1950, com a devida regularidade, dividida a matéria em "Editoriais"; "Várias notas"; "Pela seara"; "Estudos bíblicos", por A. Almeida; "Seção Homilética", do professor Samuel Falcão; "Páginas oportunas"; "Cantinho das crianças", sob a responsabilidade de Edla G. de Oliveira; "Chispas", a cargo de Amica Veritas; mais a colaboração especial de Jerônimo Gueiros, Oséas Gama,

Antonio Teixeira Gueiros, Benjamim L. A. César, Washington M. Amorim, Cleanto Fialho Viana, Josibias Marinho, Domiciano Soares, Natanael Cortês, Ivan Tenório, Guaraci Silveira, Harold L. Propper, Pacífico Monteiro de Alencar, Álvaro Reis, Celso Lopes, etc.

A partir do nº 7, ano XLIV, de 1 de abril, acrescentou-se ao cabeçalho o sub-título: "Jornal para todos os membros de uma família".

Atingido o ano de 1951, modificou-se, no mês de março, o corpo redacional, tendo Langdon Henderlite assumido a função de diretor-responsável, ao passo que David A. de Mendonça era nomeado redator-chefe. Para a direção da Casa Publicadora entrou Robert C. Shane. Constava do expediente: "Órgão Presbiteriano Publicado pela Missão Presbiteriana no Norte do Brasil".

Sem mais alterações, prolongou-se a existência do Norte Evangélico até o nº 18, ano XLV, de 15 de setembro de 1951, em parte dedicado ao jubileu ministerial do Professor Jerônimo Gueiros, ficando, então, suspenso, para reaparecer, em 1952, no Recife (Arquivo Edipres e Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

UNIÃO COMMERCIAL - Boletim Oficial da União Comercial de Garanhuns - Entrou em circulação a 31 de outubro de 1909⁽²⁾, no formato de 35 x 25, com quatro páginas de três boas colunas. Ao lado do título figuravam as sentenças: "A união faz a força" e "O trabalho tudo vence". Distribuição gratuita. Redação à rua Dr. José Marcelino, 25, sobrado. Trabalho gráfico das oficinas do Norte Evangélico.

(1) Coleções incompletas, completando-se entre si.

(2) O Álbum citado indica a União Commercial como tendo circulado em 1914/15, redigida por José Calazans de Figueiredo.

Propondo-se, consoante o editorial de apresentação, "à defesa dos gerais interesses das classes que respectivamente laboram nestes diferentes ramos de vida econômica", era também "portador de uma nova era para o futuro" do município. Sem imiscuir-se em política, não deixaria "de estar ao lado dos governos bons e honestos".

A publicação fez-se regularmente, no último dia de cada mês, contando a princípio, com a colaboração do professor Jerônimo Gueiros, na seção intitulada "Letras".

Servido de boa matéria específica, através de comentários e noticiário, focalizava, igualmente, temas agrícolas, pastoris e industriais, não esquecendo os problemas vitais da cidade, inclusive a necessidade de melhoria dos transportes pela Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste).

A União Commercial transpôs o ano, atingindo 1910 com o nº 4, ano II, de 31 de janeiro. Continuou até 31 de dezembro, quando divulgou o nº 14. Abriu numeração nova em janeiro de 1911, prolongando sua existência até o nº 5, que circulou a 30 de junho e deve ter sido o último posto em circulação (Biblioteca Pública do Estado).

A ÉPOCA - Órgão Literário, Noticioso, Etc. - Apareceu no dia 29 de maio de 1910, em formato de 37 x 25, com quatro páginas de quatro colunas. Redatores: Soriano Furtado, Luiz de Barros C. Brasil⁽¹⁾, Artur Maia, Pedro Chaves e José Ramos, funcionando a redação na rua Dr. Rosa e Silva, 48. Assinaturas: ano - 2\$000; semestre - 1\$000. Trabalho gráfico das oficinas do Norte Evangélico.

(1) De Luiz Brasil escreveu o Álbum do Município de Garanhuns, edição de 1923: "Devido ao seu talento, é chamado o Ruy Barbosa de Garanhuns. mesmo porque há a semelhança de estatura".

Constava do editorial "Porque surgirmos": "A Época, tanto quanto seja dado ao critério dos seus redatores, colherá, das épocas que porventura possa atravessar, o que ilustre a razão, enobreça o espírito, exalce e dignifique o caráter, e condenará, no tom caridoso de uma crítica inspirada no bem comum da mocidade, os males que entorpecem o nosso progresso e afeiam, mancham e degradam a gloriosa missão do jornalismo pátrio".

Sem nenhum anúncio, quase toda a edição foi dedicada à literatura, com produções concisas de Lírio do Vale (Artur Maia), J. Cabral, Cirano, P. Pereira Simões, Lubra (pseudônimo de Luiz Brasil), J. Martins, A. T. Gueiros, Américo Maia, Cícero Siqueira e outros. Mais pensamentos, Curiosidades e raras notícias. (Biblioteca Pública do Estado).

A publicação estendeu-se até o nº 7, consoante o registro do Álbum citado.

O JORNAL - Órgão Político, Literário e Noticioso - Começou a publicar-se no dia 31 de agosto de 1911, em formato de 54 x 31, com quatro páginas de quatro colunas. Redatores - A. Souto Filho, Valença Júnior e Padre Batista Cabral. Gerente - Lourenço Souto Filho. Redação à rua José Mariano, 27. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$100.

Seu aparecimento, segundo o artigo de apresentação, "veio da necessidade de aumentar" a propaganda da candidatura do General Dantas Barreto ao governo do Estado. Além disso, sem lança em riste e livre das prevenções", marcharia "sempre em procura de ser o defensor dos oprimidos", com "a coragem precisa de profligar os atos maus, partam de onde partirem", bem como de assinalar com os seus aplausos o que for justo,

honesto e equitável, mesmo que surja nos arraiais politicamente opostos àqueles onde ele se agasalha".

Prosseguiu fazendo o elogio do General Dantas Barreto, cujo clichê figurou no centro da páginas, ilustrando o manifesto da apresentação de sua candidatura ao governo do Estado.

Ao atingir o nº 6, acrescentou-se ao cabeçalho a frase latina: "Voluntas populi, suprema lex".

Circulando regularmente, além dos editoriais, divulgou o semanário artigos políticos de Luiz de Góis, J. Duarte, Soriano Furtado, Genésio Vilela, Custódio Alves, etc. Por outro lado, não faltou vasto noticiário, não só especializado, porém geral, culminando com uma página de anúncios.

Passada a fase da propaganda eleitoral, O Jornal tornou-se mais variado de matéria, inclusive adotando a seção "Letras", com sonetos de Pedro Tomaz e outros poetas, e a crônica "Reparos", por O Vigilante.

Estendeu-se a publicação até o nº 21, de 24 de janeiro de 1912 (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O TEMPO - Órgão Evolucionista de Livre Opinião - O nº 1, ano I, circulou no dia 1 de outubro de 1911, em formato grande - 53 x 36 - com quatro páginas de cinco boas colunas.

(1) Na Biblioteca Pública do Estado encontram-se duas coleções d'O Jornal. Uma delas, encadernação trabalhada com apuro, tem a seguinte dedicatória: "Ao ínclito chefe general Emídio Dantas Barreto, como penhor de absoluta solidariedade" (Bacharel João de Oliveira Valença Júnior. Quipapá, 10 de agosto de 1912). Na folha branca de abertura, lê-se: "Primeiro jornal dantista fundado em Pernambuco - 23/08/1911 - Primeiro Jornal que levantou a idéia de ser o general Dantas Barreto chefe do Partido Republicano de Pernambuco".

Diretor - Hortêncio Costa; secretário - Amadeu de Aguiar; redatores - Martins Filho, João Ezequiel, Agripino da Silva e Artur Maia; auxiliar de redação - Appilio Santos. Assinaturas: ano: - 8\$000; semestre - 5\$000, mediante pagamento adiantado.

"...sem cor política ou religiosa", consoante o artigo de apresentação, dispunha-se a ficar "ao lado dos fracos e dos oprimidos que gemem sob o guante do despotismo".

De lisonjeira feição material, a edição de estréia inseriu diversos artigos assinados, inclusive de Eleazar Manassés, Jarbas e J. P. da Mota Lima; as seções "No Recreio" e "Comércio"; amplo noticiário e a quarta página de anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Embora baldado todo esforço para encontrar outros comprovantes, informa o historiador Alfredo Leite Cavalcanti que O Tempo teve "a duração de um ano".

A RIBALTA - Órgão do Núcleo Democrático Recreativo e Instrutivo - Saiu a lume no dia 4 de fevereiro de 1912, em formato de 25 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Diretor - Artur Maia; redator-secretário - José Carvalho; gerente - Genésio Vilela. Circularia nos dias de espetáculo, distribuindo-se gratuitamente.

Singrando o "dorso gigante" da Imprensa - lia-se no editorial intitulado "Credenciais" - surgia A Ribalta "no ideal e formoso bergantim de prata das edificantes aspirações de um punhado de jovens desta terra, que mourejam, incessantemente, empregando esforços hercúleos, na difusão perene e salutar da instrução civil, moral e intelectual do seu povo".

A matéria da edição de estréia constituiu-se de noticiário e comentários sobre a vida do Núcleo; a crônica teatral "Do meu

cantinho", por Silva Néri (pseudônimo de Amadeu Aguiar) e uma página - a quarta - ocupada pelo programa do espetáculo do dia (Biblioteca Pública do Estado).

Segundo registrou o Álbum do Município de Garanhuns, para 1923, A Ribalta viveu até 1913.

O MOMENTO - Órgão Literário, Moral e Noticioso - Surgiu no dia 26 de fevereiro de 1913, em formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Diretor - Antonio Teixeira Gueiros; auxiliares - "diversos". Impresso nas oficinas do Norte Evangélico. Assinatura mensal - 0\$400.

Era, segundo a nota de apresentação, "mais um astro a fulgurar em torno do zodíaco de nossa constelação jornalística". Nada de "partidarismos caprichosos", visava, apenas, a infundir o amor às letras, "desenvolver a atividade juvenil", inculcar a "noção da liberdade e sociabilidade".

O jornalzinho divulgou colaboração, em prosa, de Américo Maia, O. V. Costa, Siq. e Nephes; versos de Luiz Guimarães Júnior (transcrição) e de Hipácia; "Pensamentos" e raras notícias (Biblioteca Pública do Estado).

Estendeu-se a publicação, conforme o Álbum citado, até o nº 14, de 10 de setembro do mesmo ano.

EXPOSITOR - Mensário Evangélico Presbiteriano - Estreou em janeiro de 1914, obedecendo ao formato de 22 x 15, com 50 páginas de papel acetinado, mais a capa em boa cartolina. Redator - W. M. Thompson; gerente - Pedro Chaves. Redação e tipografia (comum ao Norte Evangélico) à rua Dr. Rosa e Silva, 31. Assinatura anual: em papel áspero - 3\$000; em acetinado - 5\$000.

Justificando o aparecimento do novo órgão, explicou o editorial de abertura: "Cremos que realmente há número suficiente de semanários, mas há, a nosso ver, uma lacuna que um jornal não pode preencher e que pode ser satisfeita só por uma revista de pequeno formato. A matéria do jornal é, mais ou menos, efêmera e de interesse local, mas quando contém artigos de valor e de interesse geral, a conservação destes se torna difícil por causa do tamanho do jornal. A revista, pelo contrário, não deve ter feição local, mas deve tratar de assuntos que interessem a toda a Igreja. Pelo seu tamanho se presta admiravelmente para encadernação".

"Nas suas páginas serão apresentadas e desenvolvidas as grandes e gloriosas verdades do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo".

"Exporá e defenderá as doutrinas abraçadas por essa Igreja, mas respeitará as crenças das outras denominações evangélicas. Se for preciso discordar destas, será no espírito do amor".

"...interessar-se-á pela Escola Dominical, especialmente pela preparação de instrutores idôneos. As "Lições Internacionais"⁽¹⁾, preparadas pelo incansável obreiro, Revm^o Antonio Almeida, digno pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, encontrar-se-ão nas últimas vinte páginas de cada número".

A edição inseriu poesia e prosa de Jerônimo Gueiros; produções outras de H. de Gouveia, R. H. M., Carvalho da Silveira, Erasmo Braga, A. Almeida e Belmiro de Araújo César; mais a tradução "O testemunho dos monumentos em prol da

(1) "Lições Internacionais" e "Escola Dominical" eram igualmente divulgadas em separata, do que se fizeram duas séries de opúsculos.

veracidade das escrituras", terminando com a "Escolha Dominical"⁽¹⁾.

Seguiu o magazine existência regular, doutrinando e instruindo, através de artigos redacionais e dos colaboradores, inclusive Bezerra Lima, Jonatham, Américo C. de Meneses, Juventino Marinho, Henrique Ribeiro, Herculano de Gouveia, O. V. Costa, Servo Inútil, Domiciano Soares, Aníbal Nora e Henrique Louro de Carvalho.

Contendo variável quantidade de páginas, numeradas ininterruptamente, o Expositor atingiu o nº 12 em dezembro e ainda juntou o nº 1, ano II, de janeiro de 1915, constituindo um volume de 650 páginas. Começou nova numeração em fevereiro, para correr até dezembro, quando encerrou o ano com 476 páginas.

Desde então, fazia-se iniciar a numeração sempre no mês de janeiro, formando cada volume doze edições, até dezembro, com os totais a seguir: 1916 - 456 páginas; 1917 - 536; 1918 - 440; 1919 - 400; 1920 - 480; 1921 - 496; 1922 - 488; 1923 - 440; 1924 - 512; 1925 - 496; 1926 - 512; 1927 - 488; 1928 - 480; 1929 - 482; 1930 - 480; 1931 - 480; 1932 - 482; 1933 - 480; 1934 - 480.

Em janeiro de 1935, a revista elevou o formato para 26 x 18, passando a sair com 20 páginas, numeradas por unidade, regime que durou dois anos, voltando a numeração corrida por 12 edições de igual volume, de modo a contarem-se, invariavelmente, 240 páginas em cada um, desde 1937 até o ano de 1941. Em 1942 desceu para 232 páginas e em 1943 para 192, quantidade repetida em 1944.

(1) "Lições Internacionais" e "Escola Dominical" eram igualmente divulgadas em separata, do que se fizeram duas séries de opúsculos.

Ao começar 1945 reduziu-se o formato ao modelo primitivo, por conveniência portátil, para o leitor conduzir a revista no bolso e lê-la "nos momentos desocupados". Mas cresceu em páginas, que somaram 384 até o nº 12, do mês de dezembro. Continuou em 1946, até maio - o fim - com um total de 160 páginas, exclusive as da capa, esta em papel-cartolina de cor.

As funções de diretor e redator, concomitantemente, foram exercidas, até a edição de fevereiro de 1930, por W. M. Thompson, então substituído por W. G. Neville. Este último ausentou-se do cabeçalho em julho de 1940, daí por diante figurando, apenas: Redatores - Diversos. Dois anos após, precisamente em julho de 1942, apareceu, na qualidade de redator, o nome de Ageu Vieira, só substituído em agosto de 1945, por Mendes Vieira, que permaneceu até o fim.

A responsabilidade da publicação, desde janeiro de 1945, transferiu-se à Casa Publicadora Norte Evangélico, sob a direção de W. G. Neville, que já dirigia a empresa anterior, chamada Tipografia Norte Evangélico.

Desde quando cresceu de formato - 1935 - o Expositor tornara-se simplesmente "mensário evangélico". E estampou sugestiva ilustração na capa, representando um pórtico de templo, exemplar da Bíblia Sagrada ao centro e textos transcritos nas colunas laterais. Desenho de Hércias Marinho, significou uma "homenagem ao Dr. W. M. Thompson, que durante 21 anos foi a alma desta revista, havendo escrito, por 17 anos, as Lições para a Escola Dominical aqui publicada". Retirada a legenda, a capa substituiu até a edição de abril de 1939, após o que ficou sendo confeccionada em caracteres tipográficos.

O preço da assinatura anual só em janeiro de 1939 subiu para 6\$000. No ano seguinte, acrescentava-se: três anos - 15\$000; número avulso - 1\$000. Novas alterações: a partir de fevereiro de 1941: ano - 8\$000; três anos - 20\$000; de janeiro de 1943 (em vigor o padrão Cruzeiro): Cr\$ 10,00 e Cr\$ 25,00, respectivamente; de agosto de 1945: ano - Cr\$ 15,00 (sob registro - Cr\$ 20,00); semestre - Cr\$ 8,00, preço do exemplar - Cr\$ 1,50.

Pelo tempo afora, a revista manteve o programa inicial. Aos colaboradores dos primeiros anos, outros se juntaram, substituindo-se e revezando-se (sempre presente Jerônimo Gueiros), a saber: Paulo Ernesto Valentim, José Gonçalves Ferreira, Raimundo A. da Silva, Geo E. Henderlite, Natanael Cortez, Durval Souto, Maria Isabel Marinho, Antonio Teixeira Gueiros, Benjamim L. A. César, Samuel L. A. César, José Martins, Ageu Silva, Josibias Marinho, Betuel Peixoto, Abel Castelo Branco, Oséas Gama, Olinda Siqueira, Abigail Braga, Tiago Lins, Domingos R. Ribeiro, Alfeu Oliveira, Agostinho de Campos, Heli Leitão, Joel Leitão, Sinésio Lira, Lidônio Almeida, etc.

Desde 1935, criaram-se as seguintes seções: "O cantinho das Crianças": redatora - Susan Cockrell; "Para os moços": redator - Davi Mendonça e auxiliar Antonio Almeida; "Sociedades Auxiliadoras Femininas": redatora - Genoveva Marchant e auxiliares Nair Soares Lins e Noemi G. Silva; "Homelítica": a cargo de Samuel Falcão; "Verdades ilustradas"; "Comentário ao breve catecismo": versão de Juventino Marinho; "Manuel de Hermenêutica Sagrada", por A. Almeida; "Entre nós", coluna de Tio Bento, e "Notícias Mundiais". Os redatores eram, às vezes, substituídos; algumas seções não acompanharam a revista até o fim.

Uma vez divulgada a edição de maio de 1946 - nº 5 do ano XXXIII - Expositor ficou suspensa, em virtude da necessidade de serem melhoradas as oficinas gráficas. Não voltou, contudo, a publicar-se, vindo a ocorrer, três anos depois, sua fusão com o Norte Evangélico (Biblioteca Pública do Estado).

LUZEIROS DA ÉPOCA - Órgão do clube de igual nome, circulou, número único, no Carnaval de 1914, dia 22 de fevereiro. Humorístico e noticioso (Inf. do Álbum, 1923).

A COOPERAÇÃO - Quinzenário Imparcial de Propaganda Agrícola, Comercial, Artística e Industrial - Apareceu no dia 9 de julho de 1914, em formato de 50 x 31, com quatro páginas de quatro boas colunas. Redatores - Luiz Brasil, Fausto Galo e Perilo Gomes; gerente - José Calazans de Figueiredo. Redação e oficinas à rua Santos Domont, 15. Tabela de assinaturas: anual - 6\$000; semestral - 4\$000; para fora da cidade: 7\$000 e 5\$000, respectivamente. Número avulso - 100 réis.

Visava, segundo o editorial de abertura, intitulado "Pelo trabalho", ao soerguimento e propaganda do cooperativismo sob suas formas gerais, acentuando: "Órgão de uma agremiação sequiosa de adiantamento e trabalho, será o campeão das lutas do pensamento, em cuja arena terçará as armas de que se servirá, apenas como portador de uma idéia".

Com uma página de anúncios, a princípio, aumentando até completar duas, o periódico teve curta vida, durante a qual, precedendo o noticiário, divulgava colaboração de Amadeu Aguiar, também assinando-se Silva Néri; Luiz Moreira, Cícero dos Santos e Vicente Trevas, que terminou participando do corpo redacional.

O último número avistado foi o 7º, datado de 15 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

O GLÁDIO - Órgão Quinzenal Lítero-Noticioso - Entrou em circulação no dia 15 de junho de 1915, em formato de 36 x 25, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na tipografia do Norte Evangélico, à rua Dr. Rosa e Silva, 31, onde se instalara também a redação. Diretor - Massilon Pinto da Silva Souto; redatores - Pedro Chaves Peixoto Filho, Antonio T. Gueiros, Francisco Leal, Artur Maia e Cecília Rodrigues. Assinaturas: anual - 3\$000; semestral - 2\$000.

Constava do artigo de apresentação, que ocupou mais de uma página: "Tendo a visão estética, procuraremos, tanto quanto nossa força o permitir, expressar sãos pensamentos em frases buriladas, associando, dest'arte, o belo ao útil". Mais adiante: "No terreno da política, seremos imparciais. A política, em quase todo o mundo, deixou de ser a arte de bem governar, tornando-se um flagelo para os povos".

Concluindo, acentuou o editorialista que O Gládio se colocava "ao lado do povo, para defender-lhe os interesses porventura espinhados".

A edição inicial divulgou, nas páginas do centro, produções dos redatores, dedicando a última a reclames comerciais.

Ao que tudo indica, ficou suspensa a publicação.

O nº 1, ano II, saiu a 30 de junho de 1916, quando a direção passou a ser exercida por Pedro Chaves. Houve, igualmente, alteração no corpo redacional, que ficou assim organizado: J. Cabral, Américo Maia, Cecília Rodrigues e Antonio Teixeira Gueiros.

Servido de judiciosos comentários e vasto noticiário; "Seção Charadística", a cargo de Francisco Gusmão; "Solicitadas" e uma página de anúncios, O Gládio, divulgou principalmente, longo estudo de C. C. Duclerc, sob o título "A regeneração do Brasil", trabalho que ocupou várias edições. Foram outros colaboradores: Artur Maia, o mesmo Lírio do Vale; Almerinda Alves; Olímpio H. Rocha, A. Brasil, Jethro Saraiva e tenente Vilela Júnior.

Continuou a circular regularmente, entrando 1917 (no cabeçalho consta 1916, evidente erro tipográfico) com o nº 13, de 2 de janeiro, que foi o último (Biblioteca Pública do Estado).

O ABC - Órgão Literário, Noticioso e Independente - O nº 4, ano I (único comprovante encontrado), circulou a 16 de abril de 1916, em formato de 26 x 17, com quatro páginas de três colunas. Trabalho gráfico das oficinas d'O Sertão. Redator - João Correia de A. Sobrinho; gerente - Sindulfo H. Correia Josué. Publicação quinzenal, adotara a seguinte tabela de assinaturas: ano - 2\$000; semestre - 1\$000; trimestre - 0\$600; para fora da cidade: 2\$400, 1\$200 e 0\$800, respectivamente.

Focalizou, em editorial, a necessidade de instruir-se a classe operária, completando a edição artigo de A. Pantaleão, soneto de Rossilon D'Ávila, noticiário e charadas. Anúncios na quarta página (Biblioteca Pública do Estado).

LUMEN - Periódico Independente, Consagrado às Ciências, Artes e Letras - O nº 3, ano I, circulou no dia 7 de junho de 1916, em formato de 36 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Amadeu de Aguiar e Ruber van der Linden, funcionando a redação à rua Santos Dumont, 76. Assinatura anual - 3\$000.

A edição inseriu colaboração de Fausto Rabelo e Américo Maia, afora o que escreveram os redatores; mais "Postais masculinos". Vinha publicando o romance "Natas", de Emile Zola, ocupando o alto das terceira e quarta páginas, em forma de livro, para recortar e encadernar. Dedicou meia coluna, apenas, a anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Consoante informação do Álbum, o jornal Lumen, fundado a 1 de maio de 1916, estendeu sua existência até 1 de janeiro de 1917.

O INFANTIL - Órgão Literário, Noticioso e Independente - Apareceu no dia 17 de junho de 1918, em formato de 34 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretores e gerentes - Mário Correia, Abdias de melo e Durval Souto. Impresso na tipografia d'O Sertão. Pretendendo publicar-se quinzenalmente, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 1\$500; para fora da cidade: 3\$500 e 2\$000, respectivamente. Número avulso - 100 réis.

Jornal de "meninos ainda muito moços", mas "cheios de amor às letras", destinava-se, conforme o editorial "Nosso programa", a noticiar os fatos que se fossem desdobrando no interesse da coletividade.

Edição modesta, inseriu crônicas ligeiras dos redatores, soneto de Gumercindo de Abreu, transcrições e abriu concurso de beleza infantil, sendo a última página de anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O IMPARCIAL - Órgão Noticioso e Independente - Começou a circular no dia 11 de setembro de 1921, em formato de 47 x 31, com quatro páginas de cinco colunas, tendo a

redação e oficinas instaladas à rua Dantas Barreto, 43. Diretor - Vicente Dantas Filho; redator-chefe - Antonio Nemésio; redatores - Clímaco Correia, Otávio Brandão, Adjuto de Melo Dantas e Everardo Coelho; gerente - Francisco Dantas. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Número avulso - 0\$200.

Sua matéria constituía-se de editorial em torno de temas locais, noticiário, seção comercial, "Várias", "Solicitadas" e quase duas páginas de anúncios, além da colaboração assinada que, semana e meses afora, se ia revezando ou substituindo, inclusive através de seções a curto prazo. Os colaboradores foram: Abdísio Vespasiano; Silva Néri, o mesmo Amadeu Aguiar, que começou assinando a crônica "Arca de Noé"; Danton (pseudônimo do diretor), com as "Pilulas - Dizem..."; M. X., autor de "Sinapismo"; Tiago Veloso; Gumercindo de Abreu; Belo Prado, responsável pelos "Perfis" até o nº 17, continuados, após intervalo, por Jacinto e Mão Negra; Gastão de Oliveira, que escreveu, nos primeiros meses, a série "Pró-Bernardes"; Acúrcio, o Jovem, com a série de artigos "O Direito, em doses"; Janotinha, autor dos versos satíricos "Uma por semana"; Osiris Caldas, João Virgílio Galvão, etc.

Em fevereiro de 1922 aparecia um colaborador estranho: Lupércio Escobar Viegas, vindo do Rio de Janeiro, que pertenceu, durante dois meses, ao corpo redacional. No mês de março eram mencionados, como repórteres, Gastão de Oliveira e Fausto de Barros Bezerra, e o gerente era substituído por Licurgo Machado. Em abril iniciava-se um concurso de beleza feminina; começou a seção "Registro feminino", em versos de sete sílabas, assinada por Lenita, que não era "outra" senão o dentista (depois, líder político) Barros de Carvalho, logo mais, em junho, adido à equipe de redatores, então desfalcada de Nemésio, Clímaco e Otávio Brandão. Foi quando outro gerente emergiu: José Elesbão de Araújo. Ocorreram um concurso

desportivo e uma "Seção de Horóscopo", do Dr. Thabador. Por outro lado, o periódico mantinha correspondentes no Recife, em Canhotinho e nas Águas Belas.

A 7 de setembro de 1922, edição de aniversário, ilustrada com clichês, escreveu a redação que, "vencendo sacrifícios de toda sorte", procurou sempre O Imparcial "encaminhar os habitantes da terra natal na trilha da paz, da ordem e do progresso".

Logo mais, a edição de 18 de novembro dava boa cobertura noticiosa à posse do prefeito Luiz de Barros Correia Brasil, poeta e jornalista, um dos colaboradores do jornal.

A partir de dezembro figurou no expediente: "Hebdomadário informativo sem ligações partidárias e consagrado às Artes e às Letras". Alterou-se, novamente, o corpo redacional, que ficou assim constituído, além do diretor: Amadeu Aguiar, na chefia, Gumercindo de Abreu, Everardo Coelho e Francisco Dantas, o secretário.

Nesse fim de ano, estava sendo processado, por "crime de imprensa", Vicente Dantas Filho, porque criticara a prestação de contas do ex-prefeito Almeida Filho ao Conselho Municipal. Tendo sido pronunciado, o jornalista-réu requereu habeas-corpus. Já em abril de 1923, o Superior Tribunal de Justiça do Estado anulou a sentença do juiz de direito local e concedeu a medida.

Outra ocorrência envolveu o diretor-proprietário da folha: agredido, a 20 de maio, pelo médico Luiz Guerra, mesmo defronte da igreja, Dantas Filho, revidou, havendo pugilato, sem outras conseqüências devido à intervenção de amigos de parte a parte. O agressor sentira-se ofendido com uma "pílula" de Danton.

Nova modificação verificou-se no corpo redacional a 4 de agosto de 1923: reapareceu Adjuto Dantas, na qualidade de redator-chefe e diretor interino. Afastaram-se os redatores de dezembro, menos Everardo, ao qual se juntaram Otávio B. Caldas e Humberto Câmara.

A primeira edição de oito páginas veio no dia 11 de setembro do ano em referência, em papel róseo, ilustrado, com colaboração especial. Saíam raras edições de seis páginas.

Continuou O Imparcial circulando normalmente, em 1924, substituído o gerente por Jorge Lins Caldas, sempre aos sábados, com matéria variada e duas páginas de anúncios. O revisor era Artur Maia, também encontrado com o pseudônimo de Lírio do Vale.

Em meio à enorme quantidade de colaboradores bissextos, salientaram-se Ruber van der Linden, João da Roça, Genésio Vilela, Durval José (do Recife), Cláudio da Costa, Pedro de Holanda, Américo Maia, Oger ("Profilaxia"), Tito Galvão Filho, J. Coelho Filho, José Bálsamo, Paulo Filho, Frederico Codeceira, Belferston ("Crônica Sportiva"), Ar Scênico ("Teatrais"), Yves e Carloges, que se bateu, em artigos diversos, pela nacionalização da administração da Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste).

Ao iniciar-se 1925, já pobre de matéria interessante, aumentado de anúncios, o semanário viu-se esvaziado de redatores. Restavam o diretor Dantas Filho e o gerente. Mas teve novos colaboradores, a saber: Xavier, com as "Falências"; A. B. C., autora da "Seção feminina"; R. Moniz Barreto, Alcides Pimentel, etc. Iniciou, sem resultado, um concurso para Prefeito. Não deixou, porém, de ser jornal bem noticioso.

Até o nº 51, de 11 de setembro de 1925, ao completar quatro anos de existência ininterrupta, circularam 205 edições⁽¹⁾.

Após três anos de inexistência de comprovantes, com provável período de suspensão, foi possível encontrar, entre papéis avulsos, dois exemplares d'O Imparcial: os nºs 46 e 47, ano VII, de 4 e 13 de agosto de 1928. Nenhuma diferença no aspecto material, mas o sub-título mudou para "Órgão de Livre Opinião". Nova equipe: redator-chefe - Hibernon Wanderley; gerente - José Elesbão de Araújo, funcionando a redação na rua Santos Dumont, 180. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 4\$000. Ambas as edições foram dedicadas à memória do bispo D. João Moura, tendo por motivos a chegada do corpo a Garanhuns e o 30º dia do falecimento, figurando retrato na primeira página. No mais, só anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

O POTÓ - Número único, de feição humorística, foi publicado no Natal de 1921 (Inf. do Álbum, 1923).

O APÓSTOLO - Órgão da Paróquia, teve seu primeiro número posto em circulação a 1º de janeiro de 1922 (Inf. do Álbum).

O PORTA-VOZ - Órgão Literário, Noticioso e Independente - Fundado a 15 de janeiro de 1922, conforme o registro do Álbum, só foi possível avistar longínquo comprovante: o nº 30, ano I, de 22 de outubro, em formato de 32 x 22, com seis páginas. Diretor - Tiago Veloso, funcionando redação e oficinas na rua Dr. José Mariano, 25. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000. Número avulso - 0\$100.

(1) Além de algumas outras lacunas, a coleção existente inicia-se com o nº 18, de 7 de janeiro de 1922.

Abriu a edição editorial em torno do "curso do processo" que José de Almeida Filho estava movendo contra o diretor d'O Porta-Voz, seguindo-se-lhe as seções "De Glicério - Perfil", por Triller, e "Chispas", a cargo de M. M. L.; soneto de Pedro Lima; noticiário e duas páginas de anúncios.

Resta, ainda, entre avulsos, o nº 34, de 26 de novembro, que inseriu colaboração de G. A., focalizando tema agrícola; Gumercindo de Abreu e Manuel Lucas. Só uma página de reclames comerciais, uma vez acrescida a parte noticiosa (Biblioteca Pública do Estado).

O GAROTO - Poucas edições, publicou-se em 1922, tendo como redatores Manuel Vieira, João Miranda e José Lins Caldas. Tinha o objetivo de incitar "à petizada o gosto pelo jornalismo" (Inf. do Álbum).

O TIC-TAC - Número único, de feição humorística, teria circulado em 1922. Redator - Hamilton Morais (Inf. do Álbum).

BOA TARDE - Outro órgão humorístico aparecido em 1922, sem data, como os precedentes, não determinada (Inf. do Álbum).

O PROLETÁRIOO - Órgão "dos interesses da classe", circulou em 1922, sem mais pormenores (Inf. do Álbum).

O AVANTE - Revista evangélica, teria circulado durante vários anos (Inf. do Álbum).

REGISTO DIOCESANO - Publicação de Interesse do Clero - Ocorreu primeiro número no mês de maio de 1922, em pequeno formato de 24 x 14, com quatro páginas, tendo ao lado do título clichê com as insígnias do Bispado. Encarregado da redação - o secretário da Diocese de Garanhuns.

Serviu de apresentação a "Circular nº 5", assinada pelo bispo D. João Moura, cujo segundo tópico dizia: "O Registo Diocesano será um refletor, de mais perto, de tudo o que concerne à Diocese; será por isso mesmo, uma documentação menos esparsa e mais ordenada. Propõe-se a estabelecer uma convivência espiritual mais completa entre a sede e as paróquias, com esclarecimentos mais diretos, inspirações mais locais e quiçá mais oportunas".

No "Aviso nº 6", da Secretaria do Bispado, dizia-se não haver sido estipulado preço de assinatura para o Registo, "devendo ser espontâneo o auxílio de cada um para tão útil publicação diocesana".

Prosseguiu o pequeno órgão com edições ora de oito ora de quatro páginas, em papel acetinado, divulgando os atos da Santa Sé e da Cúria diocesana, além da seção "Notas e Notícias" e matéria litúrgica instrutiva. A numeração fazia-se seguida e a publicação foi ininterrupta, salvantes alguns casos de edições comuns de dois e até de seis meses em conjunto.

Com a edição de janeiro/abril de 1932 completou-se o primeiro volume, com o total de 740 páginas. Começou o segundo no mês de maio, continuando, como anteriormente, até junho de 1936⁽¹⁾, provável último número, com o total de 156 páginas (Coleção padre Tarcísio Falcão)⁽²⁾.

GARANHUNS-JORNAL - Bisemanário dos Interesses Coletivos de Garanhuns - O nº 2, ano I (único avistado) circulou

(1) Segundo o cônego Alfredo Xavier Pedrosa, no seu livro "Letras Católicas em Pernambuco", o Registo Diocesano não sobrevivera à morte do seu fundador, o bispo D. João Moura. Como se pode observar, não foi feliz a informação; o prelado de Garanhuns faleceu em 1928.

(2) Na Biblioteca Pública do Estado existem comprovantes correspondentes ao período de 1933/36.

no dia 2 de agosto de 1922, em formato de 32 x 22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Trazia, junto ao título, o slogan: "A mentira é a lança dos vilões. A verdade, a couraça dos nobres". Direção de Tiago Veloso e confecção da Tipografia Moderna. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000, mediante pagamento adiantado. Número avulso - 0\$100.

A edição abriu com editorial a respeito do progresso do município, seguindo-se soneto de Humberto de Campos (transcrição), noticiário e uma página de anúncios. Na 2ª página viu-se uma inovação: três colunas, por 21 centímetros de altura, foram ocupadas pelo suplemento humorístico O Binóculo, lendo-se abaixo do título: "Redator e gazeteiro - o homem da capa amarela". Matéria ligeira, com base na verve e na sátira (Biblioteca Pública do Estado).

Publicar-se-ia o Garanhuns-Jornal às quartas-feiras e aos domingos...

(1822) GARANHUNS (1922) - Número único, datado de 7 de setembro, publicou-se em homenagem ao primeiro centenário da Independência do Brasil. Formato grande e imponente feição gráfica, em quatro colunas largas, com quatro páginas, foi impresso às expensas da Prefeitura, sob a direção de Francisco Sales Vila Nova e Melo, distribuindo-se gratuitamente.

Divulgou, a par de noticiário e mais informações sobre a data, artigos de Luiz Brasil, Agilberto Dourado, Ruber van der Linden, Amadeu d'Aguiar, Gumercindo de Abreu, J. Coelho Filho e Abdísio Vespasiano, e diversos clichês, a ressaltar os do prefeito José de Almeida Filho, do juiz Ernesto Vieira Santos e do líder político Antonio Souto (Coleção Sales Vila Nova).

ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE GARANHUNS (1923) - Saiu no mês de janeiro, edição de 154 páginas, em papel acetinado, formato oblongo (16 x 23) e capa de cartolina, impresso na Tipografia Norte Evangélico. Organizadores - Abdísio Vespasiano e Álvaro Lemos.

De agradável feição, ocupou-se do desenvolvimento do município, focalizando o histórico de sua fundação, clima, população, possibilidades materiais, intelectuais, comércio e indústria. (Deveria ter circulado a 15 de novembro de 1922, com o objetivo de homenagear a data da proclamação da República, o que não ocorreu por motivos imprevistos).

Escreveram no Álbum, em prosa ou verso, os seguintes intelectuais: Artur Maia, Osvaldo Valpassos, Ruber van der Linden (também ilustrador), Augusto Galvão, Manuel Quintão, Manuel Maia Lucas, Everardo Coelho, Joaquim Coelho Filho, Gumercindo de Abreu, Américo Maia, Pedro Lima, Narcisa Brasil Coelho, Maria Brasil Maia, padre J. Elísio Cavalcanti, Mário Lira, Abdísio Vespasiano, Francisco Sales Vila Nova e Melo e Amadeu Aguiar, que também escreveu usando o pseudônimo Silva Néri.

O progresso da cidade, das vilas e povoados de Garanhuns foi assinalado, inclusive através de copioso serviço fotográfico, figurando, igualmente, clichês dos mais destacados filhos da terra. Três páginas de honra divulgaram listas de assinantes do Álbum, constando da primeira os nomes do rei Alberto, da Bélgica, e do presidente português Antonio José de Almeida, além de personalidades brasileiras (Coleção Mauro Lima).

O POLYMATHICO - Órgão do Grêmio Polimático de Garanhuns - Foi dado à publicidade o nº 1 em pequeno formato, com quatro páginas, impresso em papel couchê, tendo como diretor Artur Maia e redatores José João de Carvalho e Abdísio

Vespasiano. Estampou "clichê da diretoria e alguns sócios e o histórico do Grêmio; depois, colaboração e noticiário" (Jornal do Commercio, Recife, 31/05/1923).

O ORIENTE - Periódico Independente e Noticioso de Propaganda Littero-Científica - Fundado a 30 de setembro de 1923, circulou o nº 5, ano I (inexistentes comprovantes anteriores) no dia 25 de novembro, em bom formato de quatro páginas. Trazia ao lado do título o seguinte conceito de Feuchteleben: "O nosso fim é dar ao espírito uma direção geral, sã e verdadeira, alargá-lo, livrá-lo das vãs quimeras, pô-lo ao alcance dos remédios certos". Redatores - Gumercindo de Abreu, Hortêncio Costa e Antonio Brasil.

A publicação prosseguiu, restando guardado o nº 13, ano I, de 20 de janeiro de 1924, só constando do cabeçalho o nome Gumercindo, feito diretor-proprietário.

Contaram as duas edições, a par de noticiário, comentários e variedades, com a colaboração de Costa Rego Júnior, F. Amaral, G. Lemos, Lator Mota e Abdísio Vespasiano (Biblioteca Pública do Estado).

O CLARIM - Órgão Literário, Noticioso e Independente - Fundado a 12 de julho de 1925, publicou-se o nº 97, ano II (não existem exemplares arquivados de nenhuma das 96 edições anteriores), no dia 5 de junho de 1927, em formato de 47 x 29, com quatro páginas a seis colunas de nove cíceros. Direção e propriedade de Manuel Vieira dos Anjos; gerente - Caetano Alves. Lia-se ao lado direito do título: "Jornal livre de quaisquer correntes políticas ou religiosas". Semanário, adotou a tabela de assinaturas a seguir: ano - 6\$000; semestre - 3\$500; trimestre - 2\$000. Preço do número avulso - 0\$100. Redação à rua Santos Dumont, 92.

Seguiu-se a circulação regular, ocupando-se, invariavelmente, de assuntos de interesse do município, a par de amplo noticiário ligeiro dos acontecimentos e da vida social locais, ficando duas páginas para reclames comerciais. Era taxativa a presença de um soneto, em coluna dupla, na página de frente, quase sempre transcrição. Rara a matéria assinada, a destacar o comentário geral de D. Casmurro e a crônica humorística de Mandovani. Algumas edições faziam-se acompanhar do Suplemento Semanal Ilustrado, do Rio de Janeiro.

Solenizou O Clarim a data do seu segundo aniversário - 12 de julho - com páginas, seis das quais repletas de anúncios. Prosseguiu, até o nº 109, ano III, de 4 de setembro, quando ficou suspenso.

"Depois de alguns meses de forçado interregno", voltou O Clarim à "arena jornalística" no dia 10 de março de 1929 - nº 1, ano I (2ª fase) - sob a mesma direção, sendo Tiago Veloso um dos redatores. Passou a imprimir-se em oficinas próprias, situadas, junto à redação, na rua Santo Antonio, 328-A. Nova tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200. Páginas de cinco colunas normais.

Apenas "órgão independente", passou a ter melhor conteúdo, editorial de duas colunas na primeira página, sueltos, apreciável serviço noticioso e variedades, reduzida a matéria paga. Depois, apresentou-se com seis páginas. E instituiu o concurso: "Qual a criança mais bela de Garanhuns?" Colaboração, rara, de Ildefonso Lopes ou Ruber van der Linden e constante transcrição de contos Malba Tahan.

Edição recorde foi a de 12 de julho de 1929: doze páginas, comemorativas do quarto aniversário da fundação, contendo artigos de Amadeu Aguiar e Ildefonso Lopes; uma página de

sonetos famosos; outras transcrições, clichês de jornalistas e flagrantes da cidade⁽¹⁾.

Mais algumas semanas e uma vez divulgado, a 29 de julho, o nº 20 da 2ª fase, findou a existência do bem feito periódico (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DE GARANHUNS - Órgão independente, deu à luz o primeiro número no dia 30 de janeiro de 1927. Direção de Samuel Marinho. Apresentou "boa cópia de notícias e comentários". Focalizaria, segundo o seu artigo-programa, "com probidade, todas as causas, para desmentir o aviltamento e o opróbrio dos que profanam a consciência e a moral", acentuando: "Havemos de nos conduzir pelo caminho da verdade; seremos os intérpretes das necessidades de nossa terra; seguiremos o curso dos sentimentos vigorosos do raciocínio, da ordem e da regularidade das coisas, para repousarmos no mais fiel e mais perfeito equilíbrio e moderação. Aqui nos colocamos como atalaia para tudo contemplar e vigiar"(Inf. do Jornal do Commercio, Recife, 13/02/1927).

Outra única notícia do Jornal de Garanhuns, proporcionou-a A Província, de 18 de maio, que acusou o recebimento de um exemplar. Achava-se sob a orientação de Samuel Marinho e Olegário Azevedo.

GAZETINHA - Órgão Noticioso, Crítico e Mundano - Fundado a 20 de maio de 1928, circulou o nº 9, ano I (não encontrados os anteriores) no dia 15 de julho, em formato de 30 x 23, com seis páginas a quatro colunas estreitas de

(1) Uma nota redacional da grande edição demonstrou ser Garanhuns a cidade nordestina onde circulava, à época, maior quantidade e órgãos. Eram eles: Norte Evangélico, O Sertão, Expositor, Lições Internacionais, Vida Juvenil, Pérolas da Infância, The Firing Line, O Clarim, Gazeta de Garanhuns e A Luz do 15.

composição. Diretor - Celso Calazans de Figueiredo; redator-chefe - Telmo Dantas; gerente - Jaime Luna. Redação à rua Dr. Manuel Borba, 122. Tabela de assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 4\$000. Preço do exemplar - 100 réis.

A edição dedicou a primeira página ao falecimento do bispo D. João Moura, seguindo-se "Vida automobilística"; poesias de Aldo e De Figueiredo; crônica de Zorro; "Instantâneos", por Kodak (pseudônimo de Jaime Luna); noticiário e reclames comerciais.

Outro exemplar manuseado: nº 3, ano III, de 24 de maio de 1930. Direção e propriedade de Jaime Luna, tendo como redator-secretário Dermeval Matos. Redação à mesma rua, 166. Parcela única de assinaturas: mês - 0\$500. Embora com apenas quatro páginas, comemorou o segundo aniversário (dia 20) da publicação, focalizando "a atuação inteligente de Celso Calazans de Figueiredo, seu fundador e diretor-proprietário durante algum tempo". Divulgou colaboração de Heli Leitão, Mauro e A. Cavalcanti, continuando os "Instântaneos, de Kodak; noticiário e anúncios.

Encontrado, finalmente, o nº 16, ano III, de 7 de setembro de 1930, transferida a redação para a rua Santo Antonio, 230, 1º andar. Seguiu o mesmo ritmo, sendo nova colaboradora a sonetista Miss Passeata (Biblioteca Vand der Linden e gentileza de J. Luna).

GAZETA DE GARANHUNS - Fundada de 1928. Direção e propriedade de Jaime de Oliveira Luna; redatores Manuel do Rego Barros e Gumercindo de Abreu Rego; gerente- José Álvaro Lins (Inf. Alf. Leite).

TIC-TAC - Folha humorística, redigida por Josemir Rosa Correia, circulou em 1928. Talves cinco números (Inf. Jaime Luna).

BOA TARDE - Órgão da AGA (Associação Garanhunense de Atletismo), saíram três números, entre 1928 e 1930. Era dirigido por Tirso Ivo (Inf. J. Luna)

O COMMERCIO - Órgão da Associação Comercial de Garanhuns - Circulou o nº 9, ano I (faltam exemplares dos oito primeiros), no dia 26 de agosto de 1928, em bom formato de 47 x 29, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - Ademar Travassos; redator-chefe - Manuel Vieira dos Anjos; gerente - Caetano Alves⁽¹⁾. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Preço do número avulso - 0\$200.

Tendo as páginas centrais repletas de anúncios, que ainda sobravam para a quarta, o restante da matéria do semanário, em seu prosseguimento, constava de comentários, alguma transcrição, inclusive soneto na página de frente, tópicos econômicos e noticiário.

A edição de 15 de novembro saiu com oito páginas, na primeira das quais vinha o editorial de exaltação à república, em tipo corpo 18, num quadro de vinhetas.

Jornal sem atrações, cumpriu sua missão até o nº 34, que saiu a 24 de fevereiro de 1929⁽²⁾.

(1) Manuel Vieira e Caetano Alves mantiveram o periódico durante o período de suspensão d'O Clarim.

(2) Segundo notícia d'O Clarim, a Associação Comercial, em reunião de 7 de março de 1929, debateu a suspensão definitiva d'O Comercio, "por medida econômica".

O órgão da Associação Comercial de Garanhuns reapareceu, em segunda fase - nº 1, ano I - no dia 18 de junho de 1950, obedecendo ao mesmo formato, impresso em papel verde e destinado a publicar-se nos terceiros domingos de cada mês. Diretor - Orlando Wanderley, funcionando a redação na rua Melo Peixoto, 236. Assinaturas: anual - Cr\$ 12,00; semestral - Cr\$ 6,00.

"Sempre independente", segundo o editorial de abertura declarava-se livre "de quaisquer correntes políticas ou religiosas". Não fazia promessas, desejando apenas movimentar o meio intelectual, pugnar pelos interesses da terra, observar os acontecimentos "e comentá-los com isenção de ânimo e absoluta imparcialidade".

Boa edição, inseriu o artigo "O que faz a Associação Comercial", assinado pelo diretor; a seção "De tudo um pouco", de Berilo Bentes; comentários; vasto noticiário geral e alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Não encontrados outros comprovantes, é prrovável tenha O Commercio morrido logo ao renascer.

A SEMANA - Número único, de 1929. Tinha como diretor Josemir Rosa Correia e redator-chefe Antonio Brasil (Inf. Jaime Luna).

O ESFORÇO - Órgão do Grêmio Literário Martins Júnior - Inexistentes exemplares das duas primeira edições, mas estreado na primeira semana de julho, saiu a lume o nº 3, ano I, em setembro de 1929, em formato de 30 x 21, com quatro páginas de três colunas. Diretores - Carlos José de Araújo e Efenor A. Correia; repórter desportivo - Ângelus. Impresso na Liv./Tip. Helena, à rua Santo Antonio, 437, tinha redação no

Instituto Martins Júnior. Assinatura semestral - 1\$200; para fora da cidade - 2\$000.

Circulou o nº 5 no mês de dezembro, edição especial de seis páginas, declarando-se, unicamente, "órgão independente".

Além de noticiário especializado, O Esforço divulgava literatura incipiente dos redatores e outros alunos, tais como: Diógenes Barbosa, João Silva Costa, Bertoldo Pinheiro e Antonio Cavalcanti, enquanto Olin redigia a seção "Perfil". Estampou (no nº 5) clichês de professores. Não faltaram, nas duas edições manuseadas, alguns anúncios, principalmente do Instituto (Biblioteca Pública do Estado).

O QUARENTA E CINCO - Órgão Oficial do Tiro de Guerra 45 - Apareceu a 7 de setembro de 1929, em formato de 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Propriedade dos Atiradores; diretor - Josemir Rosa Correia; secretário - Manuel Gouveia. Impresso na Tipografia Moderna, à rua Dr. José Mariano, instalou redação na rua Santo Antonio, 370.

Destinava-se à "propaganda cívico-militar, com aprovação do sargento instrutor". Ao lado do título, lia-se a exclamação: "Lembrai-vos, ó mocidade! que nas linhas de tiro descansa a grandeza da pátria". E constava do editorial de apresentação: "Terá vida própria e circulação gratuita. Quer, apenas, da comunidade, a quem se propõe servir, a unção moral do seu apoio e a bênção acrisolante da sua solidariedade".

A par de artigos patrióticos da redação, o número de estréia inseriu outros, assinados por A. S., M. C. Araújo e Manuel Lins, e iniciou a divulgação do estudo "O Tiro e sua gênese. Perlustrando o passado (Biblioteca Pública do Estado)."

Consoante informação de Jaime Luna, ocorreram mais 4 ou 5 edições do órgão cívico-militar.

A LUZ DO 15 - Órgão Literário e Noticioso da Sociedade do Colégio 15 de Novembro - Fundado em 1928, não restam comprovantes das três primeiras edições. O nº 4, ano II, foi publicado a 11 de novembro de 1929, em formato de 31 x 23, com 20 páginas de papel acetinado, capa de cor, nela inscrita a frase: "Vita sine litteris mors est". Diretor - David Glass; redator-chefe - Heli Leitão; auxiliares - Olívio Correia, Joel Leitão e Hermany Soares; gerente - Djalma M. Wanderley. Trabalho gráfico das oficinas do Norte Evangélico.

Edição dedicada ao novo prédio do Colégio 15 de Novembro, abriu o texto a página "Editoriais", seguindo-se produções, em prosa ou verso, de M. W., ou seja, J. Marinho Wanderley; Rute de Melo Correia, Astro Errante, Hibernon Wanderley, Leticia L. Jatobá, J. Marinho, Sinval de Carvalho, George Harold Glass, Ernani Santos, Uzze Canuto, M. Soares, Jeremias M. Sena, Luiz O. Maia e outros, além da turma do corpo redacional; algum noticiário e páginas de anúncios.

A publicação teve curso irregular. Por outro lado, foram pouco eficientes as fontes visitadas: o Colégio e antigos alunos. O periódico recifense A Voz dos Agnes Erskine, edição de novembro de 1933, deu notícia de haber circulado um novo número d'A Luz do 15. Mais algum tempo, o semanário garanhunense Tempos Novos informou, a 8 de setembro de 1935, que A Luz do 15 tinha voltado a publicar-se.

Outro exemplo manuseado: nº 5, ano IX, de 20 de novembro de 1936, com 24 páginas, figurando na capa clichê do corpo docente do Colégio. Diretor-gerente - J. Maurício Wanderley; redator-chefe M. Jasseli; secretária - Helena Sales. Inseriu colaboração de Heli Leitão, Torquato Máximo dos

Santos, Miguel Jasselli, Iraci Correia dos Santos, E. Marinho, René Medeiros, Corália Soares Vilela, Jairo F. Rocha, J. M. W., F. F. Gueiros, Solano Trindade, Uzaze Canuto, Luiz Schettini e outros.

Avistado, finalmente, o nº 3 ano XI, de 15 de novembro de 1939; 20 páginas e o mesmo diretor-gerente. Novos: redator-chefe - Augusto Clementino Pinto; secretário - Eurico José Cadengue. Colaboradores: Edmundo Jordão, João Domingos da Fonseca, Ruber van der Linden, Senir Jataí de Sampaio, Luiz Souto Dourado, Clotilde Cavalcanti, Américo Raposo, Gasparino da Silva, Heronides de Almeida, Jasseli, etc.

(As edições consultadas constituíram gentileza de Torquato Santos e professor Maurício Wanderley.

ALMANACH DE GARANHUNS - Para 1930 - Sob a direção de Idelfonso Lopes e Tiago Veloso, apareceu em formato de bolso - 16 x 10, com 96 páginas, sendo impresso no Recife, na Seção de Artes Gráficas da Escola de Aprendizizes Artífices. Preço do exemplar - 1\$000.

Publicação modesta, começou pela parte charadística, orientada por Inácio de Siqueira. Seguiu-se interessante artigo de Anísio Galvão, a respeito de Garanhuns, vindo a seguir: Calendário, Horóscopo, Indicações Úteis, Variedades, versos de José Austregésilo Filho e Herondina Pessoa, fotografias da cidade e boa quantidade de reclames comerciais.

Não passou do primeiro número (Col. Jaime Luna e Biblioteca Pública do Estado de Sergipe).

FUZARCA - Jornal humorístico, circularam, apenas, três números, em 1930, datas não determinadas. Direção de Jaime Luna e Josemir Rosa Correia (Inf. J. Luna).

O JORNAL - Órgão de Livre Opinião - Fundado a 15 de fevereiro de 1930, sem que restem suficientes comprovantes arquivados, publicou-se o nº 20, ano I, no dia 28 de junho, em grande formato de 58 x 45, com quatro páginas a sete colunas de composição. Diretor - C. Mairink; redator-secretário - Hibernon Wanderley; gerente - Ângelo Cibela. Redação na rua Santos Dumont, 138. Tabela de assinaturas: ano - 20\$000; semestre - 12\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Semanário dos mais bem feitos de Garanhuns, tanto material quanto intelectualmente, embora só repletas de anúncios as páginas centrais, apresentou-se bem servido de artigos, sueltos, reportagens, variado noticiário, etc., sendo principal colaborador Seve-Leite, signatário da crônica hebdomadária "Não leiam".

Outra única edição encontrada: o nº 36, de 6 de setembro do mesmo ano, reduzido o formato para 55 x 40, sem mais alterações. Nova matéria nele inserida: "Noções de agricultura prática", por Afonso Notaro (Biblioteca Pública do Estado).

O BINÓCULO - Órgão Independente, Noticioso e Humorístico - Saiu a lume - nº 1, ano I - no dia 16 de março de 1930, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Fundador - Francisco Fernandes; direção e propriedade de Tirso Ivo e Josemir Correia. Redação rua de Santo Antonio, 370. Assinatura mensal - 0\$500; número avulso - 0\$100.

Voltava, conforme o editorial intitulado "Ressurgindo", depois "de longa ausência (?)", ao convívio alegre e à atividade de sempre". Não traçaria programa, porque não lhes dava crédito, acrescentando: "Mas, pelos interesses de Garanhuns e do seu povo - tudo faremos".

Logo estabeleceu uma página de humorismo, a terceira, humorismo decente, "sem manchar a moral de quem quer que seja".

Publicado semanalmente, O Binóculo cumpriu sua missão, completando cada edição pouco mais de uma página de anúncios. No nº 5 já não constava do cabeçalho o nome de Tirso Ivo. E passou a admitir assinaturas anual e semestral, a 5\$000 e 3\$000, respectivamente. No nº 9 apareceu Antonio Cavalcanti (dono dos pseudônimos Espadachim e Cavante) feito redator-chefe, o qual veio a arcar, sozinho, com a responsabilidade do jornal.

Foram principais colaboradores: Antonio Brasil, Conselheiro Amador. Linguarudo, J. Kalado, Binoculista, Zé do Mato e Astro Errante.

O nº 25, de 31 de agosto, em lugar do título O Binóculo, exibiu: o ?... ?..., sem aduzir qualquer esclarecimento. Foi o último posto em circulação (Biblioteca Pública do Estado).

DIÁRIO DE GARANHUNS - Órgão Independente, Noticioso e Informativo - Entrou em circulação a 1º de maio de 1930, no formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas estreitas, impresso na Tipografia Moderna, à rua Dr. José Mariano, 71. Direção e propriedade de Tiago Veloso e Manuel Vieira, tendo como gerente A. Brasil, logo na segunda semana substituído por P. Ataíde. Redação à rua de Santo Antonio, 230, 1º andar. Assinatura mensal - 2\$500; número avulso - 0\$100.

Lia-se no artigo de apresentação, intitulado "Fala de trono": "...será um órgão tão livre como o possa ser... numa república onde Liberdade e Verdade têm sofrido singulares eclipses... A despeito de tudo, entretanto, não calcaremos os

direitos dos frágeis em benefício dos mais fortes. Nossas portas, assim, estarão abertas às reclamações mais justas, sendo bem certo que preferiremos fechar nossa humildade tenda a contemporizar com indignidades. Queremos nossa mocidade incólume, robusta e inabalável".

Repetindo, por algum tempo, o cabeçalho na terceira, às vezes com seis páginas (duas de anúncios), seguiu o depois cognominado Diarinho a sua meta, comentando e noticiando os fatos e acontecimentos da cidade, divulgando notas comerciais e algum serviço telegráfico, logo mais suprimido. No terceiro mês, iniciava um concurso de beleza infantil.

Ocorreram sucessivas modificações no corpo diretivo-redacional, a começar de 26 de junho, quando se afastou Manuel Vieira. A 4 de julho eram admitidos: Mário Lira - diretor-substituto; A. Cavalcanti - redator comercial, o professor João de Sousa - redator-chefe, substituído, onze dias depois, por Ivo Júnior. Dário Rego ocupava a gerência.

Prosseguindo a série de alterações, Mário Lira, que adquirira a propriedade do Diário, assumiu o cargo de diretor, terminando assim, a 7 de agosto, a gestão de Tiago Veloso⁽¹⁾, ao mesmo tempo que desapareciam os demais nomes do cabeçalho. Logo a redação transferiu-se para o prédio da tipografia. Atingido o nº 108, de 7 de setembro, a nova direção

(1) Em artigo sob o título "Agressão a jornalistas", no Correio de Catende, de 13/07/1930, escreveu Manuel Martins: "Ultimamente, o sr. Tiago Veloso, diretor do Diário de Garanhuns, também foi desacatado. O seu jornal fizera acrimoniosas censuras ao viajante da Companhia Antártica, o qual, juntamente com alguns companheiros, andara praticando algumas inconveniências no decorrer de uma farra em que se meteram a 25 de junho último". "...o principal ofendido entendeu de vingar-se do diretor do Diário de Garanhuns, agredindo-o a tabicadas na feira local e evadindo-se mais tarde para Caruaru".

elevou o formato para 37 x 26, a cinco colunas, também estreitas, de composição, melhorando o serviço redacional.

Tendo apoiado a causa política da Aliança Liberal, o Diário deu boa cobertura ao evento da revolução brasileira, da qual participou, nas trincheiras do Recife, o diretor Mário Lira, depois de nomeado prefeito de Garanhuns.

Novas alterações: a 20 de novembro assumiram os cargos de redator-chefe e secretário, respectivamente, J. Coelho Rodrigues e Ivo Júnior. Um mês depois, este último passou a substituir o primeiro, que, por sua vez, assumiu a direção. Enquanto isto, Dário Rego voltava ao cargo de gerente. O preço da assinatura mensal subiu para 3\$000 e o do exemplar para 0\$200, tabela que permaneceu até o fim.

Ao iniciar-se 1931, cresceu mais um pouco o formato: 46 x 30, com seis colunas, apondo-se à esquerda do título: "O único jornal de circulação diária no interior do Estado". Distribuiu-se melhor a matéria, com predominância do noticiário, meta primordial. A 20 de janeiro apareceu interessante seção carnavalesca, a cargo de Zé Pereira, incluindo sonetos diários de Zé Garanhuns. Ivo Júnior assumiu a função de diretor-substituto a 15 de fevereiro.

Eram colaboradores esporádicos: J. Lira Andrade, Reinaldo Lins, Doryleu, M. Dourado, Ângelo Cibela, Eme Daraujo, com o comentário "Novas e Velhas"; Irany, Edmundo Jordão, Azamor, João Domingos da Fonseca, etc. A 16 de julho iniciava-se a divulgação, em folhetim, do romance "Justiça de aldeia", de Daniel D'Arca.

Com edição de 1º de setembro voltou o Diário ao formato anterior e definitivo. Nesse mês, a 21, afastava-se Ivo Júnior da direção, sendo substituído por João Domingos. No mês

seguinte, a 16, entrou Limeira Tejo, para a redação, escrevendo, até 5 de dezembro, o comentário municipalista intitulado "Todo Dia", assinado com as iniciais.

O regime de alterações no setor pessoal prosseguiu em 1932. No dia 26 de abril Manuel Clementino de Araújo assumia a direção, ficando o corpo redacional constituído de João Domingos, J. Coelho Rodrigues, Tiago Veloso e Ivo Júnior. Este último ascendeu, novamente, ao cargo de diretor a 19 de julho, para entregá-lo a J. Coelho Rodrigues no dia 25 de janeiro de 1933.

As sucessivas modificações no corpo redacional não alteraram, todavia, a circulação ininterrupta do matutino. No mês e ano por último mencionados apareceu Luprestes (pseudônimo de Morse Lira), com artigos incisivos, em acesa campanha contra a arregimentação dos católicos em partido-político, contra as atividades da Liga Eleitoral Católica, contra a intervenção dos órgãos da Justiça na política partidária e contra o soutismo. Travou-se então, prolongada polêmica com O Monitor, jornal católico da cidade, a qual envolveu outros nomes, como João Domingos, também através do Diário de Garanhuns, e Luiz Delgado, d'A tribuna, do Recife, e ainda o Clero, através dos púlpitos. Tudo voltou à normalidade após as eleições.

Na edição de 9 de abril - ainda 1933 - começou o Diarinho a usar, abaixo do título: "Órgão filiado à Associação da Imprensa do Interior de Pernambuco". Veio do mês anterior o início da seção "Assuntando", com a assinatura de Zeno Cova (pseudônimo de João Domingos).

Solenizando, a 1º de maio, a data do terceiro aniversário de fundação, com 24 páginas, dizia o articulista: "Orgãozinho revolucionário que o foi continua a se bater, com o memo ardor

cívico e a mesma fé periódica, pela realização dos objetivos colimados, lutando sempre nas linhas avançadas pelos postulados que fizeram tantos mártires, legando à posteridade páginas brilhantes de Civismo e amor à grandeza da pátria".

Essa edição especial apresentou colaboração de Artur Brasiliense Maia, Morse Lira, Ruber Van der Linden, Bernardes Júnior, Edmundo Jordão, Gumercindo de Abreu, Paulino de Barros, Tavares Correia, Ranulfo Goulart, Luiz Brasil e outros.

Por motivo de enfermidade, o diretor J. Coelho Rodrigues foi substituído, a 10 de maio, por Dário Rego, que vinha ocupando a gerência. No mês de julho foi quando mais se acentuaram as alterações no cabeçalho. Assim é que, no dia 1, o diretor foi substituído por Tiago Veloso, mas, no dia 14, voltava Dário Rego ao seu posto, para ser substituído a 23 por João Domingos. Dizia, a propósito, o editorialista, aludindo à orientação do Diário:

"Politicamente, não transigirá com o soutismo, seja qual fo a sua modalidade. Na política nacional, louvará os atos bons, como censurará os maus. Em sua: o interêsse da coletividade prevalecendo sobre tudo: eis o seu lema".

A 24 de outubro ocorreu nova alteração, voltando Dário da Silva Rego às funções de diretor, e no dia 5 de novembro - 1933 - lia-se a nota: "Por motivos de força maior fica, desde já, suspensa a circulação desta folha".

Pouco mais de um ano depois, reapareceu o Diário de Garanhuns a 15 de janeiro de 1935, sob a direção de Luiz Shettini, ocupando a gerência Dário Rego. Além da matéria oridinária, apresentava "Respingos", seção a cargo de Leo do Vale (Morse Lira) e copy rights da União Jornalística Brasileira,

a que depois acrescentou os da Agência Nacional e da Lux-Jornal.

Vários meses decorreram sem alteração, até que, no fim de novembro, voltava Mário Lira ao cabeçalho, na qualidade de diretor, tendo a colaboração de Tiago Veloso e J. Coelho Rodrigues.

Depois de nova temporada de normalidade, Dário Rego adquiriu, a 16 de agosto de 1936, a propriedade do jornal, passando a dirigi-lo, com Morse Lira feito redator-chefe e Manuel Virgínio na gerência. Este deixou o cargo um mês depois, o qual só foi preenchido no dia 30 de outubro, por Pedro Alcides de Figueiredo Lima, que o exerceu até o fim.

Nesse mesmo ano, em novembro, abriu-se, no Diário, forte polêmica, de caráter gramatical, entre Morse Lira, com a assinatura de M, e Amadeu Aguiar, este pelas colunas d'A Razão, semanário local. Apareciam outros trabalhos, assinados por Nilo Costa, J. Pernambuco, Jairo Pinto de Araújo, etc.

Em fins de maio de 1937, ao esboçar-se a campanha presidencial, surgiu, no Diarinho, um artigo de apoio à candidatura Armando de Sales Oliveira à Presidência da República, enquanto Zeno Cova aplaudia a apresentação do nome de José Américo de Almeida. No dia seguinte, o jornal inseria, na primeira página, dois artigos, em pendant, assinados, respectivamente, por Morse Lira e João Domingos, cada um em apoio ao seu candidato. Estava portanto, aberta a luta e, no dia 4 de junho, o redator-chefe (Morse Lira) publicava um nota "Ao público", em que dizia: "Fecho, hoje, o ciclo de minhas atividades no Diário de Garanhuns. E é muito constrangido que o faça. Há cerca de seis anos, desde 1932, que o Diarinho vinha sendo objeto constante de meus sonhos e minhas vigílias". E

acrescentou: "De tal forma me identifiquei com a sentinela cívica do sertão que parto saudoso até do seu prelo".

No dia seguinte, J. Coelho Rodrigues assumia as funções de redator-chefe, publicando manchete e artigo de fundo pró-José Américo, com o que iniciou aberta campanha em favor do grande paraibano à Presidência da República. Mas, afastou-se logo, uma vez encerrada a campanha, sendo substituído, a 6 de outubro, por João Domingos. No mês seguinte, dia 14, voltava Morse Lira à chefia da redação, declarando, em editorial, que o Diário não sofreria "solução de continuidade no servir a Garanhuns, a Pernambuco e ao Brasil".

A colaboração, nesse último ano, era principalmente mantida por João Domingos da Fonseca ou Zeno Cova, este sempre "Assuntando"; J. M. S. (Jeremias M. de Sena), que escrevia "Sem assunto"; Luiz Schettini, o da crônica intitulada "Não leia!..."; Jairo Pinto de Araújo ou, simplesmente, Jairo, o das "Coisas a Cidade"; e outros menos assíduos, como Osvaldo Mariano, Eurico Costa, Ariel, Permínio Asfora, Heli Leitão, etc.

Morse Lira, no último mês, adotou o pseudônimo de Macário, com ele assinando, entre outros, o artigo "Oh! a Justiça!...", que lhe valeu ser denunciado pelo Tribunal de Justiça do Estado, mas absolvido pelo Tribunal do Júri de Garanhuns.

Estava no fim a existência do Diário de Garanhuns que, nos últimos dias, ainda noticiou, com o melhor destaque, a posse do prefeito eleito Celso Galvão.

A 29 de dezembro, um editorial apelava para o público do município, dizendo textualmente: "Não permitais que venha a perecer a voz que se tem erguido sempre para dizer lá fora e aqui dentro que somos uma grande terra e um povo nobre".

O apelo todavia, não surtiu efeito, porque, no dia seguinte - 30 de dezembro de 1937 - com o nº 1755, circulava a derradeira edição do Diarinho (Biblioteca Pública do Estado).⁽¹⁾.

O ANZOL - Encontrado, algures, o nº 6, datado de maio de 1930, sem fixar pormenores.

O CONDOR - Avistado (onde?) o nº 1, de junho de 1930. Direção de Manuel Virgílio da Silva, ocupando a gerência Sanelva Aragão.

REVISTA DE GARANHUNS - Surgiu a 15 de novembro de 1930, obedecendo ao formato de 28 x 20, com 36 páginas, algumas em papel couchê. Direção de José Hibernon Wanderley. Confeccionada em oficinas próprias, à rua Santos Dumont, 138, assinava-se a 10\$000 por anualidade, custando 1\$000 o exemplar.

Magazine bem feito, exibiu na capa moderna alegoria do pintor Luiz Jardim, impressa a cores. Expressivas palavras de apresentação abriram o texto, segundo as quais a Revista vinha dizer à gente de Garanhuns "as belíssimas estrofes de um poema de audácia". Vencera a incredulidade; deixou de ser um sonho, transformando-se em realidade.

"A Revista de Garanhuns - aduziu, ao influxo do sanque novo que circula em suas páginas, tem os olhos sempre votados para as alturas; ...só tem desejos bons. E sinceros... E uma grande vontade de servir bem à terra onde vai circular. E à gente

(1) Coleção desfalcada.

prá quem é feita". Em conclusão: "...se desaparecer um dia, deixará uma semente que fecundará mais tarde"⁽¹⁾.

Graficamente trabalhada com esmero, a edição, a par de regular quantidade de reclames comerciais, inseriu produções literárias, em prosa e verso, de Hibernon, João Vasconcelos, José Auto, N. de Azevedo Melo, Kainara (pseudônimo de Inês de Araújo Lemos), Manuel Lubanbo, Gumercindo de Abreu, Seve-Leite, Joaquim Cardoso (poesia e desenho), Olívio Montenegro, A. A., Uzze Canuto, Ferreira dos Santos, Ângelo Cibela, Racine Guimarães e Luiz Jardim, este último também ilustrando diferentes trabalhos; mais um desenho de página de Manuel Bandeira. Duas outras edições da Revista de Garanhuns foram publicadas, a última das quais em janeiro de 1931, ostentando alegorias de cada capa inéditas, sempre a cargo de Luiz Jardim. 32 páginas de texto. Novos colaboradores: Ivo Júnior, Raquel Lima, Hércules de Oliveira, Virgílio Costa, Willy Lewin, Francisco de Oliveira Leite, Luiz Lélío, Nelson de Alcântara, José Moraes, Rodrigues de Paiva, Ida Souto Uchoa, Luiz Teixeira Pinto e Ruber Van der Linder, este com ilustração própria. Mais variedades e parte social.

Nada obstante o desvanecedor acolhimento que lhe fora dispensado, o interessante magazine não conseguiu sobreviver (Biblioteca Pública do Estado).

(1) A Revista de Garanhuns, muito bem recebida no Recife, mereceu carinhosa crônica de Willy Lewin, no Diário da Tarde, enquanto o Diário de Pernambuco a considerou uma "iniciativa arrojada".

O NORDESTE - Jornal de agradável feição material, em vistoso formato de cinco colunas, surgiu à luz da publicidade no dia 12 de fevereiro de 1931, para publicar-se às quintas-feiras, tendo como diretor-proprietário Pedro Augusto Carneiro Leão Sobrinho.

No artigo de apresentação, dez centímetros acima do cabeçalho, este encimado pelo título "Eis porque surgiu", dizia ser mais um facho de luz "no campo augusto das jornadas puras, visando apenas, o ideal da perfeição democrática. À imprensa - acrescentava - compete guiar esta onda imensa que é o povo; o povo que anseia a luz clara dos conhecimentos que orientam e conduzem a paz".

O articulista focalizou o movimento revolucionário de 1930, que colocou no poder o sr. Getúlio Vargas, num "movimento de reivindicação de seus direitos conspurcados pelos maus governos. Daí, mais uma sentinela avançada do povo nordestino, para dizer das necessidades, para defender seus direitos e para lembrar aos poderes constituídos, sempre que for preciso, o cumprimento das promessas feitas". E, concluindo: "Estribados, pois, na verdade e no bom senso, com os olhos fitos em Deus, procuraremos fugir das discussões inúteis, batendo-nos pela estabilidade de nossas instituições políticas, pugnando pelos princípios da razão e da justiça, que formam a grandeza de um povo e enobrece uma raça".

O semanário, que tinha redação à rua Santo Antonio, 393, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; para fora do município - 12\$000. Número do dia - 200 réis. Impressão da Tipografia Helena, à rua Santo Antonio, 437.

O primeiro número, a par de artigos de Edmundo Jordão e Ruber Van der Linden, prestou significativa homenagem ao "mártir João Pessoa". No segundo, o editorial ainda fazia as

vezes de manchete, abaixo da qual vinha o respectivo título "Porque somo pobres", ecimando o cabeçalho. Depois, normalizou-se a colocação deste no alto da página. No lado esquerdo figurava um pensamento célebre em cada edição.

Seguiu o bem feito periódico sua trajetória de lídimo defensor das causas populares, através de alentados editoriais e da crônica semanal "Coisas da roça", porém raro serviço noticioso, completando as edições cerca de uma página de anúncios. Na parte literária, teve o redator-secretário Gumercindo de Abreu a primazia, assinando, sempre, numa mesma edição, poema e conto ou novela, a começar com "Rosalina", que ocupou cinco rodapés. Agaene escrevia sobre Instrução e Educação; De Paulo Neto, "Notas Econômicas"; Edgar Oliveira, sobre Avicultura; A. Notaro, sobre Agricultura; Luiz Frazão mandava artigos de Correntes, além de mais alguns colaboradores, que se iam substituindo pelo tempo afora.

O Nordeste promoveu intensa campanha pró-alfabetização de adultos, que se viu vitoriosa com a instalação de uma Cruzada, pormenorizadamente noticiada na edição de 28 de maio.

Já vinha divulgando, desde 23 de abril, ampla reportagem em torno da excursão que realizaram os seus diretor e redator-secretário, através de 39 localidades do sertão pernambucano, veificando as necessidades da região e fazendo "a propaganda do ensino aos adultos, tendo em vista a instrução como o principal fator das melhoras coletivas". A inserção estendeu-se até a edição de 25 de julho, constituindo-se pujante trabalho de observação. E o regulamento da Cruzada Pró-Alfabetização de Adultos foi publicado na de 8 de agosto.

Mas O Nordeste encerrou sua existência de órgão bem orientado, com o nº 27, de 29 de agosto (Biblioteca Pública do Estado)¹.

A TRINCHEIRA - Circulou em 1931, sob a direção de Jaime Luna, tendo como redator-chefe Josemir Correia. Apenas três números, sem mencionar datas (Inf. J. Luna).

PÁGINAS SOLTAS (com aprovação eclesiástica) - O nº 5, ano I, saiu a 29 de março de 1931, em formato de 23 x 15, a duas colunas de composição. Matéria só religiosa, doutrinária.

Segundo o Boletim Informativo, continuava a publicação de Páginas Soltas em 1932.

O MONITOR - Jornal Independente, Social e Noticioso - Impresso em oficinas próprias, situadas à rua Dr. Severino Peixoto, 19, junto à redação, iniciou sua existência a 15 de maio de 1931, em formato de 48 x 30, com seis páginas de cinco colunas. Diretor - padre Diegues Neto; redator-chefe - Genésio S. Vilela. Tabela de assinaturas: ano 10\$000; semestre - 6\$000. Preço do exemplar - 100 réis, elevado para 0\$200 a partir do nº 7.

Começou assim o artigo de apresentação: "O Sertão, velho órgão da imprensa de Garanhuns, reaparece hoje sob outra denominação - O Monitor - e inteiramente reformado, consoante vínhamos anunciando. Reaparece com outra feição gráfica, com outro aspecto mais interessante. Um jornal de seis páginas, variado, noticioso, informativo, fixando os acontecimentos mais palpitantes do momento, defendendo os interesses das classes, propugnando pelo bem estar coletivo. Um jornal, tanto quanto

¹ Coleção desfalcada.

possível, aproximado dos processos inteligentes da imprensa moderna.

Gravita, porém, em torno desse esforço reformativo com que nos apresentamos o mesmo ideal que então nos animava: a defesa da Igreja Católica. Fazendo um jornal mundano, capaz de agradar as onímodas exigências do público leitor, não prescindimos, entretanto, da sadia orientação católica que sempre nos guiou".

Depois de outras considerações, frisou o editorialista: "Declarada, como está, a falência do individualismo, no século que corre, não é justo que continuemos a trilhar o mesmo tortuoso caminho. Voltemo-nos para o sobrenatural, que é a nossa finalidade na terra. O mundo não é o fim: é o meio. É a nossa estrada para a eternidade. Preocupemo-nos mais com a jornada que nos conduz até lá, pois que o acesso é por demais escabroso.

O Monitor, alentado, assim, por esse alto ideal de renovação espiritual do nosso meio, não olhará trabalhos nem óbices. Converterá, também, as suas oficinas num prélio incessante contra o erro, a heresia, o frio indiferentismo religioso e tantos outros males que contagiam o nosso corpo social. Será ainda do seu programa cuidar dos interesses gerais do município e dos interesses daqueles que constituem a Diocese de Garanhuns".

Começou a publicar-se às sextas-feiras, mas logo no sexto número foi transferido para os domingos.

A par de comentários redacionais e variado noticiário, divulgava O Monitor, a princípio, algum serviço telegráfico do país e do exterior; seção de elucidação doutrinária, sob o título "Para os moços", extraída do livro "Lutas da mocidade", do

padre J. Cabral, e colaboração especial, assinada por Edmundo Jordão, Paulo Cintra, Diégues Júnior, etc.

A 2 de agosto, afastou-se da direção o padre Diégues Neto, por motivo de saúde, sendo substituído pelo monsenhor José de A. Callou, e assumiu a gerência Agilberto Dourado. Com artigos enviados do Rio de Janeiro, iniciou-se, a 20 de setembro, a colaboração de Antão de Mendonça (pseudônimo do jornalista católico José Soares de Azevedo).

Circulando, inicialmente, com seis páginas, O Monitor reduziu-as para quatro, uma vez transcorridos os primeiros meses. Após a edição de 20 de dezembro, proporcionou férias coletivas de Natal e Ano Novo ao pessoal das oficinas (prática que manteve pelos anos seguintes), só voltando a lume no dia 10 de janeiro de 1932. Promoveu campanha para aquisição de mil novos assinantes, mediante a organização dum sorteio de dois prêmios mensais, o primeiro de 200\$000 em dinheiro, e o segundo constante da isenção do pagamento de uma assinatura anual. Admitiu a nova seção "Coisas da Vida", crônica regional de P. R. (Padre Rocha Barreto); outros trabalhos de colaboração do padre J. Cabral, Paulino de Barros, etc., correspondência dos distritos e municípios vizinhos, não deixando de reacender, de vez em quando, a campanha contra o protestantismo.

A edição do primeiro aniversário, a 15 de maio, nada apresentou de extraordinário, além do editorial comemorativo, entre clichês dos responsáveis pela direção e dos principais colaboradores.

Quinze dias depois, divulgava, num quadro, tipo negrito, na primeira página, sob o título "Ao público", a nota a seguir: "Por mais de uma vez o Diário de Garanhuns nos tem censurado, provocando discussão e animosidades. Queria, talvez, forçar-nos a sair do nosso programa, descendo a retaliar

suas descabidas invectivas. Não temos tempo nem gosto para isso, e mesmo nossa missão é outra, só em proveito da boa orientação da coletividade, à qual nos apraz servir".

Nabor Cavalcanti, que, poucos meses antes, substituíra Agilberto Dourado na gerência, foi por sua vez substituído, a 21 de agosto de 1932, interinamente, pelo chefe da oficina Manoel Virgínio.

Além da boa colaboração, que vinha divulgando, do padre Camilo Torrend, o periódico iniciou, a 18 de setembro, a publicação, em rodapé, do romance contemporâneo "Temprestades", de Frei Pedro Singing.

No lugar do nome do redator-chefe Genésio Vilela, passou a figurar, desde 8 de janeiro de 1933, o seguinte: "Redatores - diversos". Nesse ano, O Monitor fez campanha a prol dos princípios da Liga Eleitoral Católica ante as eleições para a Assembléia Constituinte, proclamando, na edição de 2 de julho, que a vitória alcançada "foi verdadeiramente formidável". Nos meses de maio e de junho, alimentou polêmica com o Diário de Garanhuns.

Novo clichê do cabeçalho foi adotado a partir de 9 de julho, deixando espaço à esquerda para um quadro com pensamentos e conceitos de homens célebres. Abaixo, lia-se: "Periódico Independente". Novos colaboradores foram aparecendo, em substituição aos primeiros, como J. Caldas, Luiz Shettini, Osvaldo Santos, Luiz Gama ("Do meu cantinho"), padre Nelson Barros de Carvalho, Nilo Tavares, Fernando Mota e outros. A 10 de dezembro assumiu o padre Manuel da Rocha Barreto a função de redator-chefe, que acumulou junto às de gerente e revisor, que já vinha exercendo. Assim passou 1934. No Expediente dizia-se que o periódico não adotava a reforma

ortográfica oficial. Ao atingir 1935, assumiu a gerência José R. Barreto.

O Monitor esteve suspenso, em 1936, pelo espaço de um mês, voltando à circulação a 12 de abril, ainda sob a direção do monsenhor José A. Callou, sendo redator-chefe o padre Tarcísio Falcão e gerente Rafael A. Gouveia. As oficinas gráficas passaram por sensíveis reformas, mantida, porém, a mesma feição do jornal. Iniciou-se a divulgação, em rodapé, na terceira página, do romance de Amélia Rodrigues "Um casamento à moderna". Seções principais adotadas: "Fatos"; "Pelas paróquias"; "Seção Religiosa" e "Sociais". Colaboração de Hircano Galba, Crispo, Maurício Gomes de Sá, etc. A partir de 17 de janeiro de 1937, lia-se, abaixo do título: "Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco".

Finda a divulgação do romance, iniciou-se, a 7 de março o "Perdão", de Georges Thierry. Nova seção criada: "Catonices", de Catão. Desde 4 de julho, deixou de figurar no cabeçalho o nome do padre Tarcísio Falcão, como redator-chefe, por haver-se ausentado da paróquia, só sendo o cargo preenchido a 3 de abril do ano seguinte, pelo padre Otoniel Passos.

De quando em quando, surgiam apelos, organizavam-se comissões petitorias em prol de auxílio financeiro O Monitor, inclusive com a intercessão de sacerdotes das paróquias vizinhas, sem o que se tornava difícil a existência do órgão e vexatória a sua manutenção, consoante nota da gerência.

Em data de 16 de janeiro de 1938 vagou a gerência, ficando os assuntos atinentes sob a responsabilidade do diretor.

Nesse ano passou o semanário a contar com auxílio financeiro da Municipalidade, mediante a inserção de publicações oficiais, em virtude do que voltou a dar algumas

edições de seis páginas. Colaboração, também intelectual, do prefeito Celso Caldas. Surgiram as "Questiúnculas de Português", por Jatahy de Sampaio, mais artigos do padre J. Cabral, poemas do padre Nelson B. de Carvalho, crônicas ligeiras de Carlos Maia e José Florêncio Filho escreveu uma série de artigos sobre a "Ação Católica", seguida de outros temas.

A maior edição d'O Monitor - oito páginas - ocorreu a 20 de novembro de 1938, a cores, em homenagem ao nobre Bispo da Diocese de Garanhuns: D. Mário Villas-Boas.

Ocupou a função de redator-chefe, em 1939, o Diácono Joel Morais, sendo gerente Abdoral Morais. A folha permanecia em boa forma, inserindo, a par das seções de orientação católica, matéria bastante variada, manchetes, lisonjeiro trabalho gráfico, às vezes imprimindo-se com tinta azul ou duas cores. Prosseguiu, pelos anos afora, contando com a colaboração de Alcides Nicéas, autor das "Dominicais"; padre Nelson Barros de Carvalho, Luiz Souto Dourado, padre Antonio Teles, A. Negromonte, Guerra de Holanda, Luiz Luna de Almeida, Chefe Barros (Escotismo), Orlando Morais, O. S., Nelson de Alcântara, Tadeu Rocha, Franco Leal, E. Sá, etc.

A 19 de abril de 1942, com a retirada do padre Callou, passou a dirigir o semanário o padre Joel Morais, ocupando a gerência J. J. Carvalho. Na edição de encerramento do ano, de 25 de dezembro, a duas cores, a primeira página ilustrada, escreveu a redação: "Foi um ano pesado. Se é pesado fazer periodismo no interior nas épocas normais, sabem os que compreendem a gravidade de nossa missão o que seja manter um jornal em tempos duros e difíceis como os que vivemos. Novas lutas estão à nossa espera no próximo ano. Mas, não tememos a luta, pois temos Deus por nós e a boa vontade dos amigos para nos ampararem".

A partir de março de 1943 tornava-se O Monitor "órgão da Ação Católica Diocesana", sob a direção do padre Pedro Magno Godói, verificado o afastamento do padre Joel, que servia como redator-chefe⁽¹⁾. A redação, com as oficinas, transferira-se para a Avenida Santo Antonio, 17. E o preço do exemplar subiu para Cr\$ 0,30 (já em vigor a nova moeda: o cruzeiro).

Avistado o nº 27, de 3 de outubro de 1943, ausente do cabeçalho o nome do gerente Carvalho, ocorre extensa lacuna nas duas coleções manuseadas, o que indica ter O Monitor ficado suspenso por alguns anos...

Vem após o nº 12, ano XXII (?), de 31 de outubro de 1948, declarando-se "órgão independente". Diretor - padre Mário M. Porto. Preço da anualidade - Cr\$ 25,00; semestre Cr\$ 15,00, custando o número avulso sessenta centavos. Constava, ainda, do Expediente: "Para anúncios, publicações e assinaturas - com a Secretaria do Bispado, todos os dias, das 9 às 11 horas - Palácio Episcopal".

(1) Em artigo intitulado "Um jornalista ardoroso e leal", escreveu Luiz Souto Dourado, na edição de 21 de março: "É quase impossível fazer-se um jornal, principalmente do interior, longe da redação. Mas o padre Joel fazia O Monitor de Angelim, de São João, do Recife, de São José da Corôa Grande, De onde quer que estivesse, mandava a matéria de quase todas as páginas: do artigo de fundo ao suelto; mandava ou vinha trazê-la, muitas vezes na sexta-feira, a trêm, a cavalo, a automóvel, de qualquer maneira, contanto que o jornal no domingo estivesse pronto".

Noutro tópico, aludiu a um jornalzinho de estudantes impresso nas oficinas d'O Monitor: "Quantas e quantas vezes amanhecemos na redação: ele dobrando O Monitor; nós, do Paladio, fazendo revisão. Que noitadas de jornalismo passamos juntos, com luz de carbureto, em serões de idealismo comum! Tudo isso sabendo que o nosso trabalho não seria recompensado, nem mesmo reconhecido, talvez!".

O comprovante seguinte tem o nº 78, datado de 14 de maio de 1950, feito "órgão da Ação Católica Diocena". Diretor - padre Edgar Carício. Nova tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 30,00; semestre - Cr\$ 20,00. Custo do exemplar - Cr\$ 1,00. Guardam-se mais algumas edições, até o nº 17, ano XVII (?), de 26 de novembro, ainda 1950.

Mostrava-se o periódico, com suas seis páginas, às vezes oito, bastante variado, divulgando as seções "Comentários e fatos", por Drovn; "O que vai pelo mundo", "Viver com a Igreja", "No mundo das Artes", "Governo Diocesano", "Pelo mundo esperantista", a cargo de M. S. Monteiro; "Várias"; "Coluna agrícola", de Rodrigo Tenório; "Seção Bíblica"; "Crônica da semana", por Aleixo L. Filho; "Homens e livros", de Serra Penedo, além da colaboração de D. Jerônimo de Sá Cavalcanti, Luzinete Laporte, Lauro Cisneiros (poesia), padre Mário M. Porto, cônego Manuel Soares, padre Adalberto de Paula Nunes, monsenhor Callou, Austregésilo de Mesquita e José Francisco de Sousa. Também inseria anúncios.

Sem que existam comprovantes dos dois anos subseqüentes, continuou o mesmo ritmo d'O Monitor em 1953, sendo completas, daí por diante, as coleções. Ao atingir o nº 23, de 21 de fevereiro, exibiu nova tabela de assinaturas, a saber: ano - Cr\$ 55,00; semestre - Cr\$ 35,00, depois alterada para Cr\$ 50,00 e Cr\$ 30,00, respectivamente; de benemérito - Cr\$ 200,00; da honra - Cr\$ 100,00; de proteção - Cr\$ 60,00. Transferira-se a tipografia para a Escola Técnico-Profissional, localizada na Av. Santo Antonio.

Eram novos colaboradores, estendendo-se pelo ano de 1954, em revezamento: padre A. Mosta de Carvalho (poesia), padre Bonifácio, professor João Dias, Antonio Galindo, Al Neto, monsenhor Ascânio Brandão, Erasmo B. Vilela, autor do "Bate-Papo"; Anísio Carapeba; Clay, responsável pela seção

"Desportos pela cidade"; Raimundo de Moraes, padre B. Mário Calazans, Humberto de Moraes, que assinava "Algumas palavras"; Costa Porto, padre Nelson Barros de Carvalho, padre Ricardo Lombardi, padre Olímpio Torres, D. Geraldo Wanderley, Lício Neves e outros.

O nº 76, de 20 de fevereiro de 1954, do "órgão de orientação da Ação Católica Diocesana", foi dedicado ao Ano do Tricentenário da Restauração Pernambucana.

Circulando ininterruptamente, atingiu, o nº 119, ano XX (?) a 25 de dezembro de 1954⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado e arquivo d'O Monitor)⁽²⁾.

O PEQUENO DIÁRIO - Jornal de Atualidade. Órgão de Crítica, Literatura e Mundanismo - Sem notícia dos dezenove primeiros comprovantes, circulou o nº 20, ano I, no dia 9 de julho de 1931, em formato de 31 x 24, com quatro páginas. Diretor - José Hibernon Wanderley; redator-secretário - Josemir Rosa Correia; gerente - Jaime Luna. Redação e oficinas à rua Joaquim Nabuco, 102. Tabela de assinaturas: ano - 20\$000; semestre - 12\$000; mês - 2\$000. Número avulso - 100 réis.

Declarava uma nota destacada: O Pequeno Diário, de hoje em diante, circulará ao ½ dia, com exceção apenas dos domingos".

Continuou normalmente, apresentando comentários sobre assuntos de interesse local, noticiário, curiosidades, as seções "Dentes de rato", crônica de D. Ratão (pseudônimo de José Florêncio Cavalcanti); "Figuras... Figurinhas... Figurões...", com a assinatura O Velho da Serra, e "Mundanismo". Ao atingir o

(1) Prosseguiu a publicação em 1955 e não parou jamais.

(2) Coleções, ambas, bastante desfalcadas.

nº 28, instituiu um concurso desportivo. Cerca de uma página era de anúncios.

No nº 37, de 1 de agosto, o Pequeno Diário estampou manchete, prestando "contra a absurda censura estabelecida pelo governo, a fim de calar a voz dos jornais ante as misérias do Brasil Novo". Na edição seguinte, o editorial abordou o tema "A imprensa amordaçada".

O nº 44, de 11 de agosto foi o último avistado. Havia mudado a redação para a rua Dantas Barreto, 108 (Biblioteca Pública do Estado).

Não conseguiu viver mais do que poucos meses. Ao que noticiou o Diário de Garanhuns, o Pequeno Diário suspendeu a circulação em princípio de setembro.

O MICRSCÓPIO - Apareceu em 1932, consoante registro do Boletim Informativo, sem pormenores.

JUST THINK - Jornal em língua inglesa, publicou-se em 1932, segundo o Boletim citado.

A. G. A. - Associação Garanhunense de Atletismo - O número 1, ano I, circulou no dia 25 de junho de 1932, em formato de 32 x 24, com seis páginas de quatro colunas estreitas, sendo uma de anúncios. Impressão da Tipografia Helena, à rua Santo Antonio, 437.

Edição comemorativa da fundação do sodalício, com fotografias da sede na primeira página, e da diretoria no texto, a matéria geral constituiu-se de notas e comentários sobre sua existência, desde os primeiros dias. Assinaram artigos João Domingos da Fonseca e J. Coelho Rodrigues; versos de Mané dos Foscós (Biblioteca Pública do Estado).

Em datas indeterminadas, foram ainda publicadas duas outras edições (Col. Jaime Luna).

BOLETIM INFOMATIVO - Publicação mensal da Agência de Informações e Propaganda - Apareceu em julho de 1932, no formato de 32 x 24, com quatro páginas a quatro colunas estreitas de composição, impresso na Tipografia Pap. Helena.

Destinava-se a atrair visitantes a fim de "apreciarem as belezas" de Garanhuns. "Uma publicação - lia-se na abertura que sirva de veículo para propaganda das suas possibilidades e que vá dizer lá fora o que somos e o que desejamos ser".

Sob a direção de Ildefonso Lopes, inserindo alguns anúncios, o jornal cumpriu sua missão até o mês de novembro, quando se fez acompanhar de suplemento de quatro páginas, ilustrado, com data de outubro. Suspenso, voltou em março de 1933, mas não teve condições senão para dar mais um número, o de abril, com suplemento de apenas duas páginas (Biblioteca Pública do Estado).

O ESPORTE - Publicou-se em 1932, segundo o Boletim Informativo.

O LAUREL - Outro que circulou em 1932, conforme o Boletim citado.

O COMBATE - Jornal de gente moça...de ideal... - Fundado a 1º de janeiro de 1933, saiu a lume o nº 3 (primeiro avistado) no dia 15 do mês, em formato de 30 x 22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Jaime Luna; redator-chefe - Josemir Rosa Correia; secretário - José Francisco de Sousa. Impresso na Livraria Tipografia Helena, instalou

redação na rua Santo Antonio, 370, depois, no nº 230, 1º andar. Parcela única de assinaturas: mês - 0\$500.

Seguiu-se regularmente a publicação, divulgando matéria variada, sobretudo amplo nocitiário, artigos assinados pelo redator-secretário, algum outro por Luiz Shettini, ou José V. Maciel ou A. Panteleão da Silva, e os "Instantâneos", notas ligeiras, de crítica e humorismo, a cargo de Kodak, como se ocultava o diretor Jaime Luna. Tornou-se "órgão filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco".

Atingindo o ano de 1934, aumentou o formato para 36 x 25, páginas de cinco colunas estreitas. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; mês - 1\$000. Já no meado do ano apareciam as "Farpas", crônica de Remarque. Prosseguiu até o nº 84 (último encontrado), de 2 de dezembro (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

Ao que informou o periódico Tempos Novos, ocorreu "bem cuidada" edição d'O Combate a 1º de janeiro de 1935, comemorativa do seu segundo aniversário de fundação. Ocupava, então, a gerência, Manuel de Araújo Vilaça.

O segundo, ainda, Tempos Novos, a tipografia não pode mais imprimir O Combate, cuja edição de 13 de janeiro saiu datilografada.

Três semanas após, precisamente a 3 de fevereiro, escrevia outro periódico - o Garanhuns Operário: "Por deficiência de prelo, o Combate foi forçado a tirar sua última edição manuscrita, em máquina mimeográfica, o que deu razão a um lamentável lapso no clichê do Regulador Sian, que de há muito publicava. Só depois de haver o jornal entrado em circulação é

(1) Coleção fragmentada.

que o diretor tomou conhecimento do erro. Providenciou impedir a circulação dos números restantes. Nada obstante o erro involuntário, o diretor foi submetido a processo por crime de "atentado" à moral pública".

Aconteceram, em consequência, manifestações de solidariedade ao diretor do órgão em apreço, que era, nos últimos meses, José Francisco, e a Associação da Imprensa do Interior assumiu a defesa do caso, entregando-o ao advogado Ivo Júnior.

Decorridos alguns meses, Tempos Novos, edição de 25 de agosto de 1935, noticiou haver o juiz Edmundo Jordão mandado arquivar o processo, devido à ausência de elementos para a denúncia.

Voltou O Combate a publicar-se no dia 1 de setembro, continuando a falta de comprovantes nas bibliotecas visitadas. Comentou, a propósito, o Diário da Cidade do dia 5: "...mais uma vitória para o seu diretor, que desde algum tempo vem sendo vítima e mesquinhas perseguições e calúnias, que visam ao desaparecimento completo daquele órgão de imprensa".

TEMPOS NOVOS⁽¹⁾ - Surgiu na arena jornalística a 5 de março de 1933, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas, filiado à Associação da Imprensa do Interior de Pernambuco. Diretor - Tiago Veloso; redator-chefe - Ivo Júnior; diretor-tesoureiro - Ildefonso Lopes; gerente - Caetano Alves. Redação à rua Santo Antonio, 255. Assinatura anual - 10\$000;

⁽¹⁾ Em artigo na edição comemorativa do primeiro aniversário de Tempos Novos, sob o título "Novos tempos de Luprestes", escreveu Um Repórter Aposentado: "...ele nasceu sob o signo de Luprestes, que é o marco que separa o Garanhuns pacato e burguês do Garanhuns agitado, nervoso, revolucionário", acentuando: "Os artigos de Luprestes (no Diário de Garanhuns) constituíam verdadeiros furacões desencadeados diuturnamente sobre a cidade".

semestral - 6\$000; número avulso - 0\$200. Ainda constava do Expediente: "Tendo Tempos Novos um corpo organizado de redatores e colaboradores, só aceita artigos quando solicitados".

Apresentou-se com o editorial "As nossas finalidades", em que declarava não ter propriamente programa. Mas concluiu: "Do ponto de vista local nos preocuparemos exclusivamente com os destinos de Garanhuns, na sua grandeza material ou na sua marcha na vanguarda das idéias que vão conquistando as inteligências do homem novo no Brasil".

Seguiu-se a publicação regularmente, aos domingos e, a partir do segundo mês, aos sábados. No nº 11, com o afastamento de Tiago Veloso, passou Ildefonso Lopes a figurar como diretor-proprietário e, no nº 20, ausentava-se Ivo Júnior do cabeçalho, não sendo jamais substituído.

Jornal sobretudo noticioso, "infenso à politicalha", que dizia entravar "o desenvolvimento das cidades do interior", saía invariavelmente com duas páginas de anúncios (a 2ª e a 4ª) e duas de matéria, publicando não mais que um artigo de colaboração ou transcrição, notas ligeiras, "O conto da semana" (até o nº 21), "Coluna Médica", a cargo, a princípio, do dr. Tavares Correia e, após, do dr. Cruz Gouveia; "Feira Livre" e "Coisas Nossas", crônicas de Robson e Ilde (pseudônimos de Ildefonso Lopes); "Vitrine", com o noticiário social; "Sorria, sorria sempre" e, por último, a série "Do passado", reminiscências de F. S. V. N. M. (Francisco Sales Vila Nova de Melo). Era colaborador principal Edmundo Jordão, também com os pseudônimos Carlos Borromeu e Múcius, seguindo-se Paulino de Barros, Ruber Van der Linden, E. Costa, Egas de Bomserá e raros outros.

O excelente semanário, que se empenhou em campanhas contra o analfabetismo e a favor da construção da Casa do

Jornalista Matuto (que não vingou), circulava acompanhado do Suplemento Ilustrado, do Rio de Janeiro, o qual foi substituído, após, pelo Correio Universal, também do Rio, confeccionados para todo o Brasil.

Tendo completado o ano com 36 páginas, Tempos Novos iniciou o ano II, nº 1, a 7 de janeiro de 1934, divulgando, até 23 de dezembro, 47 edições. Continuou, seguindo a numeração, a 6 de janeiro de 1935, para atingir o nº 95 no dia 29 de dezembro, aí encerrando sua existência (Biblioteca Pública do Estado⁽¹⁾ e Col. Ildefonso Lopes).

A VANGUARDA - Órgão Político-Noticioso - Saiu a lume no dia 5 de março de 1933, em formato de 37 x 26, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Impresso na tipografia d'O Monitor, instalou redação à rua Joaquim Nabuco, 114. Diretores - Guilbert Macedo Júnior e Wilson Cardoso. Assinava-se a 5\$000 por semestre; custo do exemplar - 0\$200.

Seu programa definido, consoante o artigo "À guisa de apresentação", ingressou" na vasta arena do jornalismo" com o objetivo de contribuir "para o progresso e o alevantamento social" da "cultura e adiantada cidade de Garanhuns".

Publicação semanal, já no segundo número era o segundo dos diretores substituído por Manuel Virgínio da Silva, entrando Antonio Viana para a função de redator-secretário.

A par de comentários políticos, ilustrados, a edição de estréia dedicou vultoso espaço ao Carnaval recente. Continuou, contando com a colaboração de Antonio Tenório de Almeida, Zé do Magano, padre Pedro Callou e Pandiá d'Amorim; mais poesias de Maria R. Cavalcanti e Pintassilgo.

(1) A coleção da Biblioteca é incompleta.

No nº 8, de 28 de junho, aparecido em formato menor - 32 x 24, a quatro colunas - Guilbert Macedo Júnior achava-se substituído, na direção, por Senir de Sampaio, pouco antes admitido como redator-chefe. Finalmente, o nº 10, de 8 de agosto (último encontrado), o redator-secretário cedera o seu cargo a J. V. Maciel, e via-se como gerente Antonio Marchel. Outros colaboradores: Pessoa da Silva, De Valera e Néofonseca (Biblioteca Pública do Estado).

A Vanguarda ficou suspensa "por motivos de ordem superior", segundo comunicado da direção publicado na Alvorada, de 3 de setembro de 1933. Pretendia voltar...

GLÓRIA - Jornal de Propaganda Cinematográfica da Empresa dos Cines Glória e Popular - Publicação mensal, iniciou-se a 1º de abril de 1933, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Fundador - Severino Casimiro; diretor - Luiz Casimiro; sub-diretor - Miguel Wanderley; redator-secretário - Natanael Muniz. Confeccionado na capital do Estado, tipografia do Jornal do Recife.

Declarava-se, nas 14 linhas de apresentação, "um repositório inteligente de prosa leve, detalhes curiosos de artistas, fornecendo ao frequentador do Glória toda programação do mês".

O nº 2, continuando a meta traçada, circulou no dia 7 de maio.

Após demorada ausência de comprovantes, aparece o nº 6, ano I, de 18 de março de 1934⁽¹⁾, feito "periódico cinematográfico e noticioso", figurando Natanael Muniz e Miguel Wanderley como diretor e secretário, respectivamente.

(1) Exemplar manuseado na Biblioteca Van der Linden.

Matéria variada, incluindo colaboração de diversos. Impresso em tipografia local.

Ainda avistado o nº 8, de 5 de agosto. Novamente alterado o sub-título, passou a ser "mensário humorístico e noticioso", "sem credo nem política". Novo redator-secretário - Sales Vila Nova, funcionando a redação no Cinema Glória, à rua Santo Antonio, 427. Apresentava comentários, noticiário geral, notas cinematográficas, crônicas de Miguel Jasseli e Luiz Schettini e a "Seção humorística", assinada por O Inspetor, S. Melo (travesti de Francisco Sales Vila Nova) (Biblioteca Pública do Estado).

O GINASIAL - Independente, Social e Noticioso - Jornal manuscrito, surgiu no dia 12 de junho de 1933, sob a direção de Luiz Souto Dourado, tendo como redatores "diversos". Em formato de papel pautado, cheias de matéria as suas quatro páginas, iniciou a primeira com artigo de fundo, assinado pelo diretor, no qual se resumia o respectivo programa:

"O nosso jornal é um simples e pequeno órgão de defesa da classe estudantina do Ginásio de Garanhuns. Temos o máximo prazer de apresentar aos nossos queridos pais, mestres e colegas. Nosso programa é simples: unir e alimentar os esforços dos estudantes de Garanhuns e torná-los dignos de apreço da nossa sociedade. Para isto contamos com o carinho de nossos pais, mestres e daqueles que veêm em nosso propósito o ideal de servir a Deus e à Pátria".

Divulgou incipientes trabalhos literários de João Mendes Gonçalves, Teodélio Barros, Clóvis Carapeba e outros estudantes; charadas e breve noticiário escolar.

Ficou no primeiro número (Arquivo do Ginásio Diocesano).

O GINÁSIO - Órgão dos Centros de Cultura⁽¹⁾ do Ginário de Garanhuns - O nº 1, ano I, circulou no dia 13 de junho de 1933, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas, apresentando-se com a divisa: Ciência e Fé. Trabalho gráfico das oficinas d'O Monitor, trazia à direita do cabeçalho pequeno clichê do edifício do Ginásio.

"É uma publicação mensal - lia-se na nota de abertura que tem como fim incentivar o amor às letras, ao estudo e à cultura na alma dos alunos do educandário", adiantando o articulista: "Será também o campo seguro e fechado em que, sem o perigo de aventuras de imprensa, os educandos do Ginásio de Garanhuns travarão (sem perigo de vida) os combates das idéias, os duelos da pena".

A edição inseriu uma saudação à Mocidade, de Pessoa da Silva; poesia de Manuel Cirilo; crônicas de José Wamberto, José Ribeiro do Valle, José Bezerra da Silva, Altamiro de Araújo Lima e outros estudantes (Biblioteca Pública do Estado).

Publicou-se o nº 5, ano II, em maio de 1934.

A partir de agosto de 1935, já no nº 9, ano III, foi possível acompanhar, regularmente, a existência d'O Ginásio, que veio a circular mensalmente, até novembro de cada ano, recomeçando sempre no mês de abril.

Constava do seu programa a inserção de informações a respeito das atividades do educandário; trabalhos, em prosa e verso, da incipiente literatura ginásial, alguns assinados com pseudônimos, outros com iniciais e outros, enfim, com o próprio nome dos respectivos autores, tais como: Manuel

(1) Eram três: Centro Padre José de Anchieta (1º e 2º anos), Centro Padre Inácio de Azevedo (3º, 4º e 5º) e Centro Pestalozzi (curso primário).

Rodrigues Sobrinho, W. Macedo, José Rodrigues de Oliveira, Severino Florêncio Teixeira, J. Quaresma Júnior, Hans Teles, Dioclécio Ferreira de Araújo, Lucilo de Oliveira, Florisval Silvestre Neto, Manuel Lustosa dos Santos, Severino Sá, Edmundo Jordão Filho, José Castelo Branco Chamixais, Luiz Vieira Maciel, Teófilo Braga, Ivan Pedrosa, Lamartine R. do Amaral, Múcio Jordão, Abdoral Moraes, Fausto Feliciano, Leonam Pedrosa, etc., além da colaboração, em números especiais, dos professores Antonio Tenório, Jataí de Sampaio, Mário Matos e outros e do inspetor de ensino João Domingues da Fonseca.

Algumas edições d'O Ginário saíam com seis páginas, utilizando sempre papel acetinado. Desde o número XXVI, de 12 de outubro de 1937, passaram a figurar no cabeçalho os responsáveis pela publicação, a saber: Abdoral V. de Moraes, diretor; Dioclécio F. de Araújo, redator-chefe, após substituído por Lucilo Jordão; José R. de Oliveira, gerente. Apareciam, de quando em quando, clichês de elementos dos corpos docente e discente. Houve, também uma parte humorística, a salientar, em 1938, "O Pelourinho", com a assinatura de Dr. Zeca-Tita.

Na edição de 30 de abril de 1940 não se mencionava mais o corpo redacional do periódico, que foi suspenso após a edição de 31 de agosto - ano VIII, nº 44 (colaboração do ex-aluno Luiz Souto Dourado, M. Lira, etc.) - só reaparecendo em maio de 1942, devidamente registrado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. A edição seguinte saiu a 5 de novembro de 1944 (colaboração de Valdemir Maia Leite, Orlando Cavalcanti, etc.), pulando daí para 26 de maio de 1949, sem mais a declaração de "órgão dos Centros de Cultura do Ginásio", e com caráter quase que exclusivamente humorístico, dizendo o seu editorial que, aos 17 anos de idade, O Ginásio passava a ser vendido por Cr\$ 0,50, ao invés de ser entregue de graça aos alunos.

Não se regularizara, todavia, a publicação. Circularam, no referido ano, apenas dois números, o segundo em junho, só voltando em outubro de 1950, outubro de 1951, outubro de 1952 (colaboração de Luzinete Laporte, Erasmo B. Vilela, etc); setembro, outubro e novembro de 1953, então "órgão da classe estudantil", servido da colaboração de Humberto de Moraes, Hilton Freire, Arlindo Francisco da Silva, Mauro Sousa Lima, Paulo Souto, Pedro Ribeiro e Ebenezer Fernandes; e ainda em outubro e novembro de 1954⁽¹⁾, com artigos, entre outros, de Lauro Leite Rodrigues, Adécio Tenório Vasconcelos, Enock R. Rocha, José Amauri Pereira e A. Cardoso.

O Ginásio sempre foi impresso na tipografia d'O Monitor, custeadas as respectivas despesas pela administração do educandário (Arquivo do Ginásio Diocesano)⁽²⁾.

ALVORADA - Com a Mocidade pelo Brasil. Órgão Noticioso e Literário - Entrou em circulação a 1º de agosto de 1933, no formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Alberto Falcão; redator-chefe - Antonio Viana; redator-secretário - Antonio Tenório; gerente Alberto Rego. Confecção da Tipografia Moderna, situada à rua Dr. José Mariano, 71, funcionando a redação na rua Dr. Jardim, 19, depois transferida para a rua D. José, 99. Assinatura mensal - 0\$500. Número avulso - 0\$200.

"Órgão dos moços imbuídos de idéias novas e sadias"- lia-se no editorial intitulado "Apresentação" - Alvorada "segue-lhes a rota do seu ideálsimo; marcha com eles; admira os postulados

(1) A publicação continuou em 1955.

(2) Na Biblioteca Pública do Estado encontram-se apenas oito comprovantes d'O Ginásio, inclusive o de estréia, ao passo que a coleção do Arquivo do Ginásio Diocesano começa de agosto de 1935, daí por diante sem lacunas.

da revolução outubrina; olha com alta simpatia para o angustioso problema do proletariado".

A publicação decorreu ora semanal, ora quinzenalmente, contendo um página de reclames comerciais e a colaboração de Gumercindo de Abreu, Moema Cavalheiro das Selvas, Lino, autor da "Kodak"; Lino-Elba Pintassilgo e V. Silva, além do pessoal da redação, inclusive Luiz Schettini que, no nº 4, substituiu Antonio Tenório. No fim apareceu o nome do proprietário: Manuel Virgínio da Silva, e o gerente passou a ser Everaldo Marques.

Alvorada manteve regular noticiário e chegou a dar uma edição de seis páginas. Mas sua existência foi efêmera, pos não ultrapassou o nº 8, que saiu no dia 8 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

PÉROLAS DA INFÂNCIA - Lições Bíblicas Para Crianças - O nº 44, ano XIII⁽¹⁾, circulou a 29 de outubro de 1933, em formato de 17 x 11, com quatro páginas. Organizadora - Almerinda A. Gonçalves. Assinatura anual - 1\$500; mais de dez, para o mesmo endereço - a 1\$000. Trabalho material da Tipografia Norte Evangélico.

Publicação semanal ininterrupta, ao começar 1934 acrescentou ao cabeçalho: "Sob os auspícios do Centro Evangélico de Cooperação e Estudos do Nordeste do Brasil", o que só prevaleceu até o fim de 1935. A matéria programada quase sempre ocupava três páginas, lendo-se na última, um conto ligeiro ou variedades.

(1) Órgão fundado em 1921, na capital do Estado, não existem nas bibliotecas, quer de Garanhuns, quer do Recife, especializadas ou não, comprovantes dos doze primeiros anos das Pérolas da Infância, senão os nºs 10 a 13, ano II (Ver "Periódicos do Recife", vol. III desta "História da Imprensa de Pernambuco").

Em janeiro de 1939, reduziu-se o título à palavra Pérolas, com o sub-título: "Estudos da Bíblia para a Infância".

Ocorriam, invariavelmente, 52 edições anuais. A partir de janeiro de 1943, viu-se-lhe o formato aumentado para 23 x 16. Assim prosseguiu, com o concurso de diferentes colaboradores evangelistas, mas reduzida a publicação a duas páginas, até 30 de junho de 1946, ano XXVI (Biblioteca Pública do Estado).

NOTAS DIÁRIAS SOBRE PORÇÕES BÍBLICAS - Caderno de 20 centímetros de altura por 10 de largura, com 32 páginas, foi fundado em janeiro de 1933⁽¹⁾, publicando-se mensalmente. Auspícios, no primeiro ano, dos revs. W. B. Forsyte, Antonio Almeida, Samuel Falcão e W. G. Neville. Trabalho de George Goodman, por tradução de diferentes pastores. Assinatura anual - 5\$000. Impressão da Tipografia Norte Evangélico.

Nenhuma outra matéria constou da revistinha, compreendendo cada página uma lição, igual a quantidade de páginas aos dias do mês.

Publicação ininterrupta, ao iniciar-se 1939 reduziu o formato para 16 x 10 e, a partir de 1941, circulou bimestralmente. Prolongou-se até, pelo menos, a edição correspondente a novembro e dezembro de 1944, última avistada (Biblioteca Pública do Estado).

THE BRAZIL REPORTER - Teria circulado em 1933.

VIDA JUVENIL - Jornalzinho da Infância - Órgão "das Sociedades Juvenis e das classes infantis da Escola Dominical", a

(1) À coleção manuseada faltam as nove primeiras edições, só começando com a décima, do mês de outubro.

edição de nº 10/11/12, ano XIII, de 1933, circulou datada de outubro/novembro/dezembro⁽¹⁾. Formato de 22 x 15, páginas 113 a 154, capa em papel de cor. Diretor - W. G. Neville; redator-responsável - Josibias Fialho Marinho. Assinatura anual - 2\$000; para grupo de dez ou mais - 1\$500. Impressão da tipografia do Norte Evangélico.

Publicação trimestral, a partir do nº 1 de 1934 acrescentou-se à capa a frase bíblica (S. Mateus 5:8): "Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus", substituída de edição para edição. Na oportunidade, fundiu-se com Vida Juvenil o periódico Avante⁽²⁾, de natureza similar.

Variada quantidade de páginas, só divulgando lições para jovens de 8 a 14 anos, feita a distribuição nas igrejas evangélicas, Vida Juvenil seguiu sua meta inalteravelmente, conforme o "programa do Conselho de Educação Religiosa da Confederação Evangélica do Brasil".

Chegou, assim, ao nº 1, ano XVIII, correspondente aos meses de janeiro a março de 1938 (Biblioteca Pública do Estado).

Teria continuado!?

ESTUDOS BÍBLICOS - Lições Internacionais. Para uso das Escolas Dominicais. Publicação trimestral, "sob os auspícios do Centro Evangélico de Cooperação e Estudos do Norte do Brasil", a quarta edição de 1933 (faltam comprovantes das anteriores) saiu datada de outubro/novembro/dezembro, páginas 157 a 212. Formato de 23 x 14. Assinatura anual - 1\$500; ou 1\$200 para grupos acima de dez. Organizador - professor

(1) Não existem, nas bibliotecas visitadas, comprovantes dos anos.

(2) Não encontrado pelo pesquisador.

Juventino Marinho, substituído, em 1934, pelos professores Antonio Almeida e Samuel Falcão, continuando este último, sozinho, indefinidamente. Confecção das oficinas do Norte Evangélico, tendo como gerente W. G. Neville.

Circulou pelos anos afora, com absoluta regularidade, restrita a matéria ao enunciado no título. A partir de 1937, retirou-se a palavra "Internacional" das Lições. E a indicação dos auspícios foi substituída pela seguinte: "Programa do Conselho de Educação Religiosa da Confederação Evangélica do Brasil".

O custo da anualidade elevou-se suavemente, passando a 2\$000 em 1940; 2\$500 em 1942 e 3\$000 no fim de 1945. Variava entre 40 e 50 a quantidade de páginas, ao passo que a tiragem, iniciada com 8.000, terminou com 11.000 exemplares.

Findaram os Estudos Bíblicos com a edição de outubro / dezembro de 1946, quando a Casa Publicadora entrou em processo de liquidação, a fim de reformar seus equipamentos e operariado (Biblioteca Pública do Estado).

GARANHUNS OPERÁRIO - Saiu a lume no dia 1 de janeiro de 1934, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Juntou-se ao cabeçalho a divisa: "É das mãos calosas do Operário que a estátua do progresso há de surgir". Diretor - João Francisco dos Santos; redator-chefe - Antonio Pantaleão da Silva; secretário - Agostinho Francisco dos Santos; gerente - Leonilo Ferreira. Assinatura semestral - 1\$500. Número avulso 0\$100; depois 0\$200. Redação à rua Joaquim Távora; depois, rua 15 de Novembro, 656.

"É um jornal - lia-se no artigo-manchete - das classes para as classes; o seu programa tem por fim a defesa dos trabalhadores em geral, acima de tudo, e propagar a

sindicalização em massa, a fim de arrebanhar, recrutar e arregimentar as forças trabalhistas numa só linha de frente, para o triunfo definitivo das massas".

Publicação quinzenal, cumpriu sua missão divulgadora de matéria de interesse das classes operárias, contando com a colaboração de José Elesbão de Araújo, Suvlagus Zeffar, Fabre de Oliveira, José Agápito e E. P. C.

Atingindo o nº 6, de 11 de março, Garanhuns Operário ficou suspenso, só ressurgindo - nº 1, ano II - a 10 de janeiro de 1935, mantidos, apenas, dois nomes no cabeçalho: Pantaleão e Agostinho, este ocupando a gerência. Intervalara a "sua marcha combativa", mas dispunha-se a prosseguir na "rude tarefa", pra "escadejar as arcadas sinuosas do pavilhão do triunfo dos ideais libertários".

Passou a circular mensalmente, obedecendo ao ritmo inicial. Todavia, só conseguiu chegar ao nº 3 do segundo ano, datado de 3 de março de 1935 (Biblioteca Pública do Estado).

O **BIBLIÓFILO** - Mensário de literatura, editado pela Livraria e Tipografia Helena, com redação à rua Santo Antonio, 437, surgiu em janeiro de 1934, sob a direção de Luiz Schettini, tendo como gerente Félix Rui Pereira⁽¹⁾ e tesoureiro João Silva. Assinatura anual - 10\$000, importância reembolsada em livros.

(1) Em artigo na primeira edição d'O Bibliófilo, escreveu Edmundo Jordão: "Félix fez de sua livraria a colméia onde fabricam o seu mel e a sua cera as abelhas que aqui trabalham e as que de passagem pousam nas flores desse maravilhoso jardim que é Garanhuns. Artífice generoso, não se preocupa muito com o lucro que poderá auferir do trabalho silencioso de suas abelhas". Acentuou o articulista, noutra tópic: "Enquanto os outros se ufanam de haver vendido milhares de garrafas de cerveja ou de vidros de "Saúde da Mulher", Félix discretamente espraia, sem bulhas nem

Em formato de 46 x 26, com três colunas largas e quatro páginas, o interessante periódico veio a lume "com o fim alevantado de incentivar a leitura de bons livros, não poupando esforços para a contribuição no desenvolvimento literário do povo brasileiro".

Publicou-se regularmente, divulgando colaboração de Edmundo Jordão, Ivo Júnior, Morse Lira, Mário Gadelha, João Domingos (Zeno Cova), Humberto de Alencar, Ruber Van de Linden, Miguel Jasseli e outros, a par de notas literárias, pensamentos de homens célebres e notícias bibliográficas. Assim atingiu o nº 11/12, correspondente a novembro-dezembro, com oito páginas.

Em janeiro, de 1935 apareceu O Bibliófilo transformando em revista, com 26 páginas, inclusive a capa, esta ilustrada por R. Linden, num desenho da Fazenda da Simôa Gomes, representando Garanhuns de 1750, quando de sua fundação. O nº 1, ano II, apresentou-se no formato de 31 x 24, impresso em papel especial, contendo outras ilustrações.

Lia-se no artigo "Aniversariando", que ocupou a primeira página do texto: "...registramos, prazenteiros, o primeiro ano de vida deste jornal, vida entremeada de lutas e dificuldades, porém não lutas políticas, não achincalhe e menoscabo, mas lutas contra esse carcinoma terrível que mata os brasileiros - a ignorância.

A edição inseriu produções de Uzzae Canuto, De Lira e César (prosa e verso), J. Marinho e Jaime Luna, além dos antigos colaboradores.

matinadas, o melhor dos alimentos, dos tônicos, dos estimulantes, que é o livro".

Seguiram-se os nºs 3/4, de março/abril, e 5/6, de julho/agosto, voltando O Bibliófilo à categoria de jornal, com oito páginas, sem alterar-se o ritmo anterior. Mas terminou aí a publicação.

Ressurgiu no dia 1 de maio de 1939 (ano VI, nº 1), "depois de quatro anos de ostracismo. Quatro anos em que se recolheu ao retiro de suas oficinas, aguardando dias melhores, ambiente mais espiritual, acolhimento mais confortador". Frisou o articulista: "Como programa, a revista mantém o placard: nada de bajulações, nada de combate a seitas religiosas, nada de comunismos nem de integralismos; apenas literatura e coisa que faça bem ao espírito".

Tendo como proprietário, ainda, Félix Rui Pereira, o periódico, novamente travestido em revista, com dezesseis páginas, nitidamente impressas em papel acetinado, apresentou-se sob direção de José Maria Mendes. Logo na primeira página do texto, divulgou "Trabalho" de Epitácio Pessoa, seguindo-se artigos assinados por Edmundo Jordão, João Domingos da Fonseca, Ângelo Cibela, Senir Jataí de Sampaio, José Maria Mendes, João Rufino e Carmosina Monteiro; versos de Salomé R. Mendes, Raquel Lima, Uzze Canuto e Eurico Costa, além de notas biográficas e sociais.

Passou a ser vendido o exemplar a 600 réis, cobrando 15\$000 pela assinatura anual, com direito a 10\$000 em livros da Livraria Helena, que se mudara para o nº 349 da mesma rua.

Mais alentado foi o nº 2 dessa última fase d'O Bibliófilo, que saiu a 7 de junho, com vinte páginas, em parte dedicado ao centenário do nascimento de Tobias Barreto, cujo retrato figurou na capa. Afora os antigos colaboradores, apareceram trabalhos de Luiz Souto Dourado e Débora Vasconcelos.

Terminou aí, consoante informação da Livraria Helena, a existência do apreciado jornal-revista (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

BOLETIM MÉDICO - Órgão do Instituto Médico-Cirúrgico de Garanhuns - Publicação quinzenal, estreou a 1º de maio de 1934, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Assinatura anual - 5\$000. Preço do exemplar - 0\$200 logo reduzido para 0\$100.

Segundo o editorial de abertura, era Garanhuns, "no interior de Pernambuco, a metrópole do jornalismo. Confirmando o asserto, vai a nossa terra, agora, ter um órgão consagrado à Medicina, iniciativa da qual, no interior do Estado, nos orgulhamos de ter a primazia".

Justificava-o "elevado nível" atingido, no município, "pela Medicina, em várias de suas delicadas especialidades". Seriam objetivos principais do jornal: comentar os triunfos obtidos; ser "um arauto, guia e defensor da causa pública"; mas não seria "um quinzenário monótono nem intolerante, expoente de teorias já mumificadas".

Seguiu-se normal a circulação, obediente ao programa traçado, inserindo artigos assinados, às vezes de sumidades médicas, através de transcrição; as seções "Os fatos da quinzena" e "Indicador profissional" e publicidade dos serviços do Instituto. Foram colaboradorres especiais: dr. Paulino de Barros, Amadeu Aguiar, que era o mesmo A. A. ou Silva Néri e dr. Tavares Correia.

(1) A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada do nº 1 de 1939, que foi possível manusear em Garanhuns, na Livraria Helena.

Tendo atingido o nº 10 a 15 de setembro, encerrou-se aí a atividade do Boletim Médico (Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DA CIDADE - Bissemanário de Opinião Própria - Saiu a público no dia 1 de julho de 1934, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Tiago Veloso; gerente - Dário Rego, achando-se instalada na rua Santo Antonio, 256. Trabalho da Tipografia Moderna, à rua Dr. José Mariano, 71. Assinatura mensal - 1\$000. Número avulso - 0\$100.

Prometeu, em "A nossa fala", "fazer do esforço em prol do engrandecimento de Garanhuns o seu lema", adiantando: "Na inquietação da hora presente, A Voz da Cidade, na sua esfera de ação, procurará orientar os espíritos no conhecimento das realidades, escoimando-os de quimeras enganadoras". Atuaria "com isenção de ânimos e sem compromissos sectaristas".

Órgão sobretudo noticioso, sem reclames comerciais, bastante variado de matéria, seguiu trajetória normal. Ao atingir o nº 7, divulgado com 18 dias de atraso, passou a circular semanalmente, às quintas-feiras, reduzindo para 0\$500 o custo da mensalidade. Ao mesmo tempo, foi o gerente substituído por Acácio Luna. Na edição em apreço veio a criar-se um concurso de beleza feminina e, na subsequente, nascia a seção "Rosa da quinta-feira", constituída de clichê de senhorinha da sociedade local.

Não se alterou, até o fim, o programa informativo da vida social e econômica do município. Colaboração única de Jaques Penafranca, Uzaae Canuto e João Domingos da Fonseca.

Calou-se A Voz depois do nº 15, de 4 de outubro, não voltando jamais à tona (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O MUNICÍPIO - Órgão Político-Noticioso - Apareceu no dia 25 de julho de 1934, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - Mário Matos, funcionando a redação na rua Santo Antonio, 270. Assinatura anual - 10\$000. Preço do exemplar - 0\$100, poucos meses após aumentado para 0\$200.

Publicou-se com regularidade, fazendo a apologia do governo municipal, de que era órgão oficioso, e publicando os atos da Prefeitura. Levou a efeito, depois, a propaganda, a serviço do Partido Social Democrático, da candidatura Carlos de Lima Cavalcanti ao governo constitucional do Estado, ao mesmo tempo que atacava e criticava a candidatura oponente do capitão João Alberto. Manteve a folha, enquanto isto, noticiário geral, abriu concurso para escolha da Rainha dos Estudantes de Garanhuns, e raros artigos, focalizando temas diferentes, eram assinados por J. Coelho Rodrigues, dr. Tavares Correia, Jaime Lima, Luiz Schettini e João Domingos da Fonseca, o mesmo Zeno Cova da crônica "Assuntando". Aproximadamente uma página de anúncios completava cada edição.

O Município só estendeu sua existência até o nº 23, datado de 22 de dezembro (Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

GARANHUNS-JORNAL - Órgão Noticioso e Independente - Circulou no mês de agosto de 1934, em formato médio, com seis páginas a cinco colunas de composição. Diretor - Manuel Vieira dos Anjos; redator-chefe - Jaime Luna; redator-secretário - Tirso Ivo. Redação à rua Santos Dumont, 86 e

(1) Coleção com lacunas.

(2) A coleção d'O Município acha-se desfalcada do nº 1.

confecção material da Tipografia Escolar. Tabela de Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Em sucinta nota de apresentação, escreveu o articulista: "O nosso programa: dizer a verdade. Procuraremos, assim, noticiar e comentar os fatos sempre com imparcialidade, sem paixões, sem partidarismos de qualquer natureza". E acrescentou: "Estaremos, sempre, ao lado dos que defendem os sagrados interesses do povo, e o nosso ideal será o ideal daqueles que trabalham pela grandeza da Pátria. Garanhuns-Jornal terá, finalmente, um único anelo: fazer tudo por Garanhuns".

Esperando publicar-se semanalmente, teve suas páginas - menos as duas e meia de anúncios - repletas de matéria variada, sobretudo amplo noticiário e comentários sobre temas de interesse local. Colaboradores: Luiz Schettini e Uzzae Canuto. A crônica social esteve a cargo de Mauro (Col. Jaime Luna).

Foi muito efêmera a existência do Garanhuns-Jornal. Sua edição de estréia foi noticiada pelo mensário Glória, a 5 de agosto. E já no dia 9 informava A Voz da Cidade que o recém-nascido "suspendeu temporariamente".

Segundo o testemunho pessoal do redator-chefe, circularam, ao todo, quatro número do periódico.

CRÍTICA - Órgão de Livre Opinião - Começou a publicar-se no dia 22 de agosto de 1934, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Manuel Virgínio da Silva; redator-chefe - Luiz Maia, funcionando a redação na rua Santo Antonio, 437. Assinatura anual - 5\$000, dando direito a um "romance ou outro livro qualquer". Número avulso - 0\$100. No segundo número entrou Altino Figueiredo como gerente.

Declarava a nota de abertura, entre outros tópicos ligeiros: "Crítica será a sentinela avançada dos direitos do povo e uma defensora inabalável dos interesses da nossa querida Garanhuns".

Destinado a circular semanalmente, teve vida efêmera. Divulgava comentários políticos, sucintas reportagens, humorismo, noticiário social e crônicas de Luiz Shcettini, enchendo-se de reclames comerciais a última página.

Só saíram quatro números, o derradeiro dos quais datado, com atraso, de 19 de setembro, já fora de sua função o redator Luiz Maia (Biblioteca Pública do Estado).

REVISTA DA LIVRARIA ESCOLAR - Foi posta em circulação a 30 de setembro de 1934, comemorando o 10º aniversário da fundação da Livraria Escola, de Manuel V. Gouveia, também diretor do magazine. Divulgou apreciáveis trabalhos literários (Inf. d'A Voz da Cidade).

JORNAL DO POVO - Órgão Eminentemente Popular - Circulou, pela primeira vez, a 1º de dezembro de 1934, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Josemir Rosa Correia; Redator-chefe - Luiz Maia; gerente - Nicanor Soares. Redação à rua do Recife, 71.

Segundo o exposto na manchete sob o título "Duas palavras apenas...", ocupar-se-ia em "analisar os fatos", assestando suas "baterias" contra "as pragas sociais, especialmente a exploração humana". Daria toda solidariedade "à massa anônima, sofredora e espoliada nos seus autênticos direitos e aspirações".

Começou, na edição de estréia, por chamar a "República nova sinônimo de República Velha", seguindo-se reportagens,

matéria noticiosa, comentários leves e uma página com anúncio único.

Não conseguiu ir além do nº 3, que saiu no dia 13 do mês referido (Biblioteca Pública do Estado).

Entretanto, o Jornal do Povo reapareceu "na última semana", em nova fase, sob a direção de Luiz Maia, ao que informou Tempos Novos de 31 de março de 1935.

NÚCLEO PROGRESSIVO - Órgão das alunas da Academia Santa Sofia - Apareceu no dia 3 de maio de 1935, em pequeno formato, mimeografado. Direção de Diva Medeiros e outras.

Ao completar o primeiro aniversário, mudou o título para O Progresso, passando a ser impresso tipograficamente ("O nosso jornalzinho", por Diva, n'O Progresso, setembro, 1937).

GARANHUNS SPORTIVO - Começou a publicar-se no dia 1 de setembro de 1935. Escreveu, a propósito, o Diário da Cidade: "...mais um jornal que nos oferece o esforço do inteligente moço Jaime Luna. É de circulação quinzenal e, conforme expressa o seu título, ocupa-se dos desportos locais. Djalma Araújo é o secretário e Antonio Monteiro o gerente".

DIÁRIO DA CIDADE - Órgão de Defesa Popular - Entrou em circulação a 5 de setembro de 1935, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Luiz Célio Maia; redator-chefe - José Fittipaldi; gerente - Aderbal Galvão. Assinava-se a 2\$000 mensais, custando 0\$100 o número avulso.

"...não tem partido político - dizia o editorial de apresentação - não tem religião, hão se imiscui em politicagem,

não hostiliza, não provoca. Notícia e comenta. Notícia com exatidão, comenta com justiça. Não move campanhas sistemáticas, não detrata, não calunia. Também não corta-jaca". Acentuou: "...jornal dirigido por operários, vê com simpatia as lutas pelas reivindicações proletárias, prestigiando-as sob todos os pontos de vista".

Noticiário ligeiro, o comentário "Matutando", por João da Serra, e soneto de Álvaro Costa - tal foi a matéria com que estreou a nova folha diária, completada com duas páginas de anúncios.

Abriu o nº 2, no dia seguinte, o artigo "Nós venceremos", e Luiz Maia iniciou os "Lamentos proletários". Cresceu mais um pouco a parte de anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Nenhum outro comprovante encontrado. No dia 22 do mesmo mês de setembro, informou Tempos Novos que o Diário da Cidade estava suspenso "por motivos de ordem interna".

A RAZÃO - Órgão Oficial do Núcleo Integralista de Garanhuns - O nº 1, ano I, saiu a lume no dia 23 de setembro de 1935, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. No nº 5, lia-se no cabeçalho: "Filiado à associação Sigma Jornais Reunidos". Orientação de Tancredo Messias; gerente - Péricles Santos. Redação à rua Severino Peixoto, 107 e trabalho material da Livraria Tipografia Escolar, situada à rua Santo Antonio, 294. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Número avulso - 0\$200.

Começou a aumentarr o formato no nº 7, passando para 36x 26, a cinco colunas estreitas de composição. Cresceu mais, chegando a atingir, no nº 18, a estatura de 47 centímetros, páginas de cinco colunas normais. O gerente tinha sido substituído por Antonio Viana e só então apareceu a turma de

redatores: Antonio tenório, Manuel Gouveia, Manuel Virgínio e Carneiro Leão, o segundo dos quais por pouco tempo, e o último substituído, depois, por Mário Matos.

Sem faltar o emblema do Sigma, a largura do cabeçalho completava-se com quadrinhos de cada lado do título, dentro deles reproduzidas palavras do Presidente Getúlio Vargas e do Senador Felinto Muller. Mudou a redação para a rua Santo Antonio, 230.

Decorridas algumas edições, modificou-se a orientação do jornal (nº 28), vindo a exercê-la Manuel Virgínio. Outros nomes increveram-se, dado o prosseguimento da publicação, na equipe administrativa e redacional: Alfeu Valença, Dorval Santos e Almir Zaidan.

O semanário fez a mais intensa propaganda do credo integralista, noticiosa e doutrinária, incluindo a colaboração de Gilberto Osório de Andrade, Amadeu Aguiar, João Domingos da Fonseca, Eurípedes Cardoso de Meneses, Helena Maria Alves, etc., além de transcrições, aparecendo o orientador com as assinaturas de Lídia Cansanção e Virgínio Silva. Cada edição dedicava uma página a reclames comerciais.

Continuou A Razão em 1936, emendando a numeração, ainda em 1937, cujo nº 85, de 26 de setembro, reuniu doze páginas, em dois cadernos, edição comemorativa do segundo ano de existência. Estampou fotogravuras dos líderes e artigos especiais de Edmundo Jordão, Urquiza Valença, Manuel Gouveia, Custódio de Viveiros, capitão Jaime F. da Silva e outros.

Atingiu o nº 94 a 28 de novembro de 1937, que deve ter sido o último posto em circulação (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

ALMAQUE DE GARANHUNS - Para 1936 - Publicação editada por Félix Rui Pereira, escrita, compilada e organizada por Miguel Jasseli e Ruber Van der Linden, este último ilustrador, apresentou-se como o objeto de "tornar mais conhecidas as grandezas" da terra garanhunense.

O artigo de abertura da volumosa brochura - 226 páginas de texto, no formato de 22 x 16 - assim concluiu: "Em exaltando a terra que é o nosso berço ou que nos dá o pão, não fazemos senão uma obra meritória, porque, como o grande vate lusitano, tranqüila a consciência e satisfeitos, podemos dizer:

Eu dessa glória só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente".

A começar pelo calendário do ano, o bem organizado Almanaque inseriu copiosa matéria informativa sob os mais variados aspectos, comentários de interesse geral, e poemas assinados por Luiz Schettini, padre Manuel Barreto, Carlos Fradique, Artur Brasiliense Maia, Maria Brasil Maia, Francisco Sales, João Domingos da Fonseca, Morse Lira, Edmundo Jordão, Ildefonso Lopes, Maria Helena Pereira, Alice Souto Dourado, Iomar Barros, De Lira e César, Valdemar de Oliveira, Osvaldo Valpassos, Melo e Silva, Firmo de Santana, Gercino de Pontes, Miguel Calmon, Eurico Costa, Nehemias Gueiros e Reinaldo de la Paz, estando a história propriamente dita do município (História e Natureza) a cargo de Ruber Van der Linden, mas incompleta, para continuar na edição do ano seguinte.

(1) Coleção desfalcada, faltando-lhe, sobretudo, o primeiro número.

Muito ilustrada, a edição, sobretudo com aspectos fotográficos da cidade.

Circulou o segundo (e último) número do Almanaque em 1937, excluído da direção o nome de Miguel Jasseli, contendo igual número de páginas. O diretor Ruber van Linden ilustrou a capa e desenhou todos os títulos da matéria principal, além de assinar diferentes produções.

O artigo de apresentação aludiu a uma "triplicada tiragem, formando um feixe de ensinamentos úteis aos agricultores do Nordeste; uma coletânea de informes interessantes a todas as classes; uma seqüência de colaborações rigorosamente escolhidas entre os primitivos ribeirinhos; traduções especiais de autores estrangeiros e uma propaganda da cidade de Garanhuns como estação de cura, de repouso e de atração para turismo".

A primeira parte estava assim dividida: Dados Astronômicos - Religiões - Informações Úteis - Calendário - Coisas Diversas - Guia Astrológico. Da segunda constavam: artigos de Richard Barry, Heli Leitão, Edmundo Jordão, Gercino de Pontes e padre Tarcísio Falcão; contos de Iomar Barros, Osvaldo Valpassos e Sales Vila Nova; poesias de Manoel Rosa e José Rabelo. E ainda: Estatística - Governo - Produções (Biblioteca Pública do Estado e Biblioteca Nacional).

O PROGRESSO - Órgão das Alunas da Academia Santa Sofia - Impresso em caracteres tipográficos, entrou em circulação no dia 3 de maio de 1936 (conforme o artigo de Diva Medeiros, já citado), não restando, dessa fase, nenhum comprovante.

A 18 de setembro de 1937 saiu O Progresso transformado em revista, formato de 32 x 23, com 32 páginas, comemorando as bodas de prata da Academia (atual Colégio), cujo clichê do

edifício figurou na capa de cartolina rósea. O texto apresentou-se em papel couchê, utilizando tinta azul, bem impresso e fartamente ilustrado, a começar pelas fotogravuras de Madame Agathe Verhelle, fundadora do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã, e da reverenda Mere Christine, superiora geral. Inseriu produções assinadas por Monsenhor José A. Callou, Luiz Guerra, padre P. M. Godoy, C. Mairink de Andrade, Antonio Tenório de Almeida, Mário Matos, Pedro de Góis Cavalcanti, Eurico Pontes Lira, Senir Jataí de Sampaio, Maria da Conceição Valois Correia e maria de Lourdes Brasileiro, e alunas Elisa B. Coelho, Diva Medeiros, Lucinete de Oliveira, Edna Bastos, Lourdes Wanderley, Alba Tavares, Betty Simons, Judice Souto Correia de Araújo, Iris Tenório e outras (Col. Maria do Carmo C. Braga).

Continuou O Progresso, porém feito jornal, de quatro páginas, já no seu nº 23, de 26 de setembro - ano III - com a colaboração das educandárias e uma homenagem de despedida ao inspetor de ensino Clínio Mairink de Andrade.

O nº 24 saiu a 31 de outubro e o 25º ano dia 21 de novembro, contando seis páginas, edição de despedida do ano, em homenagem "à primeira turma de diplomadas do Curso Ginásial". A página de frente foi ocupada por um poemeto do padre Magno Godoy, figurando nas demais artiguinhos das jovens estudantes (Biblioteca Pública do Estado).

Continuou em 1938, sem que restem mais comprovantes.

O TRABALHO - Órgão dos Alunos do Instituto Profissional de Garanhuns - O nº 1, ano I, publicou-se em agosto de 1936, obedecendo ao formato de 32 x 23, com quatro páginas de três boas colunas, impresso em papel acetinado. Diretor - Valdeci Bezerra; redator-chefe - José Bastos. Adotou o lema "Artes - Ofícios", expresso no clichê do cabeçalho.

Apareceu, consoante a nota de abertura, "para coadjuvar na grande luta que, presentemente, surge para o soerguimento de nossa mocidade". Nela ficaria gravado o "esforço de alunos e mestres".

Edição modesta, inseriu artigos ligeiros de Clodoaldo Moreira Leal, Pedro Silva, Manuel Severino dos Santos, José Batista dos Santos, Bastos e Valdeci; "Quadro de honra" e noticiário.

Teia ficado na edição de estréia (Biblioteca Pública do Estado).

THE FIRING LINE - Circulou o nº 1, série II⁽¹⁾, vol. I, datado de fevereiro de 1937, em formato de 32 x 23, com seis páginas de duas colunas largas. Todo redigido em inglês, foi impresso nas oficinas do Norte Evangélico. Editor - E. R. Arehart; managing editor - W. G. Neville.

Sua matéria constou de artigos da lavra de W. C. Porter, Caroline Kilgore, Langdon Henderlite, Arehart, W. M. Thompson e Lina Boyce (Biblioteca Pública do Estado).

O MENSAGEIRO - Órgão da Liga Maçônica "Mensageiros do Bem" - Surgiu a 1º de maio de 1937, para publicar-se quinzenalmente. Formato médio, quatro páginas, cinco colunas de composição, trazia engastadas, no desenho do título, as armas da Maçonaria e, sobre ele, na largura da página, uma manchete exprimindo conceitos de homens de letras. Outra manchete encimava a última página. Direção de Vítor Grossi; secretário - Antero Wanderley; gerente - Antonio Pereira.

(1) Já circulava em 1932, segundo noticiou, sem pormenores, o Boletim Informativo do referido ano.

Anualidade: 10\$000; número avulso: 300 réis. Redação e administração à rua D. José, 67.

Do artigo "Apresentado", constavam os seguintes tópicos: "O Mensageiro, que hoje se apresenta ao público, será um órgão destinado a cumprir à risca o programa que se traçou, procurando servir a humanidade, prodigalizando-lhe ensinamentos sãos".

"Não nos interessam as discussões estéreis e as estiradas ocas de sentido. Esparzindo a semente do Bem, nos insurgimos contra as investidas do Mal, representado nos inúmeros hipócritas acobertados com o manto esburacado do tartufismo. Os nossos inimigos serão os inimigos da Verdade e da Justiça".

Logo de início, o periódico investiu contra Lídia Cansação, (Pseudônimo de Manuel Virgínio), que vivia, pelas colunas do órgão integralista A Razão, "a insultar à Maçonaria e, concomitantemente, aos maçons".

Além do noticiário local e informações úteis, com pouco mais de uma página de anúncios, apresentou O Mensageiro, no seu primeiro número e, em prosseguimento, colaboração assinada por Vigilante, J. C. Moura, Uzzae Canuto, Tiago Veloso (crônicas de Belo Horizonte), João Dez, Leo A. Pontual, Heli Leitão, Espinho, Luiz Schettini, Hibernon Wanderley, Wandenkolk Wanderley e José Maria Mendes.

Impresso em papel comum passou a adotar, desde a quinta edição, o acetinado. A 7 de setembro, em homenagem ao Dia da Pátria, com ilustração alusiva, na primeira, do desenhista e escritor Ruber Van der Linden, circulou com 20 páginas. Abaixo do título, uma manchete saudava "com reverência e admiração,

o veterano O Lidador⁽¹⁾ decano do jornalismo matuto". Em seguida a expressivo editorial, liam-se trabalhos literários ou poemas especiais de Manuel de Araújo Barbosa, Coelho Rodrigues, J. Maurício Wanderley, padre Nestor de Alencar, Salomé R. Mendes, Raquel Lima, José Cincinato, Artur Brasiliense Maia, F. Costa, Antonio Pantaleão da Silva e dos colaboradores efetivos, inserindo, igualmente, vasto informe sobre as comemorações da data e notas sobre a vida de Garanhuns, afora boa messe de publicidade comercial.

O quinzenário circulou regularmente - mantendo sempre acesa polêmica com A Razão - até o nº 12, de 10 de outubro (Biblioteca Manuel Arão, Garanhuns e Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

VOLANTE - Órgão de Defesa dos Interesses da Classe de Chauffeurs - Único encontrado, circulou o nº 5, ano I, a 22 de junho de 1937, em formato de 37 x 27, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Diretor - Aureliano Calado, funcionando a redação na rua Santos Dumont, 30. Trabalho material da Tipografia Livraria Helena. Tabela de assinaturas: ano 12\$000; semestre - 6\$000; Mês - 1\$000.

Tendo as páginas centrais repletas de anúncios, inseriu, nas externas, variada matéria, constituída de noticiário e comentários. Fazia propaganda da candidatura José Américo de Almeida à presidência da República e atacava o Integralismo (Biblioteca Pública do Estado).

O CORREIO DA CIDADE - Publicou-se em 1937, mês de setembro (Inf. d'A Voz, de Bom Conselho).

(1) Periódico de Vitória de Santo Antão, fundado em 1880.

(2) A coleção da Biblioteca Pública Estadual acha-se desfalcada do primeiro número.

GARANHUNS-DIÁRIO - Órgão Noticioso, Independente

- Começou a publicar-se no dia 6 de abril de 1938, em substituição ao Diário de Garanhuns, obedecendo a idêntico formato, assinatura mensal a 3\$000 e número avulso a 0\$200. Confecção da Tipografia Moderna, à rua do Recife, depois denominada José Mariano, 73. Direção de Dário Rego; redator-chefe - Luiz Schettini.

Apresentou a seguinte manchete: "O Garanhuns-Diário dedica seu primeiro número à memória do inolvidável brasileiro José Bonifácio (clichê no centro da página), cujo centenário de sua morte hoje o Brasil comemora condignamente".

"O nosso escopo é servir à coletividade" - dizia o artigo "Bom dia, leitor", acentuando: "As questões religiosas, a politiquice, os endeusamentos, bem como as descomposturas não se amoldam ao nosso programa. Queremos trabalhar pela tranqüilidade e harmonia da família garanhense, não poupando esforços para bem servir à nossa terra".

Circulando normalmente, com duas páginas de anúncios, sua meta principal era o noticiário dos fatos e acontecimentos da cidade e do município, ao lado do comentário conciso, imparcial, focalizando temas do momento.

Assim prosseguiu, meses afora, contando, inclusive, com a colaboração de J. Coelho Rodrigues, que escrevia "Desenhos animados"; Edmundo Jordão Filho, ou Edfilho; Estanislau Pimentel; M. L.; Luiz Maia; Firmino Filho; Ildfonso Lopes; Ulisses Diniz; T. Mudo, etc., enquanto Luiz Shcettini mantinha a seção "Não leia!..." e sucediam-se originais da U. J. B. e da Agência Nacional.

Entre os meses de junho e julho, divulgou, ocupando sucessivas edições, sob o título "Crime de injúria pela Imprensa",

a defesa do jornalista-advogado Morse Lira, no processo que lhe fora movido pelo Tribunal de Apelação de Pernambuco, por causa do artigo "Oh a Justiça!...", estampado na edição de 19 de dezembro de 1937 do Diário de Garanhuns.

Ao começar 1939, só figurava no cabeçalho o nome do diretor. E o juiz Porto Filho veio a assinar, por algum tempo, diariamente, o "Comentário".

Atingida a edição de 12 de novembro, o Garanhuns-Diário, "ante o dilema de reduzir o tamanho do jornal ou sumprimi-lo", optou pela primeira hipótese, tornando-se portanto, menor, com quatro colunas estreitas, dizendo o editorialista, a propósito: "...isto o fazemos por amor à nossa terra, que possui o único jornal diário do interior do norte do Brasil. A guerra veio encarecer muito o papel de imprensa, que é deficiente e caro".

Prosseguiu em 1940 mas, ao atingir 1941, já não circulava diariamente. Só o fez durante o mês de maio. Nos outros meses aparecia três a quatro vezes por semana.

Em 1942 e 1943, transformou-se em bissemanário e em 1944, não era mais do que simples semanário. Apresentava, então, produções literárias de Valdemir Maia Leite, Paulo Fernandes de Barros, J. Pernambuco, Paulo Amazonas, Luiz Souto Dourado, Viriato Rodrigues, etc. A estes seguiram-se, nos anos seguintes, Damurié Vasconcelos, Oscar Siqueira, Arnaldo de Aragão, dr. G. Martins Alves, J. J. do Bomfim e outros.

Em 1947, progrediu um pouco, passando a sair com seis, às vezes oito páginas, mantendo-se, porém, hebdomadário. E assim continuou, pelo tempo afora, sem interrupção, sempre no seu posto o diretor Dário Rego.

Em sua edição de 26 de agosto de 1951, comentando a notícia do aparecimento de novo jornal em Garanhuns, que pretendia pleitear uma subvenção de Cr\$ 5,00 mensais da Prefeitura Municipal, escreveu o articulista que o Garanhuns-Diário (antes Diário de Garanhuns), com mais de 21 anos de vida, "servindo ao povo, às reivindicações populares, propugnando pelo progresso da terra, levando o seu nome e seus fatos sociais por grande parte do Brasil, recebe, por pagamento de publicações de todos os atos oficiais, inclusive balancetes, etc., a ínfima importância de duzentos cruzeiros mensais".

Defendendo o princípio de alheamento à política e às religiões, escreveu o então redator Paulo Fernandes Barros, usando as iniciais P. F. B., a 9 de março de 1952: "...nas tarimbas do velho Garanhuns-Diário esquecemos os nossos próprios interesses e relegamos a um plano secundário as nossas concepções partidárias de Fé e de Política e Labutamos tão somente para que em nossas colunas apareça, apenas, com toda soberania que lhe é peculiar, o verdadeiro sentido da imprensa digna e construtiva - a Verdade".

Elevava-se então, para Cr\$ 0,40 o preço do número avulso, sem alterar-se o custo da assinatura mensal. A colaboração, variando constantemente, esteve a cargo de Luiz de Luna Almeida, Valdemar Araújo, Viriato Rodrigues, J. J. do Bomfim, Oscar Siqueira, Mário Fernando, Jaime Luna, Décio França, Aldo Bacelar, Ronildo Maia Leite, Antenor de Queiroz, Gama Lima Filho, M. C. de Matos, Jaci Rego Barros, Jarbas Maranhão, José Wamberto, Virgílio Azedo, J. Barros Torres, F. G. Fernandes, Josafá do Nascimento, Valdir Barbosa; Z., autor da seção "Palestrando"; Jamelão"; J., com as "Coisas da Cidade" e Aladim, que assinava editoriais. Divulgou, por fim trabalhos da "Globe Press".

Ao atingir 1954, o semanário apôs no cabeçalho: "Ano do Tinentenário da Restauração Pernambucana". Sem mais alterações chegou ao fim do ano com o nº 1675, datado de 19 de dezembro⁽¹⁾ (Biblioteca Manoel Arão, Garanhuns e Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

PALADIO - Surgiu no dia 27 de agosto de 1939, obedecendo ao formato de 32 x 23, com oito páginas a três colunas de 14 cíceros. Orientador - Senir Jataí de Sampaio; diretor - Luiz Souto Dorado; redator-chefe - Alino L. de Assis; redatores - Augusto Pinto, Gasparino da Mata, Dioclécio Araújo e E. José Cadengui. Redação à rua Dr. Severiano Peixoto, 19.

Fez apresentação o juiz-escritor Edmundo Jordão, com o artigo "Continuará", afirmando a certa altura: "O Paladio é um jornal de estudantes que quer ter a sua autonomia, bem que isto importe em oposição ou descaso à orientação dos mestres e dos professores que, em Garanhuns, trabalham, abnegada e patrioticamente, pelo aperfeiçoamento moral de sua juventude".

Concluiu declarando confiar, "integralmente, no luminoso futuro" do novo órgão que, "como o Brasil", haveria de continuar.

A edição inseriu as seções "Pena, Caneta, Tineiro e Papel", "Mulheres & Letras" e "Coisas da Cidade"; artigos de Uzzae Canuto, Antonio Tenório, Mário Matos, Judice Souto Correia de Araújo, Colibri, o dos "Instantâneos", e Nisia Caldas, além das produções do pessoal da equipe redacional (Coleção Osvaldo Araújo, Fortaleza, Ceará).

(1) Continuou a circular em 1955.

(2) A coleção da Biblioteca Pública do Estado, além de lacunas outras, só se estende até o nº 1399, de 12/12/1948, passando daí para 1952, período de janeiro/dezembro.

Jornal de estudantes, sem ligação colegial, tendo por objetivo conciliar a classe, dele não restam comprovantes nas bibliotecas de Garanhuns nem do Recife. Foi possível verificar, no entanto, que circularam cinco números do Paladio, o último dos quais datado de 15 de novembro do mesmo ano, conforme o livro de recortes do atual deputado Luiz Souto Dourado, de artigos de sua lavra, manuseado pelo pesquisador.

COM A IGREJA - Órgão da Ação Católica Diocesana de Garanhuns - Circulou, pela primeira vez, em novembro de 1939, no formato de 20 x 25, com quatro páginas. Trabalho gráfico das oficinas d'O Monitor, sua tiragem foi apenas 100 exemplares, para distribuição interna.

De feição cultural e doutrinária e periodicidade ocasional, publicaram-se mais dois números, em datas não identificadas, ficando suspenso. Em novembro de 1944, a Juventude Feminina Diocesana fê-lo circular ainda uma vez, a última, em edição datilografada, em homenagem ao bispo Mário de Miranda Vilas Boas, por motivo de sua promoção a arcebispo do Pará (Notas de Arlinda Valença).

A VOZ DO INSTITUTO - Órgão Oficial do Instituto Profissional de Garanhuns - O nº 8, ano I (único encontrado) circulou a 1º de abril de 1940, em formato de 32 x 23, com seis páginas de quatro colunas estreitas. Diretor-redator-chefe - Antonio Valdésio Belo; tesoureiro - José Júlio da Silva.

A par de artigos, crônicas, curiosidades, charadas, humorismo e noticiário, a segunda página inseriu colaboração exclusiva dos meninos do curso primário, e a quinta um "Indicador Profissional e Comercial" (Biblioteca Pública do Estado).

CIDADE - Revista Moderna de Literatura e Mundanismo
- Apareceu em maio de 1940, em formato de 28 x 19, com 24 páginas, mais a capa em papel róseo, ilustrada com desenho simbólico de Eurico Costa. Diretor - Luiz Maia; redator-chefe - Francisco Guimarães Fernandes; secretário - Jaime Luna, funcionando a redação na avenida Santo Antonio, 227. Assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 1\$200.

Na nota de apresentação, após dizer que as revistas, "na terra de Simôa Gomes", nasciam e morriam romanticamente, logo que começavam a viver, escreveu o redator: "Cidade, porém, não nasceu para morrer. Quer o ritmo de nossa terra, pulsando com Garanhuns, em todos os seus momentos de vida social. Quer ser o reflexo da cidade de clima maravilhoso. A propaganda. A defesa. O elogio. A exaltação. Tudo isto, na certeza única de que a gente garanhunense compreenderá o seu idealismo e a sua força".

Modestamente confeccionada, inseriu, todavia, interessante matéria, constituía de artigos ou crônicas, poesias, variedades, noticiário e, como não podia deixar de acontecer, anúncios.

Publicação mensal, o segundo número exibiu, na capa, o desenho "Senhorinha Garanhuns em 1740", de autoria de Ruber Van der Linden. No terceiro, a ilustração do frontispício coube a Herbert Spencer Maia, com desenho "O bamba". Manteve o ritmo de 24 páginas, sempre variando as ilustrações da capa.

A colaboração, em prosa e verso, esteve a cargo de Eurico Costa, João do Magano, Ruber Van der Linden, ilustrador dos próprios artigos; Luiz Maia, Regina Celi de Coimbra Pinto, José Francisco, também desenhista; o jovem Edmundo Jordão Filho, Iracema Liberal, Nilo Tavares, Albino Gueiros Sales, Osvaldo

Gadelha, Tibúrcio Rocha, Gasparino Buarque da Mata, Zélia Dias, José Cincinato, Ivo Júnior, Américo Maia, Raimundo de Moraes, J. Xavier, Maria Helena Pereira, Paula Campos, Firmo de Santana, Jataí de Sampaio, Gercino de Pontes, Ulisses Diniz, Agenor Raposo; Sabe-tudo, que assinava a seção "Eles e... Elas", e Zé Garanhuns, com os "Subsídios para a história de Garanhuns".

Publicado o nº 5, do mês de setembro, extinguiu-se a revista, que não teve forças para sobrepor-se aos obstáculos comumente antepostos no caminho da imprensa do interior (Coleção Albertino Santos, de João Pessoa, PB; Biblioteca Pública do Estado e Coleção Humberto de Moraes)⁽¹⁾

FLAMA - Órgão da Juventude Feminina Católica de Garanhuns - Entrou em circulação no ano de 1943, com seis páginas, formato de 25 x 30, impresso em hectógrafo próprio, com tiragem mínima de 50 exemplares.

De feição noticiosa e humorística, inseria matéria ligeira, às vezes ilustrada, tudo a cargo das moças componentes do sodalício.

Embora em datas indiscriminadas, publicava-se uma edição cada mês, no total de onze (Notas de Arlinda Valença).

O LAVRADOR - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Henrique Dias - Jornal impresso em hectógrafo, circulou o nº 3, ano II, a 1º de maio de 1943, utilizando-se papel tipo ofício, com quatro páginas. Diretora - Margarida Matos; gerente - José Leão.

⁽¹⁾ Só avistado no nº 1 da Cidade na coleção de primeiros números de revistas do livreiro Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba; existem os nºs 2, e 3 na Biblioteca Pública do Estado, e os nºs 2, 4 e 5 em poder do jornalista Humberto de Moraes, Garanhuns, PE.).

Mais dois exemplares manuseados: os nºs 4 e 5, datados, respectivamente, de 28 de julho e 28 de outubro do mesmo ano. sua matéria constituía-se de artiguetes infantis, noticiário social e ligeiros desenhos a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

GARANHUNS ROTÁRIO - Edição periódica do Rotary Club de Garanhuns - O nº 1, ano I, circulou a 27 de janeiro de 1944, no formato de 31 x 22, com quatro páginas de três boas colunas. Ao centro do clichê do cabeçalho figurou o emblema do Rotary Internacional. Distribuição interna.

Abriu o texto uma narrativa da criação do Rotary na cidade, seguindo-se: "Quem são seus membros", "Trechos de palestras", "Eventos sociais", outras notas e dados estatísticos sobre o município.

Publicação, a princípio, anual, saiu o nº 3 em janeiro de 1946. Já no ano seguinte ocorreram três edições, a última das quais, de nº 6, posta em circulação no mês de dezembro. Indicava, então: Redator - Uzzae Canuto. Não restam comprovantes de 1948 a 1951. O nº 20 acha-se datado de 15 de novembro de 1952. Outros manuseados: nº 21, de fevereiro de 1953; nº 37, de julho, com seis páginas e nº 38, de agosto, ambos de 1954.

Sua matéria constava de palestras, impressões, noticiário social e das reuniões, planos de ação e comentários sobre Garanhuns.

Prosseguiu o órgão rotariano, sem que fosse possível encontrar mais exemplares além dos mencionados (Biblioteca Pública do Estado).

EXCELSIOR - Órgão do Ginásio Santa Sofia - Com aprovação eclesiástica, circulava sob a direção do 2º Ano Pedagógico. Comprovante único encontrado: ano I, nº 4, de 29 de agosto de 1945, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Matéria constituída de literatura a cargo das alunas do educandário, humorismo e notícias (Coleção José Almeida).

A **FOLHINHA** - Jornal datilo-mimeografado, dos alunos do Colégio Diocesano de Garanhuns, com duas páginas (verso e reverso) em formato de papel ofício, apareceu a 24 de maio de 1948, "para comemorar o dia de Nossa Senhora Auxiliadora e os grandes combates travados há 82 anos, em Tuiuti".

Órgão tipicamente humorístico, entremeado de charges teve existência meteórica, pois só circularam mais quatro números, datados de 31 de maio, 7, 14 e 18 de junho do mesmo ano. A partir da terceira edição, saiu com quatro páginas, mas ficando em branco as internas (Coleção Ginásio Diocesano).

VOX NOSTRA - Órgão da Sociedade Estudantil Feminina de Garanhuns (Colégio Santa Sofia) - Surgiu no dia 5 de junho de 1949, em formato de 31 x 23, com oito páginas de quatro colunas, impresso nas oficinas d'O Monitor. Custava a assinatura anual Cr\$ 15,00, com a diferença de Cr\$ 5,00 para as filiadas à Sociedade, vendendo-se o número avulso a Cr\$ 1,50, menos cinquenta centavos para as associadas.

A edição de estréia divulgou, em manchete, artigo assinado por D. Jerônimo de Sá e, sob o título, crônicas do padre Edgar Carício e de Luzinete Laporte, além do editorial de apresentação, firmado por Corina de Abreu que, entre outras considerações, escreveu:

"É o nosso jornal a nossa palavra; o nosso pensamento e a nossa vontade; o critério nosso e a nossa conduta; é, enfim, essa

Vox Nostra o espelho da nossa alma, do nosso desabrochar de jovens; é um retrato que Garanhuns deve receber, carinhosa, como lembrança para os filhos que lhe virão amanhã e que, certo, lhe indagarão dos nossos dias de hoje, do seu passado, de sua formação".

A interessante folha publicou-se mensalmente, pelo tempo afora, durante os períodos escolares, impressa, algumas vezes, em papel de cor. Sob a orientação da professora Arlinda Valença, inseria colaboração de alunas, a salientar: M. C. França, Ilka Tavares, Luzia Wanderley, Maria José de Almeida, Djanete Pereira, Mariuza Dourado Cibela, Miriam Guerra e Silva, Diva Lima, Maria da Glória Miranda, Lenice Melo, Marluce T. Souto Maior, Francisca Catão, Ilza Alves Rodrigues, Margarida Maria Cintra, Laís Souto Pedrosa, Rilda R. Rocha, Marlene d'Arce, Tânia do Rego Barros, Rosa Maria Lins e Helena P. Araújo, além de produções de professores do Colégio e outros elementos masculinos, figurando entre eles Arlindo Francisco, Lauro Leite Rodrigues, José A. Pereira, Sebastião Basílio e Pedro Ribeiro.

Paralelamente aos trabalhos assinados, sobre Didática ou Literatura, inclusive poesias, Vox Nostra mantinha seções humorísticas, de Grafologia, Fototeste, curiosidades, charadas, noticiário social e estudantil e notas sobre Esperanto, autoria de Helpo (pseudônimo de Maria do Socorro Monteiro).

Circulando não muito regularmente, saíram cinco edições em 1949; oito em 1950; nove em 1951; oito em 1952; treze em 1953 e sete em 1954, a última delas - nº 50 - no mês de dezembro⁽¹⁾ (Coleção Arlinda Valença).

(1) Prosseguiu em 1955.

O GRÊMIO - O nº 3, ano I, circulou no dia 15 de novembro de 1949, em formato de três colunas, com 14 páginas, edição com a qual homenageou o 50º aniversário do Colégio 15 de Novembro. Diretor - José de Abreu Santos. Impresso na Tipografia Papelaria Escolar, de Manuel Gouveia. Inseriu colaboração de A. Costa, Rubem Moreira, Rui Bento, Natan Moreira, Moacir Siqueira, Aderson Vila Nova, A. Correia, Ruber Van der Linden e outros, e alguns noticiário.

Seguiu-se longo período sem o aparecimento de comprovantes outros. Existe o nº 7, ano IV, de 12 de outubro de 1952, impresso em papel verde, com oito páginas, a quatro colunas de composição. Corpo redacional: diretor - Geraldo de Freitas Calado; secretário - Sílvio A. Araújo; redator - Ronaldo S. Maior. Apresentou variada literatura juvenil (Biblioteca Van der Linden).

No ano de 1953 apresentou-se O Grêmio feito "órgão do Grêmio Cultural Ruber Vand der Linden", avistado o nº 3, ano VIII, de 1º de maio, formato de 47 x 32, com seis páginas de seis colunas. Diretor - Erasmo B. Vilela, funcionando a redação na rua Dantas Barreto, 188. Divulgou produções de Sérgio Milliet, Mauro Mota, Mauritônio Meira, Otto Maria Carpeaux, Lício Neves, D. Jerônimo de Sá Cavalcanti, Ledo Ivo, Carlos Drummond de Andrade, Ernesto Feder e Luiz Martins; mais a "Coluna dos Novíssimos", com Humberto Moraes, Erasmo e Clóvis Carvalho; "Cartas de Portugal", por Aquilino Ribeiro; "Resenha Literária", "Notas esparsas" e "Noticiário" (Biblioteca Pública do Estado).

O ALFINETE - Jornal do Povo e... péla o Povo - Circulou no dia 24 de dezembro de 1950, em pequeno formato de quatro colunas e quatro páginas. Direção de Ulisses Peixoto Filho.

Tinha o jornalzinho o propósito de publicar-se anualmente, por ocasião dos festejos de Natal, "com a finalidade de animá-las com brincadeiras e graça, desde que tristezas não pagam dívidas".

A edição cumpriu, realmente, esse propósito, enchendo suas páginas de humorismo, além de anúncios. Entretanto, a tentativa não passou das "alfinetadas" do primeiro número (Coleção Jaime Luna).

O RADICAL - Semanário Noticioso - Apareceu no dia 15 de novembro de 1951, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de quatro colunas a 12 cíceros. Confecção da Tipografia Norte (antiga do Norte Evangélico), na rua Dantas Barreto, 120, localizando-se a redação à rua D. José, 81, 1º andar. Diretor - Francisco Guimarães Fernandes. Tabela de assinaturas: de honra - Cr\$ 100,00; anual - Cr\$ 50,00; semestral - Cr\$ 30,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Ao entrar em circulação, segundo o editorial intitulado "Apresentando", saudava, ao mesmo tempo, a data da "nossa emancipação republicana" e o início da nova administração municipal, exercida por Celso Galvão. Tinha a diretriz de "imprensa intransigente na defesa dos interesses coletivos", para isto entrando na liça "com a arma da verdade".

Seguiu-se a publicação, tendo como gerente João Gonçalves Silva e trabalhando na reportagem Rinaldo Souto Maior e Ulisses Peixoto Filho. A partir do nº 4, criava-se a seção "Cosmorama", de Literatura e Arte, dirigida por Lício Neves (terceira página), na qual apareciam, entre outros nomes, Malaquias Abrantes e Maria José do Nascimento.

Passou O Radical a sair com seis páginas no nº 6, sendo o nº 7, de 5 de janeiro de 1952, o derradeiro encontrado da fase estudada.

Contava, até aí, com a colaboração geral, temas diversos, de José Francisco de Sousa, João Domingos da Fonseca, dr. Godofredo Barros, Miguel Sousa Freitas, José Bezerra Sobrinho, Amaral e Silva, Lito, o memo Manuel Luiz de França Filho, que redigia "Temas..."; José Cardoso, Pedro Afonso, etc., além de noticiário local, um "Indicador" e anúncios.

Publicou-se o periódico em segunda fase, da qual existe um único exemplar: o nº 3, ano I, datado de 12 de outubro de 1952, tendo como sub-título a frase: "A verdade acima de tudo". As quatro colunas transformaram-se em seis, bastante estreitas. Nenhuma nota de expediente, sendo possível constatar, através do noticiário específico, achar-se a serviço do Partido Social Progressista. Incluiu as "Farpas" (scriptium de Hélio) e outras colaborações, dedicando à Literatura a derradeira das quatro páginas (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DE GARANHUNS - Pela Justiça e pelo Homem
- Órgão da Empresa Jornal de Garanhuns Ltda., dirigido por Luiz de Luna Almeida, tendo como gerente Vinício de Moraes, entrou em circulação no dia 21 de junho de 1952, ostentando bom formato, a seis colunas de composição, nitidamente impresso.

Seu curto editorial de apresentação concluiu com os seguintes tópicos: "...o Jornal de Garanhuns está hoje no meio da rua para dizer as conversas dos cantos e dos terreiros, dos salões e das esquinas, numa comunicação anímica com aqueles que são livres, que querem a justiça e a verdade.

Somos o povo, sem castas, sem mordanças, sem recalques, que cada sábado virá dizer as coisas que viu na semana, lembrar o que está esquecido e reclamar o que tem direito.

Não estamos vinculados a nenhuma corrente de opinião e haveremos de aparecer sempre para lutar pela Justiça e pelo Homem".

Publicação semanal, em seis páginas e relativamente poucos anúncios, cobrava a assinatura anual a Cr\$ 80,00; tiragem declarada de três mil exemplares. Redação à avenida Santo Antonio, 310.

Servido de matéria variada, inclusive reportagens sensacionais, inseria, cada semana, um rodapé assinado por José Francisco, que abordava assuntos de caráter nacional ou regional da mais palpitante atualidade, a par de outros artigos de Maurício C. Matos, Ulisses Peixoto Filho, Sales Vila Nova (crônicas do passado), Pompeu Luna, José Bezerra Sobrinho, Jaime Luna, José Rátis Lins, João de Deus de Oliveira Dias e Hibernon Wanderley, versos de Lício Neves, José Figueiredo e Firmo de Santana, enquanto Luzinete Laporte firmava a crônica "Nem feio... nem vulgar", com o título desenhado, e o diretor Luiz de Luna Almeida fazia reportagens e a crônica "Com a boca no mundo", ocupando-se de assuntos locais. Também ocorreram seções como "Auditório" e "Sociais" e noticiário dos distritos.

Nada obstante a boa acolhida que teve, o Jornal de Garanhuns não pode manter-se, suspendendo sua circulação com o nº 13, datado de 27 de setembro (Biblioteca Manuel Arão Biblioteca Pública do Estado).

A VOZ DE GARANHUNS - Surgiu no dia 4 de janeiro de 1953, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de seis

colunas estreitas. Redator - Eusébio Lemoine Paes; gerente comercial - Jeová Ferreira da Silva. Redação na avenida São Sebastião, 36 e impressão da tipografia d'O Monitor. Tabela de assinaturas: anual - Cr\$ 50,00; semestral - Cr\$ 25,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Consoante a nota de apresentação, sob o título "Bons anos, Garanhuns!", tinha como lema "a imparcialidade política", só desejando "o progresso do município, a felicidade e o bem estar de todos os seus filhos". No fim, fazia votos por "um novo ano cheio das graças divinas".

Jornal de manchetes e reportagens locais ilustradas, variado de notícias, inclusive dos distritos; divulgando atos oficiais da Prefeitura e a seção "O que o povo reclama"; servido de poucos anúncios, divulgava, também, artigos de Nelson Paes, Miguel de Oliveira Lima, Josafá Nascimento, professor João Dias, Arnaldo Ferreira de Brito e J. Melquíades; crônicas de Raimundo de Moraes e Gladys Paes; poesias de Lício Neves e Manuel Pereira da Silva. Não faltou, até, à movimentada gazeta, um "Noticiário Internacional".

Sem periodicidade declarada, A Voz de Garanhuns aparecia ora quinzenal ora mensalmente, em datas indeterminadas.

Foi último avistado o nº 8, de 28 de julho (Biblioteca Pública do Estado).

SESCOLÔNIA - Boletim Interno da Colônia de Férias do SESC - Publicadas as quatro primeiras edições com o título O Colonial, apareceu - série I, nº 1 - no dia 3 de abril de 1953, datilografado, com quatro páginas, papel officio, ocupadas as de frente e o reverso em branco.

Conciso editorial de abertura, sob o título "Apresentando...", declarou consolidada "a idéia da criação de um jornal que tivesse a função de "válvula" de escape de nossas emoções, em que pudéssemos registrar os nossos momentos agradáveis e também expormos com clareza a nossa opinião a respeito de cada problema surgido e a maneira de solucioná-los". Concluiu solicitando o apoio de todos os sesquianos.

A edição de estréia inseriu crônicas de Hermana Lins, Ernani Lins, Fausto Perruci e outros.

Seguiu-se a publicação, a princípio bissemanalmente, depois semanalmente, variando, por fim, entre quinzenário e mensário. Aumentou para quatro, até cinco páginas datilografadas. sua matéria constituia-se de impressões de visitantes, artiguetes, curiosidades, versos, pensamentos, charadas, notas esportivas, etc.

Seiscolônia chegou ao fim do ano com o nº 24, de 29 de dezembro. Prosseguiu a numeração a 30 de janeiro de 1954, ano II, atingindo o nº 43 no dia 27 de dezembro⁽¹⁾ (Arquivo Colônia do SESC).

GAZETA DE GARANHUNS - Entrou em circulação a 5 de junho de 1954, obedecendo ao formato de 45 x 31, com seis páginas a seis colunas de composição. Diretor-responsável - Elpídio Branco; redator-secretário - Erasmo Bernardino Vilela; gerente - Maurício Acioli. Redação na avenida Santo Antonio, 103 e trabalho gráfico da oficina d'O Monitor.

Declarou o editorial, "Nosso rumo", depois de indicar o lema "Sempre por Garanhuns e para Garanhuns": "O nosso programa visa, precipuamente, incentivar o jornalismo entre nós,

(1) Continuou em 1955.

compreendendo aí a difusão das letras através de colaboração especializada e sadia. A par desse objetivo, empregaremos grande parte de nossos esforços no sentido de que seja conseguido um melhor tratamento, por parte dos poderes públicos, para os distritos de nossa comuna". Defenderia, "intransigentemente, os princípios do Cristianismo", não faltando com "oportuna" palavra "de orientação e crítica", no setor político, quando se tornasse preciso, sem descer a retaliações nem polêmicas...

De início, o diretor, em longo artigo, focalizou "a gloriosa bandeira" do Partido Social Democrático. Mas adiante, um manifesto lançava a candidatura General Cordeiro de Faria ao governo do Estado, e José do Agreste dizia estarem aclarados "os horizontes políticos" do Estado. No mais, a Gazeta cuidou de assuntos gerais, inclusive bom noticiário. E inseriu alguns anúncios.

Seguiu-se a publicação regularmente, obedecendo ao programa traçado, até o nº 18, de 31 de dezembro⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

A RESISTÊNCIA - Jornal político, de oposição ao P.S.D., publicou-se no segundo semestre de 1954, dele não restando nas fontes pesquisadas, nenhum exemplar.

(1) Continuou em 1955.

(2) Três únicos comprovantes é o que existe na Biblioteca Pública do Estado.

GLÓRIA DO GOIATÁ

O GOYTAENSE - Periódico Imparcial - Destinado a publicar-se uma vez por semana, em dias indeterminados, saiu a lume no dia 8 de fevereiro de 1879, no formato de 33 x 25, a três colunas de composição. Impresso em tipografia própria, estabeleceu o preço de 3\$000 por assinatura trimestral, pagos adiantadamente. Redação atribuída a Antão Borges Alves¹.

"Com o município, vila e termo da Glória e suas autoridades - dizia o artigo de apresentação - surge também este pequeno jornal", fazendo-o "em honra do nobre e pacífico" povo da localidade. Não tinha "outro objetivo senão a utilidade pública".

"O povo da Glória - frisou, noutra tópic - que, com toda razão se congratula, porque já ouve, no seu torrão, a voz da Justiça Pública, e por isso sente-se mais garantido em seus direitos e liberdades, certamente não rejeitará com desprezo O Goytaense, que quer viver porque deseja, ardentemente, concorrer para o progresso do ilustre povo cujo nome tomou".

A edição inseriu o artigo "Economia", assinado por E., o qual tomou mais de uma página; boa notícia da chegada do primeiro juiz municipal do Termo; alguns pensamentos políticos e poesia de Pelino Guedes, destacada a última página para os anúncios.

¹ Depois de haver publicado O Victoriense e o Correio de Santo Antão, o proprietário da respectiva tipografia, Antão Borges Alves, transferiu-a, ao mesmo tempo que sua residência, para Glória do Goiatá, segundo informou o historiador Alfredo de Carvalho, no estudo "Gênese e Progressos da Arte Tipográfica em Pernambuco", à páginas 49, contido no livro "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908".

Não foi possível colher notícias de haver prosseguido a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

A FOLHAGEM - Órgão Oficial do Grupo Escolar Governador Barbosa Lima - Fundado em 1942, restam comprovantes, unicamente, dos nºs 10 e 13, respectivamente, de agosto e novembro de 1943. Manuscrito e copiado em hectógrafo, saía com quatro páginas de papel almaço. Direção de José Lima, atuando Ailton Luna na qualidade de gerente. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário escolar e desenho a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

GRAVATÁ

CORREIO DE GRAVATÁ - Periódico Literário e Noticioso, Consagrado aos Interesses Locais - Primeira época - Saiu a lume, dando como procedência Gravatá de Bezerras(1), no dia 16 de abril de 1905, em bom formato de 36 x 25, três colunas a 15 cíceros, com quatro páginas. Impresso no Recife, no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, 37, tinha como redator Vicente Barreto, adotando a seguinte tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$000; número avulso - 0\$200.

Declarava o artigo inicial: "Ressentia-se esta localidade da falta de um jornal em que se refletissem, pálidos embora, os magnos ideais de justiça e de liberdade por que se devem bater todas as classes, sem distinção de credos políticos. O nosso aparecimento, portanto, vem preencher a lacuna, certo que sem o brilhantismo que possa esperar o público ilustrado, mas simplesmente com a sinceridade que caracteriza a população gravataense".

Noutro tópico: "Não apresentamos programa, porque não o temos preconcebido e assentado. Se pugnar, entretanto, pela

justiça e garantia dos cidadãos, pelo progresso e tranqüilidade desta população honesta e ordeira, pode valer um programa, então ele existe para a nossa folha, que outro certamente não aceita nem quer".

Seguiu-se uma crônica intitulada "Distinto amigo Dr. Néri", assinada por Perseu, que se dizia sujeito "a crises intelectuais", um "moço de força de vontade cuja têmpera jamais será alcançada pela hipocrisia humana", acentuando: "E tanto isto é real que afirmei aos habitantes desta terra criar um jornalzinho nesta bela localidade, não obstante sérios obstáculos, e cumpri minha palavra, traduzindo esse ideal em fato". Veio depois a seção "Porta-voz", com ligeiríssimo noticiário, tudo na primeira página. Uma crônica humorística, nas "Publicações solicitadas", com a assinatura de Miroma, ocupou metade da segunda página, ao passo que as duas e meia restantes se constituíram de reclames comerciais, não só de Gravatá, mas de outras cidades do Interior e do Recife.

Foi, assim, pouco expressiva a estréia da Imprensa na localidade. O segundo número saiu no dia 26, contendo apenas uma página de anúncios, quase uma e meia de "solicitadas", inclusive uma saudação de aniversário, em versos, por Inácia Alcim de Carvalho; mais variado noticiário; artigo de abertura, por A. S. C. (Artur de Santa Cruz Oliveira) e uma crônica mal alinhavada, de Sócrates, dirigida aos "Caríssimos leitores e gentilíssimas leitoras".

Terminou aí a existência do Correio de Gravatá (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Público Estadual).

O VAGALUME - Literário e Noticioso - Iniciou sua publicação no dia 29 de setembro de 1906, em formato de 22 x 14, com quatro páginas de duas colunas de composição. Sob a direção de Raul Cardoso Aires, tinha como gerente

Eugênio Cunha, que era também proprietário da tipografia editora, situada à rua da Intendência, 74. Foi revisor, por algum tempo, o dr. Alípio de Carvalho, e assinava-se a 1\$500 por trimestre.

Dizia o artigo de apresentação: "Despretensioso, não é seu intuito ocupar-se de assuntos de ordem superior - que, aliás, exigiriam largo espaço, de que ele não dispõe; muito menos tratará de política. O fim que tem em mira é unicamente ministrar aos seus leitores alguns momentos de distração, por uma leitura amena, como um pequeno repouso em meio dos labores cotidianos".

Que não esperassem d'O Vagalume "jorros de luz" deslumbrantes ou fascinantes; "apenas, como pequenino inseto do qual tomou o nome, rápidos e fugazes lampejos, ao percorrer os campos floridos da literatura".

Circulando, normalmente, aos sábados, o periódico, que só adotou anúncios - uma página - na primeira edição, constituiu-se bom veículo noticioso das ocorrências sociais da cidade, inserindo também pensamentos soltos, charadas e a parte de literatura, em que se alternavam os colaboradores, em prosa e verso, ora locais, ora de Vitória de Santo Antão, principalmente, e de outros pontos, a destacar: Belarmino Filho, Paulo Martins, Oinotna Oartleb (anagrama de Antonio Beltrão, de Amaraji), Roberto Otaviano, F. A. M., Fulgêncio Correia de Melo, Manuel Sandoval, João de Melo Verçosa, Frederico Codeceira (Luiz), Artur F. Nogueira Lima, Artur Lima, Alfredo de Melo, Aniceto C. Melo, P. de Barros e Márcio de Albuquerque.

Circulou O Vagalume até o nº 21, de 24 de fevereiro⁽¹⁾ de 1907, depois do que, precisamente a 4 de março, se divulgava um prospecto, comunicando a suspensão, verificada devido ao fato de as oficinas gráficas em que era impresso haverem sido vendidas "para outra cidade" (Arquivo Público Estadual).

O GRAVATAENSE - Órgão Semanário, Imparcial, Literário e Noticioso - Entrou em circulação a 15 de janeiro de 1916, em formato de 37 x 28, com quatro páginas de três colunas, impresso em tipografia própria, situada na rua do Comércio, 33, onde também funcionava a redação. Redator-chefe - José dos Teixeira de Albuquerque; redator-secretário - Raul Rego Barros. Tabela de assinaturas: ano - 7\$000; semestre - 4\$000; trimestre - 2\$000; mês - 0\$700. Constava do cabeçalho a divisa: "13 S - Deus e o bom Livro - 13 S"⁽²⁾.

O editorial de abertura ocupou-se da "evolução das letras", prometendo o articulista fazer uma síntese histórica "do Egito, no ano de 520 A.C.; da Alemanha, em 1436; de

(1) Não 14 de fevereiro, como consta dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908.

(2) Distintivo da Academia de Letras dos supersticiosos, entidade intermunicipal de intelectuais, com sede em Vitória de Santo Antão, que tinha como objetivo o intercâmbio literário e como símbolo uma coruja. Seus membros só se correspondiam nos dia chamados aziagos, principalmente no 13º de cada mês.

A "confraria" era constituída de 13 associados, os quais se obrigavam a acrescentar à assinatura um 13-S. Eram eles: Austro Costa, José Miranda, José Penante, Esdras Farias, Silvino Lopes, Célio Meira, José Antonio da Silveira, José Lessa, Teixeira de Albuquerque, Cícero Barbosa, Samuel Campelo, Anísio Galvão e Guedes Alcoforado, residentes ora no interior do Estado, ora no Recife.

Contavam os "acadêmicos" com uma rede de periódicos, em que publicavam suas produções, entre eles o Gravataense, O Porta-Voz de Bezerras, a Gazeta de Pesqueira, Alma Latina, de Beberibe (Recife), A Coluna, de Vitória de Santo Antão e a Folha do Povo, de Limoeiro.

Pernambuco e, finalmente, de Gravatá em 1906", quando do aparecimento d'O Vagalume. Mas felizmente (para o leitor), não foi ele muito longe, concluindo por setenciar que o Gravataense viveria "sempre de fileiras cerradas contra o mal, de portas abertas para o Bem".

De feição agradável e bem variado de matéria, com a respectiva parte de anúncios, logo no mês seguinte (edição de 26 de fevereiro) retirava-se o redator-chefe, sendo substituído pelo secretário, cargo este que passou a ser ocupado por Cícero Barbosa. Nessa ocasião desaparecia do cabeçalho o símbolo da Academia de Letras dos Supersticiosos. Em seu lugar, via-se: Proprietário - Barros e, pouco depois, a partir de 11 de março, o nome todo - Raul Rego Barros, entrando o prefeito Possidônio Rego Barros como diretor-gerente.

Precisamente a 1º de abril, melhorava a feição do periódico, passando as páginas a ter quatro colunas de composição, sem alterar-se-lhe a altitude. Em fins de julho transferiam-se a redação e oficinas para a parte posterior e o só-tão, respectivamente, do prédio nº 1 da rua 15 de Novembro⁽¹⁾.

Nos primeiros meses viveu o Gravataense de literatura e notícias. Depois admitiu um editorial abrindo cada edição, sobre assuntos diferentes, mas de interesse do município. Enquanto isto, ocorria uma invasão de clichês de produtos farmacêuticos, chegando os reclames comerciais a dominar metade da segunda página, além de encher as duas últimas. De março a maio publicavam-se cupões do concurso "Qual a senhorita mais bonita de Gravatá?", dele saindo vencedora Levina Gonçalves.

(1) Na parte da frente funcionava a loja de fazendas da firma Barros & Barros.

A princípio com mais intensidade, para ir pouco a pouco diminuindo, divulgava produções, em prosa e verso, de Austro Costa (que se chamava, na realidade, Austriclínio Ferreira Quirino); Silvino Lopes, José Miranda, Alfredo Sotero, também aparecido como Helena Santos; Guedes Alcoforado, o das "Nugações vernáculas"; Landulfo Medeiros, Esdras Farias; Júlio Thebano (pseudônimo de Teixeira de Albuquerque), que assinava "Retrato tipografado", no segundo mês substituído por Lucilo; Arnaldo Galvão, Altamirando, Guedes Filho, Agamenon Costa, principalmente com a seção "De alhos e bugalhos"; Jotariado, Ventura Reis, Carmen de Oliveira, Baltazar de Oliveira, J. A. (José Antonio da Silveira), Sorrab (Deocleciano da Silveira Barros Filho), Antonio Beltrão, Braz Seve, o mesmo Cícero Barbosa, e outros.

Tendo ocorrido eleições municipais, os candidatos a prefeito e vice-prefeito, respectivamente, jornalistas Raul Rego Barros e Cícero Barbosa, não se conformaram com o resultado das urnas. A edição de 19 de agosto, então, divulgou as "razões do recurso" interposto contra a apuração dos candidatos da outra facção política; na seguinte, vinha a ata de apuração considerada válida e, no dia 28 de outubro, abria a primeira página um convite aos candidatos "eleitos" para tomarem posse no dia 15 de novembro.

Ao mesmo tempo, noticiava o Gravataense a existência de um "complot" visando ao assassinio do prefeito Possidônio, que pretendia entregar as chaves do Paço Municipal ao seu irmão Raul.

Nova fase iniciou o jornal a 11 de novembro, apresentando-se com o sub-título resumido para "Semanário e Independente". Dos nomes anteriores, só permaneceu no cabeçalho o de Cícero Barbosa, tendo assumido o cargo de redator-chefe Alfredo Sotero, que anunciou "uma reforma

radical" e o afastamento de "dois grandes inimigos da Liberdade: política e religião". Ele mesmo começou a seção "Pimentinhas", em versos, com a assinatura de Pedro.

Melhorou, realmente, a parte editorial, que estivera fraquíssima e, na edição seguinte, quase toda a primeira página foi ocupada com o noticiário da posse do prefeito Joaquim Didier do Rego Maciel e respectivos acompanhantes de chapa. Na segunda página, em uma só coluna, noticiava-se a posse do outro grupo que, todavia, não governou.

Mais uma quinzena (nº 47, de 2 de dezembro) e Sotero afastava-se "por motivos superiores". Declarou o artigo de abertura haverem assumido a direção do periódico "os proprietários" Possidônio e Raul, acentuando: "Esta empresa continua pertencendo à Casa Comercial Barros & Barros". E mais: "O Gravataense, além de ser literário e noticioso, é defensor do Partido Republicano Democrata (o que passou a constar do cabeçalho), que tem como chefe o eminente General Emídio Dantas Barreto".

Ao lado do título ficaram: redator-chefe - Possidônio Rego Barros; redator-secretário - Cícero Barbosa. Desde outubro, destacava-se, como principal colaborador, Apolinário Bezerra, autor do comentário "Fatos e Coisas".

Atingiu 31 de dezembro com o nº 51, iniciando 1917 (ano II) o nº 1, de 15 de janeiro, edição de oito páginas, na primeira das quais se viam fotogravuras dos três diretores e redatores e o editorial comemorativo, que aludiu à sua "luta incessante em prol da coletividade", num "ano de vida para as boas causas", acentuando: "Seguindo o último programa traçado, Gravataense dobra a primeira aresta de sua vida para colher os louros de seu trabalho, para estreitar em um amplexo os seus amigos, leitores e, quiça, o público em geral, e

prosseguir na sua senda, sempre a soltar uma pétala da flor de sua existência, a perfumar os corações puros, ornato santo da sociedade".

Depois de uma página exclusivamente de sonetos, seguiu-se, na terceira, grande retrato de Dantas Barreto, com palavras de saudação, em tipo forte, obedecendo ao título: "The right man in the right place".

Desde aí, baixou o preço das assinaturas, cuja tabela passou a ser a seguinte: ano - 5\$000; semestre - 3\$000; trimestre - 1\$500; mês - 0\$500. Número avulso - 0\$100. Prosseguiu a publicação, desde o princípio, sem quaisquer interrupções. Chegando o mês de agosto, continuando em setembro, Alfredo Sotero, sob o pseudônimo Gedeão da Silva, e Cícero Barbosa travaram polêmica, de caráter literário, com o poeta Esdras Farias, que então dirigia outro periódico - O Tempo. O último terminou levando a efeito "violenta agressão" ao redator-secretário do Gravataense, não chegando, porém, a disparar o revólver que empunhava.

A 15 de janeiro de 1918 iniciava-se o ano III (nº 1) com edição de seis páginas, a primeira das quais dedicada ao General Dantas Barreto e a segunda aos "três grandes" da redação, com o indefectível artigo comemorativo. Subiu para o cabeçalho, ao lado de Possidônio, de Cícero e Raul, este diretor-gerente, mais um nome: Luiz do Nascimento - diretor das oficinas.

Os colaboradores mais assíduos foram Alfredo Sotero, Cícero Barbosa, Austro Costa e Apolinário Bezerra, aos quais se seguiram, esporadicamente: Enéas Alves, Artur Lima, Bento Maciel, Célio Meira (Ceciliano de Oliveira Melo), Jaci Ubirajara, Mário Castro, José Peregrino Filho, Vamberto Costa, Artur Lindoso e, por fim, José Maria Belo e Ramiro Ernesto (pseudônimo de Nestor Moreira Reis).

Encerrou a existência do semanário o nº 22, de 22 de junho de 1918 (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O PAPÃO - Pequeno jornal carnavalesco, foi posto em circulação a 5 de março de 1916. Faltam pormenores (Inf. d'O Porta-Voz, Bezerros, PE.).

LETTRAS NOVAS - Revista - Saiu a lume, edição única, no mês de agosto de 1916, em formato de 21 ½ por 14 ½, com 12 páginas de papel superior, fora as quatro da capa, em cartolina. Lisonjeiro trabalho gráfico das oficinas do Gravataense. Direção de Cícero Barbosa e Esdras Farias. Custo do exemplar - 300 réis.

O pequeno magazine teve caráter puramente literário, abrindo com a nota redacional intitulada "Nosso estandarte", com ela se apresentando aos leitores e solicitando-lhes boa acolhida.

Foi o seguinte o sumário divulgado: "Salomé" - Oscar Wilde; "Manhã bizarra" - Silvino Lopes; "Idílio violado" - Amado Coutinho; "Poema da muriçoca" - Esdras Farias; "Quem o reconheceu?" - Johann Volgl; "Árvore morta" e "In extremis" - Cícero Barbosa"; "Alma religiosa" - Sabino de Campos; soneto de Baltazar de Oliveira e pensamentos de homens célebres (Coleção Esdras Farias).

O ARCO-ÍRIS - Órgão Literário, Crítico e Humorístico - Circulou pela primeira vez a 27 de maio de 1917, em formato de 25 x 14, com quatro páginas de duas colunas. Redatores - José Peregrino Filho, João José Gonçalves e José Costa e Silva, funcionando a redação na rua 15 de Novembro, 70. Trabalho

(1) Coleção desfalcada.

gráfico das oficinas do Gravataense. Assinava-se a 400 réis por mês (0\$500 para fora da cidade), custando 100 réis o exemplar.

Seguiu-se a publicação, constando sua matéria de crônicas ligeiras, epigramas, trepações, notas sociais, perfis, versos em caçange, por Ocrido; comentários moralizadores dos costumes, informações gerais e concurso para apurar qual o rapaz mais feio de Gravata. Ocorriam pequenos clichês em madeira, gravados por Peregrino.

Depois do nº 5, ficou suspenso O Arco-Íris, para reaparecer decorridos dois meses, quando passou a imprimir-se na tipografia d'O Tempo. E parou, novamente, com o nº 7, de 2 de setembro. Dessa vez, descansou pelo espaço de oito meses, pois o nº 8 só saiu no dia 31 de março de 1918.

Desde então dedicava-se o jornalzinho dos J. J. J. à missão de "instruir, deleitar", contando com a colaboração de Emílio de Vasconcelos e Geni Silva (pseudônimo de J. Peregrino Filho), que iniciou um "Consultório de beleza", além da parte satírico-humorística, a cargo de Zé Paxeco, Dr. K. Marão e outros pseudônimos.

Não ultrapassou o nº 11, de 21 de abril (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O TEMPO - Informações. Notícias. Variedades - Semanário independente, iniciou sua publicação a 16 de junho de 1917, em formato de 42 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Redação e oficinas na Praça do Comércio, 74. Redator-chefe - Roderick Galvão; redator-secretário - Esdras Farias; gerente - Guedes Filho. Assinaturas: anual - 8\$000; trimestral - 2\$000. Ainda no Expediente: "Não aceita colaboração".

(1) Coleção desfacalda.

Estreou com sucinto desenho, no alto das colunas centrais, impresso em roxo claro, intitulado "Os símbolos da Imprensa", tendo abaixo a legenda: "Guttenberg - o criador; Fust - o colaborador; Schoeffer - o aperfeiçopador". - Constituía-se de uma redoma com os três retratos, entre caixa de tipos, prensa e petrechos do serviço gráfico.

O editorial de abertura - "Começo de uma vida" - trouxe os sub-títulos: "Projetos - Da vida e do tempo - Feições do momento". Dizia ter "como utilitário ou norma de conduta a exclusiva defesa dos interesses gerais de uma coletividade, sem nenhuma ligação política ou quaisquer sentimentos partidários". Noutro tópico: "As múltiplas feições da vida contemporânea oferecem margem suficiente à itinação de um jornal sem a necessidade dos desvios morais e agachamentos políticos de tantos outros que vão desaparecendo por aí, na exigüidade dos seus próprios elementos intelectuais".

Depois de longa série de considerações sobre a "feição da vida", as "paixões irrefreáveis", a ignorância, a utilidade da Imprensa, concluiu solicitando "apoio incondicional para a glória ascente d'O Tempo".

Publicou-se regularmente, aos sábados, ocupada a primeira coluna da primeira página com informações sobre administração municipal, fôro, polícia, Igreja, transportes e correio. Depois: artigos dos redatores, do gerente e do professor Guedes Alcoforado; transcrição de sonetos de poetas consagrados; alguma ilustração; noticiário e a quarta página de anúncios.

Atingindo o nº 8, de 4 de agosto, retirou-se o redator-chefe, passando Esdras Farias à função de diretor.

Logo no segundo mês começou O Tempo a atacar a administração municipal anterior, defendendo a do momento, chefiada por Joaquim Didier do Rego Maciel. Sobreveio acerba polêmica com o Gravataense, da facção política contrária. Esdras Farias de um lado; do outro, Cícero Barbosa, Alfredo Sotero e os irmãos Rego Barros, proprietários do jornal adversário. Mas a polêmica transferiu-se para o campo literário, com acusações recíprocas de plágio.

Em conseqüência da tensão, afastou-se o gerente d'O Tempo⁽¹⁾, sendo substituído, no nº 14, por Eugênio Melo, o qual, todavia, só permaneceu até o nº 20, ficando no expediente o nome do diretor, que só deu por encerrados os seus ataques na edição de 22 de setembro, depois de haver sacado do revólver (sem disparar) contra Cícero Barbosa.

Embora aumentando pouco a pouco o acervo de anúncios, que no final chegaram a ultrapassar duas páginas, manteve o periódico o seu programa, com maior espaço dedicado à literatura, sobretudo à divulgação da correspondência elogiosa recebida por Esdras Farias, o qual, por sua vez, assinava artigos e poemas, não só com o nome, mas com as iniciais e com os pseudônimos Gentil Amaro e Lázaro Chagas.

Passando a receber colaborações, até o fim da vida do jornal, ao contrário do enunciado nas primeira edições, apareceram nas suas colunas produções, em prosa ou verso, porém raras vezes, de Oliveira e Silva, Baltazar de Oliveira, Márcio de Albuquerque, Da Costa e Silva, Augusto Galvão Cerqueira, Didier Neto, José Antonio da Silveira e Alexandre Grego, este último chegando a ser assíduo. Duas zincografias de homens célebres, nas edições de 22 e 29 de setembro, foram

(1) O gerente Guedes Alcoforado Filho divulgou sua "Despedida" d'O Tempo na edição do Gravataense de 22/09/1917.

trabalhadas a canivete, respectivamente, por Luiz Mota e José Peregrino Filho.

Seguiu-se a numeração em 1918 (há uma lacuna, na coleção, entre os números 26, de 8 de dezembro e 35, de 9 de fevereiro). Nesse último mês, a redação, junto às oficinas, foi transferida para a mesma rua, nº 58.

Depois do nº 50 (junho), constou do cabeçalho o nome do proprietário - Joaquim Didier, que o era, na realidade, desde a fundação, para isto tendo custeado a compra da tipografia.

No referido mês, além da edição comemorativa do primeiro aniversário, circularam dois números suplementares, utilizando papel e tinta de cores, neles divulgando-se produções especiais de Zeferino Galvão, Jáder de Andrade, Silvino Lopes, Anísio Galvão, Olímpio Magalhães e outros intelectuais.

O nº 54, também suplementar, que circulou a 6 de julho de 1918, foi o último manuseado.

Durante toda a sua existência, manteve O Tempo regular noticiário (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

O OLHO - Jornal Crítico e Humorístico - Entrou em circulação a 15 de julho de 1917, obedecendo ao formato de 25 x 16, com quatro páginas de três colunas estreitas. Redator - João Teófilo de Oliveira. Destinado a aparecer nos domingos, tinha redação na Travessa Chaves, 8, local da tipografia do Gravataense, onde foi impresso. Tabela de assinaturas: ano - 4\$000; semestre - 2\$000; trimestre - 1\$200; mês - 0\$400. Número avulso - 100 réis.

(1) Coleção desfalcada.

Do artigo de abertura - "Empunhando o estandarte" - constava: "Não ultrapassaremos os limites da crítica; causticaremos a quem transpuser os marcos da moral e tudo quanto merecer uma reparação". "Para o belo sexo, somente, não teremos palavras causticantes". Concluiu advertindo: "Prevenimos aos rapazes que em tudo somos amigos; em qualquer parte, a chalaça, o riso, a pândega nos ombriarão; aqui, de lança em riste, todos vocês, meus amigos, encontrarão o velho soldado guardando a pacatez da vida e o silêncio do lar".

Sua matéria constituiu-se de diálogos, troças, trepações, telegramas humorísticos e versinhos de Devoto (Biblioteca Pública do Estado).

Não ficou O Olho na edição de estréia. Outros números foram publicados, embora não restem mais comprovantes. O pequeno órgão chegou a participar, ao lado do Gravataense, da polêmica que este último manteve com O Tempo, sobre a literatura, temperada de desaforos.

O MORCEGO - Órgão Crítico, Humorístico e Noticioso - Surgiu no dia 7 de abril de 1918, em pequeno formato de três colunas com quatro páginas. Equipe dirigente: Cícero de Sousa - redator-chefe; Florentino Gonçalves - redator-secretário; Manuel Carlos de Moraes e José Quitério - redatores auxiliares; Otacílio Pessoa - gerente. Impresso na tipografia do Gravataense, vendia-se a 100 réis o exemplar.

Dizia o "Primeiro vôo d'O Morcego": "De dia ou de noite, trepar-me-ei nas costas de quem mereça, chuparei a última gota de sangue do amarelo ou não que estiver namorando às esquinas, metendo-se a sebo, pensando que tem sangue suficiente para se meter o cacete grosso dos irmãos e pai de sua condoquina".

Divulgou crônicas, epigramas, anedotas, trepações, a exemplo dos congêneres da época.

Sairam, apenas, três números, o último dos quais datado de 21 de abril (Col. Esdras Farias).

A GAZETINHA - Órgão da Mocidade. Literário, Crítico, Humorístico, Noticioso e Comercial - Publicação dominical, circulou o primeiro número no dia 14 de abril de 1918, formato de 25 x 16, com quatro páginas a duas colunas de 14 cículos. Proprietário - Luiz do Nascimento; redator-chefe - Tiago Veloso, funcionando a redação na rua do Comércio, 27. Tabela de assinaturas: ano - 4\$000; semestre - 2\$000; trimestre - 1\$200; mês - 0\$400. Preço do exemplar - 0\$100. Impressão da tipografia do Gravataense.

Do artigo "Aparecendo", constava que a folha manter-se-ia "calma" e "flegmática", mas faria "apreciações, censurando com justeza de caráter a falta de civilidade de alguém que, maldosa ou inconscientemente, proceda sem os requisitos necessários para com a sociedade, a família e o povo gravataense em geral". Findou aconselhando o congêneres O Arco-Íris a adotar um "programa sadio".

Publicaram-se três números do periódico, o último dos quais no dia 28. Inseria notas chistosas, epigramas, noticiário e abriu concurso de beleza feminina, que ficou em meio do caminho; colaboração de Alfredo Sotero e Austro Costa, este último redigindo também a seção de gracejos intitulada "Coriscos", com o pseudônimo X. No nº 3 despediu-se Tiago Veloso, passando Nascimento a diretor-proprietário. Nenhum anúncio.

O nº 4 d'A Gazetinha chegou a ser começado. Compôs-se a primeira página, que incluía um soneto inédito de Silvino

Lopes; dela foi tirada prova, e não passou disso. Faltou a necessária verba para aquisição do papel (Coleção do Autor).

O SAGUIM - Jornal Humorístico - Apareceu no dia 21 de abril de 1918, em pequeno formato, com quatro páginas. Diretor - Guariba Primo; redatores - Macaquinho de Cheiro e Saguim Filho, pseudônimos, respectivamente, de Sinárquio Farias, Antonio da Cunha e Natanael Farias. Preço do exemplar - 100 réis. Impresso na tipografia d'O Tempo.

Ocupava-se de troças, epigramas, crônicas, etc. (Coleção Esdras Farias).

O DOMINGO - Substituto d'O Saguim, circulou no dia 28 de abril de 1918, obedecendo ao mesmo programa humorístico, impresso igualmente nas oficinas d'O Tempo. O corpo redacional exibiu nomes, ao invés de pseudônimos, a saber: Sinárquio Farias, Antonio Cunha e Natanael Farias.

Não saiu jamais o segundo número (Coleção Esdras Farias).

O JORNAL - Órgão Independente - Entrou em circulação a 12 de janeiro de 1919, no formato de 38 x 27, com quatro páginas de duas colunas, para publicar-se semanalmente, aos domingos. Diretor-proprietário - Cícero Barbosa; diretor-gerente - João Teófilo de Oliveira. Impresso em tipografia própria, localizava-se a mesma junto à redação, na praça 7 de Setembro, 42. Assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 4\$000; trimestre - 2\$000.

Lia-se no editorial de apresentação: "...defenderá os interesses das classes laboriosas e será sempre a guarda avançada dos oprimidos", advertindo: "Não terá política, embora diretores tenham opiniões partidárias".

Começando logo com mais de duas páginas de anúncios de produtos farmacêuticos, mostrava-se pouco atraente, sobretudo na parte gráfica. Sua matéria, em continuação, constituía-se de artigos científicos do médico Liciniano de Almeida; poemas em prosa de Alfredo Sotero; artigo filosófico de Mário de Farias Castro; "Seção Elegante"; "Seção Humorística" e noticiário social.

Só existem comprovantes até o nº 4, de 2 de fevereiro (Biblioteca Pública do Estado).

O MARTELLO - O primeiro número circulou no dia 19 de janeiro de 1919, em formato de 28 x 17, com quatro páginas a duas boas colunas de composição. Direção e propriedade de "uma Sociedade Anônima". Impresso na tipografia do Gravataense, custava 100 réis o exemplar.

Não pretendia, consoante o artiguete "Aparecendo", fazer crítica "espinhosa", mas "proporcionar alguns momentos de distração" aos leitores.

Divulgou matéria ligeira, procurando fazer humor, distribuindo troças com a turma de rapazes, inclusive nos "Perfis", por Fantoche; "Telegramas", etc., "ilustrado" com vinheta em madeira, gravadas por José Peregrino Filho.

A empresa não foi bem sucedida, e O Martello ficou suspenso. Só divulgou o nº 2 a 5 de outubro, um pouco diminuída a estatura, sob orientação diferente: diretor e redator - Dr. Ambrósio Cincento, aparecendo na segunda página a advertência: "Único responsável por este jornal - Luiz Nascimento". Aos lados do título: "Semanário humorístico - Jornal de... graça - Rir à bessa".

A nota de abertura - "Novos horizontes" - dizia que, com seu ressurgimento, o jornalzinho vinha provocar "o riso dos leitores e o afeto das leitoras".

Inseriu medíocre conto de L.; "Reportagens" de Jeca-Tatu; Versinhos de B. Mol e Mané Xique-Xique; "Do meu carnet", "Verdades e mentiras", etc.

Não teve melhor sorte a nova empresa. Fracassou outra vez, e O Martello deixou de funcionar definitivamente (Coleção do Autor).

O PHAROL - Crítico e Noticioso - O nº 1, ano I, foi publicado no dia 9 de fevereiro de 1919, em formato de 23 x 15, com quatro páginas de duas colunas. Direção de Orlando Wanderley; redator-secretário - João de Deus, que logo se afastou da função. Trabalho gráfico das oficinas d'O Jornal. Preço do exemplar - 100 réis. Exibia, também, tabela de assinaturas, a saber: semestral - 2\$000; trimestre - 1\$000.

Obedecendo ao programa enunciado na epígrafe, seguiu-se a circulação do jornalzinho todos os domingos. Teve colaboração - em meio a notas ligeiras, carnets e epigramas - de X. P. T O., o das "Faíscas"; Trocista, o das "Troças"; Odnalro (anagrama do diretor); Repórter; Lila e Máximo (pseudônimo de Luiz do Nascimento) que, a princípio, mandava "Cartas do Recife", continuando, de regresso, com "Impressões". Também ocorreu um concurso de beleza infantil, do qual saiu vencedora a menina Adélia Barbosa de Mendonça.

Orlando venceu, galhardamente, a batalha d'O Pharol, enfrentando a zanga de moços pouco afeitos a brincadeiras. Chegou a publicar dez edições, a última das quais datada de 18 de abril. Finou-se, então, "por motivos justos", não por medo de "ameaçar inúteis" (Coleção do Autor).

A PALAVRA - Bimensário de publicação variada, aparecendo aos domingos - Entrou em circulação no dia 11 de maio de 1919, em formato de 31 x 20, com quatro páginas de três colunas. Direção de Cícero de Souza, Otacílio Pessoa e José Peregrino Filho. Impresso nas oficinas d'O Jornal, assinava-se a 200 réis mensais, acrescidos de um tostão para fora da cidade. Número avulso - 100 réis.

A nota de apresentação, intitulada "Nascendo...", começou por saudar o "gentilíssimo leitor", a "amável leitora", para tecer-lhes, em seguida, verdadeiro ditirambo. Dizia, entre outras "coisinhas", que A Palavra nasceu "sutil, risonha, pura", em meio à "fragrância dos lírios e o corado das rosas que enfeitam a virgindade dos dias vaporosos de maio". Terminou acenando com um programa "límpido".

Jornal de feição literária e mundana, era também noticioso e humorístico. Seguiu-se a publicação e, no nº 3, alterou-se-lhe a direção, encampada por Luiz do Nascimento, descendo os outros diretores para as funções de redator-secretário, gerente e redator-chefe, respectivamente. Nova tabela de assinaturas: semestral - 1\$200; trimestral - 0\$600.

Divulgava produções, em prosa ou verso, de Alfredo Sotero, Cícero Barbosa, A. M. P. (Anália Macedo Pereira), Onildo, Hirondelle (assim se ocultava o velho João Peixoto), Marcílio Chagrin, José de Assis, Ângelo Silva, Graziela Pontes, Lírio do Vale (pseudônimo de Maria Madalena Barbosa da Silva), Alouette, Napolitana, etc. Constante noticiário e alguns anúncios. Não faltou, também, uma seção de Mote-Glosas; mais uma de humorismo. Os redatores apareciam, em geral, por trás de pseudônimos, a saber: José Peregrino Filho era a Geni Silva do "Consultorio d'A Palavra", o Zezinho dos Perfis" e ainda Grino Pere e P. F.; Cícero de Souza era o poeta Ciso; Luiz do

Nascimento dividia-se entre L. do N., Célsius, L., Bemol e Ypsilon.

A Palavra circulou até o nº 8, de 24 de agosto, quando, por motivos não trazidos à memória, ficou suspensa.

Reapareceu - nº 9, ano II - a 6 de junho de 1920, obediente à mesma direção, sendo redatores "diversos". Passou a "Semanário elegante" e "Órgão literário, noticioso e variado", assim concluindo o artiguete de abertura: "A imprensa é uma peleja, e estamos novamente de fuzil nas mãos". Subiu para 3\$000 e 1\$500, respectivamente o preço das assinaturas semestral e trimestral.

Prosseguiu a jornada. Outros colaboradores surgiram, como Mário Castro, Waldemar, Ecila e Autélia Ciprestina, e iniciaram-se concursos de beleza e simpatia, os quais não chegaram ao fim, porque se extinguiu A Palavra ao atingir o nº 13, de 4 de julho (Coleção do Autor).

A TRIBUNA - Órgão Quinzenal da Associação dos Empregados no Comércio - O nº 2, ano I, circulou a 30 de novembro de 1919, em formato de 29 x 20, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia d'O Jornal. Diretor - João José Gonçalves; redator-chefe - Cícero de Souza; secretário - Orlando Wanderley; gerente - José Quitério de Oliveira. Tabela de assinaturas: anual - 2\$500; semestre - 1\$500, co 10% para sócios; número avulso - 0\$200.

Apareceu o nº 3 no dia 24 de dezembro.

Inseriam noticiário e colaboração assinada por Alfredo Sotero, Hidronnelle, José Peregrino Filho, Verbena e Luiz do Nascimento. A quarta página só comportava anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

MENSAGEIRO DA MOCIDADE - Órgão do Círculo Católico de Gravatá - Iniciou sua circulação a 15 de novembro de 1919, em formato de 30 x 18, com quatro páginas de três colunas. Impressão da tipografia d'O Jornal.

Conciso editorial de abertura focalizou a tarefa do jornalismo, que representava, "no horizonte do pensamento humano, o sol bendito da grandeza".

Figurou, na segunda página, clichê do padre Américo Pita, diretor da folha. O restante da matéria constou de soneto de Cícero Barbosa, artigos religiosos e crônicas ligeiras de Aldo Silva, Lírio dos Vales, Nunes da Silva, X. I. X e Grino Pere, ou seja, José Peregrino Filho; "Pensamentos"; parco noticiário e anúncios na última página.

Seguiu-se a publicação, irregularmente, vindo a circular os nºs 4 e 6 datados, respectivamente, de 14 de março e 7 de setembro de 1920, sempre com "aprovação eclesiástica". Incluíam a colaboração de Mário Castro, cônego Melo Lula, Ivo Silva, padre Domingos Pina e L. do N., o mesmo Ypsilon (Biblioteca Pública do Estado e Coleção do autor)⁽¹⁾.

O ALMOFADINHA - Órgão Crítico-Humorístico e Noticioso - Publicou-se o nº 1, ano I, no dia 1 de fevereiro de 1920, em formato de 24 x 15, com quatro páginas de duas colunas, impresso em papel de cor, nas oficinas d'O Jornal. Redator-chefe - Bolacha Elite. Redação à rua do Cruzeiro, 43. Preço do exemplar - 100 réis.

Obedecendo ao programa enunciado, deu à luz no dia 8 o segundo número e terminou aí sua existência. Divulgou matéria

(1) Avistados, unicamente, três exemplares, só o primeiro deles pertencente ao arquivo da Biblioteca Pública Estadual.

ligeira, como os demais de sua categoria, incluindo colaboração de Mocotó, Perigoso, Tareco e B. Mol, glosadores, e L. do N. Anúncios na quarta página (Coleção do Autor).

O JORNAL - Literário, Noticioso e Independente - O nº 1, ano I, circulou no dia 10 de setembro de 1922, em formato de 28 x 20, com quatro páginas de três colunas. Proprietário - Severino Barbosa; redatores - "diversos". Oficinas e redação à rua do Cruzeiro, 45. Tabela de assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 4\$000; trimestre - 2\$500. Preço do exemplar - 200 réis.

Coube a J. P (Juventino Pinto) assinar o artigo de apresentação, que saiu na segunda página e no qual emitiu conceitos assim "Um jornal que surge é um surto vigoroso, animador, da evolução social"; "...a imprensa não tergiversa com os seus nobres fins, que não desce, em caso algum, às competições da politicalha - o mal que devasta a existência nacional - é a arma mais poderosa de um povo". E acentuou: "Estamos certos que O Jornal saberá postar-se à altura das necessidades locais. Incitemo-lo, com nossa simpatia, a ser, de fato, o que ele se propõe, de direito: o paladino tenaz da elevação moral e material de nossa terra".

A edição inseriu crônicas ou artigos de A. Sarev (Antonio Veras), O Somel (Joaquim Tibúrcio de Lemos) e Faulhaber; soneto de Juvenal Antunes e uma página de notícias.

Outras edições manuseadas: nºs 77, 78 e 79, de 15, 22 e 29 de abril de 1923, ano IV. Formato de 32 x 24. Ao nome do proprietário, acrescentava-se, no Expediente: Diretores - Joaquim Tibúrcio e Cícero de Souza. Colaboração de Manuel Benício (de Niterói), sobre "Gravatá e sua origem", em série de Severino de Albuquerque (do Recife), que vinha publicando "Carta aberta"; de Cícero Barbosa, autor das "Semanais";

Doliveira (João Teófilo); ainda Faulhaber; mais Flor da Esperança e Almy do Vale. Comentários, noticiário, "Seção Paga" e atos oficiais da Prefeitura.

Solenizou o 2º aniversário da nova fase com uma edição de oito páginas, a 7/9/1923. Clichês dos redatores e de vultos de destaque (notícia d'O Mensageiro, do dia 15).

Avistado, finalmente, o nº 118, ano V, 2ª fase, de 29 de março de 1924. Proprietário e gerente - Severino Barbosa; diretor - Joaquim Tibúrcio. Colaboração de Alfredo Sotero, Cerquinho Nunes, L. e Ba-Ta-Clan. Noticiário (Biblioteca Pública do Estado).

O ARROCHO - Crítico, Humorístico e Noticioso - Propriedade "de uma sociedade secreta", circulou o primeiro número no dia 22 de abril de 1923 (Não foi possível avistar nenhum exemplar).

Em sua edição de 29 de abril, a "Seção Paga", d'O Jornal publicava, sob o título "Ao Público", a nota a seguir: "Declaramos que, atendendo ao pedido de um amigo que muito prezamos, deixa de ser publicado o segundo número d'O Arrocho. Para que não julguem que o nosso jornal foi proibido, fazemos esta publicação - Os Redatores".

O APITO - Órgão Crítico - O nº 2, ano I, apareceu a 13 de maio de 1923, em formato de 24 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redatores: Eu, Você e Depois Digo. Impresso na tipografia d'O Jornal, vendeu-se a 200 réis o exemplar.

Abriu a edição uma nota de censura aos rapazes que não se comportavam "direitinho" nos atos religiosos da Igreja Católica. Seguiram-se "O bem-te-vi e o chefe d'O Apito", Mote e Glosas, "Perguntas que não ofendem" e outras notas satírico-

humorísticas, iniciando um "concurso de beleza invertido: Qual é o rapaz mais belo de Garvatá?".

Dizendo-se semanário, não há notícia de outros apitos (Coleção do Autor).

A LUZ - Literatura, Poesias e Variedades - Número único, circulou no dia 24 de junho de 1923, em formato de 37 x 36, com doze páginas, a três colunas de 12 cíceros. Editor - Luiz do Nascimento. Esmerado trabalho gráfico das oficinas de João de Deus, em Vitória de Santo Antão, impresso a cores. Preço do exemplar - 0\$400.

Assinando o artigo de abertura, Juventino Pinto ocupou-se do regosijo do povo de Gravatá pelo melhoramento que a cidade ia receber com a inauguração do seu serviço de iluminação pública, acentuando, depois de outras considerações:

"Nenhuma manifestação de júbilo poderia cintilar com brilho maior, no ânimo coletivo, do que o aparecimento deste jornal, dedicado ao alviçareiro acontecimento. Viva ele embora o tempo dessa alegria; tenha esta folha, assim, a duração do raio que fusila na escuridão, a sua lembrança - a saudade do clarão bendito que feriu a treva - há de perdurar enquanto a nossa terra sentir o bem por que a A Luz viveu".

Seguiu-se a colaboração, em prosa ou verso, de Isabel de Holanda, Antonio Coelho, Mário Castro, Cícero Barbosa, Alfredo Sotero, José Peregrino Filho, Corina de Holanda, Tiago de Miranda, Cícero de Souza, L., Antonio Veras e Guedes Alcoforado, este igualmente usando os pseudônimos A. Caheté e Floro do Rego.

Todas as páginas de frente (anúncios no anverso) apareciam, em meio à matéria literária, ilustradas de clichês de elementos da sociedade local (Coleção do Autor).

O 15 DE NOVEMBRO - Literatura e Variedades - Número único, publicado ao formato de 37 x 26, com 16 páginas, a três colunas de composição, todas circuladas de vinhetas. Direção de Luiz do Nascimento e impressão da tipografia de João de Deus, em Vitória de Santo Antão. Distribuição gratuita.

Coube a Juventino Pinto firmar o artigo de apresentação, o que fez exaltando o Dia da República e o "sentimento patriótico" que motivara o aparecimento do jornal.

A matéria, ocupando as páginas de frente, porque as do anverso continham anúncios, constou de editorial sobre a passagem do segundo aniversário da gestão do prefeito Rodolfo Moraes e de produções literárias de Guedes Alcoforado, Rômulo Maia, Antonio Coelho, José Félix, José Peregrino Filho, Alberto Azoubel e Luiz do Nascimento, este último, assinando o "Ponto Final", em que entregava o jornal aos leitores, lamentando, ao mesmo tempo, as dificuldades que se antolhavam à existência de um periódico regular na sua terra.

Ilustraram a edição clichês de elementos do chamado "escol" gravataense (Coleção do Autor).

O CENTRO - Órgão Imperiódico do Centro Litero-Recreativo Gravataense - Surgiu no dia 19 de abril de 1926, em formato de 33 x 22, com oito páginas de três colunas, para distribuir-se gratuitamente. Dirigido por Luiz do Nascimento e impresso nas oficinas do Jornal do Recife.

"Um jornal é, em verdade, o baluarte, a fortaleza onde se acastelam todas as idéias nobre, todos os impulsos generosos" - escreveu Juventino Pinto, apresentando O Centro, para louvar, em seguida, "o extraordinário esforço" que levou um grupo de jovens, "sob o influxo soberbo da inteligência", a editá-lo, numa "homenagem merecida ao Centro Lítero-Recreativo, no dia do seu primeiro aniversário".

Ilustrado com fotogravuras dos principais elementos da diretoria, a edição inseriu produções literárias de Odilon de Araújo, Godofredo de Medeiros, Alfredo Sotero, Bezerra da Cunha (Manuel), Chagas Ribeiro, Alfredo Afonso e L. do N., ecenrando-a ligeiro noticiário e duas páginas e meia de anúncios.

O nº 2 circulou no dia 28 de novembro, sob a direção de Heráclito Borges (presidente da sociedade), também impresso no Recife, nas oficinas do ABC Gráfico, de Carlos A. Pereira da Costa. Vendido o exemplar a 0\$200.

Suas oito páginas apresentaram boa quantidade de clichês em meio à colaboração, em prosa e verso, de Borges da Silva (José), Martins Varela, Eduardo Gonçalves, H. (Heráclito), José Barbosa, Juventino Pinto, L. do N. e Lírio do Norte. Menos anúncios e algum noticiário.

Não continuou a publicação (Coleção do Autor).

AVENIDA-JORNAL - Literário, Humorístico e Noticioso
- Circulou, pela primeira vez, no dia 29 de agosto de 1926, em formato de 33 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Francisco Elias Torres; redatores - João Félix Sobrinho e Luiz do Nascimento; gerente - Ernani de O. Melo. Impresso na Tipografia Oliveira, à rua 15 de Novembro, 5. Preço do exemplar - 200 réis.

Lia-se no editorial de abertura: "A Avenida Sérgio Loreto, o ponto chic desta cidade, inspirou a um grupo de moços a fundação desta folha. Circulando aos domingos, quando a Avenida se engalana literalmente das flores belas que são as moças de Gravatá, este jornalzinho quer apenas contribuir para o maior brilho dessas esplêndidas reuniões. Eis o fim do Avenida Jornal, sem ligações partidárias, absolutamente independente"...

Circulou o interessantes órgão com regularidade, na sua efêmera existência, obedecendo estritamente ao programa que se traçara. Teve a colaboração de Alfredo Sotero, Cacilda (pseudônimo de Elza Codeceira), Manuel de Holanda (o Coletor), Artur Bilac, Alcino, Miss Dolly, Stela de Olinda e Jaci Gomes, Enquanto isto, o diretor Elias Torres firmava sonetos e aparecia "Conversando", sob o pseudônimo de Caron, e "Terminando" com Saile Serrot; o redator Félix Sobrinho, além dos artigos assinados, dava "Alfinetadas..." com o travesti Abdel-Krim; e o outro redator apresentou-se uma vez feito Lírio do Norte e todos os domingos era o De Jesus Sobrinho da versalhada "A Avenida das Elegâncias". Não faltava, igualmente, noticiário das ocorrências sociais da cidade. Nenhum anúncio.

Reduziu-se a meta do Avenida-Jornal a cinco edições, a última das quais datada de 26 de setembro. Findou com o artigo "De calças suspensas", lamentando a falta de sorte dos jornais gravataenses, que desapareciam com a mesma facilidade com que vinham à tona (Coleção do Autor).

7 DE SETEMBRO - Notícias, Humorismos e Literatura - Órgão comemorativo do 104º aniversário "de nossa independência política", circulou no dia mencionado no título, ano de 1926, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Direção de Antonio de Melo, José Nicanor e José Barbosa. Trabalho da Tipografia Oliveira.

Ligeira apresentação, sob o título "O que somos", saudou a data, estudada, a seguir, em artigo do professor Vidal de Freitas. Os diretores assinaram crônicas e contos; mais a colaboração de Manuel de Holanda e ligeiro noticiário (Coleção do Autor).

O PROGRESSO - Literário e Noticioso - Número único, comemorativo do Dia dos Empregados no Comércio, publicouse no dia 29 de outubro de 1926, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas, impresso na Tipografia Oliveira. Direção de Elias Torres.

Abriu a edição artigo de Juventino Pinto, sobre a data, seguindo-se produções literárias de Alfredo Sotero, Branca Luchetti, Das Neves Barbosa, Esmeraldino Gonçalves, Moacir de Oliveira, José Calazans, José Nicanor, E. Farias, Alves Menino, Serrot (anagrama) e Lírio do Norte. Ligeiro noticiário e nada mais (Coleção do Autor).

O ESTUDANTINO - Órgão do Grêmio Literário Zeferino Galvão, do Colégio Batista de Gravatá - Surgiu no dia 19 de novembro de 1926, em formato de 32 x 22, com oito páginas de três colunas. Responsável - a Diretoria do Grêmio⁽¹⁾. Distribuição interna.

Tinha por escopo, consoante o editorial de apresentação, exercitar os alunos da instituição "no manejo da pena e principalmente no mister de transmitir ao papel idéias nobres, proveitosas, sinceras, que dêem testemunho de seu aproveitamento e de seu caráter".

(1) A presidência do Grêmio foi exercida, no primeiro ano, por Luiz do Nascimento, substituído, no período seguinte, por Cosme Castor.

Publicação irregular, além do programa do Colégio e de noticiário relativo, divulgava, nas suas poucas edições, trabalhos assinados pelo professor Vidal de Freitas ou Legens (seu pseudônimo), autor da "Correções", e dos membros do Grêmio, entre os quais Eduardo Gonçalves, Lamartine Castro, Evangelina Gonçalves, Laura Vilanova, José Calazans, Maria Pinto, Fernando Alves Menino, Albertino Lira, Madalena Gonçalves, Nair Pinto, Lia Rodrigues e Silva, Severina Lins, L. do N., Lírio do Norte, Esmeraldino Gonçalves, Severina Leal, Manuel Moraes e Cecília Araújo. Ilustrava-na clichês diversos, inclusive de professores e alunos distintos.

O nº 2 e 3º circularam, respectivamente, a 9 de janeiro e 17 de junho de 1927. Mais duas edições e terminou a existência d'O Estudantino com o nº 6, de 17 de novembro de 1928.

Imprimiram-se os primeiros números na tipografia do Jornal do Recife e o último na do ABC Gráfico, de Carlos Pereira da Costa, também no Recife (Coleção do Autor e Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

GAZETA DE GRAVATÁ - Órgão de Informações, Noticioso e Independente - Entrou em circulação no dia 6 de março de 1929, em formato de 48 x 33, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - Félix Sobrinho; redator-secretário - Joaquim Tibúrcio; gerente - Durval Figueiroa. Redação, escritório e oficinas à rua 15 de Novembro, 39. Assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 8\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Lia-se, no quadro à direita do clichê do título: "Se a Gazeta de Gravatá mentir ao seu programa, apedrejem-na; se cumpri-lo, amparem-na".

(1) Só existe, na Biblioteca Pública do Estado, exemplar do nº 6.

No "Meu cartão de visita", em toda a largura da página, tipo corpo 12, escreveu o diretor, tendo o respectivo clichê ao lado, que, no programa do seu jornal, em nada influiriam "as conveniências pessoais, políticas e religiosas". Prometeu defender "a Igreja de Cristo contra qualquer inimigo", adiantando: "Entretanto, essa convicção de credo não me levará à intolerância". Na política local, seguiria a orientação do dr. Costa Carvalho, mas não como soldado incondicional, "mesmo porque, gravataense, incondicionalmente, não bato palmas a ninguém...".

Ocorreu também o artigo redacional "O que somos", assim concluindo, após solicitar acolhimento e apoio público: "...seremos a guarda vigilante, pronta a dar o brado de alarme contra aqueles que procurarem ludibriar o nosso irmão, negando-lhe justiça e liberdade".

A edição de estréia, a par de artigos assinados, alguma literatura e noticiário, estampou clichês do deputado Costa Carvalho, prefeito Antonio Avelino da Silveira, conselheiro José Soter Figueiroa, Erasmo Feitosa, padre Cromácio Leão, Leopoldo Lins e Luiz do Nascimento, este último iniciando correspondência semanal do Recife.

Jornal bem feito, bem redigido, de matéria variada, poucos anúncios, seguiu sua meta semanária, vindo a aparecer no cabeçalho, a partir de junho, na qualidade de diretor-substituto, o nome de Jorge do Nascimento. Passou a circular com seis páginas, voltando ao regime de quatro após alguns meses. Teve a colaboração de João Barreto de Meneses, Durval César, Leopoldo Lins, Novais Filho, Adauto Acton, Pêrsio Moreira, Alfredo Sotero, Armando Albuquerque, Borges da Silva (José), Celso Ribeiro Pinto, Pedro Simples (pseudônimo do juiz Gabriel Quintas), Gastão Wanderley, Jorge de Souza, A. M. P. (Anália Macedo Pereira), José Calazans e outros.

Divulgou, em folhetim, "Os animais na história sagrada" e "Horas de Prisão", livros de Gonçalves Maia, o último dos quais sem chegar ao fim. Instituiu concurso para a escolha da "Senhorinha Gravata".

Dirigido por um espírito assás combativo, o periódico iniciou, a certa altura, forte campanha contra a administração municipal, que lhe valeu sérias ameaças e perseguições⁽¹⁾. Convidado a mudar a linguagem ou suspender a publicação, preferiu a segunda hipótese, o que ocorreu no mês de julho. Munido de habeas-corpus, reapareceu algumas semanas depois, com a mesma feição virulenta, dando lugar à intervenção amistosa da mais alta autoridade policial do Estado; houve aí um modus-vivendi, porém de pouca duração.

Seguiu-se outra campanha da Gazeta de Gravata. Foi a da Aliança Liberal, de âmbito nacional, a que Félix Sobrinho dedicou páginas e páginas, sendo alvo, por isso, de mais perseguições, de caráter policial, pelo que obteve novo recurso de habeas-corpus para que o jornal pudesse circular e ele não se visse impossibilitado de arruar.

A edição de 15 de novembro dedicou à data as duas primeiras colunas da primeira página, sob o título "O Dia da República", tendo ao lado o respectivo emblema. Todo o espaço a seguir, todavia, apresentou-se em branco, vendo-se ao pé a assinatura - Félix Sobrinho.

(1) Datado de 6 de julho, Félix Sobrinho lançou um prospecto, largamente distribuído, sob o título "Ao povo - Ao delegado de polícia e ao prefeito da cidade", chamando-lhes a atenção para os insultos de que vinha sendo alvo constante, por parte de Euvaldo da Silveira Barros, sobrinho do prefeito. Suportara-os até então, mas não se deixaria mais insultar, e a Gazeta não tomaria rumo diferente...

O periódico atingiu, assim, numa atmosfera de ódio e incompreensões, o ano de 1930. Mas estava no fim a sua existência. Presa de constante traumatismo, devido ao seu temperamento exaltado, o que fez agravar-lhe a doença que o consumia, o bravo jornalista encerrou as atividades do semanário com a edição de 15 de fevereiro⁽¹⁾ (Coleção J. Vasconcelos).

A PIPOCA - Órgão Oficial da Vadiagem - Circulou o primeiro número a 11 de setembro de 1929, em formato de 30 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de "Nós todos", diretor - Celso Pinto; redator-chefe - Moacir de Oliveira; redator-secretário - Aderbal Melo; gerente - Joaquim Medeiros. Impresso na tipografia da Gazeta de Gravatá, situava-se a redação à rua Ruy Barbosa, na "residência do secretário". Preço do exemplar - 200 réis.

Lia-se no "Bilhete de Entrada", de Celso Pinto: "Filha primogênita das boas intenções, feita de sorrisos e pilhérias, A Pipoca é bem diferente dos outros jornais, sem princípios espinhosos, nem lutas amarguradas". Não pretendia ofender a ninguém. E, para não desagradar a uma parte da população, dedicava-lhe uma Página Sisuda.

Na quarta-feira seguinte, dia 18, circulou o nº 2 d'A Pipoca, terminando aí sua existência⁽²⁾

Foi um jornal de boa marca humorística, satírico e trepador, distribuindo-se-lhe a matéria em prosa e verso dos seus redatores, que se escondiam atrás de pseudônimos. Manteve um

(1) João Félix Sobrinho faleceu a 12 de março de 1930. Encontrava-se em Gravatá desde julho de 1926, para onde fora curar-se de uma tuberculose.

(2) Referindo-se a A Pipoca, 21 anos depois, escrevia Celso Pinto, no Diário de Pernambuco de 04/8/1950: "Como os outros, durou pouco e ia me saindo caro, pois, tendo brincado com um rapaz de respeitável família, quase me meto em camisa de onze varas".

concurso dos Feios, que não chegou ao fim. E teve a colaboração de J. P. (Juventino Pinto) na primeira edição, e de L. do N. na segunda, ambos focalizando reminiscências jornalísticas (Coleção do Autor).

O JORNALZINHO - Lítero, Crítico e Noticioso - O nº 1, ano I, saiu a lume no dia 24 de dezembro de 1930, em formato de 24 x 16, com quatro páginas de três colunas. Proprietário - Severino Barbosa. Impressão da tipografia d'O Jornal.

Dizia-se, no artigo de abertura, "imprensa útil e desmembrada de qualquer partidarismo político ou credo religioso". Oferecia aos gravataenses uma "leitura sã e discreta", para recrear o espírito, sendo, afinal, uma espécie de Papai Noel, "animado de fraterna amizade".

Entretando, a par de uma crônica de Djalma Vasconcelos, ligeira transcrição e dois anúncios, toda a matéria restante constou de motejos e ataques ao diretor da folha de Chã Grande, O 4 de Outubro, Antonio de Melo (Antonio do Pina). E como, na realidade, não era outro o seu objetivo, ficou O Jornalzinho no primeiro (Biblioteca Pública do Estado).

A GAZETINHA - Literário, Noticioso e Crítico - Número único, publicou-se no dia 8 de janeiro de 1933, em formato de 24 x 16, com quatro páginas de três colunas estreitas. Impressão em papel róseo. Redatores - Diversos.

"Jornal - apresentou-se - de menor circulação no Norte", apareceu "como simples homenagem" à padroeira paroquial, na data de sua festa tradicional. Destinava-se a "fazer rir sem melindrar, fazendo crítica sem ofender". E aconselhou: "Sejamos alegres para que sejamos felizes".

A par da matéria miúda, cheia de verve, e do noticiário, inseriu crônicas de Alfredo Sotero e José Praxedes, versos de João Emiliano e Elias Torres (Biblioteca Pública do Estado).

O CLARÃO - Órgão da Sociedade Literária Gravataense - Entrou em circulação a 4 de outubro de 1933, obedecendo ao formato de 25 x 16, com quatro páginas de três colunas. Diretor - José Figueiroa; redatores - Fernando Silva e Jaci Gomes, funcionando a redação e administração à rua Ruy Barbosa, 178. Trabalho gráfico da oficina da Gazeta de Gravatá. Preço do exemplar - 100 réis.

"Livre de preocupações partidárias - constava do editorial de abertura - O Clarão será o defensor dos ideais da juventude de nossa terra e a voz que, sem desfalecimentos, saberá pugnar pelos interesses coletivos. Não servirá de veículo de ódios nem vinganças. Manterá o mais profundo silêncio em questões religiosas e tudo envidará para servir a Gravatá".

Aludindo, em nota à parte, ao grande objetivo da Sociedade Literária - instruir a mocidade, frisou a redação: "Pelo nosso ideal iremos até ao sacrifício. Quem contra nós vier, será esmagado ao peso de nossa resistência moral".

O nº 2 foi dado à estampa no dia 21 de outubro, não mais prosseguindo, nada obstante o bom acolhimento dos leitores e o fato de haver crescido o corpo redacional com o nome de Lamartine de Farias Castro, que assumiu a direção.

O pequeno e bem comportado quinzenário, a par do noticiário e leve humorismo, contou com a colaboração de Manuel do Nascimento, Vicente Barbosa da Silva, Amaro Pajeú, José Firmino, João Peixoto, Túlio e outros (Biblioteca Pública do Estado).

O VIGILANTE - Mensário Independente, Literário, Noticioso e Combatente - Órgão maçônico, sob os auspícios da Resp.: Loj.: Trabalho e firmeza nº 9, circulou, pela primeira vez, no dia 21 de abril de 1934, obedecendo ao formato de 33 x 23, com quatro páginas de três colunas. Redação à rua Dr. Amauri de Medeiros. Assinaturas: anual - 3\$000; semestral - 2\$000. Número avulso - 0\$200. Tiragem: 1.000 exemplares. Confeção da Tipografia Batista.

Lia-se no editorial de apresentação: "O Vigilante vem a lume no grande dia de Tiradentes, o proto-mártir da Liberdade, cujos sublimes ideais a Maçonaria concretizou em 7 de setembro de 1822, levando D. Pedro, seu grão-mestre, a fazer a Independência, mais como maçom do que como príncipe".

Publicação mensal, seguiu sua meta, divulgando artigos doutrinários dos redatores, que era o pastor evangélico José Ferreira Neves, incumbido, ao mesmo tempo, da composição tipográfica, e Dinamérico Crespo, autor do comentário intitulado "Kaleidoscópio", sob o pseudônimo de Tobias, e da quadra-epigrama "Estilhaços", assinando-a Artilheiro. Inseria, ainda, artigos de diferente orientação filosófica, sem a responsabilidade da redação, assinados, pelos respectivos autores.

Entre os colaboradores constavam-se Danilo Seixas, José Albino de Miranda, professor Vidal de Freitas e Amélia Coutinho Neves.

A publicação estendeu-se até o nº 11/12, de 10 de março de 1935 (Col. Dinamérico Crespo).

A BATALHA - Órgão Oficial da Frente Única Gravataense - O primeiro número saiu no dia 31 de agosto de 1935, em formato de 38 x 27, com quatro páginas a quatro

colunas de composição. Diretor-redator-chefe - Antonio de Oliveira Leite; secretário - Murilo Lapa; diretor-gerente - João Tófilo de Oliveira. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife. Preço do exemplar - 0\$100.

Nasceu com um desígnio político, além de "preencher uma das mais sensíveis lacunas na cidade dos gravatás", consoante o artigo de apresentação, no qual se lia, noutra tópicos: "Não alimentaremos ódios e procuraremos tão somente defender, apregoar, batalhar sempre pela eleição do nosso digno candidato, o qual saberá honrar indubitavelmente a investidura que lhe será cometida oportunamente".

Na realidade, sua meta única foi a propaganda, com sucessivas fotogravuras, da candidatura a prefeito de Izaltino de Lemos Poggi, através de editoriais, reportagens, noticiários de comícios, etc., não deixando, como de praxe nas campanhas políticas, de criticar e acusar os líderes do candidato oponente.

Manteve, enquanto isto, noticiário geral, incluindo a seção "Nossa Paróquia" e as "Sociais", precedidas de crônica assinada por Túlio.

O nº 6, datado de 5 de outubro, foi acrescido de uma folha suplementar, repleta de clichês dos candidatos à prefeitura e ao Conselho Municipal e dos diretores da Frente Única.

Concluiu-se aí a tarefa política do jornal, o que significou, por seu turno, o fim de sua existência (Coleção Murilo Lapa e Biblioteca Pública do Estado)(1).

(1) A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada do último número.

O PRÉLIO - Semanário Político e Noticioso - Apareceu a 7 de setembro de 1935, em formato de 45 x 30, com quatro páginas. Diretor - André Fonseca; redator-secretário - João Lima. Impresso na Tipografia São José, de Caruaru, para sair aos sábados.

Como apresentação, apenas a seguinte manchete, na última página: "O Prélio é o jornal destinado à propaganda dos candidatos do P. S. D. nas próximas eleições, não oferecendo ensejos, portanto, às discussões e ataques pessoais".

Constituiu-se a matéria do periódico, de curta existência, de manifestos, longos artigos, inclusive de A. F. e Elias Torres, noticiário ilustrado de comícios, manchetes vibrantes e epigramas, tudo formando o panegírico da política situacionista e do respectivo candidato a prefeito, Arão Lins de Andrade, enquanto assestava baterias contra o candidato oponente. Uma crônica literária de José Aristides (de Figueiredo Lima) e um soneto de Judite Costa, de Bezerras, foram únicas exceções no programa político da gazeta, além de alguns anúncios.

As eleições estavam marcadas para 8 de outubro. E, três dias antes, dava O Prélio sua última edição - o nº 5 - uma vez concluída a missão propagandística a que se devotara (Biblioteca Pública do Estado).

GRAVATÁ-JORNAL - Órgão Comemorativo da Abolição - Publicou-se no dia 13 de maio de 1938, em bom formato de 48 x 32, com oito páginas a seis colunas de composição. Diretor - Elias Torres; redator-secretário - Lamartine de FariasCastro. Confeccionado na "Imprensa Comercial", no Recife, apresentou, como slogan, no cabeçalho, o seguinte conceito de Virgílio: "Prefiro a liberdade tempestuosa à plácida servidão".

O artigo de abertura focalizou a data, em longas considerações, acrescentando: "...surge, também, neste dia, o primeiro número de um órgão para representar a imprensa indígena, através do qual nos inteiraremos de tudo quanto se relaciona à vida do município".

A edição inseriu notas e comentários gerais sobre Gravatá, com farta documentação fotográfica, sem esquecer as efigies, em grande clichês, do ditador Getúlio Vargas e do interventor Agamenon Magalhães. Além da produção assinada pelos redatores, teve a colaboração de Sílvio Túlio, Dr. Fernando da Veiga Pessoa, professor Rosalino Costa Lima, Antonieta A. Torres e Djalma Vasconcelos.

Era intenção de Elias e Lamartine que o jornal ficasse circulando periodicamente; mas a "ambiência intelectual" da terra não o consentiu. Fracassou a iniciativa (Biblioteca Pública do Estado).

O MUNICÍPIO - Número especial comemorativo à independência do Brasil - Circulou a 7 de setembro de 1938, numa folha única de papel ofício, mimeografada de ambos os lados, para distribuição grátis, sob os auspícios da Prefeitura. Ainda do cabeçalho constou o slogan: "O Estado Novo é um impulso de fé e uma arrancada de consciência".

Inseriu artigos dos redatores Dinamérico A. Crespo e Lamartine Farias Castro, comentários ligeiros, contas da Municipalidade, "Pinguinhos" e até anúncios de quatro linhas.

O nº 2 dizia-se "órgão independente", acrescentando: "Numero especial comemorativo à data da instituição do Estado Novo". Publicou-se no dia 10 de novembro, acrescido de uma "Página suplementar" (que foram duas). Além dos redatores, que intensificaram os encômios ao novo regime do país e ao governo

municipal, escreveu artigo o prefeito José Primo de Oliveira, e José Figueiroa assinou um soneto.

Não saiu mais (Coleção do Autor).

O APIÁRIO - Órgão Oficial do Curso Primário da Escola Rural N. S. de Lourdes - Fundado em 1944, sem que existam os respectivos comprovantes, circulou o nº 1, ano II, no mês de março de 1945, com quatro páginas de papel ofício, manuscrito e copiado em hectógrafo. Direção de Nair Bezerra; redatora - Jeanete Santana. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares.

Outro único exemplar manuseado foi o nº 6, publicado em setembro do mesmo ano e obedecendo a idêntico ritmo.

Foram colaboradores do jornalzinho: Maria José Correia de Melo, Maria Nilce Medeiros, Neide Medeiros, Deise Chagas e Inês Bezerra (Arquivo Orlando Wanderley).

TRIBUNA DEMOCRÁTICA - Semanário político, iniciou sua circulação no dia 12 de julho de 1947, tendo como proprietário Pedro Joaquim de Souza e diretor-responsável Antonio Farias. Formato de 48 x 33, com quatro páginas de seis colunas.

Apresentando lisonjeira feição material, metade da primeira, ao alto, inseriu "Vibrante saudação do industrial Pedro de Souza (com o respectivo clichê) ao povo de Gravatá", seguindo-se, abaixo, o editorial "Os rumos da nossa marcha", assinado pelo diretor, que dissertou:

"Tribuna Democrática ambiciona ser a voz do povo de Gravatá, em uma luta permanente pelo seu progresso espiritual e material. Será a trincheira donde todos nós, gravataenses, sem

distinção do credo político ou matriz religiosa, defenderemos os nossos interesses, os nossos direitos e as nossas liberdades".

Após outros conceitos, escreveu: "Com Tribuna Democrática nos propomos criar, em Gravatá, um clima de confiança e compreensão que nos assegure dias de tranqüilidade e de paz social e política. Sem interesses subalternos, sirvamos à nossa terra e dela nos tornaremos dignos". Concluiu saudando "o prelúdio de uma nova época".

Impresso o primeiro número em Caruaru, na Tipografia Popular, de Mário Alves da Costa, continuou a sê-lo na Empresa Diário da Manhã S/A, no Recife, exceto os nºs 10 e 11, procedentes da oficina do Jornal de Caruaru.

Foi um jornal de grande vivacidade, ostentando manchetes, entrevistas com títulos vistosos, ilustradas de fotogravuras, bem redigido, contendo noticiário, inclusive seção desportiva, e alguns anúncios. Teve a colaboração de Rosalino da Costa Lima, Francisco Julião, Alberto Frederico Lins, Jurandir Correia Melo, Osiris Caldas, que divulgou, em vários rodapés, a novela "Maria-Clara"; Paulo da Veiga Pessoa, Devaldo Borges, Marieta de Faria Neves, Abílio Góis, Elias Torres, Lamartine de Farias Castro, etc., além do Conselheiro Acácio (pseudônimo de Paulo da Veiga Pessoa) que escrevia "Um conselho por semana", e mais Lupércio Rocha, José Firmino e outros, na parte desportiva.

A partir de setembro, o periódico ocupou-se, principalmente, da campanha para prefeito do município, com a indicação, por diferentes partidos, do nome de Atenógenes de Oliveira.

A publicação, regular da Tribuna Democrática, estendeu-se até o nº 14 (por erro de revisão, figura o nº 15), datado de 11 de outubro, quando as eleições estavam marcadas para o dia 26.

Nessa (última?) edição o jornal entrou a criticar a atuação dos líderes Moisés Lins de Andrade e João Norberto Regalado, respectivamente, pessedista e republicano (Arquivo Antonio Farias).

GRAVATÁ NA ADMINISTRAÇÃO DR. DEVALDO BORGES - Álbum documental, comemorativo de dois anos de governo, circulou em setembro de 1953, em formato oblongo de 24 x 32, com 56 páginas de texto em papel couchê. A capa, em papel cartolina de cor, exibiu expressiva fotografia do Cristo Redentor situado no Alto do Cruzeiro, olhando para a cidade, que lhe servia de moldura.

Divulgou dados históricos e informativos sobre Gravatá, a par de comentários em torno das realizações do prefeito, tudo amplamente ilustrado, focalizando, igualmente, personalidades públicas, nos âmbitos estadual e municipal, e aspectos da cidade e dos serviços públicos essenciais.

A organização do álbum esteve a cargo de Antonio Farias, fazendo-se o trabalho gráfico na oficina de Mário Alves da Costa, em Caruaru (Arquivo Antonio Farias).

IGARASSU

VOZ DE IGARASSU - Órgão Independente e Noticioso - Entrou em circulação a 16 de novembro de 1952, no formato de 48 x 33, com quatro páginas de seis colunas. Direção de Valfrido Uchoa e José Eduardo da Silva Brito; redatores: Guilherme Jorge Paes Barreto, Newton Prestelo, José de Moura e José Cabral da Rocha. Com redação à rua Bernardo Vieira, 30, imprimiu-se nas oficinas do Diário da Manhã, no Recife.

Segundo o artigo “Apresentação”, assinado por Clóvis Lacerda Leite, o Jornal então entregue aos leitores era “uma voz a serviço do povo, de suas lutas, das suas reclamações e dos seus protestos veementes”, pretendendo bem servir à coletividade, “independente de cor nem partidarismo político”. Seu norte era a Democracia e pugnaria pelas “tradições da família brasileira”, “de acordo com os postulados cristãos”.

Por sua vez, escreveu o diretor V. Uchoa, sob o título “Grande temeridade”: “Voz de Igarassu nasceu com vontade de viver. De viver, para dizer lá fora que estamos vivos. Que não estamos traindo o espírito dos nossos antepassados”.

A edição, estampando fotogravuras dos seus animadores - prefeito João Felipe de Barros Dias e deputado Paulo Guerra, inseriu artigos de autoria de outros redatores, amplo noticiário local e dos distritos, editais e convite da Prefeitura para os festejos do dia, quando a autoridade municipal completava o primeiro ano de administração, da qual, conforme artigo de J. E. Brito, se podiam “esperar bons frutos”.

Publicou-se mensalmente, começando o ano de 1953 já com o nº 3, e o de 1954 com o 15º. Matéria sempre variada e bem distribuída, cuidando sobretudo de temas locais, defendendo reivindicações e interesses vários do município. Não

lhe faltavam, igualmente, trabalhos literários, em prosa e verso; alguns clichês, inclusive de epígrafes. Do nº 10 em diante, artístico desenho de histórico aspecto da cidade deu fundo às letras do título, tudo num clima de quatro colunas, colocado à direita.

Além dos nomes referidos no cabeçalho e no expediente, o periódico contou com a colaboração de Pedro Costa, Bartolomeu Alves da Mota, José Carvalho Barbosa, Itebo Homem, Dalila Vera Cruz, Nelson Andrade de Oliveira, Mário Filho, Carlos Leonam, Antônio Rodrigues de Meneses, J. Eronildes Lopes Guimarães, A. Palmarino, com a seção “Sobre isto é bom falar”; M. Volantim, Pedro Carneiro Barreto, Valdemar Barbosa Pessoa, Francisco Pessoa de Paiva, Homero do Rego Barros, Manuel Constantino da Silva, Waldy Sefardi Yidisch, Pedro Carneiro Barreto, Gil, Epaminondas de Albuquerque, J. Novelino, Cosme Paiva, Milton Souto, Anastácio Alves Pereira, S. Pinto e outros.

Jornal atraente, fiel ao programa traçado, alimentando a virtude de só estampar raros anúncios, a Voz de Igarassu chegou ao fim de 1954 com uma edição - o nº 26 - de seis páginas, impressa em azul e datada de 12 de dezembro, que assim homenageou o bacharelato de um de seus diretores - Valfrido Uchoa⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

IPOJUCA

A VONTADE - Jornal Literário e Noticioso - Impresso pela primeira vez na cidade de Escada, transferiu-se para Ipojuca com a edição de 28 de dezembro de 1873, em formato de 22 x

⁽¹⁾ Prosseguiu em 1955. Circulando esporadicamente, chegou a atingir 1961. Com a extinção da Voz de Igarassu, publicou-se, em 1961/1962, A Luta, órgão de defesa do município, sob a direção de Guilherme Jorge Paes Barreto, tendo como redator-chefe Pedro Costa.

15, só utilizada a página de frente. Redator, compositor e impressor - o estudante Herculano C. Gonçalves da Rocha. Sua matéria constou de artigo sobre a “radiosa emanção do gênio Guttenberg”; o soneto “Hearst-Strings”, de Francisca Izidora, e três notas informativas.

A publicação, que tinha curso nos períodos de férias, continuou em 1874, sendo confeccionada no engenho Supitanga, arredores de Ipojuca, pelo redator, ajudado por sua irmã, a poetisa Francisca I. Gonçalves da Rocha. Faltam, no entanto, comprovantes dos nºs 2 a 7 e 9 a 12.

Circulou o nº 8, ano III, no dia 10 de fevereiro de 1876, reduzido o formato para 15 x 11, com quatro páginas. Apresentava a divisa: “Away! Away!”, de Byron. No texto, artigo e crônica, ambos no regime do “continua”, e poesia da autora mencionada.

Outro avistado foi o nº 13, ano IV, de 1 de janeiro de 1877, em cujo cabeçalho a divisa foi substituída pelas frases de Cícero: “Libere loqui”, e de Heráclio: “Pauperem que dives me petit”. Quase toda a edição, prosa e verso, foi redigida por Francisca Izidora, que, publicando suas primeiras produções no pequenino órgão, veio a tornar-se famosa nas letras pernambucanas (Biblioteca Pública do Estado).

A propósito de Herculano C. Gonçalves da Rocha, escreveu, depois, Samuel Campello, no livro “Escada e Jaboatão - pequenos dados histórico-geográficos” (Recife, 1919): “Com grande propensão para a arte, o precoce jornalista fabricou ele mesmo um prelo, rolos, galés e muitos tipos, principalmente gravuras, servindo-se do entrecasco da cajazeira, em que trabalhava maravilhosamente”.

“No colégio dos Jesuítas , onde estudava - acrescentou - manteve os jornais O Republicano, O fiscal e Caricaturas”.

Desses órgãos colegiais não resta nenhum sinal de vida.

FILIGRANAS - Órgão Literário e Noticioso - Semanário manuscrito, teve seu primeiro número em circulação, de leitor a leitor, no dia 26 de abril de 1925, constituído de uma folha, quatro páginas, de papel pautado, divididas em duas colunas. Aos lados do título, que era desenhado em letras góticas, trazia os slogans: “É preciso que não haja nenhum brasileiro analfabeto” e “Toda coragem é feita de coragem e de trabalho”. Equipe responsável: redatora-chefe - Zita Cavalcanti; revisora, depois redatora secretária - Dagmar de Mesquita; redadoras - Elza de Mesquita, Celina Wanderley e Olindina Carolina. Ao atingir a última edição, apresentava como diretora Dulce Marques.

Surgiu, consoante o conciso editorial de abertura, “como uma constelação boreau de intensa luz, rendilhado de prata e ouro, como uma auréola circundando a frente desta plêiade de jovens ainda crianças que encetam a carreira da intelectualidade”.

Publicou-se regularmente, às vezes dando seis páginas. Inseria matéria variada, inclusive humorismo e mundanidades, contando, entre outras produções literárias, com a colaboração especial de Domingos de Albuquerque, Manuel Pessoa de Luna Filho e Manuel Canuto Mesquita.

O derradeiro número, 12º, que dedicou toda a primeira página ao noivado da redatora-chefe, saiu a lume no dia 12 de julho (Bib. da Soc. Instr. e Benef. de Paudalho).

A VOZ DE IPOJUCA - “Boletim paroquial da informação, fundado por frei Jerônimo, O. F. M., em outubro de

1937. Suspenso”(Cônego Xavier Pedrosa, in “Letras Católicas em Pernambuco”).

IPUBI⁽¹⁾

O SACO DA ARARA - Órgão da Escola Estadual Mista Olímpio Gomes (Serra Branca) - Número único, circulou em novembro de 1951, manuscrito, com 22 páginas de papel almaço e copiado em hectógrafo. Orientação da professora Maria do Carmo Gomes da Silva.

Ocupou a página de frente modesta alegoria em homenagem à proclamação da República. Nas restantes, literatura infantil, outros desenhos à lápis de cor, noticiário do movimento escolar e notas curiosas (Depto. Cultural da SEEC).

ITAMARACÁ

BOLETIM PAROCHIAL - Primeira e talvez única publicação local), circulou em torno de 1920/1921, semanalmente, para distribuição gratuita, sendo impresso no Recife. Tinha, a princípio, uma única página de matéria, passando depois a duas páginas. Dirigia-o o padre Manuel Machado, que usava o pseudônimo Genuíno. Colaboradores: Genuinito (como se ocultava José de Moura Galvão) e a professora Honorina Lins (Notas fornecidas por J. de M. G.).

JABOATÃO

O MAMOEIRO - Órgão Crítico e Noticioso - Como primeiro fruto da imprensa de Jaboatão, circulou datado de \$ (é como está) de agosto de 1883, em formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Pretendia sair aos domingos,

⁽¹⁾ Ex-vila do município de Ouricuri, do qual foi igualmente desmembrado o povoado de Serra Branca.

cobrando 500 réis por assinatura trimestral (adiantados) e 40 réis por exemplar. Além do escritório local, anunciava “agências por toda a cidade do Recife (onde foi impresso) e bons repórteres”.

Sob o título, assinados por Belisário Pernambuco, vinham as quadras:

“Eis também O Mamoeiro!
Vem espancar a corrupção,
Acabar com a safadagem
E com a malcriação

Quem tiver suas mazelas,
Quais pústulas decompostas,
Oculte-as bem ocultas
Para não ve-las expostas”.

Além disso, o pequeno editorial dizia estar a redação de “azorrague em punho” contra “a perversão dos costumes” que ameaçava “abismar” tudo.

Sua matéria constituiu-se de notas satíricas e versos humorísticos, descendo, em alguns casos, para a pasquinada. Não passou do primeiro número⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

O MUNICÍPIO - Sem comprovante da edição de estréia, saiu a lume o nº 2 no dia 12 de outubro de 1895, em formato de 31 x 23, com quatro páginas de três colunas. Redator-secretário - Henrique Muller; gerente - João Carvalho. Lia-se no expediente: “Órgão essencialmente popular, publica-se duas

(1) “De redatores anônimos, essa folha não conseguiu publicar o segundo número, o que talvez fosse uma felicidade para Jaboatão, porque o tal mamoeiro nada tinha de interessante ou proveitoso” (Samuel Campello, in “Escada e Jaboatão - pequenos dados históricos e geográficos” - Tip. Pernambucana - Recife, 1919).

vezes por semana e tem instaladas provisoriamente sua redação e oficina no prédio nº 2, à rua Duque de Caxias. Na capital do Estado está representado por uma redação composta dos srs. Alfredo de Castro e Malaquias da Rocha, devendo a correspondência dali ser dirigida para o "Atelier de Artes Gráficas". Tabela de assinaturas: semestre - 5\$000; trimestre - 2\$500; mês - 1\$000.

A edição inseriu editorial; "Notícias locais"; Literatura, inclusive soneto de Manuel Arão, e charadas, sendo as duas últimas páginas só de anúncios.

Outro manuseado foi o nº 6, de 27 de outubro, dispondo de matéria reduzida, além de editorial e folhetim (Biblioteca Pública do Estado).

Prosseguiu a publicação com regularidade, registrado o aparecimento de cada edição pela "Revista Diária" do Diário de Pernambuco, até o nº 16, com o qual O Município iniciara o mês de dezembro. Ficou suspenso. Mas na terceira semana, conforme notícia do dia 21, reapareceu, sob a direção de Tito Franco, prometendo circular, desde então, feito diário. Ao invés disso, parou novamente.

Outro reaparecimento foi assinalado pelo Diário de 5 de fevereiro de 1896. Todavia, a continuação do noticiário só se estendeu até a edição do dia 21, quando focalizou o nº 4 (e último do segundo ano)⁽¹⁾

O PHANAL - Órgão mensal do Grêmio Jaboatonense Seis de Março, editado sob a "orientação nativista", fundou-se com o objetivo de dar publicidade aos trabalhos literários da "frutuosa associação, que tem a instrução como moto de sua bandeira". O

⁽¹⁾ Nos "Anais" da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908, de Alfredo de Carvalho, acha-se mencionado, apenas, o nº 1 d'O Município.

primeiro número circulou a 25 de abril de 1903. Imprimia-se no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, 37 (Recife), utilizando bom papel, mas em pequeno formato de 25 x 15, com duas colunas, e quatro páginas. No cabeçalho, como legenda, trazia os versos a seguir, dum poema de Vitoriano Palhares:

O povo, cego, tateia,
mas se quereis que ele enxergue,
entregai-o a Guttenberg
e o povo tudo verá.

A confecção d'O Phanal estava a cargo de uma Comissão Redacional constituída de três membros do Grêmio: João Rodrigues Carneiro Campello, diretor; José Barreto, secretário e Antônio Pedro Gonçalves da Rocha, gerente, sendo correspondente no Recife, Luiz Gonzaga Carneiro Leão. Assinatura trimestral - 1\$000.

Apresentava-se o periódico repleto de trabalhos de literatura ligeira e de história, sem desprezar o editorial da primeira página, versando assuntos de interesse local ou regional, a cargo de Pedro Gonçalves, seguido da seção "Notas Simples", constante de efemérides, assinada por João Cláudio (pseudônimo de João R. C. Campello). Entre os colaboradores, contavam-se Olívio Araújo, José Duarte Gonçalves da Rocha, Alberto Barreto, Antônio Vicente, Grato Varela, Oscar Câmara e Ribeiro da Silva.

A partir de janeiro de 1904, quando o redator secretário foi substituído por José Duarte e a assinatura trimestral subiu para 1\$500, O Phanal passou a dar oito páginas, ocupadas a primeira e parte da segunda com a biografia de personagens ilustres desaparecidos, a começar por Frei Caneca. No mês de março veio a sofrer nova alteração a Comissão Redacional, que ficou sendo a seguinte: Antônio P. Gonçalves da Rocha, diretor;

João Campelo, secretário e Samuel Campelo⁽¹⁾ gerente. Iniciou-se, daí a inserção de clichês de homens de letras de projeção no país, mortos e vivos, acompanhados de produções ilustrativas. Foram novos colaboradores: Miguel Annes, Luiz Caturra, Francisca Izidora, Domingos de Albuquerque, Renato Faelante da Câmara Lima, Inês Sabino, etc.

Após a edição do segundo aniversário, constituiu-se, em abril de 1905, nova e última Comissão Redacional, composta dos seguintes gremistas: diretor - José Duarte; secretário - João Cláudio; ferente - Pedro Gonçalves.

O Phanal circulou normalmente, com raras alterações, sendo o 24º número datado de maio de 1905.

Depois de suspensa a publicação, ainda saíram três edições especiais, de quatro páginas cada uma, em homenagem aos seguintes sócios falecidos do Grêmio: 14/6/1905 - bibliotecário Oscar Diderot da Câmara Lima; 21/7/1905 - acadêmico de direito José Otávio de Azevedo Lessa; 24/9/1906 - sócio honorário Maximiano Francisco Duarte, juiz de direito da comarca (Col. Abelardo Rodrigues e Arq. Púb. Est.).

A PEIA - Periódico Crítico Humorístico - Surgiu a 12 de outubro de 1903, com quatro páginas, em formato de 27 x 19, de três colunas. Em cada lado do título via-se pequena caricatura, com as legendas Cosmopolita e Borracho. Publicação

⁽¹⁾ Não é exato que Samuel Campelo só tivesse 11 anos de idade quando “redigiu” O Phanal, segundo afirmou Aurino Maciel, no seu discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras, em novembro de 1941, ao substituir aquele jornalista e teatrólogo na cadeira que ele ocupava. O que é certo é que Samuel tinha, então 15 anos, pois nasceu em 1889, e no periódico em apreço só apareceu em 1904. Aliás, o próprio professor Aurino se contradisse, noutra tópico do seu estudo acadêmico, afirmando que, “em 1900, apenas com onze anos, aluno do segundo grau”, Samuel estudava no Recife, onde tivera um jornalzinho manuscrito.

bimensal, tinha a redação instalada à rua Duque de Caxias, 5, sendo impressa no Recife, no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega, 18/22. Assinava-se a 2\$000 por dois meses, custando o número avulso 300 réis. Diretor - Zé Faísca (pseudônimo de Oscar Diderot da Câmara Lima); secretário - Tarugo.

Começou assim o seu artigo de apresentação: “Como um ligeiro batel singrando as águas revoltas de revolto oceano, assim aparece A Peia no grande e encapelado mar de jornalismo, tendo como lema as colaborações repassadas de finíssima verve e crítica moderada, como bússola o pensamento lúcido e elevado de seus redatores, e como farol os bondosos corações de seus amáveis leitores”.

Sem ter programa fixo para as lutas titânicas da Imprensa”, compunha-se a sua redação de “inexperientes marinheiros da ciência”.

Constituído de matéria variada, em prosa e verso, iniciou-se o periódico com a colaboração de Leumas (pseudônimo de Samuel Campelo), Satan, Régulo, Calixto, Dvasso e D. Xisto, além da assinatura do humorista-diretor, e mais uma seção de charadas e ligeiros anúncios.

(No dia da estréia d’A Peia foi Zé Faísca agredido por Manuel Elpídio dos Santos Moreira, alcunhado Cosmopolita, mas reagiu com tal violência que deixou ferido o agressor e, em consequência, passou 24 horas na prisão).

Em seu terceiro número, o periódico apresentou-se em formato maior - 36 x 24, com três boas colunas de composição, permanecendo no cabeçalho, apenas, o pequeno clichê do Cosmopolita, à esquerda do título, ao passo que desaparecia o nome do redator-secretário, substituído por Calixto. Depois, a partir do nº 5, veio a estampar, na primeira página, charges

(zincografias de Venu (Benevenuto Teles), com legendas em versos de duplo sentido.

Embora em datas indeterminadas, A Peia circulava cada quinzena, comentando, criticando e satirizando os acontecimentos da cidade, sobretudo na seara amorosa, com o aparecimento de novos pseudônimos, tais como Petit, Zagalejo, Mail, Selvagem Congestionado (João Rodrigues Barreto Campelo), Joca da Venda, Chilon Chilonides, K. Boclo, Emme, etc.

Após o nº9, de 28 de fevereiro de 1904, foi a publicação suspensa. Reapareceu, com uma edição especial, a 15 de novembro do mencionado ano, em formato um pouco menor, impressa em papel especial, em forma de poliantéia ao prefeito do município Joaquim Carneiro Nobre de Lacerda, no dia em que findava o seu mandato. Figurou no alto da primeira página o clichê do homenageado, seguindo os “Traços biográficos”, vindo na última o do Mercado Público, uma de suas realizações administrativas.

Novo reaparecimento ocorreu a 29 de janeiro de 1905, quando circulou o nº 10, ano III, sem alteração no programa primitivo. Abriu a edição expressiva charge (trabalho artístico de Eduardo Fonseca), cuja legenda anunciava: “Eu sou o Zé Faisça e ante vós aqui estou de peia na mão, lápis e pena aparada...”, “Para mim há somente sagrado o santuário da Família, mas o dinheiro, a prosopopéia et reliqua não me intimidam e A Peia aqui está para cortar a pele dos leprosos sociais”⁽¹⁾

Não obstante a boa disposição enunciada e as novas seções de sátiras e humorismo de Máximo Pequeno, Zé Repórter e Neco Pintor, o valente jornal não prosseguiu sua

⁽¹⁾ Focalizando a existência d'A Peia, no opúsculo “Escada e Jaboatão”, escreveu, mais de dez anos depois, Samuel Campelo: “...fez soar o topete à burguesia jaboatonense, de que era o terror”.

marcha, que teve inesperado termo com o nº 11, datado de 12 de fevereiro (Bib. Pub. Est.).

A FAÍSCA - Poliantéia do “Bloco Boêmio Zé Faísca”, em homenagem a memória de Oscar Diderot da Câmara Lima, circulou no dia 8 de junho de 1907, data do segundo aniversário do seu falecimento. Impresso em pequeno formato, com quatro páginas, na tipografia de Júlio Agostinho Bezerra, no Recife, inseriu colaboração de Naasson de Figueiredo, João Cláudio, Carlos Câmara, Samuel Campelo, Manuel Moraes e outros, além de poesias do extinto (Samuel Campelo - obra citada).

O JABOATONENSE - Semanário Litero-Noticioso - Entrou em circulação a 15 de dezembro de 1907, em formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas, impresso no Atelier Miranda, do Recife. Direção e propriedade de Manuel Moraes, funcionando o escritório e redação à rua Dr. José Marcelino, 60-D. Tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 2\$800; trimestre - 1\$000, trimestre (fora da cidade) - 1\$500. Número avulso - 100 réis.

Lia-se no modesto artigo de apresentação: “...não tem atavios de linguagem nem redatores abalisados nas lutas do jornalismo, mas tem força de vontade, o que já vale muito”.

Ao atingir o nº 4, cresceu um pouco o formato, tornando-se ao mesmo tempo, órgão imparcial. Divulgando noticiário e notas curiosas, admitiu, também, a colaboração de P. Barreto, Oscar Bandeira, Joaquim Ramos, Naasson de Figueiredo, Vital de Melo e Samuel Campelo, inclusive usando o anagrama Leumas, como assinava a seção de versos humorísticos “Selos”. Manteve, principalmente, interessante galeria de jaboatonenses ilustres, entre os quais Bernardo Vieira de Melo, Frei Jaboatão e Bento Teixeira.

Foi suspenso O Jaboatonense após o nº 30 - ano II - datado de 11 de outubro de 1908, por motivo de moléstia do seu diretor e redator único, o qual veio a falecer no dia 27, aos 18 anos de idade⁽¹⁾

Passado um ano, reapareceu o jornal, precisamente a 31 de outubro de 1909 - nº 31, ano III - sob a direção de Samuel Campelo⁽²⁾, tendo como redator-secretário Enéas Alves e gerente José de Brito Falcão. Impresso na Tipografia de Agostinho Bezerra, no Recife, com redação na sede do Grêmio Frei Caneca, a primeira edição da segunda fase constituiu uma quase poliantéia à memória do diretor extinto.

A publicação seguiu-se trimestralmente, em dias indeterminados, divulgando matéria literária, comentários redacionais e noticiário variado. Além dos membros do corpo redacional, responsáveis, também, por interessantes seções em versos, como “Galhofas”, “Caras e Caretas”, “Selos” e “Serões no Alpha”, assinados com os anagramas de Leumas e Anese Vales, divulgava colaboração, inclusive no “Escrínio do Parnasso”, de Valfrido Leonardo Pereira, José de Brito Falcão, Diógenes dos Santos, Artur Leal de Barros, Naasson de Figueiredo, Alfima, José Mariz, Manuel Elpídio, Ribeiro da Silva, Carlos Brasil, Aurino Nicéas e Astrogildo de Carvalho.

(1) “Pobre, muito pobre”, o jornalista-tipógrafo trabalhava, “muitas vezes, até tarde da noite, sentado em caixão de pinho, à luz baça e prejudicial de querosene colocado em um pequeno candieiro fumarento de folha de flandres, para que o seu jornal fosse publicado e recebesse em paga, como quase sempre acontece, a indiferença do público e o ódio dos potentados que ele não bajulava” (Samuel Campelo, obra citada).

(2) Muitos anos depois, escrevia Samuel Campelo: “Em 1909, quando foi aprovada a lei do sorteio militar e contra ela se levantou enorme grita no país, tivemos ocasião de, pelo O Jaboatonense, escrever artigos de polêmica em seu favor, o que nos valeu algumas intrigas” - (de um artigo reproduzido no livro de Samuel Campelo - 1889-1939” - Tip. Batista de Souza - Rio, 1942).

O nº 44, de 10 de abril de 1910, circulou acompanhado de um suplemento de duas páginas. E suspendeu-se a publicação, “por motivos imperiosíssimos”, para voltar a 21 de junho, esperando continuar, o que, todavia, não foi mais possível.

O Jaboatonense morreu, portanto, com 45 números publicados, depois de haver sustentado campanhas construtivas, a prol do progresso do município (Bib. Pub. Est.).

O FREVO - Jornal Pequeno e Gostosinho - Órgão do Riso - Entrou em circulação a 17 de outubro de 1908, trazendo sob o título a divisa: “Viva a Pátria e chova... arame!” Impresso no Atelier Miranda, à rua Duque de Caxias, 37 (Recife), apresentou-se em formato de 29 x 20, com quatro páginas de duas colunas, tendo como redatores Samuel Campelo, Eneas Alves, Francisco Lima e Manuel Morais, através dos pseudônimos de Leumas, Anese Vales, Lima Franco e Emme Emme, o último dos quais só figurando na primeira edição, por ter falecido dias depois, sendo-lhe dedicado o nº 2.

Com redação no “Vale do Josafá”, publicava-se quinzenalmente, cobrando “um nicolau de 200 réis” por assinatura mensal, e “um nicolino de 100 réis” por exemplar. O “artigo de raso”, intitulado “Subindo o pano”, dizia “Ele - O Frevo - seguirá, sempre altaneiro e folgazão, pela arena do jornalismo, sempre a rir, sem ofender a pessoa alguma e sem macular a respeitável e reverendíssima sra. D. Moral”.

Matéria leve em prosa e verso, constituiu o programa do jornalzinho, tudo assinado com os pseudônimos dos redatores ou M. Jota ou pelos “três caboges da Xipofagia”. Além da literatura e das seções pilhéricas, estabeleceu concursos para apurar qual “a moça mais bonita, o rapaz mais feio e a criança mais gentil” de Jaboatão.

Teve, porém, vida curta O Frevo, que nem ao menos esperou pelo Carnaval, divulgando o nº 5 (e último) no dia 15 de dezembro (Bib. Pub. Est. e Arq. Pub. Est.).

A SAUDADE - Poliantéia do Grêmio Jaboatonense Frei Ccaneca à memória de seu querido consócio Manuel Morais - Circulou no dia 27 de novembro de 1908, em formato de 27 x 17, com quatro páginas de duas colunas. Impressa em papel couchê, o trabalho gráfico esteve à cargo do Atelier Miranda, no Recife.

Afora o noticiário sobre o 30º dia do falecimento do jornalista, escreveram nêias em sua homenagem, quer em prosa, quer em verso: Valfrido Leonardo Pereira, José de Brito, Samuel Campelo, Enéas Alves, Samuel Ramos, Aurino Nicéas, Francisco Lima, Manuel Borges, José Mariano Júnior, Diógenes do Santos e Luiz Sampaio (Bib. Pub. Est.).

GAZETA DE JABOATÃO - Apareceu no dia 2 de abril de 1911, em formato de 31 x 20, com quatro páginas, a duas colunas de 14 cíceros. Propriedade e direção de Cassimiro Prazeres, foi “o primeiro periódico impresso na cidade e em tipografia própria”, cujo dono, segundo Samuel Campelo⁽¹⁾, “o dirigia, compunha e imprimia em uma pequena máquina Minerva”. Assinaturas: semestral - 2\$500; mensal - 0\$500, sendo encarregado da cobrança Olímpio Cordeiro de Aguiar. Preço do exemplar - 0\$100. Correspondências: para o Pavilhão Alpha.

Lia-se no artigo de apresentação: “A atmosfera luminosa acampada, atualmente, nos arraiais deste próspero município incitou-nos a atirarmos aos quatro ventos da publicidade esta fibra inflamada da idéia de Guttemberg - Gazeta de Jaboatão”.

⁽¹⁾ Plaqueta “Escada e Jaboatão”.

“Órgão defensivo dos interesses gerais”, esperava o redator que o jornalzinho, “operando com precocidade”, servisse de incitamento aos moços para cultivarem as letras.

Circulando regularmente, aos domingos, ao atingir o nº 5, melhorado o formato para três colunas normais, a tipografia, que era instalada no Recife, transportara-se para Jaboatão, localizando-se na rua Barão de Lucena.

A par do noticiário, seção charadística, a cargo de Venâncio, e poucos anúncios, o periódico teve, principalmente, a colaboração, em prosa e verso, de Enéias Alves e Samuel Campelo, este último igualmente com o anagrama Leumas, assinando a seção humorística “Pingos de vela”. Ainda: Masolo ia “Anotando”; Zozir (disfarce de José Maria) firmava o “Aerópago”; E. S. C. B. escrevia a “Crônica”; Grinauro Loureiro aparecia com sonetos; Ziramejov (outra vez José Maria) divulgava oito centímetros de fantasia literária incipiente e Vani era a autora das “Silhuetas femininas”.

Do nº 18, de 6 de agosto, por diante, apresentou-se a Gazeta de Jaboatão em formato relativamente grande, de 45 x 30, quatro colunas de composição, tendo a oficina gráfica sido transferida para a rua Dr. José Marcelino, 22.

“Vencemos - escrevia a redação - porque o pugnador do progresso desta terra, compreendendo a função benéfica dum jornal, não trepidou lançar sobre nós o seu olhar bemfazejo”.

Assumiu a chefia da redação Joaquim Carneiro Nobre de Lacerda, líder político municipal. Na gerência - Manuel Mindelo, permanecendo Prazeres na sua posição. Os anúncios também aumentaram em quantidade, chegando o programa lítero-noticioso, nele incluídas as “Silhuetas Masculinas”, por Serez Ape (anagrama), o semanário, que perdeu a interessante

colaboração de Samuel Campelo (por motivos políticos), passou a fazer a propaganda da candidatura de Rosa e Silva ao governo do Estado, ao passo que atacava a do General Dantas Barreto, inclusive através da “Crônica Semanal”, mandada do Recife por Oscar Cavalcanti.

Já deficiente o material gráfico utilizado, a Gazeta de Jaboatão caminhava para o fim, que chegou com a realização das eleições de 5 de novembro, fatais para Rosa e Silva, dia em que circulou o nº 31 e último (Biblioteca Pública do Estado).

PARNASO - Órgão mensal, impresso em papel de cor, formato de 31 x 22, a três colunas, com quatro páginas, surgiu a 27 de julho de 1911. Ocupava-se, “exclusivamente, de literatura, ciências e artes ou coisas que digam respeito e interesse”.

Muito interessante o seu “Roteiro de Viagem”, que dizia: “Assim como um alígero batel festiva e alacremenente cortando os verdes mares do nosso Brasil, ei-lo Parnaso que segue alviçareiro e belo, sacudindo flores e despejando risos, singrando as dobras glaucas do oceano revolto das letras, em demanda do porto bemfazejo da luz - essa Cannan bemdita dos sonhos da mocidade”.

Mas adiante: “Ele é verde, porque é de cor dos nossos mares e nossos campos e porque verde significa Esperança e nela se afirmam todas as nossas forças, dela provem todos os nossos pensamento e por ela trabalhamos confiantes no futuro”.

Publicaram-se seis números de Parnaso, sendo impressos os três primeiros na Tipografia da Gazeta de Jaboatão e os restantes na Tipografia Moderna, do Recife.

A partir da segunda edição, saía com oito páginas, às vezes em papel de uma cor e tinta de outra. Na terceira

acrescentou-se-lhe uma capa em azul acetinado (só impressa a primeira das quatro páginas), com o cabeçalho impresso em diagonal, ladeado dos escudos da União e do Estado, inserindo abaixo o corpo redacional seguinte: Samuel Campelo, Enéas Alves e José Mariz.

No nº 4 (mês de outubro), a capa externa apresentou melhor disposição gráfica, circulada de vinhetas, mantendo apenas o título diagonal; juntaram-se-lhe as quadras a seguir, respectivamente assinadas por Enéas Alves e Samuel Campelo:

*Imprensa, verbo que exprime
Essa Marcha triunfal:
nas batalhas contra o crime,
do livro contra o punhal.*

*Imprensa - facho de luz
fazendo que o povo exergue
as doutrinas de Jesus
nos tipos de Guttenberg.*

Uma terceira quadra acrescentou-se ao nº 5 (novembro), assinada por José Mariz:

*Imprensa - afange divino,
sempre pronto a decepar
as serpes vis do destino
que intentam a luz apagar.*

Desde o quarto número veio impresso o reverso da capa com o sumário e o “Memorando” (expediente), segundo o qual o trimestre custava 1\$000. Vinha também uma lista dos mantenedores do periódico. No texto (sempre com oito páginas) iniciava-se uma “Galeria d’O Parnaso”, constituída de clichê e legenda biográfica de personalidades.

As seis edições inseriram produções, em prosa e verso, dos redatores, assim como dos colaboradores C. Prazeres, Oscar Brandão, João Caminha Franco, Artur Leal de Barros, Assunção Pessoa, Augusto Cordeiro, Albertina Serep, Álvaro Gomes, Antonio Dantas Barbosa, Astrogildo de Carvalho, Oscar Bandeira, Durval César, Abigail Queiroz, Valfrido Pereira, Sidronio Melo, José Daltro e outros. Redacionais: “Sinopsis”(do mês), “Entre risos e flores” (“noticiário de natalícios” e “Várias”).

Com o nº 6, de dezembro do mesmo ano, encerrou-se a atividade da revista literária (Biblioteca Pública do Estado).

O CÉREBRO - Órgão Literário e Noticioso - Fundado a 6 de julho de 1913, para publicar-se aos domingos, apresentou formato de 35 x 24, com quatro páginas de três colunas. Impressão da Tipografia Vitória, de João Costa, no município de Vitória de Santo Antão. Tabela de assinaturas: ano - 4\$500; semestre - 2\$500; trimestre - 1\$500; mês - 0\$500. Redator-chefe: Enéas Alves; secretários - Alfredo Lima e Ademar Martins; redator-gerente - José Guedes. Redação à rua Dr. Marcelino, 42.

No terceiro número, do dia 20, escreveu o articulista que o periódico, “embora humilde”, era “o paladino decidido da literatura, um defensor extremo do direito, um apóstolo lídimo da democracia”, concluindo: “Tudo pelas letras! Tudo pela Pátria! Eis o nosso lema”.

N’O Cérebro, de 24 de agosto, nº 8, escreveu Enéas Alves, num comentário sem título: “Triste sorte, na verdade, é a do homem que, renunciando dos comodos de uma vida pacata, atira-se a esse negro sorvedouro que nós enfretamos com o pomposo nome de jornalismo...”

Realmente, o que é um jornalista? É um mísero, um faminto, cheio de trabalhos, coberto de baldões, assustado se é oposicionista, enxovalhado se defende o governo, desprezado se é tido como imparcial. Sempre é bastante difícil contentar o público leitor que, como todos os contribuintes, é de uma insistência vexatória, de um pessimismo irritável.

Uns opinam que o jornal moderno deve aparecer cheio de belas transcrições, outros acham que deve conter somente escritos inéditos; esses julgam que o jornal deve ter uma feição moderna, aqueles batem-se pela rotina... Meu Deus! é um nunca acabar...

Ora, um jornal que não trata de política não presta - assegura um anafado bacharel, do fundo untuoso de suas banhas...

E esta! - diz um operário - um jornalesco indecente, que só trata de poesias, de contos e de charadas, sem enxovalhar Fulano ou Sicrano, é... uma peste.

O pobre jornalista vive nessa ânsia de contentar meio mundo, sem jamais encontrar o suspirado busilis. Trascrever é intolerável; produzir é pedantismo; política - é perigoso; literatura, enfadonho; anúncio é roubalheira...”.

Nada obstante o pessimismo do redator-chefe, O Cérebro conseguiu lisonjeira receptividade.

Jornal interessante e bem redigido, circulou normalmente, obedecendo ao programa traçado, com acréscimo da seção “Busilis”, de charadas, a cargo de Anacreonte. Enchiam-lhe as páginas sem anúncios, a par de editoriais, em que se comentavam temas de interesse regional, em prosa e verso, dos redatores, contando igualmente com a colaboração de Samuel

Campelo⁽¹⁾, Durval César, Bonifácio Costa, Oscar Meyer, Nestor Osvaldo Cabral, José Mariz, Arnaldo Gibson, Amador Cisneiros, Pedro Vidal, Abigail Diva, Jáder Neves, Aderbal Solano Martins, etc.

O nº 10 de 7 de setembro, saiu, extraordinariamente, em papel couchê e tinta de cor, numa homenagem a data da independência.

Circulou, sem interrupção, até o nº 16, de 2 de novembro (Biblioteca Pública do Estado)⁽²⁾.

O IMPARCIAL - Semanário Independente, Noticioso e Ilustrado - Fundado a 14 de janeiro de 1917, apresentou-se em formato de 43 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-gerente - Praxedes Brederodes Costa; redator-chefe - Aderbal Solano Martins; secretário - Luiz D. de Alencar. Redação à Praça Barão de Lucena, 45, 1º andar, e oficina no Recife, à rua Duque de Caxias, 10, depois, 28. Assinaturas - anual - 7\$000; semestral - 4\$000; trimestral - 2\$000, mediante pagamento adiantado. Preço do exemplar - 0\$200.

Ao lado esquerdo do título via-se a frase latina: “Salus populi, suprema lex” e, à direita, o conceito: “Entre a vida civilizada e a vida selvagem há a diferença que existe entre o direito e a força”.

(1) “O afastamento de Samuel Campelo foi uma grande perda para Jaboatão, que ele sempre considerou a sua cidade, apesar de ter nascido no município de Escada. Mas onde este irrequieto homem de letras demorasse algum tempo, logo fazia sentir a sua presença, fosse na pacata Vitória de Santo Antão ou na agitadíssima capital pernambucana. Sem a sua atuação esclarecida, as letras jaboatonenses regrediram à indiferença de anos passados ou se refugiaram medrosamente nos jornais políticos ou noticiosos do município” (Tadeu Rocha, in Diário de Pernambuco, 13 de agosto de 1950).

(2) Coleção desfalcada.

Jornal bem feito, além da crônica de Enéas Alves, “Tarecos”, apresentou, no nº 2, vasto “Recreio Literário”, com produções de Lucilo Varejão, João do Prado (pseudônimo de João Feliciano da Mota e Albuquerque Filho, ou melhor, Professor Mota) e Margarida de Albacete e poema também de Enéas; clichês de personalidades; noticiário; atos do prefeito do Município e anúncios.

(Faltam, na coleção, os nºs. 3 a 8.).

Atingido o nº 13, de 8 de abril, aumentou-se o formato alguns centímetros, passando a páginas de cinco colunas. O título, em tipos bem maiores, fez desaparecer os slogans que trazia aos lados. E ao corpo redacional foi acrescentado o nome de Américo Palha; logo depois, afastava-se Luiz de Alencar.

Ocupado, invariavelmente, com os interesses do Município, abrindo sempre cada edição com editorial sobre temas os mais diversos; servido de amplo noticiário, às vezes ilustrado; atos oficiais e anúncios, que aumentaram pouco a pouco até atingir duas páginas, não deixou de também fornecer algum espaço a literatura. Foram colaboradores: Raimundo Paes Barreto, Simão D’Armada, Carlos Passos, Aladino, com a “Vida Elegante”; Zé Elias, o das “Setas”, etc.

Do ano de 1917 só existem comprovantes até o nº 15, de 15 de abril.

Passa-se para o nº 15 de 21 de abril de 1918. Até o nº 25 não mudou de tipografia. Daí pula para o nº 28, e apareceu impresso na tipografia Modelo, também no Recife, à rua Estreita do Rosário, 188. Na referida data foi registrado o afastamento do redator-chefe Aderbal Martins, substituído por Américo Palha.

Findou 1918 com o nº 44, de 29 de dezembro.

Começado 1919, encontram-se comprovantes a partir do nº 3, de 19 de janeiro. A administração encontrava-se instalada no escritório da Fábrica de Papel;; depois: rua do Bom Gosto, 19 e, por fim, novamente na rua Barão de Lucena, 42.

A edição de 23 de março noticiou e comentou a prisão do redator Américo Palha, no Recife, sob a acusação de fazer propaganda do maximalismo. O Imparcial, depois de criticar a atitude do chefe do Gabinete de Investigações, Alfredo Machado, que efetuou a prisão, escreveu: “O nosso colega não é maximalista, nem tem participação alguma com o pessoal indisciplinado da Tribuna do Povo, que aliás já nos classificou de escravos da burguesia”.

Mas a detenção só durou três horas e meia e a imprensa diária da capital protestou contra o desmando policial, emprestando solidariedade ao confrade.

Sempre solidário com a política do general Dantas Barreto, o periódico veio a bater-se, neste último ano, pelas candidaturas de Eptácio Pessoa à Presidência da República e do Barão de Suassuna (que não chegou a vingar) ao Governo do Estado.

Ao que tudo indica, uma vez concluída a campanha eleitoral, O Imparcial deu por finda a sua missão, sendo último número encontrado o 30º do ano III, datado de 17 de agosto de 1919 (Biblioteca Pública do Estado).⁽¹⁾

⁽¹⁾ Coleção cheia de lacunas.

O COMBATE - Periódico Noticioso e Independente - Surgiu no dia 23 de janeiro de 1921, em formato de 38 x 27, margens largas, com quatro páginas a três colunas de composição. Redator-chefe - Enéas Alves; secretário - Austricliniano Bruno de Sousa; gerente - Sátiro Lima. Redação à rua Barão de Lucena, 379 e impressão da Tipografia Livramento, situada no Pátio de São Pedro, 304. Assinatura mensal - 1\$000.

Lia-se, artigo-programa, que a manutenção de um periódico, no município de Jaboatão, era um problema insolúvel, fato que depunha "dos nossos hábitos, da nossa cultura, das nossas capacidades". Foi assim pensando que um grupo de intelectuais resolveu sair a campo, preenchendo a lacuna com O Combate, cujo programa podia resumir-se "em quatro palavras: tudo pela terra jaboatonense".

Teve o semanário boa acolhida, devido à sua matéria variada e ao apreço dado aos assuntos locais. Adotou seções de perfis masculinos e femininos, em sonetos assinados por Melindrosa e Pierrot (pseudônimo de Enéas Alves), sob os títulos, respectivamente, de "Caras barbadas" e "Máscaras de seda", além de outras, a saber: "Coisas da vida", a cargo de Richepin (como se ocultava Austricliniano); "A cidade por dentro"; "Letras femininas"; "Queixas do povo"; "Horas vagas", de charadas, "Indicador d'O Combate", etc. Manteve dois concursos: "Qual a senhorinha de Jaboatão mais apta a ser uma boa dona de casa?" e "Qual o moço de Jaboatão de predicados morais mais elevados?" Contou com a colaboração de Milcíades Barbosa, Abigail Diva de Queiroz Alves, Lauro Guedes Pereira, Adalgiso Lubambo, Carlos Estelita, Lindolfo Pereira, Alfredo Lima e outros, afora os constantes trabalhos, em prosa ou verso, de Enéas Alves. Ao atingir o nº 24, de 3 de julho, acrescentou-se ao corpo redacional o nome de Simão d'Armada.

Nada obstante o seu princípio de independência, O Combate veio a fazer campanha política, através de editoriais, a prol da candidatura Nilo Peçanha à Presidência da República, chegando ao ponto de proclamar: "Nilo ou a guerra civil!".

Circulou até o nº 32, de 4 de setembro do mesmo ano. Na última edição apareceram dois novos redatores, em substituição a Enéas Alves: João Rafael de Souza Leão e José Martins Júnior (Biblioteca Pública do Estado).

O INDEPENDENTE - Órgão de Informações. Noticioso. Hebdomadário - Propriedade "de uma Sociedade, sem ligações partidárias", iniciou sua publicação no dia 7 de agosto de 1921, em formato grande - 51 x 35, com quatro páginas de cinco colunas a doze cêceros. Impresso "em máquina própria. Capacidade de 1.500 exemplares". Corpo redacional: Manuel Lins de Barros - redator-chefe; redatores - Cassiano de Albuquerque Pereira e Austricínio Lins de Barros. Gerência a cargo de Sindônio Pereira de Melo. O quadro de fundadores, do outro lado do título, incluía os nomes de Luiz Pereira de Melo e João de Albuquerque Pereira. Redação e oficinas à rua Duque de Caxias, 104. Assinaturas: trimestral - 3\$000; mensal - 1\$000.

Constava do artigo de apresentação: "O Independente não é uma ficção: é um jornal modesto, mas sadio de corpo e alma. Tem higiene e tem fé. É sobretudo razoável". Sem compromissos políticos, pugnaria, "com franqueza e vantagem, pelos direitos das classes laboriosas", aí incluídas "o comércio, a lavoura, a indústria". Em conclusão: "Tudo, enfim, que coopere para a estabilidade social, sendo ferido, injuriado, perseguido, merece o nosso carinho tutelar, o nosso apoio sincero e intransigente".

A edição de estréia estampou, na primeira página, clichês de todos os fundadores do jornal. Seguiram-se palavras de Victo

Hugo sobre a imprensa; artigo de Samuel Campelo; comentários; "Registro"; crônica de Wallace; "Várias"; "Coluna Religiosa"; "Coluna Operária"; atos da Prefeitura e mais de uma página de anúncios.

A existência d'O Independente decorreu regularmente, circulando aos domingos. Criaram-se as seções "De quando em quando", por Xisto; "Malhando...", epigramas de Zepirata (pseudônimo de João de A. Pereira); "Filme da semana", por Lucas; "Ecos"; "Noticias de Moreno"; "Seção Técnica, "Laivos", por Jao (travesti de Cassiano Pereira), etc. E não deixou de abrir um concurso: "Qual a mais bela mulher de jaboatão?".

Tendo ultrapassado o ano sem alteração, ao atingir o nº 38, de 23 de abril de 1922, passou à direção de Samuel Campelo; e já no mês seguinte veio apresentar nova feição material, colocando a parte redacional nas páginas externas e a de anúncios nas do centro.

Logo mais, apresentava-se O Independente, em seu nº 44, de 4 de junho, como "órgão político", tendo como diretor e proprietário Luiz Gonzaga Maranhão, e secretário Cassiano Pereira. Estava apoiando o candidato a governador do Estado, José Henrique Carneiro da Cunha, eleito a 27 de maio, mas não empossado.

Foi a última edição manuseada (Biblioteca Pública do Estado)¹.

Constam bons fundamentos que Cromácio e Diniz Passos adquiriram, por compra, as oficinas d'O Sentinella, de Jaboatão, que depois de devidamente reformada e ampliada passara a

¹ Coleção desfalcada.

editar o antigo e simpático semanário O Independente. Será a 2ª fase.

O CORREIO DA TARDE - Órgão Independente, Noticioso e Literário - Fundado a 20 de outubro de 1923, só restam comprovantes dos nºs V e VI, datados, respectivamente, de 30 de dezembro do ano referido e 6 de janeiro de 1924. Manuscrito em quatro páginas de papel pautado, serviço a cargo do redator-chefe Sanelva Moreira Ramos de Vasconcelos, figurava como diretor-proprietário, o pai dele, dr. José Ramos de Castro Vasconcelos, e como secretário, repórter e gerente os irmãos Demóstenes, Plínio e José, com redação e "oficinas" à rua Barão de Lucena, 178.

Constou a matéria do jornalzinho de comentários ligeiros, noticiário, brincadeiras e anúncios. Notícia principal do nº V: o redator-chefe tinha concluído, com distintas aprovações, a segunda classe escolar; estava de parabéns (Arquivo de Sanelva).

O BEIJA-FLOR - Jornal Mais Novo da América Latina. Independente, Noticioso e Literato - Em tudo idêntico ao precedente, acrescentou ao expediente os preços de assinaturas e do número avulso, que era Um Tostão, embora só circulasse, de mão-em-mão, um exemplar manuscrito. E mais: "Toda a correspondência deve ser dirigida ao redator-chefe, que é o único autorizado (pela Diretoria) a visar contas e passar recibos". Entretanto, só se publicou mesmo a edição de estréia, que teve a data de 1 de junho de 1924 (Arquivo de Sanelva).

O PHAROL - Órgão Noticioso, Independente e Literato - Idêntico aos precedentes, saiu o nº 1 no dia 3 de agosto de 1924, só figurando, no cabeçalho, os nomes: Dr. José Ramos, Sanelva e Demóstenes de Vasconcelos, nos cargos de diretor, redator-chefe e gerente. A edição, com retrato pregado na página de

frente, homenageou Manuel de Carvalho Paes de Andrade, o líder da Confederação do Equador.

Outro exemplar manuseado foi o nº IV, de 2 de novembro, que saiu com seis páginas e foi dedicado ao segundo aniversário do governo do juiz Sérgio Loreto, ilustrado com fotografias recortadas da imprensa diária, sem descurar da materiazinha normal.

E apagou-se O Pharol

O BACURAU - Direção da Sociedade Anônima Homens de Bem - Começou a publicar-se esse mini-jornal a 6 de maio de 1926, com quatro páginas, no formato de 14 x 12, a duas colunas manuscritas na caligrafia caprichada de Sanelva de Vasconcelos, o diretor-responsável único. Era, segundo as dez linhas de apresentação, "um folhete noticioso e humorístico", que fazia "o público ria a valer".

Constituído de matéria leve, às vezes anedotas picantes... ilustradas, tinha como colaboradores, junto a Avlenas (anagrama), Ignotus (pseudônimo de Henrique da Cunha Melo), Ângelus (como se ocultava Fausto Cabral) e R. Danilo, ou seja, Arlindo Moreira Dias.

Vida breve. O Bacurau não ultrapassou o nº 4, dado à luz no dia 17 de junho (Arquivo de Sanelva).

A AURORA - Órgão Independente, Noticioso e Literário - Sem comprovantes das duas primeiras edições, circulou o nº 3 no dia 16 de maio de 1926, publicando-se aos domingos. Formato de 22 x 16, com quatro páginas de papel almaço, divididas em três colunas, caligrafadas por Sanelva de Vasconcelos, o diretor-proprietário, também aparecido no texto com as assinaturas Avlenas e Kri-Kri.

Servida cada edição de editorial sobre tema da atualidade, inseria noticiário mundano e cinematográfico, sátira e humorismo; concursos de beleza feminino e masculino; concurso de São João, etc. Colaboradores: Ângelus (Fausto Cabral), Síria e Ignotus (Henrique da Cunha Melo).

A existência d'Aurora estendeu-se até o nº XII. de 1 de agosto (Arquivo de Sanelva).

NOTÍCIA DE JABOATÃO - Sob esse título, estava circulando o nº 1 "do impagável folhete" dirigido por Eric Immisch, conforme informou, a 1º de agosto de 1926, o congênere A Aurora.

ACECY - Revista de Arte, Humorismo e Literatura - Manuscrita, surgiu no dia 30 de janeiro de 1927, com vinte páginas, em bom papel, formato de 23 x 16, capa ilustrada a lápis de duas cores, ilustrado também o texto, com fotografias e charges recortadas de outros órgãos da imprensa. Diretor de honra - Dr. José Ramos de C. Vasconcelos; diretor-proprietário - Sanelva de Vasconcelos, o calígrafo; redator-chefe - Fausto Cabral; gerente - Lourival Cavalcanti Wanderley.

Consoante a ligeira apresentação, Acecy era uma "recordação da regata realizada na Piedade", dedicada ao Bloco das Taiobas.

De matéria variada, inseriu comentários redacionais, reportagens, noticiário, pensamentos, humorismo, com duas únicas produções assinadas: poesia, e Moreira de Vasconcelos, e crônica, de Ângelus (pseudônimo de Fausto Cabral). Uma página tinha o título Taiobinhas e o sub-título "Jornal do Bloco das Taiobas".

O nº 2 da revistinha (último) circulou a 20 de fevereiro, homenageando, na capa, o centenário da elevação da cidade do Recife a capital do Estado de Pernambuco. Obedeceu ao ritmo do anterior, reduzida, porém, a 12 a quantidade de páginas (Arquivo de Sanelva).

A VERDADE - Órgão de Arte, Humorismo e Literatura - Publicou-se o nº 1, ano I de maio de 1927, em formato de 18 x 13, redigido a mão pelo diretor-proprietário, o estudante Sanelva Vasconcelos. Adotou, no artigo de abertura, o lema: "A verdade acima de tudo". Teve programa idêntico ao das pequenas folhas acima estudadas. A edição de estréia saiu com seis páginas, continuando com quatro. Firou-se ao ser "impresso" o nº 4, que passou às mãos ávidas dos leitores, datado de 29 de maio. Exemplar único (Arquivo de Sanelva).

CINEMA - Circulou no dia 9 de setembro de 1928, datilografado, em formato de 24 x 16, com quatro páginas, sob a direção de Sanelva Vasconcelos. Destinava-se a divulgar programas de filmes e "proclamar o que se passa nos estúdios de Hollywood". E não fez outra coisa, ficando na edição de estréia (Arquivo de Sanelva).

O FERROVIÁRIO - Órgão mensal, publicou-se o primeiro número no dia 18 de outubro de 1928, constando do artigo-programa o tópico abaixo, segundo noticiou, no dia seguinte, o Diário de Pernambuco:

"Despertar as energias dos ferroviários, adormecidos sob o terrível narcótico do indiferentismo e da resignação; destruir à luz da História a errônea e prejudicial concepção de que as condições em que vivem são uma consequência da fatalidade; incutir nos seus cérebros a noção da solidariedade e a consciência de classe; elevar o seu nível cultural; defender os seus direitos e interesses; unificá-los sob a bandeira da luta de

classes; organiza-los sindical e politicamente, pois só assim poderão conseguir as suas reivindicações mínimas; enfim, promover sua aliança com os demais ferroviários do país, tais são, em síntese, os nossos objetivos".

O aparecimento do nº 2 foi noticiado pelo Jornal do Comercio de 23 novembro.

Só encontrados comprovantes a partir do nº 3, ano II, que circulou no dia 20 de março de 1929, trazendo sob o título o slogan: "Ferroviários de todo o Brasil, uni-vos!" Trabalho gráfico da Imprensa Comercial, situada no Recife. Redação e administração à rua 13 de Maio, 20. Diretor - F. Medeiros. Assinaturas: anual - 3\$000; semestral - 2\$000.

Uma nota dirigida aos assinantes pedia que renovassem as inscrições e conseguissem recrutar novos cooperadores, "condição essencial para a reforma" de que necessitava O Ferroviário, "o único jornal do Nordeste defensor dos trabalhadores do Trilho".

A publicação seguiu seu curso até o nº 6, de 25 de junho.

Cogitavam, apenas, as poucas edições encontradas, de assuntos de interesse da classe, através de comentários, noticiário e transcrições. Colaboração assinada, única, de Plínio (Biblioteca Pública do Estado).

NOSSO JORNAL - Órgão Oficial do Centro dos Moços Jackson de Figueiredo - Surgiu a 4 de novembro de 1932, em formato de 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas, impresso nas oficinas do Jornal do Recife. Redatores - Sanelva de Vasconcelos e Luiz Ragueira Carneiro da Cunha, o primeiro dos quais logo substituído por Antonio Braga de Sousa. Assinaturas: anual - 3\$000; semestral - 2\$000; trimestral - 1\$500.

Infenso a assuntos políticos, consoante o artigo de apresentação, dispunha-se a defender as classes, desde que reivindicassem "direitos justos", acentuando: "As suas campanhas poderão ser de realizações, porém nunca de ataques, o seu princípio norteador é a norma fundamentalmente cristã: Diligite proximum".

Publicando-se mensalmente, às vezes com atraso, seguiu o bem feito órgão sua meta, abordando temas da atualidade, em puxados editoriais, além de inserir variado noticiário, literatura, a seção "Tratos à bola", a cargo de Tibiriça Sarmiento, atos oficiais da Municipalidade e alguns anúncios.

Ocorreu nova modificação nos nomes constantes do cabeçalho, ao atingir o nº 5: ficou um só redator: Luiz Regueira, aparecendo como gerente Eliezer Figueiroa. Seguiu-se a numeração em 1933, surgindo novas seções, como "Filologia e Lungüística", por Guarani, e "Reboliços...", com a assinatura Xu-Chi. Em março do ano seguinte iniciava-se "Nota do dia", comentário de Gandi, que não era outro senão Eliezer Figueiroa, algumas vezes também assinando-se Efe ou Sousa Cruz.

No primeiro quadrimestre de 1934 despedia-se da redação Luiz Regueira, ficando afeta "à presidência do Centro a responsabilidade dos editoriais". O presidente era Clodoaldo Peixoto de Oliveira, não só articulista, mais igualmente autor de crônicas ligeiras, aí usando pseudônimo Gil Vaz. Circulou a 11 de dezembro o nº 21, último ano.

Eram colaboradores do periódico: José do Carmo, Pedro Martiniano Lins, José Teotônio Regueira, Gilvan de Sousa Freire, Benedito da Cunha Melo, Epitácio Belém, Florisberto C. Amaral, Antonio Leite, Carlos Leite Maia, Rui Meneses Maranhão, Dante Costa, José Marinho Filho, Antonio de Figueiredo Lima, Sussana, Jani, Marisa, Jussi, Cathusa e outros.

Publicou-se o nº 22 no dia 27 de janeiro de 1935 e dizia uma nota destacada, na primeira página: "A situação financeira do Nosso Jornal, em 1934, foi apenas sustentável e isto mesmo porque misteriosa ajuda veio em seu auxílio para a publicação dos dois últimos números. Quer dizer: nesta grande cidade de Jaboaão, um jornalzinho que cobra 3\$000 por sua assinatura anual, pode apenas angariar 300 assinaturas". Concluiu fazendo um apelo no sentido de que fossem renovadas anteriores e surgissem muitas outras, pagas sem demora aos cobradores.

Continuou o apelo na edição subsequente, que saiu a 7 de março, só aparecendo o nº 24 no dia 16 de maio, aquela e esta inserindo, entre a matéria costumeira, produções especiais de Amaro A. Simoni, professor João Dias e Arnaldo de Oliveira.

Não era possível, finalmente, ir adiante. Nosso Jornal ficou suspenso, ou melhor, morreu de morte natural, uma vez dado à circulação o nº 25, datado de agosto de 1935. Não conseguira sequer 200 assinaturas, quando cada edição proporcionava uma despesa de 130\$000. Adiantou a nota de despedida: "O trabalho de redigir este jornal, paginá-lo e rever todas as provas, as caminhadas constantes à oficina impressora, no Recife, e a consequente perda de tempo, tudo isso aliado à falta de meios materiais, até o de custear o pagamento de cada edição na tipografia, obrigam a presidência do Centro a encerrar hoje a sua publicidade". Não deixaria, contudo, de indenizar os assinantes prejudicados com a suspensão Plínio (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾ e Coleção Eliezer Figueiroa.

O RURALISTA - Orgão do Clube Agrícola Bernardo Veira - Fundado em 1942, restam comprovantes dos nºs 6 a 12, ano II, de março a setembro de 1943. Direção de Paulo Pascoali, sendo redator-chefe Adolan Mendes. Manuscrito e copiado em

(1) É incompleta a coleção manuseada na Biblioteca Pública do Estado.

hectógrafo, saía com quatro páginas, papel almaço, constituindo-se sua matéria de literatura infantil e noticiário de atividades escolares e rurícolas, incluídos desenhos ilustrativos a lápis de cor.

Continuou a publicar-se até, pelo menos, 16 de setembro. Apresentava, então, como responsável, a diretora Odete Antunes; diretor, Aguinaldo Vera Cruz e redatora Iraci Freitas (Departamento Cultural da SEEC).

A SEMENTEIRA - Órgão do Grupo Escolar Benjamim Constant (Socorro) - Começou a publicar-se em 1942, no período letivo, mas só existem arquivados exemplares do ano II, nºs 5 a 8, correspondentes aos meses de abril, junho, agosto, e setembro de 1943. Edições de quatro páginas, manuscritas em papel almaço e passadas em hectógrafo, contendo matéria ligeira: crônicas juvenis, noticiário escolar e desenhos dos alunos. A direção estava a cargo de José Rocha Pimentel, tendo como redatora Ivonte de Lourdes Patriarca e secretária Bráulia de Albuquerque.

Obedecendo a idêntico ritmo, circulou de abril a setembro de 1944, ano III, nºs 1 a 6. Novo diretor - Rafael Jurcharks; redatora - Ester Oliveira.

Não avistados comprovantes dos nove anos a seguir, se é que prosseguira a publicação d'A Sementeira, só existem relativos ao ano de 1954, meses de abril e maio, manuscritos a lápis e não hectografados. Direção de Nivaldo B. Alves, sendo redatora Lourdes Dantas. Matéria do mesmo nível inicial (Departamento Cultural da SEEC).

A LUTA - Órgão Oficial do Grêmio Cultural Henrique Capitulino - O nº 1, ano I, circulou a 23 de fevereiro de 1947, no formato de 33 x 22, com quatro páginas de quatro colunas.

Redatores: Elieser Figueiroa e Van Hoeven Ferreira Veloso, funcionando a redação na rua Barão de Lucena, 355. Assinaturas: anual - Cr\$ 12,00; semestre - Cr\$ 6,00. Número avulso - Cr\$ 1,00. Impresso, a partir do nº 2, na tipografia do Diário da Manhã, no Recife.

Depois de aludir ao desenvolvimento da imprensa em Jaboatão, concluiu o editorial de apresentação: "Os rumos que nortearão as colunas d'A Luta são os mesmos que orientam o Grêmio Henrique Capitolino. Jornal apolítico, lítero-noticioso, colocar-se-á sempre em defesa do interesse público nas causas dignas e nobres".

A edição inseriu notas biográficas do patrono da instituição, diferentes artigos e comentários, noticiário social, atos da Prefeitura e anúncios.

Seguiu-se a publicação, na qual colaboraram, também, Benedito da Cunha Melo, o mesmo Olmes; Enéas Alves, Alfredo Oliveira e Helcy Paiva.

A Luta não saiu com a devida regularidade, mensalmente, como pretendia, pois último número, o sexto, foi publicado a 31 de agosto, achando-se, desde o penúltimo, substituídos os redatores por Evanildo Melo e Everaldo Santiago (Biblioteca Pública do Estado).

NOTÍCIAS DE JABOATÃO - Órgão de orientação patriótica e popular, mimeografado, circulam, em 1949, dois únicos números. Tinha como diretor Paulo Cavalcanti ("Anais da Imprensa do Interior", de Clóvis Melo).

POLIANTEIA - Homenagem dos amigos e conterrâneos do Padre Cromácio Leão, no dia do seu aniversário natalício - Circulou a 28 de junho de 1950, em formato de 38 x 26, com

quatro páginas de papel assetinado, impressas a tinta azul. Via-se, na primeira, clichê do sacerdote-maestro, encimado por uma linha musical, ladeado por uma lira e uma cruz. Abaixo, a legenda, num soneto.

As três páginas restantes apareceram repletas de matéria alusiva, obedecendo aos títulos "Biografia musical", "Reminiscências", "Ele e a Caridade", "Ele e as crianças", "Jaboatão em festa" e outros, tudo sem assinatura (Biblioteca Pública do Estado).

JABOATÃO-JORNAL - De Jaboaão para Pernambuco - Periódico Independente e Apolítico - Entrou em circulação a 26 de novembro de 1950, no formato de 48 x 32, com quatro páginas de seis colunas. Redator-chefe - Benedito Cunha Melo; redatores - Eliezer Figueiroa, Van-Hoeven Ferreira Veloso e Edu Bezerra de Oliveira; gerente - Arnaldo Gomes Portela. Redação à rua Barão de Lucena, 588 e trabalho gráfico da oficina d'A Tribuna, no Recife. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Seu programa, enunciado no editorial de apresentação, estava assim resumido: "...não ter partidarismos políticos de espécie alguma; bater-se pelas causas justas e nobres, no bom sentido; combater, sempre que se fizer necessário, sem ataques pessoais, dentro da ordem e da lei, os erros da administração municipal; desenvolver o mais possível o movimento cultural, franqueando as suas colunas a todos os seus cooperadores e leitores; e, finalmente, estar a serviço do povo, respeitando, porém, as leis constitucionais".

Apareceu em papel verde, mas assim não continuou. Iniciada a circulação mensalmente, logo a partir do nº 3, de 14 de janeiro de 1951, tornou-se órgão quinzenal. Sua matéria constava de notas redacionais, artigos assinados; "Literatura"; "Colaboração femina"; "Instantâneos", crônica de E.F. (Eliezer);

"Notas & Factos", a cargo de V. Veloso; "Trovas e Trovoadas", assinada por K. Olho (pseudônimo de Benedito Cunha Melo; "Pela Sociedade"; Seção Enigmática"; reportagens, entrevistas, noticiário geral e alguns anúncios.

Meses e anos afora, Jaboatão-Jornal seguiu o rumo traçado, ininterruptamente, aqui e acolá suprimindo uma seção, criando outra; ilustrando suas páginas com serião fotográfico local e adotando uma "Tribuna de Cavaleiro", assinada por Custódio Tito Braga.

Em meio à matéria de rotina, contou com a colaboração literária, em prosa ou verso, de Enéas Alves, Marinho Filho, Enilde Medeiros, Aníbal Varejão, Jarbas Maranhão, Dercílio Pereira, Anselmo Figueirôa, Timoshenko, autor da seção "Radiofonia"; Jorge Ramos (de Portugal); Cecília Brandão, Nelson Pinto, E. Melo, Osman Lins, Seresteiro, Luiz Caetano, Alfeu B. Campelo, Ferreira Júnior, o das "Miudezas"; Rafael Peixoto, Céa ("Crônica de..."); Arnaldo Oliveira, Jarbas Fonseca Lima, Herbert Hansen, etc., além das constantes produções da equipe responsável.

Manteve-se inalterável o corpo redacional do quinzenário, dele se afastado, apenas durante o período de maio a junho de 1951, Eliezer Figueiroa e Cunha Melo, quando se candidataram, sem êxito, a uma cadeira na Câmara Municipal.

Usufruindo parca subvenção do Município, por pouco não a perdeu em 1953, quando alguns vereadores menos esclarecidos pretenderam sonegá-la, sendo, por fim, engavetado o projeto revogador.

Circulou sempre quinzenalmente, com quatro páginas, divulgando poucos anúncios. Viveu assim por haver constituído eficiente corpo de financiadores, entre os quais figuravam os

próprios componentes da redação. A partir do nº 70, de 31 de janeiro de 1954, transferiu-se o trabalho material para a oficina da Gráfica Editora do Recife. Uma única edição, cada ano, reunia oito páginas: a que circulava nas datas do aniversário de fundação, acrescida de colaboração especial e do editorial em que era focalizada "mais uma grande vitória" do realmente bem orientado periódico.

Atingiu o Jaboatão-Jornal o nº 1, ano V, com a edição de 26 de dezembro de 1954⁽¹⁾ (Biblioteca Pública do Estado).

TRIBUNA DO POVO - Quinzenário Informativo e Noticioso - Dirigido por José Barradas de Crasto e Luiz Rocha, a primeira edição saiu no dia 30 de junho de 1952, em bom formato de 50 x 30, com quatro páginas de seis colunas, para vender avulso a Cr\$ 0,50 ou Cr\$ 0,80 pelo número atrasado. Redação à rua Câmara Lima, 24 e trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã, no Recife.

O artigo de apresentação dizia, inicialmente: "A população deste Município tem às mãos uma arma pacífica que se destina a lutar, como é do seu lema , pela solução dos problemas desta comunidade. Jornal nascido do desejo único de dotar esta cidade de mais um órgão dedicado aos justos anseios do seu povo, nosso periódico só tem em mira uma coisa: a defesa imparcial de todas as justas sadias reivindicações dos habitantes de Jaboaão, através de uma orientação serena em que os interesses inconfessáveis não terão seu lugar ao sol".

Terminou com a declaração de que a Tribuna do Povo vinha "de um anseio honesto e comum de cooperar com as autoridades em geral" do município.

(1) Continuou a publicar-se em 1955 e ainda vive em 1972.

Apresentou matéria bastante variada, incluindo reportagens, comentários, nota internacional, informações diversas e anúncios, assim acontecendo, igualmente, no nº 2, datado de 21 de julho. Colaboração assinada por Gomes Maranhão; Zilu Charo (anagrama), com a "Coluna Agrícola"; Paulo Matos, Israel de Castro, J. A. Barreto Guimarães, Antonio Camelo da Costa, Oscar Farias e Pantaleão da Silveira, que, no segundo número, abriu a seção "No campo das Letras" (Biblioteca Pública do Estado).

Ainda circulou o nº 3 (e último), datado de 17 de agosto, consoante o estudo de Eliezer Figueirôa, intitulado "A Imprensa Jaboatonense do Século Passado até a Época Atual" (III), no Jaboatão-Jornal de 06/08/1967.

O CLUBE - Órgão do Clube Jaboatonense - Destinado a circular eventualmente, apareceu no dia 14 de fevereiro de 1953, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Américo Duque. Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã, no Recife.

Dizia-se "o pensamento do Clube", cujo primeiro aniversário comemorava com seis dias de antecipação.

Toda a matéria da edição focalizou as atividades de instituição durante o ano vencido, inclusive através de artigos de Manuel Acácio Leite, José Carneiro de Barros Campelo e Antonio Maurino.

O nº 2, (e último) saiu após mais de um ano, ou seja, a 27 de março de 1954, inserindo produções de Arnaldo Peixoto de Oliveira, novo presidente do Clube; José Montenegro (Zelito) e Américo Duque. Também alguns anúncios, como acontecera no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

JANGADINHA - Órgão Oficial dos Alunos da Escola-Granja Jangadinha - Exemplar único encontrado: nº 7, ano V, de 28 de setembro de 1953, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em máquina hectográfica. Diretor - Júlio Rodrigues; gerente - Maria José de Lira; redatores - os alunos da Escola. Matéria constante de literatura infantil, noticiário e alguns desenhos a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

JATINÃ

O BELEMITA - Órgão do Grupo Escolar Alfredo Reis - Encontrado um único exemplar: O nº 4, ano IX, sem constar data nenhuma, mas publicado em 1952 ou 1953. Direção de Beliza Fonseca de Carvalho; redatora - Carmem Dolores de Araújo Lima.

Manuscrito e copiado em máquina hectográfica, com quatro páginas de papel almaço, sua matéria constituiu-se de literatura infantil, noticiário, curiosidades e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

JOÃO ALFREDO

O BOSQUE - Órgão Oficial do Grupo Escolar de João Alfredo - Manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço, circulou o nº 7, ano I, no mês de setembro de 1943, sob a direção de Lourdes Albuquerque, tendo como gerente Jonas Cavalcanti. Outro único comprovante encontrado: o nº 1, ano II, de março de 1944. Matéria constituída de literatura infantil e noticiário das atividades escolares, com ilustrações a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

JOAQUIM NABUCO

O LYRIO - Publicado em 1912, sob a direção e propriedade de Adolfo Quintas, dele só existe ligeira referência no diário recifense A República, de 5 de março do ano mencionado.

Foi, portanto, o primeiro jornal publicado na vila de Joaquim Nabuco.

O TEMPO - Independente, Lítero-Noticioso - Entrou em circulação a 1º de março de 1930, apresentando formato de 32 x 23, com quatro páginas a três colunas de 12 cíceros. Impresso em bom papel, confeccionava-se na tipografia do Norte Evangélico, em Garanhuns, para circular mensalmente. Assinaturas a 3\$000 por semestre. Diretores - Jubal Carvalho e Arno Roiz (Arnulfo Rodrigues); redator-secretário - Álvaro Costa.

Declarou-se, no artigo de abertura, "jornal de feição moderna, abolindo os enfadonhos e obsoletos artigos de légua e meia, sem cor política e sem discutir religião, procurando oferecer aos seus leitores uma leitura sã, notícias, literatura, artes e modas e tudo o que for ou parecer pelo menos útil e agradável".

Publicado com regularidades, O Tempo batalhou, em seus editoriais, pela emancipação da vila de Joaquim Nabuco, em apoio ao movimento eclodido no sentido de torná-lo município autônomo.

A par da seção noticiosa "Vida Chic", constava de Literatura a parte principal do bem feito periódico, que contou com a colaboração, ora em prosa, ora em verso, de Valdemar Lopes, Nelson de Alcântara, de Filgueira (ou Normando

Filgueira), JoãoCosta, também assinando-se João da Retrata; Djalma M. Wanderley, Zé do Riso ou Alcides (Lopes), Luci Ferrani, Lúcio Lerand, Luiz Jocelli, Aristides Carneiro, Eva Neta, Heli Leitão, etc. "Pensando & Dizendo" foi uma seção de Cupido, que reunia pensamentos dos nabuquenses.

Ao atingir o nº 5, a 30 de junho, ficou suspensa a publicação⁽¹⁾.

Decorreram mais de dois anos até que reapareceu O Tempo, nº 1, ano I, no dia 30 de outubro de 1932.

"Durante uma fase de quatro meses de existência ativa - lia-se no editorial de abertura - ele espargiu a luz da imaginação de seus colaboradores por todos os lares". Voltava, então, "mais cheio de crença nos seus destinos".

Manteve a mesma direção, sendo redatores Zenóbio de Melo e Antonio Augusto Pinto Ribeiro. Impressão da Tipografia Lobo, em Catende. Homenageou, em manchete, "A laboriosa classe dos auxiliares do comércio" e, num suelto, bateu-se pelo descanso dominical.

Com a intenção de publicar-se mensalmente, o nº 2, de oito páginas, saiu a 30 de novembro, estabelecendo a seguinte tabela de assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 4\$000.

As duas edições foram, em grande parte, redigidas por Pinto Ribeiro, ora sem assinatura, ora utilizando os pseudônimos Pelanco e Avério Júnior. Ocorreram as seções: "Pesando & Dizendo", de pensamentos locais; "Perfilando", por Lúcia

(1) Três meses depois, publicava A Semana, de Palmares, edição de 28/9/1930: "O Tempo avisa aos distintos confrades a sua busca suspensão, voltando a circular quando lhe for possível, em oficinas próprias.

Lamemona; "Vida Chic"; "Notas"; "Lixando", por Polidor, e "Só Dizendo", a cargo de Zenus de Milo.

Falhou o reitirado projeto de aquisição de uma tipografia para imprimir o jornal; assim parou a trajetória d'O Tempo (Biblioteca Pública do Estado)⁽¹⁾.

JUREMA

A TRIBUNA - Órgão de Livre Opinião - Primeira manifestação jornalística local, apareceu o nº 1, ano I, no dia 22 de março de 1916, manuscrito numa folha de papel pautado, as quatro páginas divididas em três colunas. Redator-chefe - Eufráasio Azevedo; redator-secretário - José V. Valença Júnior. Aceitava "quaisquer artigos, anúncios e reclames, custando cada linha 5 réis". Publicação às quartas-feiras. Tabela de assinaturas: mês - 0\$500; uma quinzena - 0\$300. Número do dia - 0\$100. Reclames: uma página, por mês - 0\$800; ½ pág. - 0\$400; ¼ - 0\$200. Pagamentos adiantados.

Começou assim o editorial de abertura: "Surge hoje este jornalzinho de pequeno formato, cuja idéia partir de nós, crianças ainda, sem sabermos desenvolver a pena com a fantasia máscula da literatura que pudesse gravar no espírito de cada leitor a idéia da tarefa que ora abraçamos". Traçaria conceitos "sobre as ciências, artes, indústrias, a humanidade, etc.", expondo-os "à crítica da literatura". Esperava, por fim, que o jornalzinho merecesse "os aplausos de um povo culto e civilizado".

(1) A coleção manuseada acha-se desfalcada do derradeiro número, só encontrado em poder do redator A. A. Pinto Ribeiro.

Sua matéria constou de noticiário social e policial, a seção "Carantonhas", de minúsculos retratos, a cargo de J. Valença, e uma página, a última, de anúncios de casas comerciais.

O nº 2, publicado no dia 29, abriu com o artigo de fundo "O Brasil na guerra". Um Aviso dizia haverem sido credenciados correspondentes em Canhotinho e Quipapá, acrescentando que de então por diante os anúncios seriam gratuitos.

Entretanto, o semanário dos meninos Eufrásio e Valença não conseguiu chegar à terceira edição (Coleção J. Valença Jr.).

LUIZ DO NASCIMENTO

Nasceu em Gravatá, Pernambuco, no dia 15.12.1903. Fixando residência em Recife, na década de 20, fez de seu campo de aprendizado "**o batente do jornal**", onde foi tipógrafo, impressor, até consagrar-se como jornalista profissional.

Trabalhou para vários jornais interioranos e da capital. Foi funcionário da Delegacia Regional do Ministério da Justiça, sendo transferido, mais tarde, para o Departamento de Extensão Cultural, da UFPE. Tornou-se membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, da Academia Pernambucana de Letras e fundador e associado de outras entidades culturais. Colaborador e correspondente de inúmeros jornais e entidades literárias interioranas.

Um dos sócios fundadores e diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife. Participou de congressos e conferências de jornalismo em Pernambuco e vários outros estados do Brasil.

Em 1952, iniciou suas pesquisas para confecção da "História da Imprensa de Pernambuco", que abrange o período de 1821 a 1954, - frequentando a Biblioteca Pública de Estado e demais bibliotecas, arquivos pernambucanos e arquivos de inúmeras cidades interioranas, acervos da Biblioteca Nacional e, entre outras, das dos Estados de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Aracaju, Maceió, João Pessoa, Fortaleza e Manaus, num imenso trabalho solitário, sem ajuda, nem ajudante.

Deixou inúmeros trabalhos publicados e recebeu honrarias e galardões do mais alto mérito.

Faleceu em 14.11.74 deixando vários livros a publicar, inclusive os 6 volumes desta notável obra cuja edição foi interrompida no 8º volume, em 1982.



Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20
CEP 50740-530 – Fone: (081) 271.8395
Várzea – Recife – PE



Apoio Cultural:

***Governo do Estado de Pernambuco
Secretaria do Governo***



Universidade
Federal
de Pernambuco



FIAM

FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL DO INTERIOR DE PERNAMBUCO

CEHM

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL



Bandepe

Academia Pernambucana de Letras-APL